
JON SKOVRON
IMPÉRIO DAS
TORMENTAS
ARQUEIRO

IMPÉRIO DAS
TORMENTAS





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


Jon Skovron
Império das
Tormentas
ARQUEIRO

Título original: *Hope and Red*

Copyright © 2016 por Jon Skovron
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Orbit/ Hachette Book Group.
Aquisição TC. Direitos da tradução negociados por Jill Grinberg Literary Management LLC
e Sandra Bruna Agência Literária SL.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado
preparo de originais: Victor Almeida
revisão: Hermínia Totti e Suelen Lopes
diagramação: Valéria Teixeira
capa: DuatDesign
imagem de capa: Jon Foster
mapa: Tim Paul
adaptação para ebook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S639i Skovron, Jon
Império das tormentas [recurso eletrônico]/ Jon Skovron; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital (Império das tormentas; 1)

Tradução de: Hope and red
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-8041-757-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

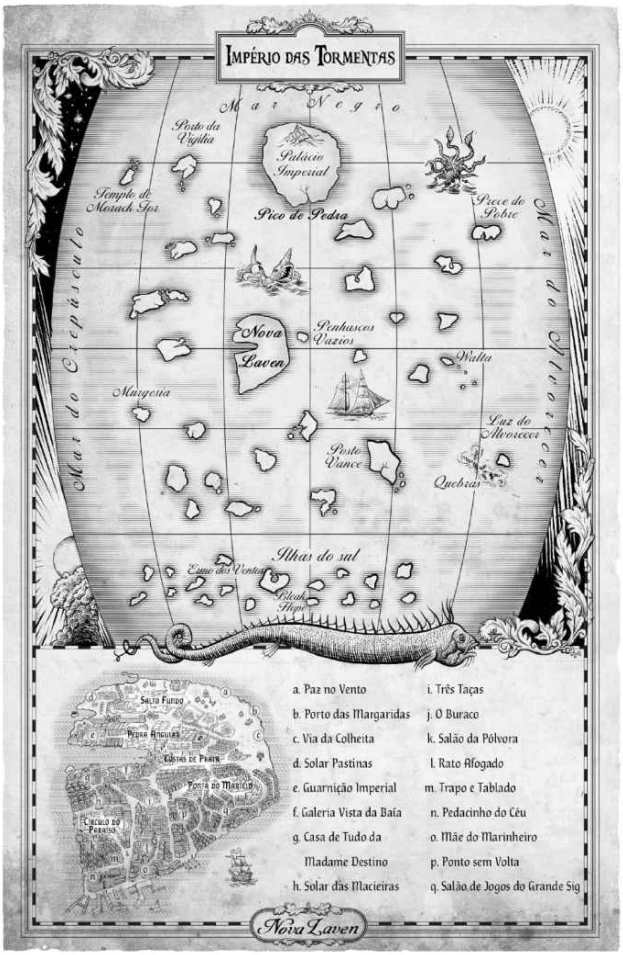
17-42668

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meu pai, Rick Skovron, que me apresentou aos livros de fantasia. Está vendo o que você fez?


Império das Tormentas
Mar Negro
Porto da Vigília
Palácio Imperial
Templo de Marach Ipir
Pico de Pedra
Pico do Pobre
Mar do Crepúsculo
Mar do Ocaso
Penhascos Vazios
Nova Laven
Malta
Margesia
Luz do Alvorecer
Posto Vance
Quebras
Ilhas do sul
Enseada dos Ventos
Pirata Alto
Salto Furado
Ponta Antiguera
Ilhotas de Pedra
Ponta do Mastro
Cacho do Paraíso
a. Paz no Vento
b. Porto das Margaridas
c. Via da Colheita
d. Solar Pastinas
e. Guarnição Imperial
f. Galeria Vista da Baía
g. Casa de Tudo da Madame Destino
h. Solar das Macieiras
i. Três Taças
j. O Buraco
k. Salão da Pólvora
l. Rato Afogado
m. Trapo e Tablado
n. Pedacinho do Céu
o. Mãe do Marinheiro
p. Ponto sem Volta
q. Salão de Jogos do Grande Sig
Nova Laven

PRIMEIRA PARTE



"Quem perdeu tudo é livre para se tornar o
que quiser ser. É um preço alto a pagar,
mas a grandeza é sempre assim."

– *O livro das tormentas*

1

O capitão Sin Toa era mercador fazia muitos anos e já tinha visto muitas coisas. Mas isso não tornava seu trabalho mais fácil.

O povoado de Bleak Hope era uma pequena comunidade nas frias ilhas do sul, na fronteira do império. O capitão Toa era um dos poucos mercadores que passavam pela região, e só fazia isso uma vez por ano. O gelo que se formava na água tornava quase impossível alcançar o local nos meses de inverno.

Mesmo assim, o peixe seco, os ossos de baleia e o óleo de lampião produzidos ali eram boas mercadorias e rendiam um ótimo preço em Pico de Pedra ou Nova Laven. Os aldeões sempre foram educados e afáveis, com seu jeito sulista e taciturno. Era uma comunidade que havia sobrevivido nessas condições difíceis durante séculos, e Toa respeitava isso imensamente.

Assim, foi com uma pontada de tristeza que ele deparou com o que restava do povoado. Enquanto seu navio seguia para o porto estreito, ele examinou os caminhos de terra batida e os casebres de pedra, e não encontrou sinal de vida.

– Qual é o problema, senhor? – perguntou Crayton, o imediato, um bom sujeito.

Era leal a seu modo, ainda que um tanto preguiçoso.

– Este lugar está morto – respondeu Toa baixinho. – Não vamos atracar aqui.

– Morto, senhor?

– Não há ninguém.

– Talvez eles estejam em algum tipo de reunião religiosa. As pessoas aqui do extremo sul têm seus costumes próprios.

– Não acho que seja isso.

Toa apontou para o cais com o dedo grosso e calejado. Uma placa tinha sido pregada na madeira. Nela estava pintado em preto um rabisco oval. Oito linhas pretas escorriam dele.

– Que Deus os proteja – sussurrou Crayton, tirando o gorro de tricô.

– Esse foi o problema: não protegeu.

Os dois ficaram olhando a placa. Não havia qualquer som, a não ser o vento frio que agitava o comprido casaco de lã e a barba de Toa.

– O que vamos fazer, senhor? – perguntou Crayton.

– Não vamos desembarcar, isso é certo. Diga aos vagas para lançarem âncora. Está ficando tarde. Não quero navegar por essas águas no escuro, por isso passaremos a noite aqui. Vamos voltar para o mar de manhã bem cedo e nunca mais chegaremos perto de Bleak Hope.



Partiram na manhã seguinte. Toa esperava chegar à ilha de Ermo dos Ventos em três dias e imaginava que os monges de lá teriam cerveja boa para vender, o suficiente para cobrir as despesas.

Foi na segunda noite que encontraram a clandestina. Toa foi acordado por batidas à porta de sua cabine.

– Capitão! – gritou Crayton. – Os homens encontraram… uma menininha.

Toa gemeu. Tinha tomado rum demais antes de ir dormir e a dor de cabeça já havia se instalado.

– Uma menina? – perguntou depois de um instante.

– Si-sim, senhor.

– Pelas águas do inferno – murmurou ele, saindo da rede.

Colocou uma calça úmida, o casaco e as botas. Uma mulher a bordo, mesmo uma menina, significava azar nessas águas do sul. Todo mundo sabia disso. Enquanto pensava em como se livrar da clandestina, abriu a porta e ficou surpreso ao ver Crayton sozinho, com o gorro de lã na mão.

– E então? Cadê a menina?

– Na popa, senhor.

– Por que não a trouxe?

– Nós… Bem, os homens não conseguem tirá-la da área de carga. Ela se escondeu lá.

– Não conseguem…?

Toa suspirou, imaginando por que ninguém tinha jogado logo a garota na água. Seus homens não eram de ficar frouxos por causa de uma menininha. Talvez uma reação ao que tinham encontrado em Bleak Hope.

Talvez o terrível destino do povoado tivesse deixado seus homens temporariamente mais sensíveis.

– Ótimo – disse ele. – Me leve até a menina.

– Sim, senhor.

Crayton pareceu nitidamente aliviado por não ter levado uma bronca do capitão.

Toa encontrou seus homens reunidos em volta da área de carga. A portinhola estava aberta e eles olhavam para a escuridão lá embaixo, murmurando e fazendo sinais para rechaçar maldições. Toa pegou um lampião com um deles e apontou a luz para o buraco, imaginando por que uma menininha deixava seus homens tão assustados.

– Olhe, garotinha. É melhor você…

Ela estava enfiada entre as pilhas de cabos grossos. Parecia imunda e faminta, mas, fora isso, era uma garota bastante normal, de uns 8 anos. Era até mesmo bonita, do jeito sulista, com pele clara, sardas e cabelo tão louro que parecia quase branco. Mas havia algo em seus olhos. Pareciam vazios, ou pior do que vazios. Eram poços de gelo que extinguiam qualquer calor que a pessoa tivesse. Eram olhos velhíssimos. Olhos que tinham visto demais.

– Nós tentamos tirá-la, capitão – disse um dos homens. – Mas ela não sai de jeito nenhum. Além disso, ela é…

– É – disse Toa.

Ele se ajoelhou perto da abertura e se obrigou a continuar olhando para a menina, mesmo querendo desviar os olhos.

– Qual é o seu nome, garota? – perguntou, agora muito mais baixo.

Ela apenas o encarou.

– Sou o capitão deste navio. Sabe o que isso quer dizer?

Lentamente, ela assentiu.

– Quer dizer que todo mundo neste navio precisa fazer o que eu mando. Isso inclui você. Entendeu?

Ela assentiu mais uma vez. Ele estendeu a mão morena e peluda para dentro do depósito.

– Agora, garota, quero que saia daí e segure a minha mão. Juro que não vai acontecer nada de ruim com você neste navio.

Por um longo momento nenhum dos dois se mexeu. Então, aos poucos, a garota estendeu a mãozinha e deixou que Toa a segurasse.



A menina estava agora na cabine de Toa. O capitão suspeitava que ela conseguiria falar se não houvesse uma dúzia de marinheiros com aparência rude a encarando. Deu-lhe um cobertor e um copo de rum quente. Sabia que rum não era o tipo de coisa que se dava às menininhas, mas era só o que tinha a bordo a não ser água, e a água era preciosa demais para desperdiçar.

Agora ele estava sentado diante de sua mesa, e ela, em seu catre, o cobertor enrolado com força em volta dos ombros, o copo de rum nas mãos minúsculas. A menina tomou um gole e Toa esperou que ela se encolhesse diante do sabor pungente, mas ela apenas engoliu e continuou a espiá-lo com aquele olhar vazio, desolado, do azul mais frio que já vira, mais profundo que o próprio mar.

– Vou perguntar de novo, garota – disse ele, mas sua voz ainda era gentil. – Qual é o seu nome?

Ela apenas o encarou.

– Você… – Ele não podia acreditar que estava ao menos pensando isso, quanto mais perguntando. – Você é de Bleak Hope?

Então ela piscou, como se saísse de um transe.

– Bleak Hope. – Sua voz estava rouca pela falta de uso. – É, sou.

Algo no modo como ela falou fez Toa reprimir um tremor. A voz era tão vazia quanto os olhos.

– Como veio parar no meu navio?

– Isso aconteceu depois.

– Depois do quê?

Então ela o encarou e seus olhos não estavam mais vazios. Estavam cheios, tão cheios que o velho coração de Toa pareceu que iria se torcer feito um trapo em seu peito.

– Vou contar – disse ela, a voz tão úmida quanto os olhos. – Vou contar *apenas* ao senhor. Depois nunca mais vou falar isso em voz alta.



Ela estava escondida entre as pedras. Foi por isso que não a viram.

Amava as pedras. Grandes pedregulhos pretos e ásperos que podia escalar acima das ondas violentas. Sua mãe ficava aterrorizada com o modo como ela saltava de uma pedra para outra.

– Você vai se machucar!

E ela se machucava. Frequentemente. Os tornozelos e os joelhos viviam ralados e com cicatrizes das pedras cheias de gumes ásperos. Mas ela não se importava. Amava as pedras mesmo assim. Quando a maré baixava, elas tinham sempre tesouros na base, meio enterrados na areia acinzentada: cascas de caranguejo, ossos de peixe, conchas e, às vezes, se tivesse muita sorte, um pedaço de vidro marinho. Esses ela valorizava acima de todo o resto.

– O que é isso? – perguntou à mãe uma noite, as duas sentadas diante do fogo depois do jantar, aquecidas e bem-alimentadas com cozido de peixe.

Ela ergueu um pedaço de vidro marinho vermelho para a luz, de modo que a cor brilhou no piso de pedra da cabana.

– É vidro, minha gaivotinha – respondeu a mãe, os dedos trabalhando depressa, remendando uma rede de pesca para o pai. – Pedaços de vidro polidos pelo mar.

– Mas por que é colorido?

– Acho que é para ficar mais bonito.

– Por que *nós* não temos nenhum vidro colorido?

– Ah, é só uma bugiganga chique do norte. Não há utilidade para isso aqui.

Assim, ela amou o vidro marinho ainda mais. Colecionou-os até ter o suficiente para fazer um colar com um pedaço de corda de cânhamo. Deu de presente de aniversário ao pai, um pescador carrancudo que falava muito pouco.

Ele segurou o colar, analisando de maneira cautelosa os brilhantes pedaços vermelhos, azuis e verdes de vidro. Então fitou os olhos da filha e viu como ela estava orgulhosa, como ela amava aquele objeto. Seu rosto enrugado pelo trabalho sob o sol se abriu num sorriso e ele amarrou o colar com cuidado no pescoço. Os outros pescadores zombaram dele durante semanas, mas ele apenas tocava o vidro marinho com as pontas dos dedos calejados e sorria.

Quando *eles* vieram naquele dia, a maré havia acabado de baixar. Ela estava procurando novos tesouros na base das pedras. Tinha visto o topo dos mastros do navio a distância, mas estava concentrada demais na busca por vidro marinho para se preocupar com aquilo.

Só notou como o navio era estranho quando finalmente se sentou em uma pedra para examinar a coleção de conchas e ossos. Era grande e bojudo, com três velas e portinholas de canhões por todo o costado. Muito diferente

dos navios mercantes. Não gostou nem um pouco da aparência. E isso foi antes de notar a grossa nuvem de fumaça que surgia de seu povoado.

Correu em direção às casas. Suas pernas magricelas agitavam a areia e o mato alto enquanto cortava caminho por entre árvores retorcidas. Se houvesse um incêndio, sua mãe não se incomodaria em salvar os tesouros guardados no baú de madeira embaixo de sua cama. Era só nisso que conseguia pensar. Tinha passado tempo demais coletando os tesouros para perdê-los. Era o que tinha de mais precioso. Pelo menos pensava assim.

Enquanto se aproximava do povoado, viu que o incêndio tinha se espalhado por todas as casas. Havia homens desconhecidos com uniformes brancos e dourados, elmos e peitorais de metal. Imaginou se seriam soldados. Mas os soldados supostamente protegiam as pessoas, não? Aqueles homens estavam arrebanhando todos até o centro da aldeia, brandindo espadas e armas de fogo.

Ela parou bruscamente ao ver as armas. Em toda a sua vida, só tinha visto uma arma de fogo. Era de Shamka, o ancião do povoado. Todo inverno, na véspera do ano-novo, ele a disparava em direção à lua, a fim de acordá-la do sono e trazer o sol de volta. As armas daqueles soldados pareciam diferentes. Além do cabo de madeira, do cano de ferro e do percussor, tinham um cilindro redondo.

Estava tentando decidir se chegava mais perto ou se fugia e se escondia, quando Shamka saiu de sua cabana, soltou um berro furioso e disparou sua arma contra o soldado mais próximo, que caiu de costas na lama. Um dos outros soldados ergueu a pistola e atirou em Shamka, mas errou. O ancião deu uma gargalhada de triunfo. Mas então o intruso disparou uma segunda vez sem recarregar. O rosto de Shamka exibia surpresa enquanto ele levava a mão ao peito e tombava.

A garota quase gritou, mas mordeu o lábio com força e, em seguida, se abaixou no mato alto. Ficou escondida no campo frio e lamacento durante horas. Precisou trincar o maxilar para os dentes não baterem. Ouviu os soldados berrando uns com os outros, estranhos sons de marteladas e ruídos de tapas. Ocasionalmente ouvia um dos aldeões implorar, querendo saber o que tinham feito para desagradar ao imperador. A única resposta era a violência.

Quando tudo ficou escuro e os incêndios haviam se apagado, ela moveu os membros entorpecidos para se agachar e olhar de novo. No centro da cidade, uma enorme tenda de lona marrom tinha sido montada, no mínimo

cinco vezes maior do que qualquer casa da aldeia. Os soldados estavam ao redor dela, segurando tochas. Ela não via os outros aldeões em lugar nenhum. Cautelosamente, a menina se esgueirou mais para perto.

Um homem alto, usando uma capa branca comprida com capuz, estava lá. Ele segurava uma grande caixa de madeira e entrou na tenda acompanhado por um soldado. Alguns instantes depois, os dois saíram, mas o homem não estava mais com a caixa. O soldado deixou a tenda aberta, depois cobriu a entrada com uma rede tão fina que nem o menor pássaro poderia atravessar.

O homem de capa tirou um caderno do bolso. Ele se sentou a uma mesa e um soldado lhe entregou pena e tinta. O homem começou a escrever imediatamente, parando com frequência para olhar pela rede para dentro da tenda.

Gritos começaram a vir lá de dentro. Eram os aldeões. Não sabia por que eles berravam, mas isso a deixou tão aterrorizada que ela se deitou de novo na lama e manteve as mãos cobrindo os ouvidos para abafar o som. Os gritos duraram apenas alguns minutos, mas muito tempo se passou até ela se obrigar a olhar de novo naquela direção.

O mundo agora era breu, a não ser por um lampião na entrada da tenda. Os soldados tinham ido embora e restava apenas o homem com capa, ainda escrevendo em seu caderno. Ocasionalmente ele olhava para dentro da tenda, conferia seu relógio de bolso e franzia a testa. Ela se perguntou onde os soldados estariam, mas depois notou que o estranho navio bojudo atracado no cais estava iluminado. Quando se esforçou para escutar, pôde perceber o som de vozes masculinas fazendo arruaça.

A garota rastejou pelo mato alto, distanciando-se do homem e seguindo em direção à lateral da tenda. Ele parecia tão concentrado na escrita que ela poderia ter andado que ele não notaria. Mesmo assim, o coração dela disparou enquanto se arrastava pelo pequeno trecho de terreno aberto entre o mato alto e a parede da tenda. Quando finalmente a alcançou, descobriu que a base tinha sido presa com estacas, e estava tão esticada que ela precisou arrancar várias antes de conseguir passar por baixo.

Estava mais escuro ainda do lado de dentro, o ar era denso e quente. Todos os aldeões estavam no chão, de olhos fechados, acorrentados uns aos outros e aos grossos mastros da tenda. No centro estava a caixa de madeira sem a tampa. Espalhadas no chão havia vespas mortas, grandes como pássaros.

Longe, no canto, viu sua mãe e seu pai, imóveis como todos os outros. Foi rapidamente até eles, o medo intenso tomando conta de seu estômago. Viu o pai se mexer debilmente e o alívio a inundou. Talvez ainda pudesse salvá-los. Sacudiu a mãe, mas ela não reagiu. Sacudiu o pai, mas ele apenas gemeu, com os olhos fechados.

Procurou em volta, tentando ver se conseguia afrouxar as correntes. Houve um zumbido alto perto do ouvido. Ela se virou e viu uma vespa gigante pairando acima de seu ombro. Antes que o inseto pudesse picá-la, uma mão passou pela frente de seu rosto e deu um tapa no bicho. A vespa girou loucamente, com uma asa quebrada, depois caiu no chão. Ela se virou e viu o pai com o rosto retorcido de dor.

Ele agarrou seu pulso.

– Vá! – grunhiu ele. – Fuja.

Em seguida a empurrou com tanta força que ela caiu para trás e o encarou, aterrorizada. Queria fazer alguma coisa para que aquela medonha expressão de dor sumisse do rosto dele. À sua volta, outras pessoas se mexiam, os rostos expressavam a mesma agonia do pai.

Então viu o colar de vidro marinho se mover de forma esquisita. Olhou mais de perto. Aconteceu de novo. Seu pai arqueou as costas. Os olhos e a boca se escancararam, como se ele estivesse gritando, mas só saiu um gorgolejo úmido. Um verme branco, grosso feito um dedo, saiu do pescoço dele. O sangue escorreu enquanto outros vermes saíam do peito e da barriga.

Sua mãe acordou ofegando, os olhos se revirando de um jeito insano. Sua pele já estava se remexendo. Ela estendeu a mão e chamou pela filha. Os outros aldeões se debatiam contra as correntes enquanto os vermes se libertavam. Em pouco tempo o chão estava coberto com uma massa branca que se retorcia.

Ela queria fugir. Em vez disso, segurou a mão da mãe e a viu se contorcer em espasmos enquanto os vermes a comiam por dentro. Não se mexeu, não afastou os olhos até que a mãe ficou imóvel. Só então se levantou com dificuldade, passou por baixo da parede da tenda e correu de volta para o mato alto.

Ficou olhando de longe enquanto os soldados voltavam ao alvorecer, com grandes sacos de aniagem. O homem de capa entrou na tenda de novo, depois retomou seu lugar e escreveu mais no caderno. Fez esse vaivém mais duas vezes, e então conversou com um soldado, que confirmou com a

cabeça, fez um sinal e o grupo com os sacos entrou na tenda. Quando saíram, tempos depois, os sacos estavam cheios de coisas que se mexiam, e ela supôs que fossem os vermes. Eles os carregaram para o navio enquanto os soldados restantes desmontavam a tenda, expondo os corpos lá dentro.

O homem de capa supervisionava enquanto os soldados soltavam as correntes da pilha de cadáveres. No tempo em que ele ficou ali parado, a menininha gravou seu rosto na memória. Cabelo castanho, queixo pequeno, rosto pontudo parecendo um rato, com uma cicatriz de queimadura na bochecha esquerda.

Por fim, eles partiram em seu grande navio, deixando uma placa estranha presa no cais. Quando não estavam mais à vista, ela se esgueirou de volta para a aldeia. Demorou muitos dias. Talvez semanas. Mas enterrou todos.



O capitão Sin Toa olhou para a menina. Durante a narrativa, a expressão dela havia permanecido aterrorizada, com os olhos arregalados. Mas agora se acomodava de novo no vazio gélido que ele vira quando a atraíra para fora da área de carga.

– Há quanto tempo foi isso? – perguntou ele.

– Não sei.

– Como você chegou a bordo? Nós não atracamos.

– Eu nadei.

– É uma grande distância.

– É.

– E o que eu deveria fazer com você agora?

Ela deu de ombros.

– Um navio não é lugar para uma menininha.

– Preciso continuar viva. Para encontrar aquele homem.

– Você sabe quem era? O que significava a placa?

Ela balançou a cabeça.

– Aquilo era o brasão dos biomantes do imperador. Você não tem a mínima chance de chegar perto daquele homem.

– Vou chegar – disse ela baixinho. – Algum dia. Nem que eu leve a vida toda. Vou encontrá-lo. E matá-lo.



O capitão Sin Toa sabia que não podia deixá-la a bordo. As donzelas, até mesmo as de 8 anos, poderiam atrair a atenção das serpentes marinhas naquelas águas. A tripulação se amotinaria diante da ideia de manter uma menina no navio. Mas ele não queria jogá-la na água nem abandoná-la em uma rocha. Quando atracaram no dia seguinte, em Ermo dos Ventos, procurou o chefe da ordem dos vinchen, um monge velho e encarquilhado chamado Hurlo.

– A menina passou por coisas que eu não desejaria nem para o meu pior inimigo – disse ele. Os dois conversavam no pátio do mosteiro. – Ela teve a vida devastada pela violência. Talvez a única opção seja uma vida monástica.

Hurlo ocultou as mãos nas mangas de seu manto preto.

– Simpatizo com a situação, capitão. De verdade. Mas a ordem dos vinchen é somente para homens.

– Mas sem dúvida vocês poderiam ter uma serviçal. Ela é camponesa, acostumada ao trabalho duro.

Hurlo assentiu.

– Poderíamos. Mas o que acontecerá quando ela chegar à idade de começar a florescer? Vai se tornar uma enorme distração para meus irmãos, particularmente os mais jovens.

– Então permita que ela fique até lá. Pelo menos vocês a terão abrigado durante alguns anos. Mantenha-a viva para que ela encontre seu próprio caminho.

Hurlo fechou os olhos.

– Não vai ser uma vida fácil para ela aqui.

– Não sei o que ela faria com uma vida fácil se o senhor lhe desse uma.

Hurlo olhou para Toa. Para surpresa do capitão, ele sorriu de repente, com os velhos olhos brilhando.

– Vamos pegar essa criança sofrida que o senhor encontrou. Um pouco de caos na ordem provoca mudanças. Talvez para melhor.

Toa deu de ombros. Nunca havia entendido completamente Hurlo nem a ordem vinchen.

– Se o senhor diz, grão-mestre...

– Qual é o nome da criança?

– Por algum motivo ela não quis me dizer. Acho até que ela não se lembra.

– Então como vamos chamar essa criança nascida de um pesadelo? Somos dois guardiões estranhos, mas teremos que lhe dar um nome.

O capitão Sin Toa pensou por um momento, cofiando a barba.

– Talvez o nome da aldeia de onde veio, à qual ela sobreviveu. Para manter algo em sua memória, pelo menos. Bleak Hope. "Triste esperança".

– É apropriado. Traga a jovem Hope para cá.

2

Sadie estava bêbada naquela noite. Bêbada demais para voltar para a cama. Mas também não poderia ficar onde estava.

– Vou fechar o bar, Sadie – avisou Madge Suspensórios.

Sadie a encarou, lutando contra a visão embaralhada. Madge era a leoa de chácara e a responsável por manter a ordem na taverna Rato Afogado. Tinha mais de 1,80 metro e ganhara o apelido porque era tão grande que precisava usar suspensórios para manter as saias no lugar.

Madge era uma das pessoas mais temidas e respeitadas nos bairros pobres de Nova Laven. Por toda a região de Círculo do Paraíso, Costas de Prata e Ponta do Martelo era sabido que ela mantinha a ordem em sua taverna. Qualquer um idiota ou imprudente a ponto de provocar encrenca teria a orelha arrancada, seria proibido de entrar no estabelecimento e marcado pela vergonha pelo resto da vida. Madge exibia sua coleção de orelhas em pequenos potes de conserva atrás do balcão.

– Sadie – disse Madge. – É hora de ir.

Sadie assentiu e se levantou cambaleando.

– Você tem onde ficar? – perguntou Madge.

Sadie balançou a mão enquanto arrastava os pés pelo piso coberto de serragem.

– Posso cuidar de mim mesma.

Madge deu de ombros e começou a colocar as cadeiras em cima das mesas.

Sadie saiu cambaleando do Rato Afogado. Examinou o quarteirão procurando algum conhecido que pudesse recebê-la durante a noite, franzindo os olhos sob a luz fraca dos lampiões tremeluzentes. A rua estava praticamente vazia, o que significava que a polícia já havia passado ou estava a caminho.

– Pelo mijo do diabo! – xingou, coçando o cabelo sujo e embolado.

Seguiu pela rua arrastando os pés até ver a placa de uma estalagem chamada Mãe do Marinheiro. O lugar era uma notória casa de alistamento, mas ela era Sadie Cabra, conhecida no Círculo do Paraíso, em Costas de

Prata e na Ponta do Martelo como uma das mais talentosas ladras, mercenárias e arruaceiras que ainda respiravam. Tinha uma grande reputação. Ninguém seria idiota a ponto de tentar sulizá-la.

Foi oscilando insegura até a estalagem, onde pediu um quarto para passar a noite. O estalajadeiro, um gafa magro e cheio de papadas chamado Backus, a olhou com ar avaliador.

– Nada de tramoias – disse ela, cutucando a testa dele com o dedo, imprimindo força suficiente para marcá-la.

– Naturalmente não. – Backus deu um sorriso empapuçado. – Eu mesmo cuidarei de você. Não quero que haja nenhum mal-entendido.

– Tá ensolarado. Vamos então, estalajadeiro.

Backus a levou pela escada de madeira quebrada e seguiram por um corredor sujo que ecoava com risos, soluços e algum sacana tocando rabeca nessa hora ingrata. Backus destrancou a última porta à esquerda e Sadie passou por ele, indo em direção ao colchão imundo no chão.

– Quer que eu traga alguma coisa para beber antes de dormir? – perguntou Backus.

– Isso seria muito ensolarado de sua parte, Backus. Talvez eu tenha me enganado a seu respeito.

– Aposto que sim – disse Backus, abrindo um sorriso.

Sadie se deixou mergulhar no colchão, sem se incomodar em tirar as saias, as botas ou as facas. Olhou o teto rachado girar desagradavelmente por alguns minutos até Backus voltar com uma caneca fria cheia de alguma coisa boa. Se não estivesse tão bêbada, teria sentido o leve cheiro de rosa preta antes de tomar um gole. Mas acabou bebendo o líquido de uma vez.

Alguns minutos depois, tudo ficou escuro.



Quando acordou, não estava mais no colchão. Percebeu que estava deitada de bruços num piso de madeira. Demorou um segundo até notar que o convés balançava para trás e para a frente. Um pequeno facho de sol vinha por uma janela redonda e iluminava apenas o suficiente para ela ver que era o porão de um navio.

– Pelo mijo do diabo!

Lutou para se levantar, mas as mãos e os pés estavam atados com uma corda suja, de modo que o máximo que conseguia era ficar sentada. Tentou desamarrar os pulsos, mas era difícil naquele ângulo, e o tipo de nó de marinheiro era tão surpreendentemente complexo que ela nem sabia por onde começar.

Recostou-se em alguma coisa que soltou um leve grunhido. Virou-se e viu um garoto ao lado, também amarrado com cordas. Estava maltrapilho e imundo, provavelmente algum moleque de rua que fora apanhado como ela.

– Ei, garoto! – Ela o cutucou com força nas costelas com o cotovelo. – Acorda!

– Me larga, Rolha – murmurou o garoto. – Não tenho nada pra você.

– Ô, imbecil! – Ela o cutucou de novo. – Nós fomos sulizados!

– O quê?

Os olhos do garoto se abriram. Eram de um vermelho intenso, como rubis. Sinal de uma criança nascida de mãe viciada em especiaria coral, uma droga muito forte e que devorava lentamente o cérebro. A maioria das crianças que nascia dependente de coral não passava do primeiro mês de vida. Sadie achou que existia algo escondido nesse moleque para ter sobrevivido. Bem escondido, porque ela não conseguia ver. O garoto estava balbuciando e ganindo feito um cachorrinho espancado. Lágrimas escorriam de seus olhos vermelhos, encobertos por cabelos castanhos desgrenhados.

– O-Onde estou? O q-que aconteceu?

– Já falei, não falei? Nós fomos sulizados.

– O q-que isso significa?

– Você caiu da xota, por acaso? Nunca ouviu falar em sulizar? Como é que você vive na rua e não sabe de uma coisa dessas?

O lábio do garoto estremeceu como se ele fosse dar início a uma nova torrente de lágrimas. Mas surpreendeu-a inspirando trêmulo e dizendo:

– Eu só fui para a rua há um mês. Não sei muita coisa. Então, por favor, dona, por favor, diga o que está acontecendo.

Ela o encarou, e talvez fosse o primeiro sinal do amolecer da idade se estabelecendo. Mas, em vez de rir ou cuspir, ela apenas suspirou.

– Qual é o seu nome, garoto?

– Rixidenteron.

– Pelo mijo do diabo, que nome feio!

– Minha mãe era pintora. Ela me deu esse nome por causa do grande pintor romântico lírico Rixidenteron III.

– Então sua mãe morreu?

– É.

Ficaram quietos por um minuto, com apenas uma fungada ocasional do garoto e o sibilo fraco quando a proa rompia a água. Deviam estar viajando a uma velocidade considerável.

– Então é o seguinte... – disse Sadie, por fim. – Estamos a bordo de um navio que vai para as ilhas do sul. Fomos recrutados à força. Eles vão deixar a gente aqui um tempo, para amolecer, depois vão descer, talvez sangrar a gente um pouquinho para deixar claro que estão falando sério. Em seguida vão mandar escolher: entrar para a tripulação ou ser declarado clandestino e lançado ao mar.

Os olhos do menino se arregalavam cada vez mais.

– Mas… – Seu lábio estremeceu de novo. – Mas eu não sei nadar.

– Essa é a ideia. Mesmo se você soubesse nadar, estaríamos tão longe da costa que você jamais chegaria até lá. Teria que escapar dos tubarões, das focas e…

– Eu… eu não quero ir para as ilhas do sul – choramingou ele. – Dizem que lá é cheio de monstros, que não tem comida nem luz e ninguém nunca volta! A gente vai… ficar lá… *para sempre*!

A voz saía em espasmos enquanto ele era dominado pelo choro.

Sadie tinha ouvido mais do que o suficiente. Pensou em lhe dar um belo chute na cara. Isso iria fazê-lo se calar. Duvidava de que ele fosse de muita ajuda quando escapasse. Ele nem era um verdadeiro vaga de rua. Era o filho de uma artista, provavelmente mamou na teta até os 5 anos. Ela não fazia ideia de como ele tinha conseguido sobreviver um mês nas ruas.

Mas *tinha* sobrevivido. E não parecia estar passando fome. Portanto devia haver alguma coisa nele. Imaginou o que seria. O choro do menino tinha se reduzido a fungadas. Para fazê-lo parar com aquele som irritante, ela disse:

– Então, Rixi sei lá o quê, como era a sua mãe? O que aconteceu com ela?

Ele deu uma última fungada e enxugou os olhos vermelhos e lacrimejantes no ombro.

– Quer mesmo saber?

– Claro que quero – respondeu ela, acomodando as costas num saco de batatas e ficando o mais confortável que podia com os pulsos e os tornozelos

amarrados.

Talvez se passassem horas até que alguém viesse ao porão e ela pudesse agir. A história pavorosa do filho de uma artista era melhor do que nada.

– Está bem. – A expressão dele estava séria. – Promete que não contará minha história para ninguém?

– Juro pelo pau roxo do meu pai – disse Sadie.



A mãe de Rixidenteron, Gulia Pastinas, vinha de uma das famílias que moravam no extremo norte de Nova Laven, longe da sujeira e da violência do Círculo do Paraíso, de Costas de Prata e da Ponta do Martelo. Era a segunda filha, bastante bonita, mas tão voluntariosa e independente que seu pai desistiu da ideia de casá-la. Como as famílias ricas não gostavam de deixar as mulheres trabalharem, ele teria que sustentá-la.

Ficou empolgado quando ela disse que iria se juntar a um grupo de artistas em Costas de Prata. Na época, era chique os filhos das famílias ricas fazerem contato com a cultura boêmia. Ele imaginava que seria apenas isso. Uma bela folga de sua menina problemática.

O que ele não podia imaginar era que Gulia era uma artista tremendamente talentosa e nunca mais voltaria para casa. Primeiro porque estava ocupada demais sendo a queridinha da comunidade artística do centro de Nova Laven. E mais tarde porque estava muito doente para voltar. Não que ela teria retornado, mesmo se pudesse.

O pai de Rixidenteron era um prostituto, descendente de uma longa linhagem de prostituição. Jamais lhe ocorreu que houvesse algum problema com sua profissão até ele conhecer uma linda artista de olhos escuros que, depois de falar com ele durante dez minutos, declarou que ia salvá-lo de sua vida de sofrimentos. Ela estava animada com a venda de um novo lote de pinturas e sua ousadia se devia ao vício recém-adquirido em especiaria coral. Levou-o para casa naquela noite e insistiu que ele abandonasse a vida no comércio do sexo. Ele respondeu com seu sorriso suave e caloroso e assentiu de modo afável, tão fascinado com o charme e a paixão intensa da pintora que teria feito praticamente qualquer coisa que ela pedisse.

Ela pintava e ele ficava responsável pela casa, e durante um tempo foram felizes. Então Rixidenteron nasceu e tudo mudou. O bebê tinha os

reveladores olhos vermelhos de uma criança viciada em coral, e os amigos declaravam que ele não duraria mais de uma semana. Mas talvez o menino tivesse alguma força escondida. Ou talvez fosse porque os pais passavam cada instante em que estavam acordados cuidando dele, fazendo todo o possível para mantê-lo vivo. Ficavam sem comida para pagar os remédios que a irmã dela trazia da botica no norte da cidade. A situação ficou tão ruim que o pai de Rixidenteron sugeriu voltar ao próprio trabalho. Mas ela recusou e, em vez disso, pintava tanto e tão intensamente que suas mãos estavam sempre manchadas de tinta. Anos mais tarde, os críticos de arte diriam que essa foi a sua melhor fase.

Assim, contra todas as chances, Rixidenteron sobreviveu. Quando eles comemoraram seu primeiro aniversário, acharam que o pior havia passado.

Só que as tintas da mãe continham uma toxina de água-viva, inofensiva em pequenas doses, mas que vinha penetrando na pele durante anos e estava começando a atacar seus nervos. Com isso e o vício em coral, ficava cada vez mais difícil pintar. Quando Rixidenteron fez 2 anos, ela não conseguia mais segurar o pincel com firmeza. De novo o pai se ofereceu para voltar ao trabalho. E, mais uma vez, ela recusou. Em vez disso, ensinou Rixidenteron a pintar para ela, usando um par de luvas de couro para que o menino não tivesse o mesmo destino. Quanto tinha 4 anos, ele era capaz de criar qualquer imagem com precisão espantosa. Rixidenteron pincelava as telas durante horas enquanto a mãe ficava deitada no velho sofá azul do apartamento, as mãos trêmulas cobrindo os olhos. Ela sussurrava as imagens que surgiam em sua cabeça. E ele as tornava reais.

Rixidenteron adorava esse tempo que passavam juntos e se orgulhava de ajudar a mãe, a grande pintora, com sua arte. Mas, à medida que o tempo passava, a coisa ficou mais difícil. Em vez de afastá-la do vício em coral, a doença de Rixidenteron e a subsequente enfermidade dela a levaram mais para o fundo do poço. A partir dos 6 anos do menino, as descrições dela não faziam mais sentido e ele criava a maior parte das imagens. Porém, ainda que tivesse a destreza da mãe, não tinha sua visão. E as pinturas deixavam isso evidente. Para os críticos, era o fim da artista.

Dessa vez o pai não pediu permissão. Simplesmente voltou a trabalhar. Estava mais velho e a vida tinha cobrado um preço alto, mas ainda era razoavelmente bonito e capaz de ganhar dinheiro suficiente para comprar, no anonimato, os quadros de sua amada. Por isso ela continuava a achar que sustentava a família. Rixidenteron sabia da verdade, mas, quando juntou

coragem para contar, ela estava chapada demais para entender o que ele dizia. Pelo menos foi o que pareceu. Na noite em que ele contou, ela teve uma overdose de especiaria coral e morreu.

Durante um tempo, Rixidenteron e o pai continuaram a viver do mesmo modo. No fim de mais um ano, o pai tinha ficado magro e pálido. Rixidenteron não sabia se era pela doença ou pela perda de sua mãe. De qualquer modo, o pai não parecia interessado em melhorar.

Faltando uma semana para seu oitavo aniversário, Rixidenteron descobriu que o pai tinha morrido enquanto dormia. Limpou a bosta e o sangue do corpo dele, queimou a roupa de cama e saiu.



– Mas como você viveu nas ruas? – perguntou Sadie. – Como, por todos os infernos, você sobreviveu quando obviamente não sabia nada sobre o mundo?

Ele deu de ombros.

– Conheci outros garotos e eles me deixaram ficar. Sou bom em pegar coisas.

– Como assim?

– Minhas mãos são rápidas, talvez por ter pintado tanto, não sei. Mas pegar carteiras, relógios e coisas assim é fácil para mim. As pessoas nunca notam.

Os olhos de Sadie brilharam.

– Esse é um dom raro e útil. – Ela olhou o nó complexo que mantinha suas mãos juntas. – Imagino se essas mãos não conseguem desfazer isso aqui.

– Provavelmente conseguem.

– Mesmo amarradas?

– Posso tentar.

– Por que não tenta?



Quando um marinheiro finalmente desceu ao porão para dar uma olhada nos dois, o sol tinha se posto e apenas um fraco luar se derramava

pela escotilha. Eles ouviram o marinheiro antes de vê-lo, as botas batendo nos degraus íngremes enquanto ele murmurava sozinho.

– Mulheres e crianças como tripulantes... Que viagem desgraçada vai acabar sendo!

Era um gafa velho, com fios brancos salpicando o cabelo e a barba pretos e sebentos. Usava um suéter de lã esticado pela pança enorme e mancava um pouco. Sadie e o menino estavam sentados lado a lado no chão, com a corda aparentemente enrolada nos pulsos. Ela forçou o rosto a permanecer inexpressivo enquanto o marinheiro a encarava com os olhos franzidos e remelentos de bebida.

– Escutem, vocês dois – disse ele. – Vocês vieram como voluntários forçados para trabalhar na tripulação deste navio aqui, o *Vento Selvagem*. Se obedecerem às ordens e fizerem o que o capitão e eu mandarmos, vão poder ir embora quando voltarmos ao porto em Nova Laven. Até podemos pagar por seus serviços. Se não obedecerem às ordens, vão ser açoitados até quase caírem mortos. É assim que funcionam as coisas aqui. – Ele deu um tapa com sua manzorra no rosto de Sadie, com tanta força que o lábio dela se partiu. – Vai ser assim. Só que muito pior. Deu pra entender?

Sadie sorriu, deixando o sangue escorrer pela lateral da boca.

– Sabe por que me chamam de Sadie Cabra?

Ele se inclinou perto, o hálito fedendo a rum.

– Por causa da barba?

Ela deu uma cabeçada na cara dele. Enquanto o homem a encarava boquiaberto, com o sangue jorrando do nariz quebrado, ela sacudiu a corda que estava enrolada frouxamente nos pulsos, tirou a adaga da bota e a cravou na garganta dele. Torceu devagar a lâmina na carne e ele começou a ter convulsões, o sangue espirrando em seu rosto. Depois ela moveu a lâmina de maneira brusca, abrindo um talho vertical no pescoço que desceu até a clavícula. Tirou a faca e deixou o corpo estrebuchante cair no chão.

Limpou o rosto com a manga da blusa, depois se inclinou e desembainhou a espada do marinheiro.

– Aqui. – Entregou a adaga ao garoto. – Deve haver mais deles lá em cima. Talvez a gente precise matar todos.

O garoto ficou olhando a lâmina em sua mão, ainda úmida de sangue.

– Olhe para mim quando estiver falando com você – ordenou Sadie.

Como ele não respondeu, ela lhe deu um tapa na nuca. Ele piscou, meio desnorteado.

– Red. Esse é o seu nome agora, por causa desses olhos vermelhos. Se eu fosse chamar você pelo nome de verdade, estaria morta antes de terminar. Você é meu ajudante agora. Tá ensolarado?

Os olhos do garoto se arregalaram e ele assentiu.

– Agora vamos explicar àqueles gafas lá em cima que não estamos interessados em ser sulizados.

Estava escuro no convés, só era possível ver um fragmento de lua. O marinheiro de vigia no convés ficou tão surpreso ao vê-los que ela cravou a espada no olho dele antes que o gafa pudesse dizer ao menos uma palavra. Ele caiu estrebuchando e Sadie demorou um momento para arrancar a espada do seu crânio. A maior parte dos marinheiros estava bêbada, dormindo ou as duas coisas. Sadie não se importou. Era isso que eles mereciam. Não era uma espadachim, por isso foi cortando e furando de qualquer jeito enquanto passavam pelo navio. Quando chegaram à cabine do capitão, ela ofegava, o braço doía e estava coberta com o sangue de seis homens. A porta da cabine estava trancada, por isso ela bateu na madeira com o cabo da espada.

– Saia, seu lixo!

– Sadie! – exclamou a voz aguda de Red.

Ela se virou bem a tempo de ver um homem com um chapéu de aba larga a uns 3 metros de distância, apontando uma pistola em sua direção. Mas em vez de disparar, a arma caiu de sua mão. O cabo de uma adaga se projetava em seu peito. A mão de Red estava vazia.

O garoto deu um sorriso meio sem graça, os olhos cor de rubi brilhando ao luar.

– Eu estava mirando a arma.

Sadie riu e deu um tapa nas costas dele.

– Muito bem, Red. Sabia que você tinha alguma fibra por baixo de toda essa moleza. Agora vamos virar essa banheira e voltar para Nova Laven. Tem um gafa lá que precisa que lhe expliquem muito direitinho e devagar que *ninguém* suliza Sadie Cabra.



Levar o barco de volta para o centro de Nova Laven foi complicado, já que nenhum dos dois sabia o que estava fazendo. Mas o vento estava a favor

e eles acabaram chegando ao cais. Provavelmente teriam se chocado contra as docas, mas por sorte Sadie conhecia alguns vagas do porto que os ajudaram a conduzir a embarcação sem afundar nem abalroar ninguém.

Sadie deu um grunhido rápido de agradecimento aos marinheiros e desceu para o cais, com o sabre sujo de sangue ainda na mão. Red a acompanhou, ansioso para ver como a nova heroína colocava sua vingança em ação.

Era cedo demais para Backus estar trabalhando na estalagem Mãe do Marinheiro, por isso Sadie foi para o Rato Afogado. Quando chegaram à taverna, ela escancarou a porta.

– Backus! Seu verme de cu ardiloso!

Backus levantou o rosto fino e empapuçado da caneca de cerveja e olhou para o outro lado da taverna. Todos os fregueses do Rato Afogado ficaram quietos e os olhares saltaram dele para Sadie, e de volta.

– Ora, se não é Sadie Cabra. – Seu tom calmo pareceu forçado. – Não esperava ver você de novo. É horrorosa demais até para os marinheiros?

– Um horror vai ficar é a sua cara depois que eu acabar com você.

Então Sadie levantou a espada e atacou.

A princípio Backus pareceu incrédulo. Todo mundo sabia que não era permitido provocar encrenca no Rato Afogado. Mas, à medida que ela chegou perto, sua expressão passou a ser de pavor.

Madge Suspensórios se levantou, surgindo do nada, e agarrou o braço de Sadie que segurava a espada. Puxou com força suficiente para tirar Sadie do chão, com um rosnado surgindo de seus lábios grossos. Bateu com força a mão de Sadie sobre a mesa mais próxima, fazendo as canecas de cerveja voarem e obrigando-a a soltar a espada.

– Você sabe que não deve provocar encrenca aqui, Sadie. – A voz era um rosnado gutural.

– Ele tem que saber! – berrou Sadie, tentando soltar a mão do aperto de ferro de Madge. – Ninguém tenta sulizar Sadie Cabra e continua vivo!

– Eu entendo – retrucou Madge. – Ao mesmo tempo, *ninguém* tem a permissão de criar zona no *meu* bar. Agora se manda daqui.

Todo mundo sabia que Madge gostava de Sadie. Ela estava lhe dando uma saída. Sadie poderia ter aproveitado e tudo acabaria por aí. Mas não aproveitou.

– *Não até eu mostrar a todos eles!*

Então ela saltou na direção de Backus com uma força súbita.

Madge Suspensórios apenas grunhiu. Com a mão ainda segurando o pulso de Sadie, ela a puxou de volta, agarrou sua cabeça com a outra mão, inclinou-se e, com um som úmido e um jato de sangue, arrancou a orelha de Sadie com os dentes.

O uivo que saiu da garganta de Sadie foi suficientemente alto para chacoalhar os copos atrás do balcão. Era uma mistura de fúria e dor. Sadie apertou o lado sangrento da cabeça. Madge segurou a orelha entre os dentes, junto com um tufo de cabelo que tinha ficado no caminho. Sadie saiu correndo do bar, sufocando os soluços de vergonha.

Todos os olhares estavam fixados em Madge enquanto ela andava calmamente até o balcão, pegava um frasco vazio, cuspia a orelha dentro e o acrescentava ao resto da coleção.

Red viu a espada sangrenta de Sadie ainda na mesa. Não sabia o que iria acontecer em seguida, mas com certeza Sadie precisaria daquela espada. Correu pela taverna justo quando Backus estava se virando para a arma. Red a agarrou antes que Backus pudesse levantar a mão. Depois saiu correndo da taverna atrás de Sadie.

Encontrou-a cambaleando na direção do cais. Ela estava xingando e chorando, segurando a lateral da cabeça, o sangue escorrendo entre os dedos.

– O que aconteceu? – A voz dele estava esganiçada.

– Acabaram comigo – choramingou ela. – Sadie Cabra, envergonhada na frente de todos. Minha orelha agora faz parte da coleção da Madge Suspensórios. Nunca mais posso colocar os pés lá.

– O que vamos fazer agora?

– Nós? – rosnou ela. – O que *nós* vamos fazer?

Ela parecia a ponto de lhe dar um soco. Mas então parou e ficou imóvel, franzindo a testa.

– Nós – disse de novo, agora um pouco mais baixo.

Olhou para o cais. O *Vento Selvagem* ainda estava onde o haviam deixado. Ela sorriu para Red.

– *Nós* vamos iniciar um novo empreendimento, meu melhor vaga. Quem precisa da imundície do Círculo do Paraíso, de Costas de Prata ou da Ponta do Martelo quando tantos outros lugares interessantes esperam por nós, implorando para ser saqueados? Sadie Cabra pode estar acabada. Mas Sadie, a Rainha Pirata, está apenas começando.

3

O litoral de Ermo dos Ventos era repleto de rochas pretas e ásperas, desgastadas pelo choque constante das ondas gélidas. Mais para o interior da ilha o solo era duro, porém, quando revirado de maneira adequada, tornava-se rico e fértil a ponto de produzir uma abundância de colheitas, particularmente de cevada e lúpulo, que os monges vinchen usavam para fazer a cerveja marrom valorizada em todo o império.

A maior parte da ilha era dedicada à agricultura, mas no centro ficava o mosteiro vinchen, construído séculos antes com a pedra preta da ilha pelos discípulos de Manay, o Verdadeiro, um dos grão-mestres mais sábios da história do império. As longas construções retangulares formavam um grande quadrado fechado em volta de um pátio, e no centro ficava o templo. O lado sul do mosteiro continha os alojamentos comunitários dos monges, e uma moradia separada, mas humilde, para o grão-mestre. O lado norte continha a cozinha, e o lado leste, a cervejaria.

O grão-mestre Hurlo tinha visto muitos meninos chegarem ao portão de ferro preto do mosteiro com expressão de horror nos olhos. A maioria era rica, mimada e provavelmente mandada para ser um vinchen porque os pais achavam difícil controlá-los em casa. Hurlo se lembrava de um tempo em que era desejável ser vinchen. Até mesmo chique. Mas os que eram trazidos a ele agora demoravam anos para apreciar o que os outros monges jurados tentavam lhes dar.

Mas não sabia o que esperar da garota. Ela era algo completamente novo, tanto para ele quanto para a ordem. O capitão Toa a trouxe ao portão vestida de trapos imundos. Seus olhos azul-escuros captavam tudo ao redor, mas não revelavam nada.

– Olá, criança – cumprimentou Hurlo. – Sou o grão-mestre Hurlo. Bem-vinda ao mosteiro vinchen.

– Obrigada – respondeu ela num tom quase inaudível.

– Boa sorte, então, Hurlo.

Sin Toa estendeu a mão grossa e peluda.

– Boas viagens – respondeu Hurlo, apertando-a calorosamente.

Assim que Toa saiu, Hurlo juntou todos os monges e alunos no pátio. Eles olhavam a menina ao lado de Hurlo com uma mistura de surpresa, confusão e aversão.

– Esta é Bleak Hope, uma criança órfã e sem lar por causa dos atos de um biomante – explicou ele. – Ela vai ficar conosco ajudando em pequenas tarefas até ter idade e forças suficientes para ir embora.

Nenhum monge foi desrespeitoso a ponto de comentar a situação, mas Hurlo escutou vários deles suspirando. Isso não o surpreendeu. Nenhuma pessoa do sexo feminino, de idade alguma, jamais havia posto os pés no mosteiro. Agora eles teriam de conviver com uma todos os dias, talvez durante anos.

– Podem voltar às suas tarefas – ordenou ele com calma.

Enquanto os via se dispersar aos poucos, lançando olhares frequentes para ele e para Hope, decidiu que seria interessante observar como eles enfrentariam a situação.

O livro das tormentas dizia haver somente um céu, mas muitos infernos. Cada inferno era único, mas tão cruel quanto os outros. Isso, segundo o livro, era porque não havia limite para o sofrimento humano nem fim para o número de modos com que o mundo poderia infligi-lo.

O grão-mestre Hurlo pensava frequentemente nessa passagem. Suspeitava de que, para os garotos que tinham acabado de entrar para a ordem vinchen, a própria ilha de Ermo dos Ventos poderia ser um inferno. Longe das grandes cidades e das luxuosas propriedades do norte onde passaram a infância, ficava no centro das ilhas do sul, o mais longe possível da quente e ensolarada capital, Pico de Pedra.

Para muitos dos outros irmãos, qualquer mudança era uma espécie de inferno. Acrescentar um elemento inesperado à rotina colocava aqueles homens em uma situação que beirava o pânico. Pareciam não se importar com a menina desde que ela não afetasse seu dia de modo algum. Mas reclamavam com Hurlo se ela limpava seus quartos, às vezes até mesmo alegavam que os quartos estavam "limpos demais". Se ela colocava a comida em suas bandejas na hora da refeição, reclamavam que ela havia posto coisa demais em seus pratos.

Para outros irmãos o inferno era a presença súbita de alguém do sexo feminino. Quando ela passava com o velho manto de monge com a bainha encurtada, que ia até os tornozelos, silenciosa e pálida como um fantasma, os olhos perdidos nas sombras do capuz, Hurlo nem poderia dizer que ela

era uma menina. Mas de algum modo aqueles irmãos pareciam incapazes de se concentrar até mesmo nas tarefas mais simples enquanto ela estivesse no mesmo recinto.

O livro das tormentas dizia que o inferno de um homem revelava muito sobre ele. O mesmo acontecia com sua reação a esse sofrimento. Hurlo achava interessante ver que, enquanto alguns reclamavam de Hope e outros a ignoravam, alguns ainda tentavam ser amigos da menininha. Mas, depois de algumas tentativas de lisonja ou de presenteá-la com doces, esses irmãos bem-intencionados hesitavam diante de seu intenso olhar azul e se afastavam.

Depois de alguns dias de observação, Hurlo voltou sua atenção para os estudos e a meditação. Por isso, a princípio não notou quando outra reação começou a surgir entre seus irmãos: a crueldade.



Fazia uma semana que Bleak Hope tinha entrado para o mosteiro vinchen. Ela não poderia dizer que estava feliz. Também não sabia se voltaria a ser feliz um dia. Estava confortável. Tinha um lugar quente para dormir e três refeições por dia.

Não entendia de fato o que os irmãos vinchen faziam. Eles meditavam, liam e se exercitavam. Todo fim de tarde, pouco antes do jantar, reuniam-se no templo para rezar. Nenhuma dessas atividades era popular em seu povoado. Em muitos sentidos, essa vida no meio dos monges silenciosos era mais estranha do que os poucos dias turbulentos a bordo do navio do capitão Toa.

Mas entendia seu trabalho. Quartos pequenos que precisavam ser arrumados, comida trivial que precisava ser servida, roupas simples que precisavam ser lavadas e remendadas. Não sentia prazer com as tarefas, mas havia certa paz em se perder na monotonia. Valorizava essa paz, porque no resto do tempo seus pensamentos tinham o peso da morte e de uma sombria sede de vingança. A noite era pior. Ficava deitada em seu colchão de palha na cozinha e os pensamentos a invadiam até ela mal conseguir respirar. Quando o sono finalmente chegava, era inquieto e cheio de pesadelos.

– Você aí. Camponesa.

Hope parou. Estava voltando para a cozinha depois de limpar a latrina. Virou-se e viu Crunta encostado no portal da construção onde os irmãos dormiam. Ele era um dos irmãos mais novos, com uns 13 anos, e ainda em treinamento. Quando Hurlo deu a ela a lista de tarefas, mencionou que a maior parte de seus trabalhos seria feita para os irmãos mais velhos. Os mais novos deviam cumprir suas próprias obrigações. Por isso ela ficou surpresa ao ver que Crunta a chamava.

– Eu? – perguntou.

– É, você, idiota – respondeu ele.

Sem saber como enfrentar a situação, ela se aproximou.

– Venha.

Ele se virou e entrou. Hope foi atrás. O interior da construção era um cômodo único. O piso de madeira liso tinha fileiras de colchões de palha bem espaçados e pequenos travesseiros cilíndricos. Hope ficou olhando enquanto Crunta tirava seu manto preto. Usava uma roupa de baixo pequena que deixava a parte de cima do corpo e a maior parte das pernas despidas. O corpo era magro e com músculos fortes, praticamente sem nenhum pelo no peito.

Ele embolou o manto e enfiou nos braços dela.

– Lave isso e me traga de volta agora mesmo.

Hope tinha certeza de que os irmãos mais novos deveriam lavar as próprias roupas, mas teve medo de dizer isso.

– Sim, irmão.

Ele deu um tapa no rosto dela.

– Não sou seu irmão. Me chame de senhor.

Bleak Hope olhou para ele com uma fúria sombria se irradiando pelo corpo. Imaginou-o gritando de agonia enquanto vermes rasgavam sua pele. Mas sabia que não podia fazer nada. Era só uma menininha fraca. Por isso engoliu a raiva e disse:

– Sim, senhor.

Ele foi andando presunçoso até seu colchão e se deitou. Depois pegou um livro.

– Volte logo.

Hope levou o manto, que fedia a suor e cerveja rançosa, até a tina do lado de fora da cozinha. Enquanto esfregava o pano com força contra as bordas da tina, imaginou que era o rosto de Crunta. Ao estender o manto acima dos carvões acesos na cozinha para secar, imaginou-os queimando o

peito nu de Crunta. Sabia que esses pensamentos eram errados, mas lhe davam algum alívio. O sentimento de fúria impotente a devorava enquanto ela voltava pelo pátio com o manto bem dobrado nos braços.

Encontrou-o ainda deitado no colchão, apenas com a roupa de baixo. Colocou o manto aos pés dele.

– Mais alguma coisa, senhor?

Ele a encarou por cima do livro por um momento, depois se levantou. Ignorando o manto, foi até ela. Era muito mais alto, por isso o rosto de Hope ficou na altura do peito dele. Olhou para o peito porque gostava menos ainda da expressão dele. Não entendia aquele olhar, mas algo nele arrepiou sua pele.

Ele empurrou o capuz dela para trás. Ela sentiu a mão dele se fechar em uma mecha de seu cabelo. Todo o corpo de Hope estremeceu, mas ela não sabia dizer se era de medo ou desprezo.

– Irmão Crunta!

Hope virou a cabeça, soltando o cabelo dos dedos de Crunta. Um dos irmãos mais velhos, Wentu, estava parado junto à porta com uma carranca no rosto enrugado.

– Não fique diante da menina usando roupa de baixo! É indecente!

Crunta deu um passo atrás, preguiçoso, com um sorrisinho no rosto.

– Sim, irmão.

Ele se inclinou e pegou o manto, depois o vestiu pela cabeça. Sua testa se franziu e ele encostou o pano no nariz.

– Argh, isso fede a cozinha! Quer que eu fique fedendo igual a um serviçal?

– Des-desculpe, senhor – gaguejou Hope. – O senhor quis que eu fosse rápida, por isso sequei em cima dos carvões. Eu não…

Ele deu outro tapa no rosto dela.

– Jovem irmão… – disse Wentu, desaprovando.

– Você tem sorte porque não a espanco até perder os sentidos! – esbravejou Crunta, com o punho levantado. – Saia da minha vista, sua camponesa imunda!

Hope correu para o seu colchão de palha nos fundos da cozinha. Sentia vontade de chorar, mas nenhuma lágrima surgiu, apenas pensamentos negros, de violência e vingança. Achava que Crunta era o irmão mais cruel do mosteiro.

Mas ainda não tinha encontrado Racklock.



O trabalho predileto de Bleak Hope era cuidar do templo. O piso, as paredes e o altar eram feitos da rocha preta e lisa, mas neste lugar ela fora polida até irradiar um brilho que a fazia parecer ao mesmo tempo solene e luminosa. Ela amava o cheiro das velas de oração, que soltavam um leve odor de jasmim ao queimar. Acima de tudo amava os vitrais no topo do templo. Não entendia as imagens que mostravam, criaturas estranhas e guerreiros com armaduras pretas, mas as cores a faziam se lembrar do colar que tinha feito para o pai. Supunha que jamais poderia desfrutar de coisas assim de novo. Mas havia uma brasa minúscula que permanecia e ficava ligeiramente mais quente à visão da luz do sol passando pelas janelas coloridas.

– Então é aqui que você se esconde das suas tarefas – disse uma voz grave.

Hope afastou o olhar das janelas e espiou o irmão baixo e forte conhecido como Racklock. Ele estava de braços cruzados, uma expressão dura no rosto. Hope sabia que, na ordem, Racklock estava abaixo apenas de Hurlo, e todos os outros irmãos o temiam.

– É meu dever limpar o templo todos os dias, senhor – disse Hope.

– Eu não vi nenhum trabalho de limpeza. – Racklock deu um passo na direção dela. – Só preguiça. Nós a alimentamos, vestimos, damos um lugar quando o mundo certamente iria apenas se livrar de você. E é assim que você retribui?

Hope tinha aprendido com Crunta que se defender poderia ser perigoso. Por isso apenas curvou a cabeça.

– Desculpe, senhor.

– Você ainda não é mulher, mas sua língua bifurcada já tenta ajudá-la. – Ele disse isso com um desdém calmo enquanto ia até um armário. Abriu o móvel, que continha uma variedade de itens, e tirou uma bengala de madeira comprida. Enquanto a examinava, prosseguiu: – Outros podem se enganar, mas eu a vejo como você é de verdade. Uma doença maligna que busca destruir esta ordem por dentro. Um mal a ser expurgado.



Foi naquela tarde de sol, no início do outono, que Hurlo foi arrancado de uma meditação profunda pelo som dos gritos de uma menina. Saiu correndo de seu quarto minúsculo, atravessou o pátio e entrou no templo. Lá encontrou Bleak Hope encolhida, o rosto comprimido contra o chão de pedra fria, o manto preto úmido de sangue. Racklock se erguia acima dela. Seus ombros largos se moviam para cima enquanto ele baixava a bengala em direção às costas dela.

Foi nesse momento que Hurlo entendeu que não tinha salvado a menina. Meramente a transportara de um inferno para outro. Foi também quando descobriu um novo inferno próprio: permitir o sofrimento de um inocente. E, enquanto olhava o rosto pálido da criança, soube que não podia permanecer nesse inferno nem por mais um instante.

Racklock baixou a bengala de novo, mas dessa vez Hurlo estava lá, pouco mais do que um borrão preto enquanto a arrancava do irmão, depois o empurrava à frente, fazendo-o tropeçar. Racklock recuperou o equilíbrio, depois girou num salto mortal, pousando de pé. Mas, quando se virou para encarar Hurlo, o grão-mestre acertou seu pescoço com a ponta da bengala com força suficiente para deixá-lo sufocado e temporariamente incapaz de falar.

Hurlo o observou sentir ânsias de vômito e chiar por um momento, depois disse em tom afável:

– Tem alguma coisa a dizer? Não? Então me permita informar que, daqui em diante, você não vai fazer mal a esta menina. O choro dela interfere na minha meditação e o cheiro de sangue no templo me deixa incomodado. Confirme com a cabeça uma vez se entendeu, duas se quiser que eu bata em você de novo.

O rosto de Racklock ficou sombrio, mas seus lábios se comprimiram enquanto ele assentia uma vez. Depois, se virou e saiu do templo.

Hurlo olhou a menina estremecendo aos seus pés. Sentiu um desejo súbito de consolá-la. De pegá-la no colo e embalá-la até que ela caísse num sono doce, sem sonhos terríveis. Mas esse foi apenas um instinto momentâneo. Afinal de contas, ele não era um velho gentil e amante da paz. Era grão-mestre da ordem vinchen e um dos maiores guerreiros que o império já conhecera. Por isso foi silenciosamente até o tapete de meditação que ficava diante do altar de pedra preta e se ajoelhou.

Os dois ficaram assim durante algum tempo, a menina prostrada no chão, o velho monge ajoelhado, em silêncio, de costas para ela.

Por fim, ela disse numa voz que era pouco mais do que um sussurro:

– Obrigada por me salvar.

– Preciso dar o exemplo. Sou professor.

Ela parou, pensando nisso por um momento. Depois ele a ouviu se arrastar mais para perto, de quatro.

– O que o senhor ensina?

– Muitas coisas. Mas nem sempre tenho sucesso. Tentei ensinar autocontrole a Racklock, e parece que fracassei.

– Ele estava me castigando.

– Um castigo deve ser adequado ao crime. O que você fez para merecer uma surra daquelas?

– Eu… não sei. Ele disse que eu era maligna.

– Certo. E você se sente maligna?

Ela não respondeu.

– Venha e se ajoelhe de frente para mim.

Ela engatinhou, contornando-o cautelosamente. Hurlo podia ver os pontos em que o manto preto se grudava nas costas dela, com o sangue que ia secando, mas ela não se encolhia nem se retorcia com a dor. Ajoelhou-se como ele, em sua direção, mas de cabeça baixa.

– Olhe para mim, criança.

Ela obedeceu. Hurlo se permitiu espiar profundamente aqueles olhos assombrosos de um modo que não tinha feito antes.

– Vejo a escuridão em você. Não é de surpreender. Escuridão atrai escuridão.

Ela continuou sem responder.

– Isso assusta você? Essa escuridão que habita seu interior?

A expressão dela permaneceu fixa, mas lágrimas brotaram de seus olhos.

– E se eu pudesse lhe ensinar a controlar essa escuridão? A usá-la para se tornar uma guerreira?

Seu coração começou a acelerar no momento em que disse essas palavras. Ele propunha algo proibido pelo *Livro das tormentas* e pelos códigos da ordem vinchen. Ao mesmo tempo, viu o rosto da menina se iluminar como o primeiro alvorecer de um mundo novo, e soube que cumprir essa promessa valeria qualquer risco.

– Gostaria que eu lhe ensinasse isso?

– Sim, por favor! – respondeu ela, agora com as lágrimas escorrendo livremente pelo rosto.

– Sim, *grão-mestre* – corrigiu ele.

– Sim, grão-mestre.

– Não vai ser fácil. Você vai sofrer muito durante o caminho. Pode até haver ocasiões em que vai me odiar e me considerar quase tão cruel quanto Racklock. Ainda quer aprender?

– Ah, quero, grão-mestre! – gritou ela, com o rosto molhado e vermelho.

– Ótimo. Então vamos começar sua primeira lição.

– Estou pronta, grão-mestre!

Seu corpo se retesou, como se ela mal pudesse se conter.

– Sua primeira lição é respirar.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente e fez uma pausa.

– Só respirar, grão-mestre?

– Respirar é a coisa mais importante. É a própria vida. Até que você domine isso, não poderá fazer nada. Um guerreiro não pode se entregar ao júbilo sem controle, assim como não pode se entregar ao terror sem rédeas. É verdade que não podemos nos impedir de ter emoções, mas podemos optar por não nos deixar levar por elas. Então, neste momento, você deve respirar lentamente e ficar calma.

– Sim, grão-mestre.

O velho e a menininha permaneceram ajoelhados frente a frente, e o templo ficou silencioso a não ser pelo som das respirações.

4

Sadie sabia que não era capaz de manobrar um navio, nem mesmo uma chalupa pequena como o *Vento Selvagem*. Muito menos acompanhada apenas de um garoto de 8 anos. O problema era que, agora que tinha sido envergonhada no Rato Afogado, nenhum dos seus conhecidos iria querer qualquer vínculo com ela. Para reunir uma tripulação, Sadie precisaria olhar mais longe e trazer pessoas desconhecidas, de fora do Círculo do Paraíso.

Tinha alguns contatos na Ponta do Martelo, onde não davam a mínima para Madge Suspensórios nem para o Rato Afogado – nem para a vergonha, por sinal. Mackey Touro era um lutador de queixo quadrado com quem ela havia passado algum tempo na prisão dos Penhascos Vazios. Ele trouxe um vaga magro, de olhos fundos, chamado Aranha, primo ou namorado dele, ou talvez as duas coisas. Ela também conhecia algumas pessoas em Costas de Prata, da época em que tinha trabalhado como mula de drogas para Jix Guindaste. Avery Gaiola era um ator quase tão bonito quanto achava que era. Wergishaw era mudo mas eficiente se houvesse uma encrenca, e tocava uma música boa demais na rabeca.

Fazia muito tempo que Sadie não precisava convencer nenhum homem de que ela era tão capaz quanto ele, provavelmente *mais capaz*. A reputação de Sadie Cabra falava por si só, por isso estivera tão desesperada para mantê-la. Agora tinha voltado à estaca zero. Mas já havia feito isso uma vez. Não seria diferente na segunda. Assim, uma semana depois, ela conseguira reunir uma tripulação. Só havia um problema: nenhum tripulante sabia navegar. Isto é, até que Finn apareceu.

Era uma rara manhã de sol em Nova Laven. Sadie estava no convés do *Vento Selvagem*, ainda atracado no cais. Segurava uma corda e olhava furiosa para a tripulação.

– Ninguém sabe para que serve esta maldita corda?

– Eu achei que ela subia pela frente, em algum lugar – disse Mackey Touro.

– Não, eu vi que ela estava amarrada do lado direito – rebateu Aranha.

– Quem foi que tirou ela dali, então? – perguntou Sadie.

– Desculpe, eu tropecei nela – disse Avery Gaiola.

Sadie o encarou irritada.

– Achei que atores deveriam ser graciosos.

– Na verdade, isso se chama cabo, e não corda – disse uma voz nova, um tanto ríspida mas animada. – Além disso, a frente de um barco se chama proa, e o lado direito, quando se está virado para a proa, chama-se estibordo.

Havia um homem no convés, sorrindo para eles. Sua pele era muito bronzeada, como se tivesse passado tempo de mais sob o sol, e ele usava uma camisa de marinheiro, larga, de linho, além de um tapa-olho.

– É mesmo? – perguntou Sadie, voltando o olhar para esse estranho. – Que interessante.

O sujeito pareceu não se abalar com seu tom de voz.

– Você não se lembra de mim, não é?

Sadie franziu os olhos para ele.

– Deveria me lembrar?

– Nós dois tombamos umas vezes no beco atrás do Salão da Pólvora. – Ele esperou, cheio de expectativa. Depois de um momento acrescentou: – Na época eu tinha os dois olhos.

Sadie coçou o cabelo embolado, depois balançou a cabeça.

– Não. Já vi um monte de paus naquele beco. Não posso dizer que me lembro de você.

O sorriso dele se tornou hesitante.

– Mas você é um vaga do Círculo, então?

Voltou a sorrir com confiança.

– Nascido e criado. Para sua sorte, fui para o cais há um tempo e comecei a trabalhar nos navios.

– Por que "para minha sorte"?

– Ouvi dizer que tinha uma dona montando uma tripulação para um novo empreendimento. Parece que você tem uns vagas bons aqui, mas precisa de alguém que saiba se virar num navio.

– E esse alguém é você?

– Sim!

Sadie pensou por um momento.

– Qual é o seu nome?

– Nestas docas eles me chamam de Finn.

– É, bom, eu vou chamá-lo de Finn Perdido.

– Por quê? Por causa do olho que perdi? – perguntou ele.

– Não. Porque você demorou a maldita semana toda para chegar enquanto eu tentava dar um jeito nesta banheira! – Ela estendeu a mão. – Bem-vindo ao *Vento Selvagem*.

O sorriso dele ficou mais largo quando pegou a mão dela e subiu a bordo.

– Que tipo de empreendimento é este, afinal?

– Ah, eu não disse? Pirataria. Vamos saquear o litoral.

– Pirataria? – perguntou Finn Perdido. – Em Nova Laven? Isso nunca foi feito antes.

Sadie deu um tapa nas costas dele.

– E é por isso, meu vaga, que vai dar certo.

Fiel à sua palavra, Finn Perdido sabia se virar num navio e fez com que ajustassem as velas em poucas horas. Instruiu cada membro da tripulação a fazer as tarefas e ajudou Sadie a determinar o curso ao longo do litoral.

– Então é isso. – Finn enrolou o mapa. – Estamos prontos para zarpar.

– Ainda não. – Sadie bateu com o dedo na carta náutica. – Meu melhor vaga está fazendo um servicinho para mim. Deve voltar a qualquer momento.



Red estivera sentado do lado de fora da Mãe do Marinheiro o dia todo, bancando um mendigo enquanto esperava um objetivo adequado. Tinha até mesmo ganhado alguns cobres quando o sol começou a se pôr e finalmente viu o que estivera procurando: um homem um tanto pequeno usando chapéu grande de capitão e botas resistentes, de couro preto, que iam quase até os joelhos.

Esperou até que ele entrasse na estalagem, depois enfiou rapidamente no bolso os cobres que ganhara e foi atrás dele. Entrou a tempo de ver as botas pretas subindo a escada em direção aos quartos.

– Ei, garoto! O que está fazendo?

Backus se inclinou por cima do balcão, olhando-o com desconfiança.

– Ah, é… – Red percebeu que devia ter pensado num álibi. – Aquele é o meu… é… meu tio…

– Não, eu me lembro de você. É aquele garoto de olhos vermelhos que anda atrás da Sadie. O que está querendo? – Ele saiu de trás do balcão e começou a arregaçar as mangas. – É melhor não aprontar nada com meus fregueses.

Red estava nas ruas por tempo suficiente para entender quando uma surra se aproximava. Ele saiu correndo porta afora, para a segurança da rua. Escondeu-se atrás de uma carroça e olhou por entre os raios da roda, para ver se Backus viria atrás. Esperou alguns minutos antes de decidir que o perigo havia passado. Mas e agora? O que deveria fazer? Não ia conseguir passar pela porta da frente sem que Backus o visse. Mas também não poderia voltar ao navio. Sadie tinha dito que queria um chapéu e botas de capitão. Era a chance de Red provar que era suficientemente bom para ser um tripulante. Que não era um caso de caridade.

– O que está fazendo, Rixie?

Red ergueu os olhos e viu Rolha, o garoto de sua antiga quadrilha, que era um péssimo batedor de carteiras e não parecia muito inteligente. Mas era bem mais alto do que qualquer outra criança da sua idade, por isso todas faziam o que ele mandava.

– Agora meu nome é Red – disse cheio de confiança.

– Quem disse?

– Sadie Cabra.

– Ah. – Rolha pareceu impressionado. Era esperto a ponto de conhecer o nome, mas felizmente não tanto a ponto de saber que ela fora envergonhada havia pouco. – Está com ela agora?

– É, por isso não tenho tempo para… – Ele deixou o resto no ar quando uma ideia lhe veio. Olhou para Rolha, avaliando, e um sorriso surgiu em seu rosto. – Diga, Rolha, meu vaga. – Ele pôs a mão no ombro do garoto, tentando assumir aquele jeito casual que Sadie assumia sempre que queria que Red fizesse alguma coisa para ela. – Que tal me ajudar com um trabalhinho para a Sadie?

– Eu? – Os olhos de Rolha se arregalaram. – Ajudar Sadie Cabra?

– Isso mesmo. Eu digo a ela que você é um vaga de verdade.

– Certo, o que preciso fazer?

– Venha atrás de mim.

Ele levou Rolha pela rua até a Mãe do Marinheiro, depois para o beco lateral e deu a volta até os fundos da estalagem. O sol já havia se posto e o beco estava escuro, a não ser pela luz que vinha dos quartos ocupados.

– Está bem escuro aqui atrás – disse Rolha.

– Nem tanto – respondeu Red distraidamente, enquanto examinava as janelas iluminadas. Viu seu alvo no segundo andar, uma janela à esquerda do centro. – Certo, Rolha. Fique aqui. – Ele posicionou o garoto embaixo da janela. – E junte as mãos, assim.

Ele mostrou as próprias mãos com os dedos trançados. Rolha o imitou.

– E agora?

– Vou correr na sua direção e você vai me dar um impulso até a janela.

Rolha olhou para a janela.

– Não sei se consigo fazer você saltar tão alto.

– Ótimo, então que tal até aquela saliência pequena, embaixo dela?

Rolha forçou a vista.

– Não estou vendo saliência nenhuma.

– Você não veria uma pilha de bosta de cavalo pegando fogo nem se ela fosse jogada contra você.

– Veria, sim.

– Acredite. Ela está lá. Me dê um impulso e eu a agarro.

Rolha deu de ombros e estendeu as mãos. Red recuou até onde o beco estreito permitia, depois correu e se lançou nas mãos de Rolha. Ao mesmo tempo que Rolha fazia força para cima, Red saltou e foi arremessado no ar.

Rolha estava certo ao dizer que a janela era alta demais, mas Red ultrapassou a saliência embaixo e bateu de cara num trecho liso da parede. Engoliu o gemido enquanto tentava encontrar qualquer ponto de apoio. Seu estômago se revirou e ele se viu caindo. Então os dedos dos pés encontraram uma saliência. Houve um momento em que seu corpo começou a se inclinar para trás, no ar, mas ele se endireitou e dobrou os joelhos para fora, como tinha visto lagartos fazerem ao grudar nas paredes, encontrou então uma forma de se equilibrar.

– Olha só… Tinha *mesmo* uma saliência – observou Rolha. – Mas como você vai alcançar a janela em cima?

Red ainda não tinha chegado tão longe no plano. Inclinou a cabeça para cima e tentou avaliar a distância. Parecia estar suficientemente perto, caso saltasse. Se errasse o pulo, não parecia provável que conseguiria pousar na saliência. Não tinha um ângulo limpo para ver qual seria o tamanho da queda, e provavelmente era melhor assim. Não deixaria Sadie na mão. Precisava fazer isso. Então dobrou os joelhos ainda mais, com a barriga e a parte interna das coxas grudadas na parede áspera.

– Você não vai… – começou Rolha.

Antes que ele pudesse terminar a frase, Red se lançou no ar, os braços o mais esticados possível, os dedos se esforçando na direção do parapeito. E o agarrou.

– Cacete! – disse Rolha, espantado.

Red ficou pendurado no parapeito pelos dedos, as botinas roçando na parede enquanto tentava encontrar ao menos um apoio momentâneo para se segurar melhor. Seus dedos já estavam ardendo de fadiga e ele não acreditava que conseguiria se segurar por muito tempo. A dúvida e o medo começaram a tomar conta dele. Mas então se lembrou do dia em que tinha começado a pintar para a mãe. Tinha olhado para ela, implorando em meio às lágrimas de frustração.

– Não sei desenhar igual à senhora!

Ela o olhou com aquele seu risinho de quem sabia das coisas.

– Se você acredita que vai conseguir, sempre há uma chance de conseguir. Mas se acha que vai fracassar, vai fracassar *sempre*. Nunca se permita perder antes de começar.

Red ainda não tinha caído, mas o espectro da dúvida continuava. Precisava pensar em alguma outra coisa. Seus dedos pegavam fogo, latejando de tanta dor que ele estava à beira das lágrimas. Então uma nova imagem lhe veio à mente. Sadie rindo para ele, o rosto riscado com o sangue de marinheiros mortos. "Sabia que você tinha alguma fibra por baixo de toda essa moleza." Moleza… Ele tinha visto a mãe morrer, depois o pai. Tinha sobrevivido nas ruas de Costas de Prata, depois em Nova Laven. Mostraria a ela que não existia um grama de moleza nele. Trincou os dentes e puxou lentamente o corpo até o parapeito da janela.

– Você conseguiu, Rix… quero dizer, Red! – exclamou Rolha.

– Cale a boca ou vai acabar me entregando – sussurrou Red, fingindo uma confiança que não sentia.

Depois olhou pela janela e viu um novo problema. Ele presumira que o capitão tinha ido dormir. Mas agora que podia enxergar dentro do quarto, sob o fraco luar, percebeu que o capitão estava na cama, mas com uma mulher.

Red sabia sobre sexo, claro. O filho de um prostituto não passaria muito tempo da vida sem saber um pouco da verdade. Tinha perguntado por que a gata da vizinhança havia engordado tanto, e seu pai explicou casualmente que ela estava grávida. Red era uma criança curiosa, disparando uma

saraivada de perguntas para o pai até que chegaram ao ato do sexo humano. O modo como o pai explicou levou Red a acreditar que era um ato calmo, gentil, que implicava muitas palavras pronunciadas com afeto.

Não era isso que ele via agora pela janela.

O capitão se apoiava nos braços, a cabeça careca brilhando de suor e a pele dos ombros cabeludos desbotados pelo luar. Ele estava virado para a janela, mas mantinha os olhos fechados com força, como se sentisse dor. Sacudia a parte de baixo do corpo contra a mulher embaixo dele. Por causa do ângulo, Red só podia ver a nuca da mulher, um seio grande parecendo uma almofada e o braço que pendia frouxo ao lado da cama. Por um momento se perguntou se ela estaria consciente. Mas quando encostou o rosto na janela ouviu, junto com os grunhidos ásperos do capitão, uma voz feminina fina e esganiçada dizendo:

– Ah, isso! Me dá esse pau grande e grosso!

Red concluiu que o sexo era uma experiência bem estranha. Mesmo assim, com todo aquele barulho e agitação, havia uma boa chance de ele entrar e sair sem ser notado.

Virou a cabeça para trás.

– Esteja preparado para me ajudar a descer.

– Como? – perguntou Rolha.

– Só… fique preparado para fazer o que eu mandar – respondeu Red, porque ainda não tinha ideia de como desceria.

Então abriu a janela com cuidado. Entrou no quarto e engatinhou até o lado da cama onde as botas e o chapéu do capitão tinham sido largados, junto com o resto da roupa. Os gritos de sexo estavam ficando mais altos e a cama começava a ranger, protestando, à medida que os movimentos do capitão começavam a ficar mais frenéticos. Red colocou o chapéu e as botas dentro do casaco e o enrolou formando uma trouxa fácil de carregar.

Pronto para fugir, arriscou um olhar para a cama. Agora podia ver o rosto da mulher, de bochechas redondas e vermelho. Mas ela olhava para o teto com uma expressão de indiferença absoluta ao mesmo tempo que gemia e gritava, como se fosse uma atriz entediada com o papel. Seu pai sempre havia falado da paixão e da ternura no sexo. Será que tinha mentido? Red havia notado que os adultos mentiam num esforço para protegê-lo. Pelo menos faziam isso até ele ir para o Círculo do Paraíso. Talvez por isso ele gostasse tanto dali. Era um lugar mais severo e maligno, mas ninguém o tratava como se ele fosse feito de vidro.

Então o olhar de tédio da mulher passou do teto para Red. Ele havia esperado demais. Os olhos dela se arregalaram e ela gritou, desta vez com sentimento genuíno:

– Uma criança! Tem uma criança no quarto!

Red saltou para a janela com a trouxa embolada junto ao peito. Se o capitão estivesse mais alerta poderia tê-lo segurado facilmente pela perna ou mesmo pelas costas da camisa, e isso seria o seu fim. Mas o homem estava bem no meio do orgasmo e parecia indiferente a tudo. Até que a mulher lhe deu um tapa na cabeça.

– Ele está roubando sua roupa, seu marreta! – gritou ela.

Nesse momento, Red estava saindo pela janela. O rosto do capitão se franziu de fúria enquanto ele tentava alcançar o garoto, mas as pernas se embolaram nos cobertores e ele caiu no chão, nu e xingando.

– Me seguraaaa! – gritou Red, saltando pela janela.

– O quê?

Rolha estendeu os braços instintivamente e ficou olhando perplexo Red despencar e bater nele. Os dois caíram nas pedras do calçamento embolados e ficaram ali, atônitos, até que o capitão, com o peito peludo arfando, começou a xingá-los da janela.

Red se esforçou para ficar de pé. Segurou a trouxa embaixo do braço enquanto ajudava Rolha a se levantar.

– Quebrou alguma coisa? – perguntou.

Rolha balançou a cabeça, ainda atordoado.

– Então *corre*!

Os dois partiram pelo beco, deixando para trás os gritos do capitão furioso. Correram por vários quarteirões até chegarem numa esquina, ofegando e rindo feito loucos.

Rolha apontou o dedo bem diante do rosto de Red.

– Você é completamente escorreguento.

Red decidiu que gostou de Rolha chamá-lo de escorreguento, por isso seu riso ficou mais intenso.

– Posso até ser, mas o prêmio é meu!

Ele levantou a trouxa com orgulho.

– Pra que você precisa disso?

– É para a Sadie. Vamos embora do Círculo do Paraíso.

– Vão embora do Círculo?

Rolha o encarou sem entender.

– Sadie arranjou um navio e a gente vai ser pirata!

– Pirata? Tipo Dire Bane, o Calamidade?

– Claro, tipo Dire Bane – disse Red, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. E apertou a mão de Rolha. – Bom, meu vaga. Você me ajudou um bocado. Vou contar a Sadie sobre o que fez. Vejo você por aí.

Partiu em direção ao cais, com a trouxa enfiada debaixo do braço. Quando chegou ao *Vento Selvagem* viu que o cordame estava ajustado e as velas presas ao mastro, prontas para ser enfunadas.

– Já estava passando da hora – disse Sadie enquanto o ajudava a subir a bordo. – Comecei a imaginar se o serviço que lhe dei era difícil demais.

Red entregou a trouxa a Sadie.

– Olha, consegui um chapéu, botas *e* um casaco!

– Ora, ora. – Sadie desenrolou a trouxa e examinou o conteúdo. – São ótimos, e valeram a espera. Você foi muito bem, Red. Acho que tive razão em confiar em você, afinal de contas.

O rosto de Red se iluminou de prazer.

– Teve algum problema para conseguir tudo isso?

O rosto de Red ficou vermelho.

– Ah, bem…

Sadie franziu a testa.

– É melhor não haver um esquadrão de capetas prestes a cair sobre a gente.

– Não, não é nada disso – disse Red rapidamente. – É só que… quando eu estava roubando essa coisa, o capitão estava tombando com uma dona. Não foi nem um pouco como o meu pai disse que era. Foi barulhento, feio e nada amigável.

Sadie gargalhou.

– Não se preocupe com isso, meu vaga. Existem tantos modos de tombar quanto de bater uma carteira. Vou explicar direitinho quando você for mais velho. Agora vá dormir um pouco. Vamos zarpar ao amanhecer.



A luz vermelha do alvorecer brincava na água quando o *Vento Selvagem* zarpou do litoral de Nova Laven. Finn Perdido estava ao timão e Sadie, a Rainha Pirata, caminhava pelo convés em seus atavios de capitã. As botas

precisaram ser apertadas nos tornozelos com tiras de couro para não ficar escorregando, a pena no chapéu de aba larga tinha sido amassada durante o roubo, e o casaco era grande demais. Mas nenhum tripulante comentou nada.

– A senhora está nos trinques, capitã – elogiou Finn Perdido quando ela veio saracoteando até ele junto ao timão.

– Não é mesmo? – concordou ela. – Quando poderei mostrar tudo isso?

– Logo vamos chegar à baía do Marceneiro em Costas de Prata. Entre a baía e Salto Fundo vamos encontrar um monte de rendados em iates fazendo um passeio à tarde.

– Pedra Angular também fica por lá – disse Sadie.

– Verdade, mas a guarnição militar de Pedra Angular é quase toda de terra. Eles têm alguns navios procurando contrabandistas, mas nada de que não possamos escapar.

– Então vamos pegar uns rendados!

Passava pouco do meio-dia quando viram a primeira vítima: um iate navegando paralelo à costa.

– Preparem-se, vagas! – gritou Sadie enquanto partiam na direção do barco.

Ela pegou sua luneta e viu três homens com finas camisas brancas e casacos artisticamente bordados, o cabelo encaracolado com primor, os rostos finos absolutamente perplexos ao ver o *Vento Selvagem*.

Finn Perdido virou o timão de modo a fazerem uma ampla curva até estarem lado a lado com o iate.

– Lancem os arpéus! – gritou Sadie.

Avery Gaiola, na proa, e Aranha, na popa, lançaram ganchos com um cabo preso. Os ganchos se cravaram na madeira macia do convés do iate.

– Puxem! – gritou Sadie.

Avery Gaiola e Aranha puxaram seus cabos até que o lado de bombordo do iate bateu no lado de estibordo do *Vento Selvagem* com um estalo forte.

– Vamos precisar de algumas defensas… – murmurou Finn Perdido.

– Mackey Touro e Wergishaw venham comigo – ordenou Sadie desembainhando seu alfanje e entrando no iate.

– Vejam só, meus afortunados – disse um rendado ao outro. – Acho que fomos abordados por piratas.

– Demorou um bocado para entender – retrucou Sadie enquanto apontava a ponta do alfanje para a garganta do sujeito. – Achei que teria de

explicar.

– Moça, a senhora não pode simplesmente entrar assim a bordo do navio de um homem! – disse o rendado.

– Acho que você não captou bem a situação, afinal de contas.

Sadie baixou a lâmina com força, cortando a camisa dele e deixando uma fina linha vermelha que começou rapidamente a minar sangue. O rosto do homem passou da petulância ao terror.

– Sou a capitã Sadie, a Rainha Pirata. Essas águas são *minhas* e eu vou aonde quero e pego o que quero. Fechou?

– Não precisa me *machucar* – disse o rendado, apertando o peito que sangrava.

– Alguém cale esse pingo de pau antes que eu perca meu espírito generoso – disse Sadie.

Wergishaw acertou calmamente o rendado na cabeça com seu porrete. Os olhos do rendado se reviraram e ele despencou no convés.

– Mais alguma reclamação? – perguntou Sadie aos outros dois rendados.

Não se passou muito tempo até tirarem todos os objetos de valor do iate e partirem. Red tinha recebido ordem de ficar no navio durante a abordagem. Em troca, Sadie permitiu que ele separasse o saque. Ele se sentou no piso da cabine minúscula da capitã e separou a prata do ouro, assim como as coisas que poderiam ser vendidas facilmente das coisas de valor questionável que precisariam ser avaliadas.

– Eu não sabia que homens usavam joias – disse ele segurando um anel de ouro com uma opala reluzente refletindo a luz do sol que passava pela porta.

– Homens rendados.

Sadie estava deitada em sua cama, sem se incomodar em tirar o casaco ou as botas.

– Parecem bastante inúteis – disse Red.

– Você deveria ver as mulheres. Nem trabalham. Só ficam sentadas em casa, o dia inteiro à toa. Fico enjoada só de pensar.

– Como você sabe tanta coisa sobre os rendados? – perguntou Red.

– Eles costumavam vir o tempo todo ao Círculo do Paraíso quando eu era pequena. Todo dia você podia rolar um para ganhar moedas.

– O que eles faziam no Círculo do Paraíso?

– Isso foi na época em que Yorey Cetim comandava o Círculo. Ele tinha um monte de salões de dança e teatros. Lugares chiques que os rendados

adoravam.

– O que aconteceu com todos eles?

– Yorey foi assassinado. Jix Guindaste assumiu o controle, e ele não reconheceria um salão de dança chique nem se o salão mijasse na boca dele. Os capangas dele transformaram o Círculo no que é hoje. Vai acabar sendo assassinado um dia também, e outro vai assumir o comando. Só podemos esperar que esse outro seja melhor e não pior.

– Por que *você* não assume o comando, Sadie?

Ela gargalhou.

– Talvez eu faça isso. Primeiro o litoral, depois o Círculo.

Red olhou para ela, solene.

– Eu ainda vou ser seu melhor vaga?

– Vem cá.

Ela se inclinou e lhe deu um peteleco forte no nariz.

– Ai! – Ele o esfregou.

– Você será meu melhor vaga até a morte.

5

A biblioteca de Ermo dos Ventos era uma das maiores do império, mas era de pouca utilidade. Pelo menos até Bleak Hope aprender a ler.

– O senhor acha que poderei aprender essa habilidade, grão-mestre? – perguntou Hope enquanto os dois estavam na biblioteca.

O cômodo não era maior do que o alojamento de Hurlo, mas estava apinhado do chão ao teto com rolos, livros e pilhas de pergaminho.

– Por que não aprenderia? – perguntou Hurlo enquanto pegava um grosso volume encadernado.

– Ninguém na minha aldeia sabia ler. Nem Shamka, nosso ancião. E eu sou só uma menina.

Hurlo a encarou.

– Nunca mais você vai dizer "sou só uma menina". Você é minha aluna. Vai fazer o que eu mandar e aprender o que eu ensinar. Sem desculpas. Entendeu?

Hope baixou o olhar para o chão.

– Sim, grão-mestre.

Ele sorriu.

– Excelente. Então vamos começar com isto. – Ele estendeu o livro. – *A história de Selk, o Bravo, fundador da ordem vinchen*, volume um.

A princípio foi um aprendizado vagaroso. Hurlo achava que faltava a Hope confiança, e não inteligência. Assim que ela venceu esse obstáculo, seu apetite pelo conhecimento se mostrou sem limites. Ela devorou os cinco volumes da história de Selk, o Bravo, seguidos rapidamente pelos três volumes de Manay, o Verdadeiro. Terminou todos os dez volumes da *Breve história do império* em menos de um mês.

Assim que Hurlo ficou satisfeito vendo que ela tinha uma percepção da história, entregou livros sobre geografia e biologia. Este último campo de estudos pareceu provocar a paixão de Hope.

– Grão-mestre!

Ela irrompeu no quarto dele uma tarde segurando um livro velho, com a encadernação quase desfeita. Seus olhos estavam arregalados. Hurlo estivera

meditando. Em vez de interromper o processo, espantado e desequilibrado, ele simplesmente permitiu que ela entrasse em sua meditação. Fechou os olhos de novo e disse baixinho:

– Sim, criança?

– O senhor sabia que *ninguém* sabe como as cobras se movem?

– Sim, criança.

– Não pode ser por magia, não é?

– É improvável.

– Então deve haver um *motivo*. Só não foi descoberto ainda.

– Sim, criança.

– Temos alguma cobra na ilha, grão-mestre? Talvez *eu* possa descobrir isso!

Hurlo deu um sorriso leve, os olhos ainda fechados.

– Pode tentar.

Afinal, de que adiantava o conhecimento de um livro sem aplicação prática? E quando Hope finalmente pegou uma cobra e a estudou, pode não ter descoberto como ela se movia, mas aprendeu a tratar uma picada de cobra.

Os outros monges não entendiam o súbito interesse de Hurlo pela educação da garota. Nesse tempo já a haviam aceitado como parte de sua vida, mas só como serviçal. Quase todos os vinchen vinham de famílias de classe alta que empregavam serviçais, de modo que isso não era difícil para eles. Mas a ideia de educar uma serviçal era espantosa. Alguns o consideravam gentil; outros, indulgente; outros ainda achavam que ele estava caindo na senilidade; e havia até quem suspeitasse de que ele tivesse motivos inconfessáveis, como a lascívia. Nenhum monge esperava que ele tivesse sucesso. Assim, foi um choque razoável quando o velho irmão Wentu a descobriu numa tarde fria de inverno enrolada perto do fogão com um exemplar da *História das transações econômicas durante o reinado do imperador Bastelinus.*

Hurlo não se incomodava com o choque, as especulações nem as fofocas. Ainda que isso criasse uma pequena inquietação no mosteiro, também distraía os irmãos do crime muito mais grave que ele estava cometendo. Nem mesmo sua autoridade se estendia a ponto de sancionar o treinamento de alguém do sexo feminino como um guerreiro vinchen. Assim, ainda que abertamente treinasse a mente dela durante o dia, era à noite, enquanto o resto da ordem dormia, que ele treinava seu corpo.



Hope descobriu que era no lado leste do mosteiro que os guerreiros vinchen treinavam. O lugar tinha uma armaria, uma ferraria e um pequeno curtume. Mas a maior construção era um salão de treino de lutas, longo e retangular. As paredes eram portas deslizantes que podiam ser abertas nos meses quentes. O piso era de pinho liso, muito mais suave do que a pedra preta e dura que compunha a maior parte dos pisos do mosteiro.

À noite, enquanto os outros monges dormiam, Hurlo levava Hope para o salão de lutas, onde a fazia passar por uma série de exercícios para aumentar a força, a energia e a agilidade. Durante vários meses era só isso que faziam, porque no final ela estava exausta demais para qualquer outra coisa.

Assim que ela se tornou capaz de realizar os exercícios a ponto de satisfazer Hurlo e ainda ter energia para se mover, ele começou a ensinar combate corpo a corpo. A princípio isso implicava acima de tudo dar socos e chutes num boneco estofado. Mas, à medida que sua técnica foi ficando mais apurada, ele começou a lutar com ela diretamente. A menina ficava pasma com a agilidade do velho. Lutava com ele todas as noites durante horas e se passou quase um mês antes que ele precisasse ao menos bloquear um dos seus golpes.

Por mais que soubesse como esse treino era valioso, havia algo que ela desejava ainda mais. Uma noite, quando tinham terminado de lutar e Hope enxugava o suor do corpo com um trapo grosso, ela disse:

– Grão-mestre, quando poderei usar uma espada?

Ele ficou parado olhando o céu noturno pela janela. Nenhuma vez, nos meses em que treinavam, ele havia suado ao menos um pouco.

– Por que pergunta?

– Não sei.

Ela abriu e fechou a mão, incapaz de expressar em palavras o desejo de segurar uma arma. Ele deu as costas para a janela e a encarou por um momento.

– Venha comigo.

Ela o acompanhou do salão de treino até o pátio. O ar da noite secou rapidamente o suor e provocou um arrepio em suas costas. Ele a levou para dentro do templo. As luzes não eram mantidas acesas à noite, mas as velas no altar continuavam sua dança tremeluzente. Sob essa luz ela o viu indicar

o tapete de meditação diante do altar. Ela se ajoelhou em silêncio no tapete enquanto ele ia até atrás do altar e abria o mesmo armário de onde Racklock tinha pegado a bengala. Hope sentiu uma ondulação de medo ao ver isso, mas se censurou. O grão-mestre Hurlo jamais bateria nela por ter simplesmente feito uma pergunta.

Em vez de uma bengala, Hurlo tirou do armário uma espada embainhada. Segurou-a com reverência nas duas mãos, paralela ao chão, enquanto a trazia para a frente do altar e se ajoelhava diante de Hope. A bainha era de madeira preta e laqueada, incrustada com desenhos em ouro. O cabo era entrecruzado por um tecido preto e branco, e o punho e o botão eram de ouro.

Ele tirou lentamente a espada da bainha. Enquanto fazia isso, a lâmina zumbiu baixinho.

– Esta espada se chama Canção dos Lamentos. É uma das mais bonitas que já vi.

Ele moveu a espada lentamente pelo ar, e de novo a lâmina zumbiu. Os olhos de Hope brilharam ao ver o lustro frio, lindo, da lâmina.

– Por que ela faz esse som?

– Foi forjada pelo biomante Xunera Ray para Manay, o Verdadeiro, na época em que os biomantes e os vinchen ainda trabalhavam juntos pelo bem do império. O método de sua criação se perdeu, mas dizem que a Canção dos Lamentos se lembra de cada vida que ela tira, e o som que você ouve… – Ele passou a lâmina pelo ar outra vez, agora mais depressa, e o zumbido saiu mais alto, com um ar solene, choroso. – É a perda que ela sente com cada morte.

– Uma espada pode mesmo se lembrar e sentir? – perguntou Hope.

– Não sei. Meu mestre, Shilgo, o Sábio, acreditava que sim, mas ele também admitiu que não tinha prova disso. Só temos certeza de que não existe motivo lógico para ela fazer esse som. – Ele embainhou a espada e o zumbido se interrompeu abruptamente. – Agora, você perguntou quando vai aprender a usar uma espada.

Ele estendeu a Canção dos Lamentos para Hope.

– Eu… posso tocá-la?

– Segure-a.

Ela pegou a espada. Era muito mais pesada do que esperava.

– Segure pelo cabo – instruiu Hurlo.

Hope mudou a posição das mãos para o cabo preto e branco. A ponta da espada baixou imediatamente para o chão.

– Quando você conseguir segurar esta espada virada para cima, vamos começar seu treinamento com ela.

A espada parecia incrivelmente pesada, e a esperança de Hope despencou quase tanto quanto a arma.

– Sim, grão-mestre.

– Duvida de que seja possível?

Ela desviou os olhos, sem graça. Os guerreiros vinchen não duvidavam de si mesmos nem de seu professor.

– Ela é muito pesada, grão-mestre.

– É mesmo. Vai demorar para você ter força suficiente. Anos, imagino. Mas eu prometo, Bleak Hope. Quando você finalmente puder segurar uma espada assim, será de fato uma guerreira temível.

Uma guerreira temível. Hope não achava que poderia, mas enquanto olhava a espada em suas mãos soube que era exatamente isso que precisaria se tornar. Não importava quanto demorasse, nem quanto a jornada fosse difícil.



Depois de alguns meses, Hurlo percebeu que Bleak Hope estava começando a mostrar os sinais do treinamento, em particular na força e na tonicidade dos músculos. Para afastar as suspeitas, deu a ela um regime extenuante de tarefas matinais que incluíam o máximo de trabalho físico possível. Ela movia barris de cerveja e consertava móveis. Esticava couros para o curtidor e até ajudava o irmão responsável pela ferraria. Em alguns dias, quando não havia mais nada a fazer, ele a fazia mover uma pilha de pedras de um lado do prédio para outro.

Muitos irmãos viam o aumento na carga de trabalho de Hope como sinal de que Hurlo tinha começado a nutrir por ela a mesma aversão que eles sentiam. Ele deixou que pensassem assim. Mas nem todos os irmãos eram enganados tão facilmente.

Uma tarde, Hurlo estava sozinho no salão de treinos. A luz do sol entrava pelas portas deslizantes abertas, deixando o grão-mestre em silhueta enquanto ele se movia lenta e firmemente com uma pesada espada de

madeira, a respiração num encadeamento perfeito com o movimento. Hurlo não via diferença entre treinar com a espada e meditar.

– Posso treinar com o senhor, grão-mestre?

Racklock estava parado com os ombros largos preenchendo o espaço da porta. Segurava uma espada de madeira.

– Pode – respondeu Hurlo, terminando a última sequência. Ficou imóvel, a espada à frente do corpo, e se permitiu uma última respiração pacífica. Depois virou o corpo para encarar Racklock. – Venha.

Racklock chegou rapidamente com um golpe de cima para baixo, mas Hurlo o desviou, com as espadas de madeira estalando forte ao se tocar.

Hurlo sorriu.

– Como sempre, tentando me pegar desprevenido com esse primeiro golpe.

– Um dia vai dar certo, grão-mestre – disse Racklock. – E então saberei que chegou minha hora de comandar a ordem.

Ele golpeou de novo. Hurlo aparou o golpe outra vez.

– E o que você vai fazer, já que está tão ansioso para comandar a ordem?

Racklock executou uma série de ataques, todos bloqueados ou desviados por Hurlo.

– Vou nos tirar do exílio nesta rocha fria. Vou fazer com que sejamos de novo uma ordem respeitada e temida no império.

– Se o que deseja é respeito e medo, você já tem isso dos seus irmãos.

Racklock atacou de novo.

– Também quero poder. E fama.

– O poder eu entendo. – Hurlo bloqueava cada golpe. – Todos os homens anseiam por poder, nem que seja para proteger o que valorizam. Mas fama? Isso só vai lhe trazer infelicidade.

– Para *o senhor* é fácil falar, Hurlo, o Esperto. Seu lugar nas grandes histórias está garantido. Mas fico imaginando se o senhor não nos mantém aqui para que nenhum de nós tenha a oportunidade de ofuscá-lo.

O olhar de Hurlo endureceu e ele partiu para a ofensiva, dando uma sucessão de golpes que Racklock mal conseguiu defender.

– Você sabe por que nós permanecemos aqui. Desde que tenhamos objetivos contrários ao do imperador, as únicas opções são o autoexílio ou a insurreição. Você gostaria que nos puséssemos em choque direto com o imperador e seus biomantes? Isso faria o império em pedaços.

Racklock golpeou de volta com mais força.

– Ou poderíamos nos juntar a eles. O mundo mudou, velho. Devemos mudar também, para não perecer.

Hurlo deu um sorriso malicioso.

– Você não acha que estamos mudando?

Trocaram mais alguns golpes sem falar. Os estalos de madeira contra madeira ecoavam no salão de treino.

– O senhor andou castigando um bocado aquela garota com trabalho – disse Racklock. – Os outros acham que é porque o senhor não gosta dela. Mas eu sei que não é assim, grão-mestre.

– Uma carga pesada nas mãos ajuda a esquecer uma carga pesada no coração. Acredito que ela encontra a paz no trabalho.

– O senhor ficou muito benevolente na velhice.

– Fiquei gentil – disse Hurlo. – Há uma diferença.

Racklock se afastou e baixou a espada.

– O senhor tem outro plano sendo levado adiante, Hurlo, o Esperto. E tem alguma coisa a ver com aquela garota.

– Está certo. O plano é a reabilitação da minha alma.



Hurlo sempre tinha sido uma pessoa que falava com o coração. Muitas vezes dizia coisas e não sabia que eram verdadeiras até que estavam ditas. Sua famosa esperteza vinha em parte da capacidade de surpreender até mesmo ele próprio. Assim, quando contou a Racklock que Bleak Hope era a reabilitação de sua alma, não tinha pensado nisso antes. No entanto, no momento em que disse, soube que era verdade.

Naquela noite ele a levou ao litoral rochoso. O vento uivava com ferocidade, sacudindo os mantos pretos enquanto os dois permaneciam parados na estreita faixa de areia cinzenta, com os pés calçados em sandálias. Diante deles as ondas fortes se chocavam contra os blocos irregulares meio submersos na água escura.

– Está tão *frio*, grão-mestre!

Os braços de Bleak Hope estavam cruzados diante do corpo e ela tremia. Os olhos azuis estavam tão comicamente arregalados que Hurlo gargalhou.

– Sim, criança, está. E por quê?

A testa pálida de Hope se franziu.

– Como assim, grão-mestre?

– Por que está tão frio aqui agora, neste lugar?

– Ah, porque é inverno e estamos nas ilhas do sul, que são as mais frias do império.

– Correto. E o que aconteceria se viajássemos para o norte, de barco?

– Iria ficar mais quente pouco a pouco?

– É. Seus estudos estão indo bem. Agora, se viajássemos de barco, como saberíamos para onde fica o norte?

– Pelo sol, que nasce no leste e se põe no oeste.

– E se viajássemos à noite?

Ele sinalizou para o céu negro e púrpura.

– Eu… não sei, grão-mestre.

– Pelas estrelas. Não leu aquele livro de astronomia?

– Ainda não – admitiu Hope. – Achei que… não era importante. Que diferença as estrelas fazem para nós, aqui embaixo?

– Leia. Você vai aprender sobre as constelações. Imagens no céu que nunca mudam. Ali. – Ele apontou para um agrupamento de cinco pontas. – Aquela é o Punho de Selk, o Bravo. E ali. – Ele apontou para um pequeno agrupamento com uma fina linha de estrelas. – Aquele é o Kraken. – E se virou de volta para ela. – Aprenda essas formas. Memorize-as. Elas vão ajudar a guiar seu caminho.

– Guiar *nosso* caminho, grão-mestre – corrigiu Hope.

– Claro.

Hope olhou para o céu durante um tempo. Hurlo percebeu que ela estava deduzindo alguma coisa, por isso esperou.

– Eu vi um símbolo, grão-mestre. Uma forma oval preta com oito linhas saindo dela. Parece uma lula ou o kraken. O capitão que me trouxe aqui disse que era o símbolo dos biomantes.

– Ele estava certo – disse Hurlo baixinho.

Hope assentiu, ainda olhando o céu.

– O que *são* os biomantes, grão-mestre? Eles são mencionados com frequência nas histórias do império, mas nunca fica claro quem são. São feiticeiros? Ou homens santos?

– São cientistas. Místicos da biologia. Podem pegar criaturas vivas e alterá-las.

– Alterar como?

– Torná-las maiores ou menores. Por exemplo, antigamente os ratos-toupeiras eram coisinhas pequenas como camundongos. Você sabia disso?

Hope balançou a cabeça.

– Um biomante pode fazer uma coisa viva crescer, entrar em decadência ou transformá-la em algo totalmente diferente.

– Os biomantes são bons ou maus?

– Eles servem ao imperador, para o bem e para o mal.

– Os vinchen não servem ao imperador?

– Nós servimos ao *império*. Por isso vivemos e treinamos longe do palácio e de sua influência. Um imperador pode ser falho ou cruel. Mas o império é maior do que um homem. E sempre vale a pena lutar por ele. Talvez, quando chegar a hora, seja você quem vai corrigir o curso do império.

Então Hope olhou para o mestre. Seu olhar havia se suavizado durante os meses de treinamento, mas agora estava de novo como na noite em que Toa a trouxera para ele.

– Um biomante matou meus pais e todo mundo no meu povoado.

– Eu sei.

– É errado eu querer matar um serviçal do imperador?

– O que diz o código vinchen sobre a vingança?

Bleak Hope fechou os olhos, lendo o texto mentalmente.

– A vingança é um dos deveres mais sagrados do guerreiro. Pode ser rápida ou lenta, mas deve ser feita com honra. Quando um guerreiro confronta seu ofensor, ele deve dar seu nome e pedir o do oponente. O guerreiro deve declarar de modo explícito o motivo para a vingança e permitir que o outro se arme. A única vingança verdadeira é a morte do ofensor. Se o guerreiro fracassa ao fazer isso, é melhor morrer do que viver com a desonra.

– Você vai seguir este código? – perguntou Hurlo.

O vento golpeava o cabelo de Hope enquanto ela permanecia de olhos fechados.

– Sim, grão-mestre.

– Então você tem sua resposta.

6

Depois de um mês atacando iates dos rendados ao longo do litoral, começaram a se espalhar as notícias sobre Sadie, a Rainha Pirata. Os iates escassearam e as patrulhas imperiais começaram a aparecer. Os navios da marinha eram grandes e lentos comparados ao *Vento Selvagem*, por isso eram fáceis de ser evitados. Mas agora Sadie e sua tripulação precisavam encontrar novos alvos.

– Há ainda os navios mercantes – sugeriu Finn Perdido uma noite.

Sadie e ele estavam sentados na proa, olhando o sol se pôr em um tom avermelhado no horizonte e dividindo uma garrafa.

– É, cargueiros grandes e velhos – concordou Sadie, ansiosa. – Isso vai ser fácil.

– Fácil de pegar. Mas onde vamos colocar a carga? Além disso, para pegar esses navios precisamos parar de ficar perto do litoral e ir para águas mais fundas. E é onde os capetas da marinha podem nos pegar.

– Certo. E não existem cargueiros menores, que cheguem perto?

– Mais para o norte podemos ter alguma sorte. Muitos produtos de luxo vêm através do porto Radiante em Salto Fundo. Mas não conheço muito bem aquelas águas. Quem sabe o que podemos encontrar por lá…

– Foi a ousadia que nos trouxe até aqui. A ousadia é que vai nos levar mais adiante.

Subiram pela costa no dia seguinte. A manhã foi tensa, com os alojamentos militares de Pedra Angular surgindo a leste e grandes fragatas imperiais espreitando ao longo do horizonte a oeste. Mas eles tinham vento favorável e fizeram um bom tempo. À tarde tinham se afastado da maior concentração do poder imperial e chegado a Salto Fundo, ao norte, uma região pacífica e rica onde os rendados viviam em mansões gloriosas. A maioria das casas ficava muito longe do mar para estar à vista, mas de vez em quando uma era construída bem perto da praia. Sadie não pôde resistir a pegar sua luneta e olhar mais de perto para as torrinhas que se projetavam da água.

– Não me importaria de ter uma vista daquelas na minha casa – comentou Finn Perdido em seu posto usual junto ao timão. – O pôr do sol deve ser bem legal visto de lá.

Sadie fechou sua luneta e deu de ombros.

– Elas parecem legais vistas daqui também. Estava olhando para ver se havia alguma coisa boa de roubar nelas.

– E há?

– Claro. Mas há barras de ferro em tudo. E pelo modo como ela paira acima da água, seria complicado até mesmo para chegar perto.

– Provavelmente têm guardas também – disse Finn.

– Verdade. Por enquanto precisamos de alvos mais modestos.

Ao anoitecer, chegaram ao porto Radiante. Em vez de atracar, eles ancoraram numa pequena enseada logo ao norte.

– Achei que você tinha dito que não conhecia essas águas – disse Sadie.

– Eu disse que não conhecia *muito bem* – respondeu Finn Perdido. – Viajei em alguns navios que descarregavam mercadorias em Salto Fundo, mas não queria nenhuma inspeção de capetas no porto.

Na manhã seguinte, Avery Gaiola viu um navio mercante apenas ligeiramente maior do que o *Vento Selvagem* indo para o norte, a partir da baía Radiante.

– Içar âncora e enfunar velas – disse Sadie. – Vamos manter distância até chegarmos um pouco mais longe do porto.

O navio continuou indo para o norte ao longo do litoral até chegarem ao extremo norte de Nova Laven, então ele mudou de curso para nordeste.

– Ele está indo para mar aberto – disse Finn Perdido. – É melhor nos aproximarmos logo ou vamos ficar vulneráveis às fragatas dos capetas. Não seria preciso mais do que uns canhões daqueles para afundar este barco.

– Soltar a bujarrona! – gritou Sadie, que vinha aprendendo com Finn os nomes das velas.

Aranha desenrolou a vela da frente. Ela se retesou e o navio ganhou velocidade. Sadie examinou o navio mercante com sua luneta.

– Eles soltaram a bujarrona também. Parece que nos viram.

Finn riu.

– Vamos perseguir, capitã?

– Ah, vamos, Finn Perdido.

Perseguiram o navio mercante por quase uma hora, indo tão longe em mar aberto que Nova Laven se tornou apenas uma mancha escura no

horizonte. Mas ainda que os dois navios tivessem mais ou menos o mesmo tamanho, o mercante estava pesado com a carga. Pouco a pouco o *Vento Selvagem* se aproximou até ficar suficientemente perto para usar os arpéus. O que encontraram naquele navio não foram os rendados histéricos aos quais tinham se acostumado, e sim marinheiros experientes armados com facas, porretes e lanças.

– Enfim. – Sadie desembainhou seu alfanje. – Uma luta decente. Finn, deixo o navio com você. Red, fique na cabine. Todos os outros venham comigo.

Foi um ataque breve e sangrento. Wergishaw girava o porrete, rachando cabeças e rótulas. Avery Gaiola, com uma faca em cada mão, saltava de um lado para outro procurando pontos sensíveis como pescoços, barrigas e partes íntimas. Mackey Touro decepava mãos e cabeças com seu machado. Aranha atravessava corpos com sua lança. E no centro de tudo aquilo Sadie girava seu alfanje sem parar. Não importando quão experientes fossem aqueles marujos mercantes, não eram páreo para um punhado de vagas do Círculo do Paraíso, Ponta do Martelo e Costas da Prata.

– Vocês vão ser enforcados por causa disso! – gritou o capitão, um homem baixo, de rosto vermelho e barba rala.

Mackey Touro e Aranha o tinham encontrado escondido no meio da carga e o arrastaram até Sadie.

– Sério? – perguntou ela.

– Essas especiarias são para Pico de Pedra! Para o próprio imperador!

– Para o imperador, é? – Sadie pareceu impressionada. – Bom, então faça-me um favor e mande ao seu imperador uma mensagem de Sadie, a Rainha Pirata. – Ela olhou para Mackey Touro e Aranha. – Segurem-no.

Os dois riram enquanto estendiam o capitão no convés. Ele se debatia desesperadamente, mas não conseguia se soltar. Sadie passou a perna por cima dele e começou a levantar a saia.

– Que diabo você está fazendo? – perguntou o capitão.

– Aqui vai minha mensagem para o capitão.

Sadie se agachou e mijou no capitão inteiro, enquanto ele xingava e a tripulação gargalhava.



Naquela noite a comemoração foi turbulenta. Red estava acostumado a ver a tripulação do *Vento Selvagem* bêbada, inclusive Sadie. Mas aquela noite foi tão ruidosa e caótica que o deixou nervoso, por isso ele se retirou para a popa, onde Finn Perdido estava sentado olhando o céu cheio de estrelas.

– Por que não está comemorando com o resto da tripulação? – perguntou Red.

– Um marinheiro aprende que aqui, em mar aberto, qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento. É sempre melhor ter alguém de vigia.

Vários tripulantes berraram algo incoerente. Finn e Red se viraram e viram Sadie dar um soco tão forte no nariz de Avery Gaiola que o nariz dele começou a sangrar. Então ela o agarrou pelo colarinho e lhe deu um beijo com força, com o sangue borrando todo o rosto dela.

– Você gostaria de não ter que ficar de vigia? – perguntou Red.

Finn Perdido deu de ombros e se virou de novo para as estrelas.

– Está apaixonado por Sadie? – perguntou Red.

Finn Perdido deu um sorriso débil.

– O que você sabe sobre o amor, garoto?

– Meu pai amava minha mãe.

– É mesmo?

– É. Tudo que ele fazia era para ela.

– Ele contou isso?

– Não. Era fácil ver.

– É uma coisa boa crescer vendo isso.

– Por quê?

– Quer dizer que você sabe que existe alguma coisa a mais do que… – Ele assentiu na direção da comemoração. – Aquilo.

Red não sabia muita coisa sobre Finn Perdido, a não ser que tinha navegado mais do que todo mundo do navio.

– O que aconteceu com o seu olho?

– Não é uma história agradável.

– Não achei que seria.

Finn riu e desgrenhou o cabelo de Red.

– Você tem uma língua afiada. Espero que isso não o coloque em maus lençóis.

– Então não vai me contar mesmo?

– O que você me dá em troca?

Red pensou.

– Um segredo em troca de um segredo?

– Como sabe que a minha história é segredo?

– Porque você não contou a ninguém neste navio. Nem para a Sadie.

– Não é exatamente um segredo. Só é muito pessoal.

– Todos os segredos são pessoais. É por isso que são segredos.

Finn sorriu de novo.

– Estou começando a ver por que Sadie mantém você aqui. É bem esperto.

– Trato feito?

– Acho que sim. Mas primeiro você.

Red já havia pensado no seu segredo, por isso começou a contar, ansioso.

– Depois que a minha mãe morreu éramos só eu e o meu pai. Ele costumava ficar muito tempo fora, trabalhando. Era prostituto. Isso significava que as pessoas pagavam para tombar com ele.

– Sei o que é um prostituto, garoto.

– Já pagou a alguém para tombar?

– Claro. Acho que a maioria das pessoas do Círculo do Paraíso já pagou.

– Eu nunca vou pagar – disse Red.

Apesar de Sadie garantir que nem todo sexo era como o que ele havia testemunhado, a ideia ainda parecia pouco atraente.

– Esse é o seu segredo? – perguntou Finn Perdido.

– Claro que não. Quando meu pai ia trabalhar, me deixava com nossa vizinha, a velha Yammy. Era uma dona boa. Me ensinou coisas tipo malabarismo e o jogo de pedras.

– Você conhece o jogo de pedras?

– Aposto que eu ganharia de você.

– Gostaria de ver você tentar.

– Podemos jogar, se quiser, mas você vai ter de apostar alguns cobres. A velha Yammy me dizia para nunca jogar sem ser a dinheiro.

Finn Perdido gargalhou.

– Talvez eu jogue, só para ver você perder. Agora, qual era o tal segredo?

Red se inclinou mais para perto. Podia sentir o calor do embaraço se esgueirar pelas bochechas.

– Ela era muito boa e me ensinava coisas, e sabe o que eu fazia? Roubava dela. Ela tinha uma tigela grande cheia de frutas na mesa, e toda vez que eu ia lá pegava um pedaço, mesmo sem estar com fome.

– Você roubou as roupas daquele capitão – observou Finn. – E o que acha que estamos fazendo todo dia neste navio, senão roubar?

– Tem roubo certo e roubo errado. Não pense que não sei qual é a diferença.

Finn Perdido olhou para ele por um momento, depois assentiu.

– Acho que você tem certa razão.

– De qualquer modo, eu fui procurar ela depois que meu pai morreu, mas os capetas tinham trancado a mulher nos Penhascos Vazios. Não sei por quê. Nunca tive a chance de pedir desculpas. – Red pensou nisso por um momento, desejando poder vê-la de novo. Depois balançou a cabeça. Isso era coisa de gente fraca. – Agora é a sua vez. Como perdeu o olho?

Finn Perdido se virou para olhar por cima da água.

– Eu era mais velho que você, mas não tinha nenhum talento e nenhum ofício, por assim dizer. Como seria de esperar, as coisas não estavam indo muito bem para mim, e acabei indo dormir no cais. Um capitão chamado Brek Frayd me encontrou e me ofereceu comida e um lugar para dormir desde que eu fizesse um dia de trabalho honesto no navio dele.

– Foi quando você virou marinheiro?

– Foi quando comecei a aprender a navegar.

– Qual é a diferença?

– Paciência, garoto. Veja bem, a princípio eu não era grande coisa. Sentia enjoos terríveis sempre que o vento ficava forte. Então, muitas vezes o capitão Frayd tinha de mandar que eu prendesse melhor um cabo depois de eu ter acabado de enrolá-lo em volta do cunho algumas vezes. Foi assim até que um dia, durante um vendaval bem ruim, um cabo que eu deveria prender se soltou. A polia chicoteou no ar e a ponta do gancho me acertou bem na cara.

Red examinou as polias de madeira ovais no cordame próximo. Cada uma delas tinha um gancho de ferro na extremidade, grosso como o seu polegar. Imaginou uma coisa assim acertando seu olho e estremeceu.

– Sabe o que o capitão Frayd me disse? – perguntou Finn Perdido. – "O mar é uma amante terrivelmente cruel e sempre cobra o seu preço. Você pagou adiantado com esse olho, meu garoto. O mar sempre vai recebê-lo bem agora, como alguém que faz parte dele." – Finn se virou para Red, e o olho bom brilhou úmido ao luar. – Desde então venho navegando nesses mares. Nunca mais enjoei e nunca mais deixei um cabo frouxo.

– Foi assim que você virou marinheiro – observou Red, baixinho.

Finn confirmou com a cabeça.

– Desde então penso no que aquele capitão disse. Levei anos para entender de fato o que ele me deu naquele dia.

– Deu?

– Depois de uma coisa assim eu poderia ter evitado os navios pelo resto da vida. Ninguém me culparia por sentir medo de o mar levar meu outro olho. Mas não pensei desse jeito devido ao modo como ele me explicou. Não tentou fazer com que a coisa parecesse menos terrível. Só fez com que tivesse o seu valor. E, se você me perguntar, digo que é possível suportar qualquer tipo de sofrimento, desde que ele tenha algum propósito.

– Meus pais morreram. Isso tinha algum propósito?

– Você é quem decide. Se eles não tivessem morrido, você teria conhecido Sadie? Teria ao menos vindo para o Círculo do Paraíso?

Red balançou a cabeça.

– Então esse sofrimento o transformou no que você é: um garoto inteligente e um tremendo ladrão que sabe diferenciar o bem do mal. – Ele riu. – Talvez você se torne o maior ladrão que Nova Laven já viu.

– Como vou saber?

– Você nunca vai saber com certeza, mas ninguém poderá provar o contrário, por isso você pode dizer que sim.

Um sorriso se espalhou devagar pelo rosto de Red. Seus olhos cor de rubi reluziram.

– É.

– Isso não traz seus pais de volta. Mas pelo menos significa que a morte deles não foi em vão.

Red olhou o céu noturno.

– O maior ladrão que Nova Laven já viu – repetiu baixinho, a primeira de muitas vezes.



Aquele primeiro ataque bem-sucedido a um navio mercante deixou Sadie ávida pelo próximo. Eles percorriam o litoral norte procurando mais do que a pouca quantidade de joias e moedas que vinham tirando dos iates dos rendados. Mas talvez as ameaças daquele capitão não tivessem sido em

vão, porque em poucas semanas as águas costeiras estavam apinhadas de navios imperiais vindos de Pico de Pedra.

– Não é um tempo bom para sairmos – disse Finn compartilhando uma garrafa com Sadie na cabine dela. – Deveríamos ficar na moita até que aqueles capetas se cansem de circular Nova Laven como um bando de tubarões-duendes.

– Não, só precisamos de um alvo novo – retrucou Sadie.

– O quê, por exemplo?

Sadie tomou um trago da garrafa.

– Aqueles povoados pequenos que vemos ao longo da costa nordeste. Eles devem ter alguma coisa que valha a pena saquear.

– Só comida e óleo de lampião.

– Precisamos dessas coisas, não?

– Acho que sim. – Finn Perdido pensou no que Red tinha dito. Havia o roubo certo e havia o roubo errado. – Mas Sadie, aquelas pessoas não estão mais bem de vida do que nós. Algumas provavelmente estão em situação pior.

– Ah, não venha com moleza para cima de mim. Já ouço o suficiente daquele garoto. Prometo não matar ninguém a não ser que me obriguem. Isso aplaca sua consciência sensível?



No dia seguinte o *Vento Selvagem* começou seu reinado de terror nos povoados ao longo da costa nordeste de Nova Laven. Eram lugares minúsculos, em geral com apenas uma rua de terra. As pessoas usavam roupas de lã simples. Muitas nem tinham sapatos. E estavam totalmente despreparadas para o pequeno redemoinho de violência que as atingia. Quando Sadie aparecia com seu alfanje, a maioria simplesmente fugia.

– É mais fácil do que ganhar um tapa do meu pai – disse Sadie olhando um homem com quase o dobro do seu tamanho partir correndo pela rua.

Sadie deixou Red cuidando do navio no cais e o resto da tripulação se espalhou para procurar qualquer coisa que valesse ser roubada. Avery Gaiola localizou o grande barracão de depósito perto do cais. Sadie mandou Mackey Touro e Wergishaw quebrar a fechadura da porta. Dentro

descobriram não somente comida e óleo de lampião, mas também vários barris com cerveja.

– Eu diria que vale a pena levar isso. – Sadie se virou para Finn Perdido. – Às vezes não se trata de dinheiro, apenas de uma qualidade de vida melhor.

Continuaram a assolar a costa durante mais algumas semanas, indo de aldeia em aldeia. Até que um dia desembarcaram num povoado com uma placa que declarava orgulhosamente PORTO DAS MARGARIDAS, POPULAÇÃO 50. Só que, quando ela e a tripulação entraram, nenhuma das cinquenta pessoas foi encontrada.

– Não gosto nem um pouco disso – comentou Finn Perdido, estreitando seu único olho, desconfiado.

– Talvez tenham fugido – sugeriu Avery Gaiola.

– Por que fugiriam? A não ser que alguém tivesse avisado antes… – disse Finn.

– Quem faria isso? – perguntou Aranha.

– Alguma outra aldeia, talvez. A distância não é muito grande.

– Vamos descobrir onde eles escondem as coisas valiosas – disse Sadie.

Havia vários depósitos pequenos. Todos estavam abertos e vazios, a não ser um que ficava do outro lado da aldeia. Mackey Touro quebrou o fecho com facilidade, já que era velho e enferrujado. Mas não havia nada.

– Por que trancar um barracão vazio? – perguntou Finn.

Sadie resmungou e se virou de volta na direção do *Vento Selvagem*. O mastro do navio estava visível acima dos telhados da aldeia e ela podia ver uma fumaça preta e oleosa girando ao redor dele.

– O *Vento Selvagem*! – gritou Finn Perdido.

– Red!

Sadie correu de volta para o navio, com as botas de cano alto revirando a terra, o alfanje erguido como se ela pudesse usá-lo para amedrontar o fogo com a mesma facilidade com que amedrontava os aldeões. Mas quando chegaram ao cais as velas estavam transformadas em cinzas, o mastro queimado tinha caído e a água lutava com o fogo para consumir o resto do navio. Os sabotadores, provavelmente aldeões, já haviam se retirado.

– Ah, Red!

Sadie jogou longe o chapéu e o alfanje, arrancou as botas e lançou o casaco no ar. Já ia mergulhar nos destroços quando escutou uma voz infantil na outra extremidade do cais.

– Aqui, Sadie!

Red se levantou dentro de um barril vazio.

– Pelo mijo do diabo, garoto! Você me preocupou!

Ela foi até ele pisando firme, os punhos fechados. Ele lhe lançou um olhar de surpresa.

– Você pensou que eu não tinha tino suficiente para sair de um navio pegando fogo?

Sadie parou bruscamente e pensou nisso.

– Acho que pensei. Desculpe, você tem muito tino.

Red deu um sorriso maroto.

– Você diria que eu teria tino suficiente para pegar um pouco de dinheiro na saída?

Ele estendeu uma sacola e a balançou, fazendo o conteúdo tilintar baixinho.

– Você é mesmo meu melhor vaga!

Sadie o tirou do barril e lhe deu um abraço forte, quase esmagador. Nesse instante, o resto da tripulação tinha chegado ao cais. Ficaram olhando desanimados os últimos pedaços de madeira queimada afundar.

– Bom, é isso. Acabou – disse Finn Perdido.

– Nem tudo – rebateu Sadie, os braços ainda em volta de Red. – Ainda temos nossa saúde, nossos vagas e dinheiro suficiente para voltar para casa.

– Casa? – perguntou Red.

– Isso mesmo. Você e eu vamos voltar ao Círculo do Paraíso.

Então, numa voz cantarolada, disse:

Onde é frio e molhado
E o sol não brilha
Mesmo assim é o meu lar
Abençoado seja o Círculo.



Backus estava calmamente tomando uma bebida no Rato Afogado quando levantou os olhos e suspirou.

– De novo, não… – lamuriou-se.

Sadie Cabra estava parada ali, como havia acontecido alguns meses antes, com o mesmo garoto de olhos vermelhos a reboque. A princípio, Backus achou que seus olhos o estavam enganando. Afinal de contas, ela tinha sido envergonhada na frente de todo mundo nessa mesma taverna. No entanto, ali estava Sadie, parecendo cansada e suja, mas mesmo assim muito melhor do que na última vez em que a vira. Toda a taverna ficou em silêncio enquanto ela entrava calmamente.

– Aí, Backus – disse ela passando por ele. Depois piscou.

Estava a meio caminho do balcão quando Madge Suspensórios apareceu. Backus nunca teve certeza de como uma mulher tão grande podia aparecer tão subitamente. Madge olhou Sadie de cima a baixo, os polegares nos suspensórios.

O garoto ficou aterrorizado e se encolheu, mas Sadie apenas assentiu.

– Oi, Madge.

– O que está fazendo aqui, Sadie?

– Vim pedir o seu perdão – respondeu Sadie, alto e claro, para que todos ouvissem.

– O meu *o quê?* – perguntou Madge, parecendo confusa.

Sadie se abaixou apoiando-se em um dos joelhos.

– Você sempre foi boa comigo, Madge. Justa e sincera, e muito mais gentil do que a maioria das pessoas. Quando vim aqui, doida para me vingar, cuspi em tudo de bom que você me fez. Não poderia estar mais errada e vou lamentar para sempre o que fiz. Só quero saber se você pode me perdoar.

Madge Suspensórios ficou parada junto de Sadie, braços cruzados, rosto inexpressivo. Não se ouvia nem um sussurro na taverna enquanto todo mundo esperava para ver o que ela diria. Mas Madge não disse nada. Depois de um momento, ela se virou e foi para trás do balcão. Pegou o pequeno pote que continha a orelha de Sadie. Depois voltou para a frente do balcão e o entregou solenemente.

Sadie olhou o pote em sua mão, com uma expressão cheia de espanto. Madge Suspensórios nunca tinha devolvido uma das suas valiosas orelhas ao dono. Era uma coisa jamais vista no Círculo do Paraíso.

Madge assentiu, depois voltou para trás do balcão e se serviu de um uísque. Sadie se levantou devagar, segurando o vidro.

– Bom, isso pede alguma comemoração. E acho que tenho dinheiro suficiente das minhas aventuras como pirata para pagar uma rodada para

todo mundo.

A taverna irrompeu em gritos de comemoração, com punhos batendo nas mesas. Sadie olhou para Backus.

– Vejo você por aí.

Depois deu um risinho maligno. Por muitos anos aquela seria a última bebida relaxante de Backus no Rato Afogado.



Sadie adorou a admiração e a cerveja naquela noite.

– É hora de você começar a beber.

Ela empurrou uma caneca espumante para Red. Os olhos do menino se arregalaram enquanto olhava a bebida.

– Ande, tome um gole.

Ele tomou e estremeceu.

– Achei que o gosto seria *bom*.

Ela gargalhou.

– O gosto é o gosto. Já tomei melhores e já tomei piores. Agora, meu melhor vaga, quais são os seus planos?

– Planos? – perguntou ele cheirando a caneca, imaginando se conseguiria tomar outro gole sem vomitar.

– Estamos de volta ao Círculo e tudo está seguro que nem apuro. Estamos mais velhos, mais sábios e mais alertas. O que planeja fazer?

– Pensei… – Alarmado, o coração de Red se acelerou. – Eu pensei que ia ficar com você.

– Ah, meu Deus, você não pode ficar pendurado na minha teta o tempo todo. Ainda estou aqui e você ainda é meu melhor vaga. Mas não sou mais sua capitã, e é hora de começar a tomar suas próprias decisões.

– Realmente não sei o que fazer.

– Bom, o que você quer ser?

– O maior ladrão que Nova Laven já viu – respondeu ele imediatamente.

Sadie estava no meio de um gole de sua caneca. Quando ouviu isso, a cerveja espirrou de seu nariz e ela gargalhou tão forte que quase caiu da cadeira. Red apertou sua caneca, sem graça. Tomou um gole minúsculo.

– É idiota, acho.

– Idiota? É a coisa mais ensolarada que já ouvi. E não duvido de que, se você se esforçar, algum dia isso será verdade.

SEGUNDA PARTE



"Enquanto a juventude e a inocência dão
lugar à experiência, a dúvida nubla a mente.
Os que encontram um propósito renovado
na complexidade irão prosperar."

– *O livro das tormentas*

7

– Sabe o que eu faço para dormir tranquilamente à noite? – perguntou o grão-mestre Hurlo.

Ele estava sentado com as pernas cruzadas diante do altar de pedra preta iluminado por velas. Nos últimos anos a idade o havia impedido de se ajoelhar. Mas continuavam inalterados seu sorriso pacífico e sua expressão gentil.

– Não, mestre.

Bleak Hope achava difícil se concentrar no que ele dizia porque durante a última hora estava com os calcanhares apoiados no topo de paus estreitos, as pernas quase totalmente abertas, erguida sobre uma pilha de carvões acesos e reluzentes. Mas sabia que esses eram os momentos que o professor escolhia para transmitir seus conhecimentos mais importantes. Ele dizia que quando o corpo está tenso a mente relaxa. Por isso ela comprimiu as palmas das mãos juntas, respirou mesmo com a dor nas pernas e na base da coluna e se concentrou no som da voz suave.

– O que eu faço – disse o grão-mestre – é me deitar no colchão, fechar os olhos e me perguntar se fiz alguma coisa realmente valiosa na vida. Penso em tudo que já fiz, e quando chego a uma coisa específica digo a mim mesmo: "Sim, fiz alguma coisa." E então durmo em paz.

– O sono dos justos, grão-mestre?

– Acho que sim. Sabe que feito me conforta?

Com os anos de treinamento, o grão-mestre havia contado a Hope muitas de suas realizações da juventude. Enquanto continuava equilibrada sobre os dois paus, ela pensou nos mais impressionantes.

– Foi a vez em que o senhor salvou o imperador de ser assassinado pelos lordes chacais?

– Aquele foi um dia memorável – concordou o grão-mestre. – Mas não, este não é o feito que considero mais valioso.

Hope franziu a testa, os olhos azuis perdidos em pensamentos.

– Foi… quando resgatou a arquidama Maldious da horda de ratos-toupeiras gigantes?

– Outro acontecimento portentoso. Mas não é isso que me faz dormir em paz toda noite.

– Não foi quando o senhor matou o pirata Dire Bane nas Cavernas Pintadas, foi?

Ele balançou a cabeça.

– Você está seguindo o raciocínio errado. Ainda que todos esses feitos sejam importantes e até corajosos, nenhum deles importou de um modo que me dê muito conforto na velhice.

– Então… sinto muito, mestre. – Ela baixou a cabeça. – Não sei.

O sorriso dele continuava gentil e caloroso, os olhos fechados enquanto dizia:

– Na verdade duvidei de que você soubesse. Por isso fiz a pergunta. Não, criança. O que me dá tranquilidade toda noite é pensar no dia em que me ofereci para treinar você.

– *A mim*, mestre? Mas…

– Apesar dos riscos, eu sabia que deveria. E é essa decisão corajosa que me dá paz. Isso e saber que esta noite acabaria chegando, e quando chegasse estaríamos preparados.

– Preparados para quê, mestre? – perguntou Hope, com o rosto claro se franzindo. – Esta noite é especial?

– A noite em si é como qualquer outra. Os acontecimentos desta noite é que serão especiais.

– O que vai acontecer esta noite?

O grão-mestre abriu os olhos e seu sorriso desbotou.

– Venha diante de mim, Bleak Hope.

– Sim, mestre.

Ela flexionou as pernas e se levantou, dando uma cambalhota sobre os carvões e pousando apoiada num dos joelhos à frente do grão-mestre.

– Sente-se comigo – disse ele.

Ela assentiu e cruzou as pernas diante do corpo.

– Feche os olhos e me diga: o que você ouve?

– Os estalos do carvão queimando, mestre.

– E além disso?

Ela se concentrou por um momento.

– Ouço o vento soprando forte do norte contra as janelas perto do teto deste templo.

– Bom. E além disso?

– Ouço…

Ela demorou um momento, mas enquanto prestava atenção as vozes ficaram mais fortes. Vozes. Vozes raivosas do lado de fora, no pátio. Botas batendo nas pedras. Espadas saindo de bainhas. Os olhos de Hope se abriram.

– Mestre! Eles vêm nos pegar! Pretendem nos fazer mal!

– Sim.

– Mas são seus próprios irmãos!

– Talvez, se eu tivesse mandado você embora há alguns anos, pudéssemos ter evitado isso. Mas não tive coragem de interromper seu treinamento justo quando você estava começando a demonstrar seu verdadeiro potencial.

– Eles *sabem*, mestre?

– Sabem.

Hope pressionou o rosto junto à pedra fria e dura.

– Fracassei com o senhor, mestre. Era minha responsabilidade manter o treinamento escondido deles.

– Não, criança. Não foi o fracasso que nos revelou, e sim o sucesso. Toda noite nesses oito anos treinei você nos conhecimentos da ordem vinchen, sabendo que chegaria o dia em que suas habilidades ficariam tão excepcionais que até mesmo seus movimentos mais casuais iriam nos revelar. Você não anda mais por esse mundo como uma serviçal, e sim como uma guerreira. E não há vergonha nisso. No entanto, violamos uma das leis mais antigas da nossa ordem. Deve haver consequências.

O som de vozes raivosas no pátio ficou cada vez mais alto.

Hope saltou, agachando-se.

– Vou enfrentá-los, mestre. Não estou com medo.

A verdade era que estava sedenta por isso. Durante oito anos tinha lavado as roupas deles, preparado a comida, lubrificado as armaduras, polido as armas e feito uma centena de outras tarefas idiotas e sem sentido. Alguns a haviam tratado com cortesia. Porém a maioria não a tratava melhor do que um burro de carga. Alguns chegavam a ser cruéis. Desses o mundo não sentiria falta. Se fosse morrer esta noite, iria levá-los junto.

– Não tão depressa, minha pupila mais amada. Primeiro você deve fazer uma coisa para mim.

– Qualquer coisa, grão-mestre.

Ele levou a mão atrás do altar e pegou uma espada na bainha.

– Conhece esta espada?

– Claro, mestre. É a Canção dos Lamentos, uma das melhores espadas do mundo.

Punhos bateram à porta do templo. Vozes gritaram, exigindo que "a garota" fosse entregue a eles.

– Jure pela Canção dos Lamentos que não vai confrontar nossos irmãos esta noite nem buscar vingança contra eles no futuro. Em vez disso, deve fugir deste lugar e buscar seu caminho no mundo. Há um barquinho esperando no cais com suprimentos suficientes para você chegar ao porto mais próximo.

– Mas mestre, eu…

– Jure!

Relutante, Hope pôs a mão em cima da do grão-mestre. Olhou em seus cansados olhos cinzentos e prometeu:

– Juro.

O sorriso sereno retornou.

– Bom. Agora, para que não se esqueça, leve esta espada.

– Não posso levar a Canção dos Lamentos!

As batidas se transformaram em pancadas lentas e metódicas. Eles estavam usando alguma coisa para arrombar a porta.

– Esta é a minha última ordem, como seu mestre. Entendeu?

Ela baixou a cabeça.

– Sim, grão-mestre.

Ele soltou a espada na mão dela.

– Fiz tudo que podia por você – disse. – Saber disso me dá paz.

O estalo agudo de madeira ecoou no templo enquanto a porta cedia.

– Blasfêmia! – soou um grito vindo da porta aberta enquanto homens de armadura de couro preto de guerreiros vinchen invadiam o templo.

– Vá! – disse Hurlo. – Fuja!

As palavras trouxeram uma lembrança do pai de Hope, cujo rosto expressava apenas dor ao incitá-la a ir embora. E ela não queria. Não podia deixá-lo. Tudo estava acontecendo de novo. Os gritos dos guerreiros se misturavam em sua cabeça com os sons de homens e mulheres morrendo à sua volta enquanto os vermes do biomante irrompiam dos corpos.

– Hope! – A voz do grão-mestre Hurlo estalou feito um chicote, arrancando-a das lembranças. – Você precisa ir agora!

– Mestre, de novo, não. – Seus olhos se encheram de lágrimas. – Por favor, não faça que seja eu a sobreviver de novo.

Ele pôs a mão enrugada em seu rosto e deu um sorriso triste.

– Sinto muito, criança. Você precisa suportar.

Bleak Hope piscou para controlar as lágrimas e assentiu. Enfiou a Canção dos Lamentos embaixo do braço no instante em que os homens começavam a cercá-los. Saltou primeiro para uma parede, depois atravessou para a outra, subindo até chegar às janelas perto do teto do templo. Quebrou o vidro com o botão da espada, balançou-se para fora e saltou no telhado.

– Peguem-na! – gritou um dos homens.

Ele saltou atrás dela, mas o grão-mestre deu um pulo, agarrou seu tornozelo e o puxou de volta para baixo.

– Hurlo! Você se desgraçou, desgraçou seu posto de grão-mestre e desgraçou esta ordem – disse Racklock, com os enormes ombros arfando de exaltação. – Você *deveria* receber um julgamento justo diante de seus pares. Mas vou matá-lo aí mesmo se não se afastar.

Ele apontou a espada e os outros monges o imitaram, até que Hurlo estava cercado por um círculo de aço afiado. O velho grão-mestre ficou ali, sozinho, sem espada na mão sem nada além de um sorriso nos lábios.

– Podem tentar.



Hope correu pelo topo do telhado, agachada, com o manto preto se sacudindo ao vento frio da noite. Ouviu os gritos de dor e o choque de aço em pedra, e parou. Poderia ter matado pelo menos três, talvez quatro, antes que a dominassem. Mas a espada era pesada em sua mão, assim como a promessa. Se voltasse, a expressão de desapontamento no rosto do mestre iria feri-la mais fundo do que qualquer lâmina. Continuou em movimento.

Saltou ao chegar à borda do telhado do templo, deixando que o ímpeto a levasse até uma copa de árvore próxima. Pulou descendo de galho em galho com os pés calçados com sandálias e a mão livre, até pousar suavemente no chão. Examinou o pátio e não viu ninguém, por isso saiu da cobertura das árvores e correu pelo espaço aberto até o portão da frente. Tinha quase chegado quando ouviu o sibilo de uma espada saindo da bainha. Desviou-se, ao mesmo tempo levantando sua espada ainda embainhada. O som da

lâmina na bainha de madeira ecoou no pátio vazio. Hope continuou a se mover, rolando, retorcendo-se até ficar agachada, e levantou a espada na bainha para se proteger.

Crunta estava à sua frente, a espada erguida, bloqueando seu caminho para o portão. Sem dúvida tinha ficado para trás, suspeitando de que a lealdade do grão-mestre para com Hope chegaria ao ponto de ele ajudá-la a escapar. Dentre todos os irmãos ele havia sido um dos mais cruéis. Teria sido porque ela era uma garota? Porque era serviçal? Não importava de fato.

– Deixe-me passar, Crunta.

– Não pense que você é páreo para mim só porque andou brincando de batalha durante a noite com um velho idiota. Jogue fora a espada de brinquedo e volte ao templo para ser julgada, ou vou deixar suas tripas espalhadas nas pedras da calçada.

– Espada de brinquedo? – Hope se levantou devagar. – Sei que está escuro e o luar é fraco, mas você não reconhece mesmo esta espada?

Ela a segurou horizontalmente, uma das mãos na bainha, outra no cabo.

Os olhos de Crunta se arregalaram.

– Não! Como ele pôde…? – E balançou a cabeça. – Isso só torna os seus crimes mais terríveis. Entregue-se ou morra.

Hope assentiu.

– Se essa é a sua escolha.

Ela havia obedecido ao mestre e buscado não confrontar esse irmão. Mas agora ele a estava impedindo de realizar a segunda parte do juramento. Por isso precisava ser superado.

Tirou a Canção dos Lamentos da bainha e a lâmina cantou, movendo-se pelo ar. Crunta ergueu sua espada, querendo aparar o golpe, mas não foi suficientemente rápido. Foi uma canção curta. Quando ela terminou, eram as tripas dele que estavam espalhadas nas pedras.

Hope ficou parada um momento, a espada estendida ao lado do corpo enquanto olhava Crunta despencar de joelhos e tentar enfiar os intestinos de volta no corpo por um momento, antes de finalmente tombar. A lâmina reluzia rubra ao luar. Era o primeiro sangue que ela derramava. Tinha esperado sentir alguma coisa. Satisfação. Pesar. Mas só sentia a mesma antiga escuridão. Só que agora isso não a amedrontava. Dava-lhe forças.



O grão-mestre Hurlo tinha ensinado muitas coisas a Bleak Hope. Infelizmente a navegação marítima de longa distância fora um treinamento teórico, com muito pouca aplicação prática. Ela nunca havia navegado por mais do que uns poucos quilômetros a partir de Ermo dos Ventos. Tinha estudado mapas, claro. Conhecia a localização geral das ilhas ao redor e sabia do curso que precisaria manter para chegar ao porto mais próximo antes que terminassem os suprimentos em seu barquinho. Mas depois de dois dias no mar, sem terra à vista e restando menos de um dia de ração, precisou admitir que estava perdida.

Examinou o horizonte, com a luz do sol brilhando tão forte na superfície da água que precisava franzir as pálpebras. Um vento frio agitava seu cabelo louro e comprido, dando algum alívio ao calor que transformava a pele clara num vermelho furioso.

Devia estar a menos de um dia do porto, mas o mundo inteiro parecia vazio de terra, de humanidade, de qualquer coisa. A única indicação de vida era um estranho monte de bolhas que subia à superfície ocasionalmente.

Abriu a sacola que continha o resto de comida e água. O grão-mestre não tinha posto um mapa. Isso poderia ter ajudado. Ou talvez não. A luz do sol vinha de cima e ela nem podia ter certeza se estava indo na direção correta. Uma bússola ajudaria, decidiu. Mas ele também não tinha colocado uma.

O que o grão-mestre *tinha* colocado era uma das armaduras de couro preto usadas pelos guerreiros vinchen. As botas, a calça justa e o casaco eram suficientemente grossos para diminuir a velocidade de uma flecha ou uma bala, mas não tão pesados a ponto de impedir os movimentos. Tinham tiras com fivelas espaçadas igualmente nos braços e nas pernas, que podiam ser usadas para prender armas ocasionais ou como torniquetes caso o guerreiro fosse seriamente ferido.

Quando Hope descobriu a armadura, na primeira manhã, não tinha entendido imediatamente que era dela. Afinal de contas, apenas um verdadeiro irmão da ordem tinha permissão de usar a armadura preta. Era algo que ela havia presumido que estaria fora do seu alcance. Mas era a menor armadura que já vira. Lembrou-se de uma noite em que o grão-mestre tomara suas medidas meticulosamente. Ele não deu nenhum motivo, e seria presunçoso da parte dela perguntar. Ele devia ter cortado e costurado a armadura pessoalmente, já que o tanoeiro suspeitaria do tamanho. O grão-mestre também devia ter passado óleo e polido a armadura. Ela a segurou ao

sol e admirou a luz brilhando nos vincos pretos. Imaginou-o trabalhando para polir vagarosamente o couro com suas mãos velhas e enrugadas, só para ela.

Desejou não tê-lo deixado lá para ser assassinado pelos próprios irmãos. Que se danassem as promessas e o dever. Mas, claro, agora era tarde demais. E tinha jurado não se vingar deles, por isso nem restava esse consolo. Apertou a armadura junto ao peito e jurou que iria usá-la com honra em nome dele. Era tudo que lhe restava.

Hope tirou o macio manto de monge e o enfiou no saco junto com a comida. Parou um momento, olhando a água. Outro monte de bolhas subiu à superfície. Imaginou o que provocaria aquilo. Um sopro de vento passou, esfriando a pele sob a fina roupa de baixo. Estremeceu e colocou a armadura de couro preto. Cabia perfeitamente.

Estava pronta para a batalha.

Ou pelo menos foi o que imaginou na ocasião. Um dia depois, estava perdida e sozinha. Tinha uma das melhores espadas já forjadas e uma armadura feita por um dos homens mais sábios que já existiram. Mas nesta batalha não havia contra quem lutar, a não ser o oceano.

E agora? Hope não sabia para onde estava indo. E isso era verdade em todos os sentidos. Hurlo tinha dito que ela deveria resistir. Mas por quê?

Ela conhecia um motivo. O homem que tinha assassinado seus pais e sua aldeia estava vivo em algum lugar. Iria se vingar dele. Mas não sabia quem era, só que ele era um biomante. Agora estava sozinha num mundo do qual não sabia praticamente nada a não ser o que tinha lido nos livros. Como poderia encontrá-lo?

Enquanto fitava o horizonte, percebeu alguma coisa. A princípio era pouco mais do que um ponto preto e ela achou que poderia ser uma ilha. Mas aquilo ficou rapidamente maior, e se movia em sua direção. Em pouco tempo percebeu os detalhes de um navio mercante. Velas se enfunavam nos dois mastros altos e o sol reluzia na figura feminina exposta na proa. Captou um clarão perto do topo do mastro da frente e percebeu que alguém tinha uma luneta apontada para ela. Houve sons fracos enquanto os marinheiros gritavam uns com os outros. As velas se afrouxaram e o navio diminuiu a velocidade, se aproximando.

Um homem alto se inclinou por cima da amurada. Ele usava chapéu azul largo e um casacão de lã. O pouco de seu rosto que podia ser visto por trás

da barba preta e encaracolada era de um marrom mais escuro do que ela jamais vira.

– Olá! – gritou ele. – Sou o capitão Carmichael e este é o meu navio. A lei marítima determina que qualquer capitão registrado no comércio imperial ajude um barco em dificuldades. Você precisa de ajuda?

– Estou perdida – respondeu ela. – Pode me indicar a direção do porto mais próximo?

– Sim, mas serão muitos dias de viagem numa embarcação assim.

– Muitos? Só tenho ração para mais um.

Outro marinheiro, com bigode comprido, disse ao capitão algo que ela não conseguiu escutar. O capitão se virou para ele, olhando-o sem expressão. Depois se virou de novo para ela.

– Eu poderia lhe dar um pouco de ração – disse ele. – Mas você está em águas profundas e, num barquinho assim, é provável que um peixe-remo pegue você.

– Peixe-remo?

– São grandes serpentes marinhas! – gritou o bigodudo. – Elas nadam verticalmente embaixo da superfície, olhando as sombras escuras acima, até verem ou cheirarem algo que se pareça com uma presa. E, como todo mundo sabe, as serpentes marinhas são atraídas pelo cheiro das mulheres. Provavelmente estão seguindo você agora mesmo. – Ele se virou para o resto da tripulação. – Nem deveríamos ter parado. Agora ela colocou *todos* nós em perigo.

– É melhor fechar essa boca, Rançoso – disse calmamente o capitão Carmichael.

– Senão o quê? – retrucou Rançoso. – O senhor já condenou a gente com essa demonstração de sentimentalismo. – Ele olhou com cautela para a superfície da água. – Elas podem pegar a gente a qualquer momento. – Então ele se virou de novo para os outros marinheiros. – E não pensem que estamos seguros aqui em cima! Os peixes-remos podem…

O barquinho de Hope vibrou sob seus pés e a água em volta começou a borbulhar, depois pareceu ferver. Ela deu um salto e pousou na amurada do navio maior, equilibrando-se nos calcanhares. Um instante depois o barquinho foi despedaçado enquanto uma boca com dentes do tamanho do seu antebraço subia por baixo dele. O peixe-remo se ergueu 3 metros no ar sem qualquer sinal de onde terminava. Seu corpo, similar ao de uma serpente, era grosso como o peito de um homem e de um verde-escuro

salpicado. Ele curvou a cabeça e a encarou com olhos pretos e vítreos, depois caiu de novo abaixo da superfície.

Os marinheiros correram para as cabines e os cordames, com gritos, palavrões e orações tomando conta do navio.

– Ele ainda não terminou – disse o capitão Carmichael olhando para Hope, que continuava se equilibrando na amurada. – Talvez seja bom você descer daí.

Ela deu um leve sorriso enquanto olhava para ele.

– Talvez seja bom o senhor ficar de lado.

O peixe-remo irrompeu da água de novo, desta vez na direção de Hope. No último instante, ela saltou de lado e o bicho passou direto. A Canção dos Lamentos deslizou para fora da bainha, com a luz do sol brilhando na lâmina que zumbiu pelo ar e baixou logo depois da guelras, decepando a criatura. A cabeça continuou sua trajetória com a bocarra ainda aberta, até bater no mastro principal, os dentes se cravando na madeira. O corpo sem cabeça bateu no convés, espirrando sangue e água do mar enquanto deslizava até a amurada de estibordo antes de parar. Só então Bleak Hope se aproximou do capitão.

– Estão vendo? – gritou Rançoso. – Ela atraiu mesmo um peixe-remo. Eu estava certo!

– Quer ela tenha atraído ou não – disse Carmichael –, sem dúvida ela o matou. – Ele se virou para Hope. – Você é firmada?

– Firmada?

– Você jura lealdade a alguém? Alguém paga a você?

Ela balançou a cabeça.

– O senhor não está pensando em mantê-la a bordo, não é, capitão? – perguntou Rançoso. – Uma mulher? É o pior tipo de azar possível!

Carmichael olhou de Rançoso para Hope, depois para o peixe-remo decapitado. Por fim se dirigiu a toda a tripulação.

– Homem, mulher. Não vejo que isso faça grande diferença. O que vejo é uma *guerreira*, do tipo que a gente não encontra com muita frequência na vida. – Ele se virou de novo para Hope. – Que tal? Gostaria de fazer parte da minha tripulação por um tempo?

Hope avaliou a proposta. O capitão tinha parado para ajudá-la. Tinha chamado Hope de guerreira. Parecia um homem bastante honrado.

– Vocês viajam muito? Por todo o império?

– Viajamos.

Ela olhou o navio ao redor. Era verdade que não sabia muito sobre o mundo. Mas não conseguia pensar num lugar melhor para aprender.

– Muito bem, capitão – disse. – O senhor tem minha espada por um tempo. Até eu sentir que devo ir em frente.

– É justo. Duvido que eu pudesse impedi-la de ir embora.

– Capitão, não…

Rançoso foi na direção deles, mas parou bruscamente quando Hope girou sua espada, deixando a ponta a 2 centímetros de sua garganta.

– Contradizer o capitão poderia ser considerado motim, passível de castigo com a morte – disse ela baixinho.

– Ela está certa – declarou Carmichael. – Então… o que estava dizendo, Rançoso?

– Ah… – O suor escorreu pela têmpora de Rançoso enquanto ele olhava a lâmina ainda úmida com o sangue escuro do peixe-remo. – Eu estava dizendo: capitão, por favor, deixe que eu seja o primeiro a dar as boas-vindas a ela a bordo, já que fui tão grosseiro antes.

Carmichael riu, mostrando os dentes amarelos.

– Mais alguém tem algo a dizer?

O navio ficou em silêncio. O capitão Carmichael assentiu aprovando, depois se virou de novo para Hope.

– Qual é o seu nome, guerreira?

– Meu nome é Bleak Hope.

– Bom, Hope, bem-vinda a bordo do *Gambito da Dama*.

8

Era a grandiosa inauguração do salão de dança Três Taças e Red não tinha intenção de dormir naquela noite. O sol havia acabado de se pôr e o salão estava repleto de jovens esperando um pouco de brilho em sua existência lamacenta.

– Está lotado – observou Rolha, que estava perto dele, junto à parede.

Oito anos tinham se passado e Rolha ainda era o vaga mais alto que Red conhecia. Graças ao aprendizado recente na oficina de ferreiro, também era o mais forte. Ele mantinha o cabelo bem curto e uma barba rala lhe apontava no queixo.

– Lotado é bom – disse Red, afastando o cabelo escuro de cima dos olhos cor de rubi enquanto examinava o local.

A banda ficava num canto: um violão, trompete, flauta e tambores. Estavam tocando bem e rápido, mas apesar disso e da multidão, ninguém dançava. Os tommys e as mollys ficavam em lados opostos, olhando-se, sem saber exatamente como agir. Ele se lembrou de que Sadie tinha dito. Antes de Jix Guindaste dominar o Círculo do Paraíso, os salões de dança eram comuns. Jix tinha transformado todos em bordéis e antros de drogas. A geração de Red nunca tivera a oportunidade de experimentar um salão de danças. Mas agora Jix não existia mais. Uma nova era estava começando. A era de Drem Insensível.

Red viu Drem perto do balcão. Ele era um tanto alto, com rosto comprido, pálido, olhos quase sem cor e cabelos ralos penteados cuidadosamente. Usava uma jaqueta cinza bem tapinha e um plastrão preto igualzinho ao dos rendados. Olhando não dava para saber, mas Drem Insensível era o chefe de quadrilha mais poderoso do Círculo do Paraíso e famoso em todos os bairros por ser um sujeito frio, mas versátil: era traficante, cafetão, assassino e até mesmo informante ocasional da polícia, quando isso era de seu interesse.

Tinha começado uma operação de tráfico de drogas rival à de Jix alguns anos antes. Fazia muito tempo que ninguém testava Jix, e talvez sua reação tenha sido um tanto excessiva. Uma noite, quando Drem e sua molly

estavam caminhando de uma taverna para casa, Jix e um grupo dos seus vagas os encurralaram num beco. Jix disse que deixaria Drem livre se conseguisse assistir a sua garota ser torturada, estuprada e assassinada sem se abalar. Drem assim o fez, com o rosto totalmente calmo. Foi desse jeito que ganhou seu apelido.

Fiel à sua palavra, Jix soltou Drem quando todos tinham se divertido. Entretanto, desse dia em diante, os responsáveis pelo crime começaram a ser encontrados mortos, brutalmente mutilados. Até finalmente ser a vez de Jix, estrangulado com as próprias tripas. Foi desse jeito que Drem ganhou sua reputação.

Naquela noite, Drem Insensível estava sentado junto ao balcão de seu novo salão, mas não parecia satisfeito.

– Vamos fazer um favor ao velho Insensível e começar a dançar – disse Red.

– O quê?

A expressão de Rolha era de pânico absoluto. Desde que Red tinha voltado de suas aventuras piratas com Sadie, Rolha era seu "fiel escudeiro". Tinha seguido Red em muitas situações perigosas, algumas até mortais. Mas dançar na frente dos outros aparentemente era o limite para a lealdade dele.

Red deu um tapinha no ombro de seu melhor vaga.

– Certo, então. Me deseje sorte.

Ele examinou a linha de mollys do lado oposto, procurando uma candidata adequada. Atraente, claro. Mas também precisava ser ousada a ponto de se juntar a ele na primeira dança que aquele salão veria. Então a notou. Cabelos compridos e encaracolados e olhos castanhos ardentes. Malares altos, perfeitos, e lábios grossos. Usava um casaco de lã curto e calções justos em vez de vestido, mas isso parecia acentuar suas curvas ainda mais. As botas de couro altas eram um sinal de que não aceitaria bobagens de ninguém. Red a tinha visto antes e pensado em abordá-la. Era a oportunidade perfeita. Matando dois coelhos com uma só cajadada.

O salão não ficou silencioso enquanto Red atravessava a área de dança vazia entre os dois grupos, mas ele sentiu como se o volume geral da conversa tivesse baixado um pouco. E talvez tenha parecido que o violonista lhe lançava um olhar agradecido. Red imaginou que havia muita gente dependendo do sucesso daquele empreendimento e que esse poderia ser seu modo de ajudá-los. Três coelhos então?

Atravessou o resto do espaço vazio e agora estava na frente da molly perigosa, de olhos escuros, que ele tinha escolhido. Ela o havia observado se aproximar com expressão fria, estudada. Red deu um sorriso.

– Boa noite.

– O que há de errado com seus olhos? – perguntou ela.

– Uma história terrível e triste. Eles testemunharam sua beleza e ficaram vermelhos de paixão. Eu posso ficar assim para sempre, a não ser que eu tenha permissão de dançar com você.

– Sério? Nunca provoquei esse efeito num tommy antes.

– Isso porque você não conheceu um como eu. Qual é o seu nome?

– Me chamam de Urtiga.

– Quem a chama assim?

– Qualquer um esperto o bastante para me chamar do jeito que eu quero ser chamada. E você deve ser Red.

– Ouviu falar de mim? – Red ficou satisfeito.

– Principalmente que você é ladrão, mentiroso e falso.

– Mais alguma coisa?

– Algumas mollys dizem que você não é uma pessoa de verdade. Que Sadie Cabra fez um trato com um necromante e tirou você de algum inferno, e que é por isso que você tem olhos vermelhos.

Red sentiu que essa conversa estava indo rapidamente a sota-vento e lutou para manter o riso.

– Certas mollys falam demais.

– Também ouvi dizer que a encrenca acompanha você com tanta lealdade quanto aquele vaga do tamanho de um boi que está sempre na sua cola. Que você roubaria da própria avó, se tivesse uma, que os capetas usam seu retrato como alvo para treino e… ah, sim, que seu pai era prostituto.

Red pensou em tentar refutar essas acusações, mas precisava admitir, pelo menos para si mesmo, que a maioria era verdadeira. Podia tentar continuar pressionando, mas num determinado ponto havia mais dignidade na retirada graciosa.

– Bom, Urtiga. Acho que você me conhece bem demais, apesar de nunca ter estado comigo.

Então ele se virou e se preparou para a caminhada lenta e triste de volta ao seu lado do salão.

– Eu não falei que nada disso me incomodava – disse Urtiga.

O sorriso dele retornou lentamente enquanto a olhava por cima do ombro.

– Nem a parte de que eu vim do inferno?

Ela deu de ombros.

– Depende de até que ponto você é bom dançarino.

Ele se virou e estendeu a mão.

– O melhor do Círculo do Paraíso. Quer verificar?

– Pode ser. Eu estava mesmo chateada de só ficar aqui de pé.

Os dois andaram pelo grande espaço vazio. Desta vez, Red teve certeza de que os músicos sorriam para ele enquanto a melodia subitamente aumentava. Dançaram por um tempo. Red era bom como tinha dito, mas Urtiga era melhor. Movia-se como água, um fluxo constante que nunca perdia o compasso. E não era tímida com relação a chegar perto. Os dois se comprimiram, quadril contra quadril, os seios dela encostados nele, a respiração quente em seu pescoço. Tinha cheiro de sândalo e especiarias.

Ela enfiou a mão entre os dois e o empurrou para trás, com um sorriso malicioso. Em seguida o deixou voltar por um tempinho, tão perto que os cílios grossos dela roçaram o queixo de Red. Empurrou-o de novo, mas não tão longe. Isso virou uma espécie de jogo. Até que ponto ele podia ficar perto? E por quanto tempo?

Red lutava contra o calor. Estava se distraindo. O plano principal estava dando certo. Outros casais saíam para a pista de dança. Olhou para Drem Insensível junto ao balcão e viu que ele parecia, se não feliz, pelo menos satisfeito.

Urtiga o puxou para perto e encostou os lábios macios em seu ouvido.

– Por que estou sentido que você tem outra coisa em jogo aqui?

– Sou um vaga complicado – respondeu ele. – Sempre tenho algumas coisas em jogo. Mas você é a mais bonita de todas.

Ela enfiou os dedos no cós da calça dele e puxou suavemente.

– Ah, sou parte de uma das suas tramas, é?

– É o prato principal.

– E se você fizer parte de uma das minhas tramas?

– Desde que elas não entrem em conflito, não tenho problema com isso.

Agora a pista estava cheia de gente dançando. Ele não atrairia atenção se saísse. Mas ainda havia a questão daquela molly puxando sua calça. Ficou tentado a guardar o plano para outra noite. Mas, se quisesse rolar o lugar, esta noite era a melhor chance de sucesso.

– Urtiga, se você me deixar sair discretamente agora, sem confusão, juro que vou me comprometer de todo o coração em qualquer trama que tiver. O que acha?

– Proposta interessante. – Ela pensou por um momento. – É, está certo. Amanhã ao meio-dia. Diante do Salão da Pólvora.

– Estarei lá.

– Sei que estará.

Ela o soltou com um leve sorriso no rosto. Red sentiu que ela havia marcado um ponto contra ele. Não estava acostumado com essa sensação. Aliás, não gostava disso. Bom, havia uma parte minúscula que gostava bastante. Lançou um último olhar para ela e se enfiou na multidão.

Rolha ainda estava encostado na parede com alguns outros tommys. Era uma cabeça mais alto do que todas as outras pessoas no salão. Às vezes Red desejava que seu melhor vaga não se destacasse tanto. Mas o tamanho dele podia ajudar. Especialmente quando as coisas perdiam o rumo, e Red era o primeiro a admitir que isso acontecia às vezes. Mas esta não seria uma delas. O plano era bom.

– Está pronto? – perguntou baixinho para Rolha.

Rolha confirmou com a cabeça e os dois foram pelo meio da multidão em direção à saída. No último instante, desviaram-se para um corredor lateral, a entrada de funcionários que levava para trás do bar. Se tivessem tentado fazer isso antes, quando ninguém estava dançando, ficariam à vista dos guardas do salão. Mas agora havia uma parede humana entre eles. Mesmo assim, Rolha precisou se curvar, mas logo estava indo rapidamente pelo corredor de serviço até os fundos do bar. Os dois garçons estavam perto de Drem, prontos para lhe dar qualquer coisa de que ele precisasse. Os três continuavam olhando a pista de dança.

Agachando-se de novo, de modo que suas cabeças não fossem vistas atrás do balcão, Red e Rolha passaram por eles em direção ao depósito. Havia uma porta grande nos fundos que levava ao beco atrás do prédio, onde barriletes de bebida destilada e barris de cerveja eram entregues. Também havia um grande alçapão de madeira no piso do depósito. Rolha o abriu e eles desceram os grossos degraus de madeira até o porão. O espaço se estendia pela maior parte do prédio, com piso de terra batida, barriletes e barris empilhados dos dois lados. O teto era suficientemente alto para Red ficar em pé, mas Rolha precisava se curvar um pouco. Havia um corredor estreito no centro, estendendo-se por todo o porão. Na outra ponta, pouco

visível à luz fraca dos lampiões, ficava um enorme cofre. Red conhecia o vaga que tinha instalado aquilo, motivo pelo qual sabia de sua existência. Também sabia que era ali que Drem Insensível guardava todo seu dinheiro.

Caminharam sem fazer barulho pelo chão de terra até o cofre. Era o maior que Red já vira. Ia do chão ao teto e era igualmente largo. Impressionante. Mas uma fechadura era uma fechadura. O tamanho do buraco só a tornava mais fácil ainda de arrombar.

Rolha ficou de olho nos degraus enquanto Red pegava suas ferramentas e começava a trabalhar. A fechadura era nova e bem lubrificada. Em minutos ouviu o clique satisfatório de um serviço bem-feito.

– Rolha, nós conseguimos…

Parou ao ver o que havia no cofre. Seu informante estava certo. Havia mais dinheiro no cofre do que Red jamais tinha visto num mesmo lugar. O que o informante não sabia era do guarda armado dentro dele, junto com o dinheiro.

– Olá, rapazes – disse Brackson, o número dois de Drem. Ele apontou seu fuzil para o rosto de Red. – Drem teve uma intuição de que algum idiota poderia tentar uma coisa assim.

Red levantou as mãos.

– Você acreditaria se eu dissesse que estava procurando um lugar para mijar?

– Vire-se – ordenou Brackson.

Red se virou e se juntou a Rolha, que também estava com as mãos levantadas.

– Agora subam para o depósito – ordenou Brackson.

Red e Rolha subiram lado a lado.

– Ei, Red – disse Rolha.

– Cala a boca ou dou um tiro nessa sua imitação de barba – rosnou Brackson.

Assim que chegaram ao térreo, Brackson fez com que parassem na frente da porta que dava no beco.

– Drem não quer encrenca na sua inauguração, por isso vamos lá para trás… discutir isso.

– Parece razoável.

Red imaginava que não seria difícil se livrar daquele bota assim que estivessem ao ar livre.

– Ah, é? – Brackson pareceu achar divertido. – Por que não abre a porta, então?

Quando abriu a porta, Red compreendeu por que Brackson estava tão confiante. Mais sete botas de Drem estavam sentados no beco, fazendo um jogo de pedras. Ficaram muito felizes quando viram Red e Rolha de mãos levantadas.

– Peguei dois gafas arrombadores de cofres aqui! – gritou Brackson para eles.

– Na verdade, eu não arrombo cofres – disse Rolha.

– Continue andando ou vai ter de arrombar a própria cabeça para tirar o chumbo de dentro.

Brackson cutucou as costas de Rolha com o fuzil, depois as de Red. Os dois foram para o beco. Red notou que Brackson era o único com uma arma de fogo. O resto tinha facas e porretes. Se pudesse bolar um modo de imobilizar Brackson, achava que os dois poderiam cuidar do resto. Desceu a mão lentamente na direção da nuca.

– Ah, veja só – exclamou Brackson. – Por acaso você não teria uma faca aí, não é?

Red sentiu o metal frio em seu pescoço suado.

– Não, só senti uma coceira – respondeu Red com animação forçada.

– Aqui, deixe que eu coço com…

Houve um tilintar de corrente e Brackson caiu nas pedras da calçada. Atrás dele estava Urtiga, com uma corrente grossa enrolada no punho.

– Não achei seu plano grande coisa – disse ela a Red.

Red tirou uma faca que estava escondida às costas e a atirou contra um dos botas. A lâmina fincou no olho dele, que caiu no chão.

– Está brincando? Está funcionando perfeitamente.

Urtiga estalou a corrente como um chicote e acertou outro bota na cara. Olhou o sujeito segurar a boca cheia de sangue e os dentes quebrados.

– Eu ainda sou seu prato principal?

Red tirou uma segunda faca da bota e atirou num terceiro homem, acertando-o no coração.

– Um prato principal tão lindo assim deveria durar a refeição inteira.

Urtiga enrolou a corrente na mão outra vez e acertou na barriga do quarto bota. Em seguida, saltou rapidamente de lado para evitar o vômito que jorrou da boca do sujeito.

– Não finja que sabia que eu ia ajudar você a sair dessa idiotice.

– E o que eu deveria fingir?

Red sacou sua última faca do cinto, desviou-se por baixo do porrete do quinto bota, em seguida se virou e o esfaqueou nas costas.

– Um pouco de surpresa, talvez. – Urtiga acertou o punho com a corrente enrolada na cabeça do bota que estava vomitando, derrubando-o na rua.

– Um vaga fica surpreso quando o sol glorioso brilha no meio das nuvens escuras? – perguntou Red enquanto acabava com seu bota cortando a garganta dele. – Não, ele simplesmente sorri agradecido e continua o que estava fazendo.

Urtiga balançou a cabeça, mas sorriu um pouco.

– Você nunca fica sem ter o que dizer?

– Não. – Ele se virou para Rolha, que estava com os dois últimos botas, um em cada mão, e batia a cabeça de um na do outro repetidamente. – Já acabou?

Rolha bateu as duas cabeças uma última vez e os deixou cair.

– Já.

– Então acho bom a gente dar no pé antes que Drem fique sabendo disso.

Os três correram pelas ruas do Círculo do Paraíso. Era uma noite de fim de primavera. Tinha chovido um pouco antes e o ar continuava com um leve cheiro de frescor, coisa rara no centro de Nova Laven. As botas batiam nas pedras molhadas da calçada enquanto eles fugiam do Três Taças.

Red deveria se sentir desapontado. Estivera planejando essa trama durante toda a semana e agora saía de mãos vazias. Com menos do que isso, na verdade, já que Brackson provavelmente se lembraria dele e isso significava que não poderia mais mostrar a cara no primeiro e único salão de danças do Círculo do Paraíso. Então por que se sentia tão ensolarado?

Olhou para Urtiga. Talvez a noite não tenha sido uma perda total. Ela era uma boa vaga para se ter ao lado. Inteligente, boa de briga e muito bonita.

Depois de correrem dez quarteirões, pararam para recuperar o fôlego.

– Então, algum plano para o resto da noite? – perguntou Red a Urtiga.

– O plano original era dançar no salão novo do Drem, mas obviamente isso não vai acontecer.

– Desculpe.

Urtiga deu de ombros.

– A curiosidade acaba me atrapalhando às vezes. Eu precisava saber o que estavam aprontando. – Ela lhe deu um olhar especulativo. – Mas se estiver mesmo se sentindo culpado, acho que pode me compensar de uma maneira…

– É? Como?

Ela estendeu a mão e enfiou o dedo no cós de sua calça, como tinha feito no salão de danças, e o puxou para perto.

– Terminando o que começamos. Tem algum lugar discreto aonde a gente possa ir?

– É, ah, claro que tenho.

Red lançou um olhar de pedinte para Rolha, que o encarou interrogativamente por um momento, depois a compreensão surgiu em seu rosto.

– Ah, certo. Vou passar a noite na Henny e os Gêmeos.

– Estou devendo uma para você, Rolha! – disse Red.

– Está mesmo – concordou Rolha. – Boa noite, então.

Em seguida se virou e foi andando pela rua.

– Bom, então acho que nós…

Red não conseguiu terminar a frase, porque Urtiga havia se inclinado e beijado seu pescoço. As palavras simplesmente ficaram no ar. De repente seu corpo estava cheio de calor e fome. Olhou para Urtiga enquanto os lábios dela se separavam ligeiramente. Suas mãos agarraram os braços lisos e musculosos dela, e ele a beijou com força. Urtiga agarrou um punhado dos seus cabelos. Era como se fossem duas pessoas esfomeadas, incapazes de se saciar.

Por fim ela interrompeu o beijo. Seus lábios macios roçaram o rosto dele enquanto perguntava:

– E o tal lugar discreto?

Red teve apenas uma leve consciência da caminhada. Mesmo estando nas ruas havia oito anos, elas pareciam estranhamente desconhecidas. Era como se o mundo tivesse sido enfeitiçado. Toda a confusão e a complexidade tinham sido apagadas. Só havia a necessidade que ele sentia por aquela molly maravilhosa. Manteve o braço em volta dos ombros dela e Urtiga enlaçou sua cintura. Não era um modo muito prático de caminhar, mas teve medo de que, caso a soltasse, a mágica terminaria.

De algum modo conseguiram chegar nesse estado ao seu prédio, subiram a escada precária e entraram no quarto minúsculo que ele

compartilhava com Rolha. No momento em que a porta se fechou, os dois começaram a se agarrar, tirando desajeitadamente a roupa um do outro. O som da respiração pesada e de fivelas se soltando, o som de corpos batendo nas tábuas do piso, de pele pressionando pele, despindo-se.

Red havia mantido sua aversão pelo sexo por mais tempo do que a maioria dos garotos. Tivera sua cota de beijos e amassos, mas a memória espectral daquele capitão peludo sempre o havia impedido de fazer mais. Agora essa memória se queimou num sopro de fumaça da avidez por essa garota. Desejava-a tanto que as mãos tremiam. O rosto perfeito, o pescoço rijo, os ombros lisos, os seios firmes, a barriga plana, as pernas fortes. Diabo, até a parte de trás dos joelhos dela parecia uma obra de arte. Ele a queria inteira. Comprimiu-se sobre ela, cobrindo todo o corpo dela com o seu, de modo que o calor dos dois se combinou até virar uma fornalha. Então ela o guiou para dentro e todas as palavras inteligentes de Red se reduziram a um interminável "Sim, sim, sim, sim".



– Red, isso aí na sua cama é uma moça pelada? Cadê o Rolha?

Red abriu os olhos. Uma luz fraca entrava pela única janela. Urtiga estava ao seu lado no colchão, com o cobertor mais ou menos cobrindo os dois. Abelhinha, a filha de 6 anos da vizinha, estava parada junto deles, com os braços magricelas cruzados.

– Pelo mijo do diabo, Bê – resmungou ele, tentando esticar o cobertor para cobrir melhor os dois. – Eu não disse para você bater?

– Eu bati. Você não respondeu.

– Talvez porque eu não quisesse visita.

Abelhinha o encarou como se aquilo não fizesse sentido.

– Quem é essa aí? – perguntou Urtiga, despertando.

A luz do sol passava pelos fios de cabelo desgrenhados de Urtiga de um modo que Red achou muito agradável de olhar, mas a carranca dela parecia uma nuvem de tempestade.

– Meu nome é Jilly, mas todo mundo me chama de Abelhinha porque eu não paro nunca. Moro aqui do lado e venho visitar Red e Rolha o tempo todo. Quem é você?

Urtiga olhou irritada para Red.

– Por que você deixou ela entrar?

– Não deixei – respondeu ele, cauteloso.

– Ela tem a chave?

– Pior. Eu ensinei ela a arrombar fechaduras.

– Por que, diabo, você fez isso?

– Não sei. Ela ficava me enchendo o saco o tempo todo para aprender alguma coisa.

– Eu queria que ele me mostrasse como atirar facas – explicou Abelhinha.

– Pronto, viu? – disse Red. – Arrombar fechaduras não parece uma alternativa tão ruim agora, não é? – Ele se virou de novo para Abelhinha. – Certo, sua ratazana. Preciso de um pouco de privacidade. Volte para casa.

– Minha mãe sumiu. Acho que os lordes chacais levaram ela.

Red suspirou. A mãe de Abelhinha, Jacey, bebia demais e tinha um gosto terrível para homens. Não era a mãe mais confiável, e essa não era a primeira vez que não voltava para casa. Em alguns casos, Abelhinha não teria comido se Red e Rolha não tivessem cuidado dela.

– Tenho certeza de que não foram os lordes chacais, Bê. Por que não vai até o Rato Afogado e vê se a Prin lhe dá uns cobres para ajudar a lavar as canecas? Encontro você mais tarde e vamos perguntar por aí se alguém viu sua mãe.

– Por que eu não ajudo você e *você* me dá uns cobres?

– Simples: porque não preciso da sua ajuda e não tenho nenhum cobre. Agora vá.

Abelhinha mostrou a língua para ele e saiu batendo a porta. Red se virou e viu Urtiga o encarando de maneira estranha.

– O que foi?

– Os boatos e as fofocas sobre você no Círculo. Nada dá a entender o torrão de açúcar que você é de verdade.

– Todos temos defeitos. – Ele enfiou a mão embaixo do cobertor e a pousou no quadril nu de Urtiga. – Agora que tal outro tombo?

Ela pensou nisso por um momento, com os lábios grossos franzidos.

– Não. Você ainda me deve um comprometimento de todo o coração com meu plano, depois de me largar no salão de dança.

– Ah, é…

– Você já se esqueceu da promessa?

– Minha memória é terrível. – Ele deu um riso pleno de inocência. – É outro defeito meu.



Era um dia tipicamente frio, cinza e ventoso no Círculo do Paraíso. As ruas estavam cheias de pessoas, cavalos, carroças e uma ou outra carruagem. Red e Urtiga caminhavam em passo tranquilo, comparando todos os amigos que tinham em comum. O Círculo do Paraíso era tão pequeno que, se você não conhecesse alguém, com certeza conhecia alguém que devia conhecer.

– Conhece a Tosh? – perguntou Urtiga.

– Claro. Ela e eu nos beijamos embaixo do cais umas vezes.

– Ela começou a trabalhar de puta há uns meses. Trabalha no Fatia do Céu.

– Verdade? Espero que ela seja melhor dobrando paus do que beijando. Ela soltava uns estalos esquisitos.

Red fez uma careta.

– Os fregueses adoram ela.

– Você é puta lá também?

Urtiga o encarou irritada.

– Eu pareço puta, seu mijo?

Red ergueu as mãos, aplacando-a.

– Eu não sabia que as putas tinham uma aparência específica.

– Claro. Todas elas são uns mijos de umas flores delicadas que não conseguem fazer nada sozinhas e nunca param de reclamar.

– Então você é segurança lá?

Ela pareceu surpresa.

– Como você sabe?

A única vez que Red se lembrou de seu pai reclamando com relação a ser prostituto não foi por causa de clientes, e sim por causa dos modos duros e insensíveis dos seguranças do bordel.

– Adivinhei. E aí, você conhece o Henny Bonitinho?

– Henny? Não vejo há anos. Agora ele é bonitinho?

– Não. Ano passado ele estava invadindo um armazém e um cão de guarda arrancou o nariz dele com uma mordida. Agora todo mundo chama ele de Henny Bonitinho.

Urtiga soltou um riso sombrio, intenso.

– Como você conheceu o Henny, afinal? Ele não parece seu tipo de vaga.

– Éramos da mesma quadrilha de batedores de carteira quando eu cheguei ao Círculo.

– Como assim, "cheguei ao Círculo"?

– Eu nasci em Costas de Prata. Meus pais morreram quando eu tinha 8 anos e eu meio que vim parar aqui.

– Ah.

– Por quê?

Urtiga deu de ombros.

– Não imaginava que você não era um verdadeiro vaga do Círculo.

– Então… – disse Red, tentando afastar a mágoa porque Urtiga não o considerava um "verdadeiro vaga". – Qual é o seu plano, afinal?

Nesse ponto tinham chegado ao Salão da Pólvora. Era a maior construção no Círculo do Paraíso e o lugar mais popular para todos os tipos de vagas se reunirem. Além disso, era uma das mais antigas também, com arcadas sujas, de mármore amarelado. O exterior do prédio era cercado por barracas de comerciantes que vendiam comida, tecido, roupas e uma variedade de mercadorias como ferramentas e pequenas armas, quase tudo roubado. Havia outras coisas que podiam ser compradas no Salão da Pólvora, como sexo, drogas ou assassinato, mas essas transações eram feitas lá dentro.

– Você tem bons contatos por aqui – disse Urtiga. – Encontre para mim um ferreiro que faça umas modificações especiais na minha corrente. E que cobre barato.

– Isso é simples – disse Red, ansioso para mostrar como tinha bons contatos. – Meu melhor vaga, Rolha, é aprendiz de ferreiro.

– O de ontem à noite?

– O próprio.

– Humm, então eu deveria ter ido para casa com *ele*.

– Boa sorte – disse Red, de novo escondendo a mágoa na voz. – Rolha prefere os tommys.

– Ah, bom. Ele pelo menos vai me dar algum desconto por ter ajudado ontem à noite.

Red foi guiando-a pela fileira de barracas. Vendedores gritavam, tentando vender frutas, facas, roupas, até armas de fogo velhas e enferrujadas. Quase no fim da fileira se encontrava a barraca do ferreiro,

mais ou menos com o dobro do tamanho das outras. Era feita de couro e não de lona, para impedir que alguma fagulha desgarrada a incendiasse.

O mestre ferreiro considerava Red uma distração enorme para seu melhor aprendiz. E Red era o primeiro a admitir que isso era verdade. Nunca tinha entendido por que Rolha queria uma profissão respeitável quando poderia conseguir muito mais dinheiro por outros meios. O melhor que Rolha pudera fazer para explicar foi dizer que *gostava de fazer aquilo*. Red considerou que era um belo motivo.

Red teve sorte. Quando entraram na barraca, ele viu que o mestre ferreiro tinha deixado Rolha cuidando da oficina. Rolha estava sem camisa, com o avental de couro e grossas luvas, batendo numa cabeça de machado para moldá-la na bigorna.

– Tudo bom? – perguntou ele, com o rosto escorrendo de suor. – Estou quase acabando isso aqui. Já falo com vocês.

E continuou a martelar.

Fazia um calor sufocante enquanto os dois esperavam, e o retinir da marreta fazia o maxilar de Red se trincar. Ele não fazia ideia de como Rolha achava essa experiência agradável. Urtiga pareceu menos entediada. Ficou de pé examinando calmamente as muitas peças terminadas que pendiam das paredes da barraca.

Por fim, Rolha largou a cabeça de machado numa tina d'água, o que encheu o lugar de vapor e o tornou ainda mais quente. Pelo menos as marretadas haviam parado.

– O que vocês querem? – perguntou Rolha enquanto enxugava o rosto e o pescoço com uma toalha.

– Você se lembra da Urtiga, hã… da noite passada?

– Claro.

– Ela está querendo fazer umas melhorias na corrente dela.

– É bastante rústica. – Rolha se virou para ela. – Que tipo de melhorias?

– Quero alguma coisa mais… eficiente na ponta. – Urtiga colocou a corrente na mesa pequena. – Talvez um peso ou algo assim.

Rolha pegou uma ponta da corrente.

– Quer causar mais danos?

– Exato.

– Ou quer que seus inimigos morram?

– Só às vezes. Não posso matar todo freguês só porque ele começa a aprontar. Às vezes um gafa só precisa de uma pancada rápida na cabeça para

se lembrar dos bons modos. Mas há outras ocasiões em que seria bom ter uma arma mortal.

Rolha pegou a outra ponta da corrente. Olhou as duas extremidades com atenção.

– E se a gente pusesse um peso numa ponta e uma lâmina na outra?

– Uma lâmina? – perguntou Urtiga.

– Uma pequena. Como uma lâmina de faca.

– Rolha, isso é brilhante! – exclamou Red.

– Não sei… – disse Urtiga. – Já é bem difícil de atirar. Não sei se eu teria precisão suficiente para que uma lâmina fosse útil.

Rolha fez que sim com a cabeça.

– Seria melhor se a corrente fosse muito menor e mais leve.

– Mas aí você está falando de uma arma totalmente nova. – Os olhos de Urtiga se estreitaram. – Quanto isso vai custar?

– Acho que eu devo a você por ontem à noite. Se você me conseguir o material, eu faço o serviço de graça.

– A corrente fina e tudo?

– Claro. Isso vale a minha vida e a do Red.

– E mais ainda – disse Urtiga. – Vou fazer o seguinte: dou de lambuja um tombo grátis no Fatia do Céu. Temos um bocado de tommys lá também, você sabe. – Ela estendeu a mão. – O que acha?

– Obrigado. – Ele apertou a mão dela. – É muita generosidade sua.

Rolha voltou a trabalhar. Red e Urtiga saíram da tenda sufocante. Quando estavam do lado de fora, Red suspirou aliviado.

– Não sei como ele aguenta ficar lá dentro tanto tempo.

– Nem eu – disse Urtiga, com os olhos escuros brilhantes e concentrados. – Certo, vejo você por aí.

– O quê? Aonde você vai?

– Pegar os materiais, obviamente.

– Ah. Precisa de ajuda?

– Não, eu me viro. Além disso, você precisa encontrar aquela sua Abelhinha para ajudar a achar a mãe dela, não é?

– É, acho que sim – admitiu Red. – Vejo você mais tarde?

– Você vai me ver um bocado.

– Sério?

– Claro. Seu melhor vaga está fazendo a arma dos meus sonhos de graça. Até ela ficar pronta, vou ficar por perto dele.

– Ah. Certo.

– Ei, agora não vá ficando todo ponço e charcado comigo, garotinho artista de Costas de Prata.

– Não estou charcado – protestou Red. – Só… gostei de você, só isso.

Urtiga pôs a mão no rosto dele.

– Você é bonitinho. Ontem foi divertido. Acho que a gente vai se ver de novo logo. Isso faz você se sentir melhor?

Red riu.

– Ensolarado.

Ela deu um beijo brincalhão em sua bochecha.

– Bom. Agora vá ajudar aquela pobre menininha, seu molengo.



Enquanto caminhava até o Rato Afogado, Red imaginou se talvez ele estivesse mesmo um tanto charcado por Urtiga. Seria uma coisa tão ruim? Claro, ela era meio rude. Mas também era engraçada… e atraente… e independente. Teria que agir no tapinha, não importando a intensidade dos sentimentos. Mas isso não era problema para ele. A maioria das pessoas do Círculo do Paraíso mantinha os sentimentos escondidos. Sadie culpava sua infância "de artista molenga" pelo fato de Red não conseguir fazer isso sempre.

Quando entrou na taverna, viu Abelhinha atrás do balcão lavando as canecas de cerveja com uma escova áspera. Prin, que cuidava do bar, estava por perto, supervisionando-a.

– Ei, princesinha – disse Red. – Está deixando a criança fazer todo o serviço, não é?

Prin deu de ombros.

– Eu disse que pagava 5 e ajudava ou pagava 10 se ela fizesse tudo sozinha. Não é minha culpa se ela é gananciosa.

Red sinalizou para ela ir até a outra extremidade do balcão, para que a menina não ouvisse. Prin franziu a testa.

– Você trabalhou ontem à noite? – perguntou ele baixinho.

– Se é que se pode chamar assim. O lugar estava quase morto, por causa da inauguração do Três Taças. Por sinal, você soube? Algum marreta tentou rolar o lugar.

– Não soube dessa história – disse Red descuidadamente.

Os olhos de Prin se estreitaram.

– Foi você, não foi? Juro, Red, se algum dia você tentar rolar esse lugar aqui eu…

– Princesinha, minha doce fornecedora de cerveja, eu jamais faria isso! O Rato Afogado é um segundo lar para mim.

– Verdade.

– Mas não era isso que eu queria falar com você. Já que o movimento foi tão devagar ontem à noite, será que você se lembra de ter visto a mãe da Abelhinha?

Prin pensou por um momento.

– É, ela esteve aqui, mas não ficou muito tempo. Já chegou bêbada, gritando que Drem Insensível era uma cobra, um mentiroso ou algo assim. Eu disse que ela já tinha bebido demais e que deveria ter cuidado com o que falava. Brackson e ela têm uma história, mas eu achei que não era esperto xingar o chefe daquele jeito.

– Depois ela foi embora?

– Depois de me xingar um bocado? Sim. Aí eu vi pela janela quando ela estava falando com uma patrulha dos capetas na rua. Bom, na verdade estava gritando com eles.

– E depois?

Ela deu de ombros.

– Parei de olhar. Tinha um freguês e, de qualquer modo, ela não era mais problema meu. Achei que os capetas cuidariam dela.

– Provavelmente a levaram ao Buraco para esfriar – disse Red. – Aposto que ainda está lá. – Ele se inclinou por cima do balcão e gritou: – Ei, Bê! Quando terminar com isso, vamos pegar sua mãe no Buraco.

A menina parou de lavar por um momento e suspirou dramaticamente.

– De novo? Então acho que não preciso ter pressa.



Havia um ditado no Círculo do Paraíso: *Todo círculo tem um buraco.* Com o tempo passou a significar que nenhum lugar era perfeito. Mas o sentido original era uma referência específica ao Buraco, apelido da grande cadeia na delegacia da polícia imperial no centro do Círculo do Paraíso. Red

achava fascinante esse tipo de história. Mas ninguém mais achava, a não ser Abelhinha. Talvez por isso os dois se dessem tão bem, apesar das muitas diferenças.

– Como você sabe todas essas coisas históricas? – perguntou ela enquanto iam até a delegacia dos capetas.

– Li nos livros.

– Você sabe ler? Como aprendeu?

– Minha mãe me ensinou quando eu tinha mais ou menos a sua idade.

– Você poderia me ensinar?

– Talvez. Ler não é tão fácil de aprender quanto arrombar fechaduras.

– Mas eu sou bem esperta, Red.

Ele sorriu.

– É mesmo, Abelhinha.

A delegacia da polícia imperial no Círculo do Paraíso não era um prédio grande nem impressionante. Já havia sido, mas foi incendiado tantas vezes que parecia que tinham desistido de reconstruir. No fim das contas, simplesmente ergueram a construção mais barata e despretensiosa que puderam. Desde então ninguém tinha tentado queimá-la.

Red e Abelhinha passaram pela porta principal. A sala da frente era pequena. Um capeta solitário estava sentado a uma mesa, parecendo entediado, com o uniforme branco e dourado aberto e amarrotado.

– Boa tarde, senhor – disse Red cheio de animação.

O capeta olhou para ele com suspeitas.

– Eu não conheço você?

– Duvido – respondeu Red em tom afável. Era bem possível que tivessem se conhecido, e provavelmente não em boas circunstâncias. – Só viemos pegar a mãe dessa menina que está no Buraco.

O capeta pegou um pedaço de papel na mesa.

– Nome?

– Meu nome é Jilly, mas todo mundo me chama de Abelhinha porque sou muito agitada.

– O nome da sua mãe – disse ele, irritado.

– Ah, o nome dela é Jacey.

O capeta examinou sua lista de nomes. Quando chegou ao final, Red notou que as sobrancelhas dele levantaram um pouco.

– Tem certeza de que é Jacey?

– Claro que eu sei o nome da minha mãe – reagiu Abelhinha num tom presunçoso.

Mas isso não pareceu incomodar o capeta. Toda a irritação o havia abandonado, substituída por algo que parecia pena. Ele pigarreou e olhou para Red.

– Ela… se ofereceu como voluntária para um serviço ao império.

– Ela *o quê?* – perguntou Red.

O capeta olhou para Abelhinha, mas só por um momento. Depois se virou de novo para Red.

– Se essa garota tem parentes, deveria ir morar com eles. – E engoliu em seco. – Até que a mãe termine o serviço, é claro.

– Você conhece a Jacey? – perguntou Red. – Tem alguma ideia de como isso que você está falando parece escorreguento?

O rosto do capeta ficou tenso.

– Não conheço. É o que o papel diz. É só isso que eu sei.

– Não me venha com paus e bagos. Você sabe mais do que isso.

O capeta sacou uma pistola.

– É só isso que posso dizer. Agora vocês precisam ir embora. E não falem mais sobre isso. Com ninguém. Para seu próprio bem e o dela. Entenderam?

Red ficou parado, olhando-o com raiva, os punhos fechados.

– Red, ele está apontando uma arma para você – disse Abelhinha.

– Eu sei, Bê.

– A gente deveria ir embora.

– Você ouviu a garota. – O capeta estava tentando parecer sério, mas havia um tom quase de súplica em sua voz. – Vão.

Red pegou a mão de Abelhinha, depois se virou e saiu da delegacia.

– Isso é bem esquisito, não é? – disse Abelhinha.

– É mesmo.

– Acho que ela queria tornar o império um lugar mais seguro, não é? É o que eles fazem quando viram soldados imperiais.

– Sério? – perguntou Red, com a expressão ainda sombria.

– Melhor ser uma capeta do que uma bêbada velha e fedida, não acha, Red?

Red não achou que Jacey teria se alistado no exército imperial. Ela jamais faria isso e, de qualquer modo, eles não a aceitariam. Talvez a única coisa para a qual ela fosse aceita seria como objeto de teste para alguma

experiência de um biomante. E ninguém se oferecia como "voluntário" para isso. Mas de que adiantaria dizer isso a Abelhinha? Jacey estava morta ou coisa pior. Melhor que Bê achasse que sua mãe estava marchando por aí vestida com um uniforme.

– Certo, Abelhinha.

Era assim no Círculo. De vez em quando alguém era levado pelos biomantes. Ele deveria simplesmente aceitar.

9

O *Gambito da Dama* era um brigue de tamanho médio que comprava e vendia cargas por todo o império. O capitão Carmichael empregava uma tripulação de dez homens, embora Hope não soubesse por quê, já que apenas metade deles parecia trabalhar. O resto ficava à toa no convés, bebendo rum e jogando pedras.

– É verdade que, quando o tempo é bom, o navio só precisa de quatro ou cinco tripulantes – respondeu Carmichael quando Hope perguntou. Estava segurando o timão tranquilamente, com as mãos calejadas, os olhos castanho-escuros espiando o horizonte. – Uma brisa firme e um céu limpo faz parecer que é bastante fácil. Mas o mar pode ser volúvel e é capaz de se virar contra a gente. Quando o tempo está ruim, os marinheiros extras no cordame podem significar a diferença entre a vida e uma sepultura na água.

– Morto pelo clima? – perguntou Hope com ceticismo.

Ele deu um sorriso.

– Você vai ver logo, se meu olfato estiver certo. E geralmente ele está.

– O senhor consegue cheirar uma tempestade?

– Há cheiros específicos no ar e uma calma que não é natural na água. Olhe ali. – Ele apontou para a água pontilhada de verde-escuro que se estendia adiante. – Consegue ver a tempestade logo ali, prendendo o fôlego, como se estivesse pronta para atacar?

Hope balançou a cabeça.

– Você acabou de chegar. Vai pegar o jeito com o tempo. Agora vá pedir ao Rançoso para fechar as escotilhas. Essa vai ser feia.

As únicas nuvens que Hope podia ver estavam bem longe no horizonte. Parecia improvável que chegassem logo ao navio, se é que chegariam. Mas ela foi pelo convés até a proa, onde a maior parte da tripulação estava reunida. O sol brilhava forte e o vento tinha sido fraco o dia inteiro, por isso todos os marinheiros estavam sem camisa, com os ombros robustos bronzeados e brilhando de suor. Dois deles discutiam sobre a partida de pedras e os outros davam opiniões. Enquanto Hope passava por eles a discussão virou uma briga. Os dois marinheiros se socaram e se chutaram

com selvageria enquanto os outros permaneciam sentados torcendo por um ou pelo outro. Rançoso estava encostado na amurada olhando a briga com um sorriso no rosto.

– O capitão disse para você…

– Espere até eles terminarem.

Rançoso balançou a mão na direção dela, sem se incomodar em afastar os olhos da briga. As coisas não tinham melhorado nos poucos dias desde que haviam se conhecido. Mas Rançoso era o imediato e sua autoridade se estendia a todo mundo da tripulação, menos Hope. O resto não a ouvia. Ela não pôde fazer nada até a luta acabar.

Enquanto olhava a briga violenta, Hope sentiu falta da calma silenciosa do mosteiro. Racklock e Crunta eram cruéis, mas pelo menos eram previsíveis. Ela havia aprendido a lidar com eles ou evitá-los. Neste navio os surtos de violência por bebida podiam irromper a qualquer minuto, sem qualquer propósito a não ser aliviar o tédio. Não tinham decoro ou disciplina. A princípio achara difícil saber quem estava bêbado, até perceber que todos estavam embriagados o tempo todo. Havia uma passagem no código vinchen que alertava contra o consumo excessivo de bebidas fortes. Ela nunca entendera essa preocupação. Os monges faziam cerveja e a bebiam com moderação, saboreando cada gole. Mas esses marinheiros derramavam rum pela goela como se fosse água. Em qualquer momento metade da tripulação mal parecia capaz de ficar de pé, quanto mais manobrar um navio. Ela se perguntou como conseguiam ir de um porto a outro.

– E então, sulistinha? – perguntou Rançoso enquanto os dois brigões caíam no convés, exaustos, sem um vitorioso evidente. – O que deseja?

E olhou impaciente para Hope, como se ele estivesse esperando por ela.

– O capitão disse para fechar as escotilhas. Tem uma tempestade chegando.

Os olhos de Rançoso se arregalaram.

– Pelos mijos do diabo, por que não disse antes?

– Eu tentei…

– Não tenho tempo para discussões inúteis com gente da sua laia. – Rançoso soprou um apito estridente que ficava pendurado em seu pescoço. – Escutem, seus marretas! Tem uma lufada chegando pela nossa goela antes do pôr do sol. O capitão nunca errou quando se trata de tempestade, e não acho que desta vez seja diferente. Então, a não ser que queiram dormir com

os caranguejos esta noite, sugiro que corram as escotilhas e voltem para seus postos.

Ele soprou de novo e a tripulação se levantou instantaneamente, parecendo alerta e sóbria, como se o apito tivesse lançado um feitiço sobre todos. Os homens partiram em diferentes direções. Hope se virou para Rançoso, meio pasma com a mudança súbita que ele havia provocado neles.

– O que posso fazer?

– A não ser que vocês, vinchen, saibam como esfaquear uma tempestade no olho, só fique fora do caminho.

Hope ficou olhando os marinheiros trabalhar, ainda maravilhada com a transformação. Eles lacraram todas as escotilhas, trancaram as portas, prenderam os cabos e guardaram todos os itens soltos em pequenos compartimentos de madeira construídos no convés em determinados pontos, ao longo de todo o navio. E então esperaram.

Em circunstâncias normais, esperar implicaria um monte de bebida, gritos e violência entre os marinheiros. Mas agora estavam de pé, quietos em seus postos, alguns no convés, alguns nos cordames. Seus olhos permaneciam alertas e as expressões sérias. À medida que o céu escurecia, um deles começou a cantarolar em voz grave. Dois outros também começaram a cantarolar, uma harmonia fantasmagórica levada pelo vento que ficava cada vez mais forte. Então, de cima do cordame, o tripulante menor e mais jovem, afora Hope, um homem chamado Mayfield, começou a cantar com voz límpida de tenor:

Não importa para onde o vento vá,
Nunca sopra direito para mim.
Vida de marujo nunca é fácil,
A não ser pela beleza do mar sem fim.

As nuvens, que antes tinham parecido distantes, chegaram tão rapidamente que parecia que um cobertor gigantesco havia sido jogado no céu. As águas de um verde-escuro se transformaram num cinza agitado salpicado de branco. Raios serpeavam no céu, seguidos por estrondos de trovão.

Não importa quem eu ame ou odeie,

Não importa se vou me casar.
Nada prende meu coração
Como a liberdade do mar.

Os marinheiros pararam de cantar. O mundo inteiro pareceu prender o fôlego. Então o céu cinza-escuro se partiu. A chuva desceu numa torrente sibilante, martelando a cabeça, os ombros e as costas de Hope. Ela foi andando pelo convés subitamente escorregadio enquanto as ondas golpeavam o costado da embarcação, lançando lençóis de água em seu caminho.

Uma mão para o navio, uma mão para você. Palavras que Carmichael tinha falado com ela no dia em que havia chegado lhe vieram à mente. Antes não faziam muito sentido. Mas, enquanto as águas que chegavam aos tornozelos ameaçavam puxar seu pé e jogá-la por cima da amurada, ela compreendeu. Uma das mãos segurando algo o tempo todo e a outra preparada para desviar um cabo ou um botaló que passava.

Eventualmente chegou ao timão, onde o capitão estava de cabeça erguida apesar da chuva forte.

– Animem-se meus vagas! Recolham a vela de carangueja! – gritou ele acima do som da tempestade.

A embarcação subia e descia pelas ondas. Logo eram tão altas que, quando a embarcação descia no vale entre duas, Hope não conseguia ver o céu, só uma parede de água escura. Quando chegavam de novo à crista, o vento golpeava as velas brancas com tanta força que o som era igual ao de um tambor.

– Aquartelem essas velas antes que elas se esfrangalhem! – berrou Carmichael.

Hope olhou por entre os fios de seus cabelos louros desgrenhados enquanto os marinheiros subiam pelo cordame e começavam a juntar as velas e amarrá-las nas vergas. O vento sacudia os cabos molhados e Hope ficou pasma ao ver que os homens não eram lançados no mar. Trabalharam levantando lentamente uma vela depois da outra pelos mastros que oscilavam sob o vendaval.

– Os mastros estão *se dobrando*? – gritou Hope a Carmichael.

– Eles precisam ser flexíveis, caso contrário se partiriam feito gravetos secos numa tempestade assim! – berrou ele de volta.

Os marinheiros tinham enrolado quase todas as velas. Só permanecia a sobrejoanete, retesada feito um tambor. De repente, ela se rasgou e o vento a agarrou. Os marinheiros deslizaram de volta para o convés justo quando o mastro começou a se inclinar de lado, chegando tão baixo que o topo estava num ângulo de quase 45 graus em relação à água.

– Cortem aquela vela ou ela vai arrancar o mastro pela base! – berrou Carmichael.

Rançoso, com as pontas do bigode pingando, assentiu e tirou uma faca do cinto e a segurou entre os dentes. Em seguida, começou a subir pelo mastro principal que chicoteava para trás e para a frente, feito uma chibata.

– Como ele consegue se segurar? – gritou Hope.

Carmichael deu uma gargalhada.

– Diga o que quiser sobre o Rançoso, mas ele é um marujo de verdade, com anzóis no lugar dos dedos.

Rançoso subiu lentamente pelo mastro principal. Toda vez que o navio chegava à crista de uma onda, um novo sopro de vento o golpeava. Ele ficava firme, esperando que o navio descesse de novo no vale entre as ondas, onde ficavam de certa forma abrigados, de modo que conseguisse continuar a subir. Por fim, chegou ao topo e cortou os cabos. A vela partiu voando e caiu na água, onde desapareceu rapidamente no cinza borbulhante. O mastro voltou à posição vertical. Rançoso deslizou de volta para o convés e os braços da tripulação, que aplaudiu e cantou empolgada uma nova música acima do rugido das ondas e dos trovões:

Um marinheiro na tormenta
É pequeno feito o pau de um velhinho.
É melhor saber para onde ir
Ou o mar pega você rapidinho!

Ao anoitecer, a tempestade finalmente passou. O mar ficou calmo, o vento e a chuva foram parando e as nuvens se abriram para revelar um pôr do sol que transformou a água em ouro derretido. A luz do sol passava pelo cordame ainda pingando, lançando pequenos arco-íris pelo navio. Os marinheiros que antes trabalhavam constantemente para manter tudo preso pararam e levantaram o rosto para o sol, com os olhos fechados e os rostos sorridentes.

– E então, Hope? – perguntou Carmichael. – Ainda zomba do clima?

– Nunca mais.

E ela não estava falando só do tempo, mas também dos homens. Quando foi necessário, eles tinham mostrado uma coragem ousada e uma tenacidade implacável, diferente de qualquer uma que ela já vira, mesmo entre os guerreiros vinchen. Nesse dia o mar e os marinheiros ganharam seu respeito.

– Ei, sulistinha! – gritou Rançoso. – Obrigado por não ser uma fatia intrometida e deixar que a gente fizesse o serviço!

Hope ficou surpresa ao descobrir que até mesmo Rançoso tinha merecido um pouco do seu respeito. Mas não durou muito até ele estragar isso com palavras.



Naquela noite os marinheiros ficaram mais bêbados do que nunca. Comeram, beberam e cantaram durante horas. Nas noites anteriores, Hope havia mantido distância, inquieta com o comportamento grosseiro e frequentemente lascivo. Mas começou a entender a camaradagem e o verdadeiro apreço que sentiam uns pelos outros e que ficava escondido por baixo do palavreado rude e das atitudes violentas.

Tinha concordado em ficar um tempo naquele navio, aprendendo sobre o mundo e as pessoas. Ocorreu-lhe que o modo de conseguir isso não era se mantendo distante, como nas noites anteriores. Mas será que algum dia poderia chamar esses homens de camaradas?

– Eles podem ser imundos feito esturjões e barulhentos feito um bando de gaivotas. – O capitão Carmichael sentou-se ao lado dela. – Mas são uma tripulação tremendamente boa na hora do aperto.

– O senhor não deveria estar comemorando com eles?

– Um capitão deve manter alguma distância. Não pode deixar a tripulação se familiarizar demais. Caso contrário, os homens param de respeitar sua liderança.

– Parece uma coisa solitária.

– Pode ser que sim. – Carmichael olhou para a água escura que brilhava à luz das estrelas. – Mas um homem nunca está completamente sozinho quando tem o mar.

– O senhor fala do mar com se fosse uma coisa viva.

– E é.

– Mas é só água.

– O mar é mais do que somente água. São as plantas e o clima. São as criaturas dentro e acima dele. São todas essas coisas. Você e eu somos parte do mar.

– Não me sinto parte de nada – disse Hope, baixinho.

– E a tal ordem vinchen, de onde você veio? Você não fazia parte dela?

Hope não sabia qual era a resposta para essa pergunta. Jamais poderia ser considerada uma verdadeira guerreira vinchen. Seu sexo tornava isso impossível. No entanto, o fato de Hurlo ter lhe feito uma armadura dizia que ele a considerava uma guerreira. Pensar nele provocou uma mistura de carinho e dor em Hope. O mundo tinha perdido um grande homem. Ela jamais ia querer se juntar aos irmãos que o haviam assassinado, nem se eles mudassem de ideia e permitissem isso.

Talvez pudesse fazer parte do mar e de seu povo. Será que desejava isso? E, se desejava, será que a aceitariam?



Chegaram a um porto no dia seguinte. Enquanto o capitão Carmichael levava o navio para o cais, Hope ficou olhando maravilhada o agrupamento de construções, algumas de dois andares, posicionadas numa grade nítida. Era maior do que seu povoado natal e o mosteiro de Ermo dos Ventos juntos.

– Que cidade é essa? – perguntou.

– Eu não chamaria Vance de cidade – respondeu Carmichael. – É mais um posto comercial.

– As cidades são ainda maiores do que isso?

Carmichael sorriu.

– Muito. – Em seguida, pigarreou e se dirigiu a toda a tripulação: – Vamos descarregar para sermos pagos.

Os tripulantes estavam bêbados outra vez, mas a menção ao pagamento trouxe vida nova aos seus olhos. Eles atracaram o navio rapidamente e puseram a carga no cais. O administrador do porto inspecionou a carga e assinou o papel que Carmichael lhe deu.

Carmichael levantou o documento assinado para Hope ver.

– Agora levamos isso à Comissão Imperial de Comércio e trocamos por dinheiro.

As ruas do posto Vance estavam cheias de comerciantes, alguns com vestimentas finas, outros usando roupas simples, mas todos bem-arrumados e limpos. Depois de vários dias a bordo do *Gambito da Dama*, onde o banho era um luxo, Hope sabia como devia estar parecendo imunda para eles, a pele riscada de alcatrão e sal, o cabelo louro grudado e espetado devido à água do mar. Mas afastou esses pensamentos incômodos para o fundo da mente. Sua responsabilidade agora era a segurança do capitão, por isso examinava as ruas atentamente, a mão junto ao botão da espada.

– Pode relaxar um pouco, sulistinha – disse Rançoso. – Não creio que a gente vá ver muita ação por aqui.

– Parece um lugar muito organizado – admitiu Hope.

– É um lugar onde as pessoas fazem negócios – observou Carmichael. – As únicas pessoas que moram aqui são os mercadores e suas famílias. É o maior porto na parte sul do império. Se tiver negócios nessa região, inevitavelmente vai passar pelo posto Vance.

– Em outras palavras, é aqui que está o dinheiro – disse Rançoso.

– Isso não tornaria o lugar um alvo tentador para os ladrões? – sugeriu Hope.

– Poderia – explicou Carmichael. – Se não fosse a frota de navios imperiais estacionada aqui o tempo todo. – Ele indicou um prédio grande do outro lado da rua. Acima da porta de madeira escura havia uma placa pendurada, onde estava escrito COMISSÃO DE COMÉRCIO IMPERIAL. Nela estava gravado o brasão imperial, um relâmpago colidindo com uma onda. – Pode não ser tão impressionante quanto Pico de Pedra ou Nova Laven, mas Vance é um dos portos mais importantes do império. Venha, é hora de fazer negócios. A parte que menos gosto do meu ofício de capitão.

Ele a levou pela porta da frente da Comissão de Comércio Imperial. A sala era iluminada pela luz fraca do sol entrando pelas janelas. Vários homens estavam sentados preguiçosamente em bancos junto às paredes. Do outro lado, um oficial imperial com casaca branca e dourada estava sentado atrás de uma grande mesa de madeira com um pequeno lampião a óleo. Havia um homem na frente da mesa com o chapéu na mão, falando baixinho com ele. Carmichael parou a uma distância respeitosa deles e aguardou.

A mesa era flanqueada dos dois lados por um soldado imperial, cujos peitorais dourados refletiam a luz do lampião na mesa. Hope se retesou ao ver os uniformes. Era a primeira vez que via aquelas cores desde o massacre em seu povoado, e eles não tinham mudado em nenhum detalhe. Ela sentiu a sombria fome de vingança começando a se espalhar e respirou fundo para se ancorar contra ela.

– Não gosta dos capetas, não é? – sussurrou Rançoso para ela enquanto esperavam.

– Capetas? – sussurrou Hope de volta.

– Soldados imperiais. Achei que vocês, vinchen, seriam amiguinhos deles, mas seu maxilar retesou, por isso imagino que você tenha algum ressentimento.

– Não confio nos soldados imperiais – admitiu ela.

– Talvez a gente tenha alguma coisa em comum.

Hope quis perguntar o que ele queria dizer, mas o homem à frente deles saiu e agora a mesa estava livre, por isso Carmichael avançou.

– Capitão Carmichael, do *Gambito da Dama*, com uma entrega.

Ele colocou o papel amarrotado, sujo de sal e assinado sobre a mesa limpa, alisando-o desajeitadamente com as mãos rudes. O oficial levantou o papel com o polegar e o indicador, franzindo as pálpebras enquanto tentava decifrar a tinta descorada pelo sol.

– Óleo de lâmpada, osso de baleia, carne salgada… e madeira.

– Sim – disse Carmichael.

O oficial assentiu, enfiou a mão numa gaveta e contou uma pequena pilha de moedas.

– Uma de ouro e vinte de prata – disse empurrando a pilha para Carmichael.

– Obrigado, senhor. Alguma carga nova que possamos pegar?

– A semana está fraca – respondeu o oficial, assentindo para os marinheiros sentados nos bancos. – Alguns estão esperando uma carga decente há dias. – Ele moveu alguns papéis na mesa, depois levantou um. – A única coisa que tenho agora é uma carga de comida e bebida alcoólica para Luz do Alvorecer.

– Luz do Alvorecer? – perguntou Rançoso. – Mas isso é…

– Eu aceito – disse Carmichael.

Rançoso se calou, mas Hope viu que alguma coisa naquele destino o alarmava. O oficial também pareceu surpreso.

– Pode fazer a viagem? – perguntou.

– Posso – respondeu Carmichael.

O oficial deu de ombros, escreveu algo no papel e o entregou ao capitão.

– Leve isso ao administrador do porto e ele vai cuidar para que a carga seja posta no seu navio.

– Obrigado, senhor.

Carmichael se virou e saiu pela porta, com Hope e Rançoso logo atrás. Assim que pisaram na rua, Rançoso exclamou:

– Pelo mijo do diabo, capitão! Em Luz do Alvorecer?

– Nunca ouvi falar dessa ilha – disse Hope.

– É um posto militar avançado na fronteira leste do império – disse Carmichael. – O último pedaço de terra antes do mar do Alvorecer.

– É um mijo de terra de ninguém – explicou Rançoso. – Se você arranjar encrenca por lá, estará por conta própria.

Ele olhou em volta, como se a simples menção do lugar pudesse transportá-lo para lá instantaneamente, como mágica.

– Não pretendo meter a gente em encrenca – disse Carmichael.

– O senhor sabe que o lugar é depois das Quebras – reagiu Rançoso.

– Eu posso enfrentar as Quebras.

– Ouvi dizer que há piratas escondidos nas Quebras.

– Também ouvi isso – admitiu Carmichael.

– Piratas? Como Dire Bane? – perguntou Hope.

O infame pirata que seu mestre levou à justiça era o único de quem tinha ouvido falar. Rançoso cuspiu.

– Esse pessoal não é nem um pouco como o Dire Bane, o Calamidade. Não têm honra nem misericórdia. São pouco mais do que animais. Ouvi dizer que, quando eles atacam um navio, matam toda a tripulação. E depois, em vez de jogar os corpos no mar, eles comem.

– Luz do Alvorecer é um risco – admitiu Carmichael. – Mas precisamos de uma vela de sobrejoanete nova, o que vai comer um bom naco do que acabamos de ganhar. E provavelmente vamos ter que arranjar um novo mastro muito em breve. Precisamos do dinheiro. Podemos ir até lá e voltar antes de outra carga aparecer aqui. Se não for assim, só vamos ficar à toa, perdendo dinheiro com essas taxas de atracação absurdas. E Hope pode cuidar de qualquer pirata que encontrarmos, não é?

– Claro, capitão – respondeu Hope, porque era isso que ele queria que ela dissesse.

Mas ela se perguntou se era verdade. Suas habilidades ainda não tinham sido testadas. Sua única experiência de combate havia sido com um guerreiro vinchen sozinho e confiante, além de um peixe grande e idiota. Sentiu um arrepio com a ideia de um novo adversário. Porém, mais forte ainda, sentiu um desejo de enfrentar o desafio e se provar uma guerreira de verdade.

O código dizia que um vinchen jamais deveria ansiar pela batalha, por isso, enquanto voltavam ao navio, ela tentou afastar esses pensamentos. Mas o sentimento a perseguiu pelo resto do dia enquanto esperavam a carga, e chegou até aos seus sonhos, onde ela matava piratas vestidos de branco e ouro.

10

Brigga Lin esperava encontrar mais do que uma pilha de entulho desgastado pelo vento quando chegou ao templo de Morack Tor. Diziam que Morack Tor, um dos primeiros biomantes de verdade, o construiu séculos antes do nascimento do império, e o lugar tinha sido um repositório de conhecimento para a ordem. Mas nos primeiros dias do império, muito depois de Morack Tor ter morrido, o chefe do conselho dos biomantes, Burnesse Vee, mandou que ele fosse destruído por insistência de Selk, o Bravo, da ordem vinchen. Diziam que alguns conhecimentos eram perigosos demais para existir. Mas esse era exatamente o tipo de conhecimento que Brigga Lin procurava.

Na última década o conselho dos biomantes ficara cada vez mais alarmado com a ameaça de invasão vinda do norte, de além do mar Negro. Todo biomante do império estivera procurando desesperadamente algum tipo de arma que mostrasse o domínio do imperador sobre os estrangeiros abusados. Mas, como era típico dos velhos, seu pensamento era limitado e convencional demais. Mas não o de Brigga Lin. Enquanto completava seu noviciado em Pico de Pedra, ele ficou sabendo da existência das ruínas de Morack Tor, intocadas desde a época do Mago Negro. Sugeriu ao seu mentor que eles deveriam explorar as ruínas. Sem dúvida, se o Mago Negro tinha descoberto algo que valia a pena, eles também poderiam descobrir. Seu mentor considerou que aquilo era perda de tempo. Que agora o lugar era apenas uma pilha de entulho. Apesar dessas palavras, Brigga Lin esperava encontrar mais coisas. Mas, enquanto arrastava seu barquinho para a praia, era somente isso que via.

Era uma ilha pequena, mais ou menos retangular e com uma área de menos de meio quilômetro. Era cercada por areia cinzenta que, aos poucos, dava lugar a um musgo verde-escuro que cobria as pilhas de pedras esculpidas que um dia tinham sido o templo. Só isso.

Brigga Lin suspirou e se sentou numa coluna coberta de musgo. O conselho tinha recusado seu pedido de trazer um esquadrão de guardas imperiais. Ainda bem. Eles iriam zombar dele sonoramente pelo

desapontamento. Os guardas imperiais tinham uma reverência pelos outros biomantes que chegava às raias do medo. Mas não demonstravam esse respeito por um biomante recém-ordenado, especialmente um que tivesse reputação tão baixa. Era verdade que Brigga Lin não fora o mais apto em transformações, e até mesmo seus feitos de erudição tinham sido pouco impressionantes. Mas o que carecia em talento ele tinha em determinação. Encontraria alguma coisa nessas ruínas ou morreria tentando.

Bem, ele *quase* morreu. Apesar de racionar cuidadosamente os suprimentos, eles se acabaram depois de dez dias. Mas Brigga continuou procurando, mantendo-se vivo bebendo a água da chuva que espremia do musgo verde e fétido. Quando ficava com muita fome, comia o musgo também. Infelizmente isso causava leves alucinações. Mas nem esse pequeno detalhe o fez parar. Por fim, enquanto as nuvens pareciam pulsar furiosas e as pedras se fundiam umas nas outras com expressões agonizantes, ele encontrou uma passagem subterrânea.

Demorou algum tempo para ter certeza de que não estava alucinando. As visões iam e vinham, como ondas. Nos momentos lúcidos ele pôde verificar que havia uma pedra quadrada no chão com uma grande argola de metal. A dieta restrita a água de chuva e a musgo alucinógeno o tinha enfraquecido, mas usando o remo do barco ele pôde fazer uma alavanca e abrir o alçapão. Desceu para o cômodo subterrâneo escuro, murmurando sozinho que os outros maldiriam o dia em que tinham duvidado dele.

Não havia nada no cômodo. Era forrado de prateleiras, mas estas continham apenas cinzas. Marcas de queimado estavam presentes no piso de pedra e no teto, como se alguém tivesse incendiado toda a biblioteca.

Brigga Lin caiu de joelhos. Olhou para seu manto branco de biomante, agora manchado de lama e musgo. Ondas de tontura atravessavam seu corpo enquanto o musgo tóxico percorria o organismo. Será que o musgo o mataria? Não tinha considerado isso até esse momento. *Todos* estavam certos. Seus pais, seu mentor, o conselho. Ele não passava de um idiota arrogante.

Então notou um buraco perfeitamente redondo no chão de pedra. Pensou que era estranho o chão ser de pedra. Por que não deixar a terra? A não ser que houvesse alguma coisa escondida.

Havia um texto gravado na pedra perto do buraco. Ele se inclinou, lutando para ler com sua visão afetada pelo musgo. As letras pareciam

ondular, por isso demorou um tempo para ler a mensagem simples, e mais ainda para compreendê-la.

> *Quem tiver coragem suficiente para enfiar as mãos às cegas na escuridão se perderá para a escuridão e a escuridão se perderá para ele.*

Não parecia uma coisa muito promissora. Eram frequentes as armadilhas em templos antigos dos biomantes, e ficar perdido para a escuridão parecia uma ameaça. Mas foi a última frase que o fez parar. Como a escuridão poderia se perder para alguém? Talvez fosse o musgo que nublasse seu pensamento, mas isso não fazia sentido. Sentou-se e pensou por longo tempo, mas não chegou a conclusão nenhuma. Por duas vezes se levantou como se quisesse ir embora, mas se lembrou de que esta era sua última esperança. Ou enfiava a mão no buraco ou voltava de mãos vazias a Pico de Pedra e ao rancor do mentor e de seus colegas.

– Danem-se todos os infernos desta vida e da outra – murmurou, depois se ajoelhou e enfiou a mão no buraco.

11

Abelhinha tinha uma tia na Ponta do Martelo que aceitou ficar com ela. Red não se sentiu bem deixando-a sair do Círculo para uma área que todo mundo sabia que não era boa. Mas, como observou Rolha, não existia opção.

Quando Red sugeriu que eles ficassem com ela, Rolha só o encarou como se ele tivesse ficado escorreguento. Red teve de admitir que provavelmente os dois não eram a opção ideal para cuidar de uma menininha, e era sorte Abelhinha ter alguém. Jilly, na verdade. Agora ninguém iria chamá-la de Abelhinha. Essa ideia talvez o tenha perturbado mais do que qualquer outra. No Círculo do Paraíso um nome significava alguma coisa, quer você o escolhesse ou não.

Mas a preocupação de Red com relação a Abelhinha não durou muito. Cada vez mais seus pensamentos e sua energia eram gastos tentando deduzir como rever Urtiga. Ela queria ficar perto de Rolha enquanto ele trabalhava em sua facorrente, como tinha começado a chamá-la, mas não queria ser um incômodo. Por isso passava bastante tempo no Salão da Pólvora. O interior do salão era um grande espaço aberto com mesas, bancos e barracas espalhadas. Era um local popular para participar de um jogo de pedras, para os prostitutos e prostitutas trazerem clientes e para assassinos desovarem corpos. Não havia julgamento no Salão da Pólvora, nem capetas. As autoridades tinham tentado invadir o lugar alguns anos antes, mas desistiram depois de cinco dias e muitas baixas. Alguns lugares simplesmente não podiam ser governados.

– Eu estava pensando em arranjar uma arma especial também – disse Red como um cumprimento quando se sentou ao lado dela.

– Mmf? – perguntou ela, com a boca em volta de um peixe assado no palito que tinha pegado numa barraca do lado de fora.

Ele sacou uma das suas facas de atirar e a levantou, olhando-a pensativamente.

– Às vezes, quando atiro uma, elas acertam com o cabo. Bom, se eu estiver mirando a cabeça, isso ainda basta para atordoar ou até nocautear a

pessoa. Mas se estiver mirando em outro lugar, por exemplo no peito, isso só deixa a pessoa furiosa. Por isso eu estava pensando: por que não ter uma lâmina em cada ponta, para não ter mais esse problema?

– E por onde você iria segurar a faca, seu cabeça de sal? – perguntou Urtiga.

– Pensei nisso, também. – Ele deu um riso presunçoso. – Veja bem, eu não preciso segurar a faca, só preciso de um modo de arremessá-la.

– Por que não coloca um aro de metal no meio onde você possa enfiar o dedo?

Os olhos de Red se arregalaram.

– Ideia ensolarada, Tiga! E se o anel é que juntasse as duas lâminas? Aposto que Rolha poderia fazer uma para mim num instante.

– Depois de terminar minha facorrente.

Red tentava estender o tempo que passavam juntos para além da conversa inicial. Mostrava algum lugarzinho estranho que tivesse encontrado nas imediações, como o lago subterrâneo no Solar das Macieiras. Ou a levava ao Rato Afogado para uma cerveja e um jogo de pedras. Ou para o cais e pedia emprestado a Finn Perdido umas varas de pesca. Às vezes ela concordava com seu plano. Às vezes dizia:

– Não, vamos voltar para sua casa e tombar.

Em outras vezes, Urtiga só dizia que não estava interessada. Red tentava não demostrar frustração nessas ocasiões. Sabia que ela iria considerá-lo mole, iria chamá-lo de artista ou ponço. Praticamente as únicas vezes em que podia contar com que ela o acompanhasse, independentemente de qualquer coisa, era quando tinha um serviço.

– E então? – perguntou Urtiga sentando-se com Red a uma mesa de canto no Rato Afogado.

Ela enrolou sua brilhante facorrente nova em volta da mão. Rolha tinha feito um ótimo trabalho. A corrente era fina e leve, mas com elos tão apertados que não ficou frágil. A lâmina era de dois gumes e um pouco mais comprida que o indicador dela.

– É o seguinte. – Havia poucas coisas que Red gostava mais do que contar um plano novo. – Sabe o enrugado, dono daquele açougue na rua Manay? O que chamam de Nabo?

– Conheço o açougue. Não conheço o velho.

– Porque você não é uma pessoa dada, Tiga. Você precisa falar com os outros. Sorrir e bancar a gentil.

Ela fez uma expressão azeda.

– Dá trabalho demais.

– Mas trabalho traz trabalho. Eu conversei com o Nabo e descobri que ele também é dono da padaria da rua da Maré. Ele estava reclamando como era difícil ter as duas lojas tão longe uma da outra, transportando coisas entre elas. Aí fiquei imaginando que tipo de coisas ele transportaria. Depois de uma tarde de conversa amigável na padaria e algumas noites de observação atenta da rota entre as duas lojas descobri que não existe cofre na padaria. O velho Nabo manda o dinheiro ao açougue depois que uma das vendedoras dele fecha o lugar.

– Você é capaz de rolar uma vendedora sozinho. Para que precisa de mim?

– Porque os ganhos de um dia na padaria não valem o meu tempo. Não, vamos usar isso para pegar o prêmio maior: o cofre do açougue.

– Como vamos fazer isso?

– Eles deixam a tal vendedora entrar depois da hora de fechar. Destrancam a porta e a levam direto para onde o cofre fica escondido. E, por acaso, a garota tem mais ou menos sua altura e cabelo semelhante.

– Você quer rolar a vendedora e depois me botar para fingir que sou ela para encontrar no cofre e entrar.

– Eu vou seguir você até a loja. Você pega o dinheiro e eu ajudo com relação a qualquer segurança grandalhão que eles tiverem lá. É entrar e sair. Simples que nem saltar.

– Nunca é simples como você diz.

Ele riu para ela.

– Ainda bem. Eu não ia querer que você ficasse entediada.

Naquela noite viram a vendedora no meio do caminho entre os dois estabelecimentos. Por um lado, aquele parecia um modo estranho e não muito seguro de transportar dinheiro. Por outro, a maioria das pessoas não pensaria que uma vendedora miúda feito um camundongo teria algo que valesse ser roubado. E ela representava bem o papel. Caminhando num passo tranquilo, sem revelar que poderia ter algo que valesse a pena nem que estava indo para algum lugar importante. Se Red não tivesse tropeçado no conhecimento, não faria a menor ideia. Mas com o passar dos anos tinha aprendido que, mais do que atirar uma faca ou arrombar uma fechadura, descobrir coisas era a habilidade mais útil para prosperar no Círculo do Paraíso.

Urtiga se posicionou num beco à frente da garota. Red estava na rua, um quarteirão atrás. Ele começou a andar na direção da garota e ajustou o ritmo de modo que ela atravessasse o beco justo quando ele estava para passar por ela. Urtiga lançou a extremidade rombuda de sua facorrente, acertando a garota na têmpora. Red estava ali para pegá-la antes de ela bater no chão. Levou-a rapidamente para o beco, onde Urtiga esperava. Urtiga colocou o cachecol puído e o chapéu da garota, depois pegou a pequena bolsa de moedas que deveria ser transportada para o açougue.

– Melhor não tirar nada por enquanto – sugeriu Red.

Urtiga olhou em dúvida para a vendedora inconsciente.

– Diga a verdade: estou mesmo parecida com ela?

– Claro que está, Tiga. Só que mais bonita.

Ele piscou. Ela franziu a testa.

– Vamos descobrir até que ponto esse seu plano vai funcionar.

Urtiga foi pelo resto do caminho até o açougue, com Red a seguindo cautelosamente, permanecendo nas sombras ou se escondendo em pequenos grupos de pessoas. O sol estava se pondo e as patrulhas de capetas que acendiam os lampiões das ruas ainda não tinham chegado a essa parte do bairro, de modo que havia bastante lugar onde se ocultar. Red ficou satisfeito ao ver que Urtiga tinha adotado o mesmo passo tranquilo da vendedora. Sabia que não era fácil fingir relaxamento quando se estava para fazer um serviço daqueles.

Por fim chegaram ao açougue. Urtiga bateu à porta com o ritmo que Red tinha observado a vendedora usar, e um tenso minuto depois a porta se abriu. Um homem alto e atarracado, usando avental sangrento, olhou para ela.

– Cadê a garota de sempre?

Urtiga só hesitou um momento, provavelmente para xingar Red em pensamento.

– Ela queimou a mão no forno, por isso eles me mandaram.

O homem a olhou por um momento. Red prendeu o fôlego, pronto para saltar e tirar Urtiga dali, caso as coisas fossem a sota-vento. Mas o homem apenas assentiu.

– Ah, está bem. – Ele ficou de lado e sinalizou para Urtiga entrar. – Diga ao chefe que ele deveria mandar você mais vezes.

Deu-lhe um tapa no traseiro. Urtiga parou e Red prendeu o fôlego de novo. Ela poderia estripar o tommy ali mesmo. Sem dúvida tinha direito de

fazer isso. Mas estragaria todo o serviço.

– É, claro, talvez eu venha – disse ela, e sorriu para o sujeito.

Ele pareceu satisfeito com o sorriso, mas Red o reconheceu como um aviso. *Não vou apenas matá-lo. Farei isso com requintes de crueldade.* Ele ia deixar aquele sujeito para ela.

No último segundo antes de fechar a porta, Red atirou uma das suas novas facas de duas lâminas, mantendo-a ligeiramente aberta. O homem empurrou o trinco para trancá-la. Normalmente teria notado a resistência adicional, mas agora seu olhar estava fixo em Urtiga.

Assim que não pôde mais vê-los pela janela, Red se moveu rapidamente para a porta. A lâmina tinha deixado uma fresta pequena entre a porta e o portal, com espaço suficiente apenas para ele enfiar uma das suas gazuas finas e soltar o trinco. Assim que a porta se abriu, ele pegou de volta a faca cravada no portal e entrou.

A área da frente, onde os fregueses faziam os pedidos, estava escura. Ele podia escutar vozes do outro lado do balcão. Esgueirou-se cautelosamente, seguindo o som. A passagem dava na sala dos fundos, onde peças de carne pendiam em ganchos. Havia uma grande mesa no centro, manchada de sangue havia anos. O cofre ficava lá atrás, nos fundos. Além do grandalhão que estava com Urtiga, havia outros dois.

– Qual é o seu nome, molly? – perguntou um deles.

– Ell – disse ela, fazendo sua menor tentativa de dar um sorriso tímido. Não pareceu muito convincente para Red, mas os tommys pareceram engolir.

Enquanto esperava, Red percebeu uma dor na mão. Olhou para baixo e viu que a palma estava cortada, com um fio de sangue. Devia ter se cortado ao atirar a faca. Sem dúvida sua técnica precisava de algum aprimoramento.

Por fim os tommys pararam de flertar e abriram o cofre.

– E então, o que você vai fazer mais tarde… – começou um deles.

Mas não conseguiu terminar a frase. Uma faca se cravou em seu pescoço. O que estava do outro lado caiu um instante depois. Com isso só restava o que tinha aberto a porta. Ele olhou chocado os dois companheiros que estavam engasgando no próprio sangue.

– Sua fatia traiçoeira!

Ele tentou lhe dar um soco com o punho enorme. Urtiga se desviou de lado e atirou a corrente, de modo que a lâmina se cravou no pulso dele. Ela puxou com força, desequilibrando-o. Ela o chutou na lateral da cabeça.

Enquanto o grandalhão desabava, Urtiga jogou o lado pesado da corrente contra o pau do tommy, que soltou um gemido débil e caiu de joelhos.

Urtiga parou junto dele.

– Vou deixar você vivo para transmitir a cada tommy que encontrar uma valiosa lição: nunca passe a mão na bunda de uma molly sem permissão. Fechou?

Então ela agarrou a cabeça dele com as duas mãos e deu uma joelhada no rosto. Ele despencou no chão, inconsciente.

– Ele mereceu – disse Red.

– Por que suas mãos estão sangrando? – perguntou Urtiga, enquanto colocavam o conteúdo do cofre num saco.

– Ainda não descobri um modo de atirar minhas facas sem me cortar – admitiu Red.

– Bom, até lá é melhor você usar umas luvas, não acha?

Red balançou a cabeça.

– Com a luva eu não conseguiria passar os dedos pelos aros.

– Então corte os dedos da luva. As palmas continuariam protegidas, não é?

– Boa ideia – disse Red, olhando as mãos feridas.

– Essa também foi – admitiu Urtiga, assentindo na direção do cofre.

Ele sorriu.

– Acha mesmo?

– Acho. Bom lucro, risco mínimo. Quem iria imaginar que um ponço artístico de Costas de Prata iria se virar tão bem no Círculo?

Red optou por considerar isso um elogio. Em geral Urtiga ficava supermolhada depois de um serviço bem-sucedido, por isso ele não quis arruinar o clima.



Era no andar de cima do Fatia do Céu que viviam os empregados que não eram prostitutos. Urtiga dividia um quarto com Ipsy, uma faxineira. O tommy de Ipsy era marinheiro e vivia viajando. Quando ele estava no porto, o casalzinho ficava na Mãe do Marinheiro, que não era mais usada para recrutar marujos contra a vontade. Na última semana ela estava lá, de modo

que Red e Urtiga tinham o quarto só para os dois. Isso levou a muito sexo, e aquela noite não foi exceção.

Se você perguntasse a Red se o sexo era bom, ele diria que sim, mesmo não tendo qualquer base para comparar. Nenhum tommy admitiria que não gostava de um tombo. Não era uma coisa para dizer. O problema era que, logo que terminava, ainda suada e ofegante, Urtiga se afastava.

Ela não era de fazer carinho. Tinha deixado bem claro. Por isso ele usava palavras para reduzir a distância. Na maior parte do tempo, enquanto estavam deitados no escuro, ele simplesmente tagarelava sobre qualquer coisa que lhe viesse à cabeça e ela respondia com grunhidos descompromissados. Mas na noite em que roubaram o açougue, quando ele começou a contar como tinha ganhado a confiança de Nabo para descobrir as informações que os ajudaram no sucesso daquela noite, ela o interrompeu.

– Seus pais eram de Costas de Prata, não eram?

– Meu pai era prostituto lá, igual à mãe e ao avô dele. Uma longa linhagem de prostitutos de Costas de Prata que serviram durante gerações à comunidade artística. Alguns chamam os prostitutos e prostitutas de Costas de Prata de musas, já que, no todo, eles são tremendamente bonitos e inspiram muitos pintores e músicos.

– E sua mãe?

Em outro lugar e outra ocasião Red teria respondido com mais cautela. Não era um marreta completo. Mas naquele momento estava empolgado com o plano, a luta, o dinheiro e o sexo.

– Minha mãe era de Salto Fundo.

– Com bagos e paus, não brinca!

– Não, é verdade. É por isso que eu sei ler. Também sei pintar, mas não faço isso muito ultimamente.

– Deve ser legal, vir de todo aquele privilégio.

– Como assim?

– Nada. Então sua mãe era uma daquelas garotas rendadas que iam para Costas de Prata com sonhos de virar pintora famosa?

– Ela *era* uma pintora famosa. Até ficar doente.

– Com a especiaria coral? Seus olhos vermelhos entregam isso. Se bem que nunca vi isso em ninguém que não fosse bebê.

– Não era só a especiaria. Ela teve outro problema por causa das tintas. Perto do fim ficou doente de verdade.

– Qual era o nome dela?

– Gulia Pastinas.

– As rendadas sempre têm nomes chiques.

– Nomes líricos – disse ele distraidamente.

– É estranho uma rendada como ela ter um filho chamado Red. Especialmente com os olhos. É meio óbvio demais, não é?

– Red é o nome que Sadie me deu quando me pegou.

– Então qual é o seu nome de nascimento?

– Promete que não vai rir?

– Por que eu riria?

– Não sei. Só prometa.

– Claro, tudo bem, prometo.

– Meu nome de nascimento é Rixidenteron.

Houve um longo silêncio.

– Tiga?

Ele ouviu uma pequena agitação, e através do cobertor podia senti-la se mexendo. Então Urtiga explodiu subitamente na maior gargalhada que ele já a ouvira dar.

– Desculpe, desculpe! – Ela ofegou entre dois ataques de riso. – É só que eu não esperava um nome tão ridículo!

– Certo.

Red sentiu o calor da vergonha subir por dentro.

– Está falando sério? É isso mesmo?

– É, esse é o meu nome. Pode perguntar ao Rolha. Ele… – Red se perguntou se seria boa ideia compartilhar mais verdades naquela noite. Mas talvez isso a ajudasse a entender como aquilo era importante e como estava magoado. – Ele é a única pessoa a quem contei isso, além de você.

– Dá para ver por quê! – disse Urtiga, e explodiu em mais uma gargalhada.



Na noite seguinte, Red e Rolha estavam em seu quarto, dividindo uma garrafa de cerveja que Prin tinha dado em troca de expulsarem alguns bêbados arruaceiros do Rato Afogado mais cedo. O calor do verão havia

chegado a Nova Laven e os dois estavam sentados lado a lado junto à janela aberta, tentando se refrescar.

– Tiga passou na oficina hoje para fazer uns ajustes na facorrente. Disse que fez um bom teste com ela ontem à noite.

– Minhas facas de atirar também funcionaram bem. Só que cortaram as palmas das minhas mãos.

– Foi por isso que você comprou aquelas luvas de couro hoje com o Derramado?

– É.

Rolha tomou um longo gole da garrafa.

– Ela perguntou se era verdade o negócio do seu nome de nascimento.

– É, eu contei a ela ontem à noite.

Rolha entregou a caneca a Red.

– Ela riu, você sabe. Quando eu disse que era verdade ela quase engasgou na cunha.

Red tomou um gole.

– É. – Depois tomou outro gole e devolveu a garrafa. – Ela riu ontem à noite também.

– Você está ficando charcado por ela.

– Não estou – retrucou Red automaticamente.

Rolha fez cara de cético e tomou mais um gole.

– E se eu estiver? – perguntou Red. – Não é uma coisa ruim.

– É sim, se ela não estiver por você.

Ele entregou a garrafa de volta para Red.

Red franziu a testa e enfiou o polegar no gargalo da garrafa, puxando-o para fora e enfiando de novo, para provocar um som oco. Tinha dúvidas. Mas algumas vezes as dúvidas só faziam a pessoa lutar mais ainda para acreditar.

– Acho que ela *está* charcada por mim.

– Não. Ela gosta de você. E gosta de tombar com você. Mas não está charcada.

– Como você sabe?

Red não conseguiu evitar o tom defensivo que surgia na voz.

– Ela não olha para você do mesmo modo que você olha para ela.

Às vezes toda a fala chique e o pensamento ágil de Red só lhe permitiam andar em círculos, mesmo que mais depressa do que todo mundo. Às vezes

era Rolha, com seu jeito simples, que deixava as coisas claras. Não havia nada a ser feito, a não ser admitir.

Olhou para Rolha com cara de lamento.

– O que eu faço?

– Pergunte a ela. Talvez eu esteja errado.

– Mas se a gente tiver que ficar junto? Como um destino? Você não acha que nós somos perfeitos um para o outro?

– Não. Na verdade, não.

Red o encarou, com os olhos cor de rubi arregalados de surpresa.

– Achei que você gostava da Urtiga.

– Gosto dela. Mas ela não entende você do modo que você merece ser entendido.

– Você fala como se eu fosse uma espécie de ponço artístico – disse Red com amargura.

Rolha suspirou.

– Só me prometa. Quando falar com ela, se as coisas saírem do rumo, prometa que vai ver a Sadie depois.

Red tomou um longo gole da garrafa, depois inclinou a cabeça para trás apoiando-a no parapeito da janela aberta, de modo que o vento da noite soprasse na testa suada.

– Certo. Mas não vai ser preciso. Você vai ver. Ela está tão charcada quanto eu.



Red adorava o Círculo do Paraíso. Mais do que Costas de Prata, onde tinha passado a infância. Mais do que o *Vento Selvagem*, ainda que aquelas fossem algumas de suas lembranças prediletas. E certamente mais do que Salto Fundo, onde nunca pusera os pés.

Houvera ocasiões em sua vida, especialmente quando era mais novo, em que tinha desejado que sua tia Minara aparecesse de repente para levá-lo a uma mansão rendada no norte da cidade. Lembrava-se dela das poucas vezes em que ela o visitara. Era mais velha e mais conservadora do que sua mãe, mas com aparência quase idêntica e muito mais gentil na fala e no toque. Particularmente nos meses antes de conhecer Sadie, ele ansiava por aquele toque. Mas agora sabia que esses eram sonhos de uma criança fraca e

amedrontada. Hoje em dia, se pensasse na tia, era para imaginar por que ela nunca havia aparecido.

Red adorava o Círculo do Paraíso, mas havia dias em que as nuvens estavam baixas e cinza e a chuva caía não para limpar as ruas imundas, mas só para transformar a lama, o lixo e a bosta numa sopa fétida. Dias em que cada rosto parecia atormentado pela fome e por hostilidades. Bebês choravam pelas mães que jamais chegariam e crianças faziam brincadeiras distraidamente perto do cadáver inchado e apodrecido de um cavalo. Era em dias assim que Red escapava para os telhados.

Lá de cima, quando as nuvens não estavam baixas demais, ele podia ver todo o bairro e ocasionalmente mais longe. Ali o ar tinha um gosto diferente, sem ser estragado pelo esgoto que corria pelas sarjetas. E lá em cima era silencioso. Os sons do bairro se reduziam a um murmúrio sob os ventos que vinham do mar. Durante algum tempo Red podia fingir que estava livre de tudo aquilo.

Os telhados tinham sido sempre apenas de Red. Rolha não admitiria de cara, mas não gostava de altura. E não havia ninguém com quem ele quisesse compartilhar essa fuga temporária. Até conhecer Urtiga. Estivera decidindo quando seria a melhor ocasião, e agora sabia que era ali que perguntaria se ela o queria como seu tommy e se ela seria sua molly para sempre.

A maioria dos telhados do Círculo do Paraíso era inclinada, mas Red conhecia todos que eram planos e suficientemente largos para ficar. E por acaso um deles era o lugar perfeito.

– Vamos fazer o quê? – perguntou Urtiga enquanto os dois estavam numa rua secundária.

Ela olhou com ceticismo para o toldo acima da porta.

– Se precisar de ajuda, eu posso subir primeiro e jogar uma corda.

– Não preciso de ajuda, seu cabeça de sal. Só não sei por que vamos fazer isso.

– Você vai ver.

Red franziu as sobrancelhas misteriosamente. Urtiga suspirou.

– Tudo bem.

Subiram para o toldo. Dali se esgueiraram por uma saliência até o parapeito de uma janela. Do parapeito era um salto curto até uma polia de varal. Assim que um deles agarrasse a polia, precisaria balançar as pernas

para prender os calcanhares na calha de chuva, depois se enrolar para levar as mãos até a calha e se lançar para o telhado.

– Pelo mijo do diabo! – Urtiga massageou as mãos. – Como você descobriu isso?

– Demorou um pouco. Mas, se fosse fácil, todo mundo estaria aqui em cima, não é? Olhe esta vista e me diga se não valeu a pena.

Ele indicou com as duas mãos os telhados que se estendiam em todas as direções. O velho templo e alguns outros topos de prédios estavam envoltos na névoa, que, para Red, dava um toque mágico à vista. Mesmo ainda faltando bastante para o pôr do sol, os lampiões já tinham sido acesos nessa parte do bairro, o que tornava a névoa luminescente.

– Hã – disse Urtiga.

– E, claro, quando você olhar para lá, vai ver por que eu escolhi este telhado.

Ele apontou para a encruzilhada abaixo, com um floreio e um sorriso maroto. Urtiga olhou com uma expressão indecifrável.

Red esperou. Por fim, Urtiga balançou a cabeça.

– Desculpe. Não entendi. Por que esse telhado?

– Porque fica acima da encruzilhada onde a gente se beijou pela primeira vez!

– Ah, é. Acho que foi. – Urtiga olhou em volta de novo, depois esfregou as mãos. – Meio frio. Afinal, por que estamos aqui em cima?

– Bom, eu só… – O motivo parecia tão óbvio para Red que ele teve dificuldade de colocar em palavras. – É meio especial. Para nós.

Ela assentiu.

– E…

O coração de Red acelerou. Suas mãos já estavam suando. A boca ficou subitamente seca. Ele estava nervoso. Talvez fosse Rolha plantando dúvidas na sua cabeça. Talvez fosse o fato de que Urtiga obviamente não tinha entrado no clima romântico do telhado. Qualquer que fosse o motivo, ele descobriu que as palavras estavam presas na garganta enquanto olhava para ela.

Urtiga o encarou estreitando os olhos, os braços cruzados.

– Você está meio escorreguento. O que está acontecendo?

– Eu sei… eu… desculpe – gaguejou ele. Depois respirou fundo e tentou de novo. – Você é a melhor molly que já conheci. Não quer ser minha de vez?

E então estendeu a mão para ela. Urtiga olhou sua mão estendida como se fosse algo que não reconhecia. Quanto mais ela olhava, mais o estômago de Red se encolhia.

– Gosto de você, Red – disse ela baixinho. – Gosto de estar com você. Gosto de tombar com você. Eu diria até que gosto de você mais do que de todo mundo. Menos de mim. Gosto de mim mais do que de todo mundo. Não sou molly de ninguém e nunca vou ser. Se é isso que você quer, vai ter que procurar em outro canto.

Red a encarou. Ainda estava de pé, mas por dentro se sentia desmoronando.

– Fechou? – perguntou ela.

– É – respondeu ele, entorpecido. – Eu me enganei.

Em seguida se virou e começou a se afastar.

– Ah, não venha bancar o ponço comigo, Rixie – disse ela, provocando.

Era a pior coisa que poderia ter dito, e a caminhada dele virou uma corrida.

– Red? Vem cá, eu só estava brincando!

Mas ele pulou no telhado próximo e continuou correndo. Tinha passado meses tentando ficar o mais grudado possível naquela molly, e agora não suportava estar perto dela. Continuou correndo de telhado em telhado, deslizando nos ângulos traiçoeiros de alguns, sem nunca parar; até chegar a um espaço largo demais para saltar. Abaixo ficava uma longa fila de barracas. Tinha chegado ao Salão da Pólvora. Não tinha ido para ali de propósito. Mas talvez houvesse uma parte dele, bem no fundo, que tivesse sido atraída para esse lugar. Ou, mais especificamente, para uma pessoa nesse lugar.



Num dos lados do Salão da Pólvora havia um pequeno grupo de mesas onde os velhos enrugados se reuniam. Red viu Sadie no meio deles, encostada numa mesa, as pernas estendidas pelo corredor. A vida era dura no Círculo e os últimos oito anos tinham cobrado um alto preço dela. Seu cabelo desgrenhado estava quase todo grisalho, a pele bastante flácida, e faltavam mais do que alguns dentes. Mas os olhos ainda eram agrupados e a mente rápida. Mais importante, ela estava viva, o que era uma situação

melhor do que a de muitos dos seus contemporâneos. Poucas pessoas tinham esperteza suficiente para chegar à velhice no Círculo do Paraíso. Por isso, qualquer um que conseguisse recebia certo respeito e geralmente era deixado em paz para ficar recordando, ou fosse lá o que os enrugados faziam em seus cantos.

– Ora veja se você não está todo mijado e apimentado – observou Sadie.

Red se sentou perto dela mexendo o corpo num movimento desajeitado.

– Sou um marreta pingo de pinto.

– De jeito nenhum. Que negócio é esse?

– Tem uma garota…

– Ah, chegamos aí, não foi? – perguntou ela, séria. – Desembuche. Quem fez o quê?

– Ela não quer que eu seja o tommy dela. Ela… ela nem disse por quê.

– Provavelmente disse. Você só não conseguiu entender, ou talvez não quis ouvir.

– Talvez eu seja feio.

– Você não acredita nisso.

– Talvez ela não goste dos meus olhos. Algumas pessoas acham que eu sou maligno, você sabe. Por causa dos olhos vermelhos.

– Tem um monte de gente idiota no mundo. Essa garota por quem você está charcado é idiota?

Red balançou a cabeça.

– Então ela não acha que você é maligno.

– Talvez seja porque eu não sou de verdade um vaga do Círculo.

– Por que você diria uma coisa dessas?

– Ela falou. Quando eu disse que era de Costas de Prata.

– Ah, isso é um monte de paus e bagos. Você cuida dos seus vagas?

Red assentiu.

– Você defende sua liberdade e a do Círculo diante dos capetas e de quem quiser tirar isso de nós?

– Claro.

– Então é só disso que você precisa.

– Então você não acha que eu sou privilegiado porque vim de Costas de Prata e tenho parentes em Salto Fundo?

– Ah, acho. Mas isso não quer dizer que você não seja um verdadeiro vaga do Círculo. Para mim só quer dizer que você tem de fazer mais. Você é inteligente, com todos esses livros que lê. Você sabe melhor do que a maioria

como a vida é e, mais importante, o que pode ser feito para consertá-la. Contanto que continue com isso e sempre mostre sua qualidade, eu diria que você mereceu seu lugar no Círculo.



Red saiu do Salão da Pólvora com as palavras de Sadie na cabeça. Isso não fez com que a rejeição de Urtiga doesse menos, mas pelo menos lhe deu alguma esperança de que, afinal de contas, ele se encaixava ali.

Havia algo estranho no mercado do lado de fora do salão. Era fim de tarde. As barracas deviam estar apinhadas. Porém tudo estava fechado, como se esperasse um furacão. Só que a brisa era fraca demais para uma tempestade.

Então viu que a tempestade não era natural, e sim imperial. Um esquadrão de capetas vinha pela fila de barracas, atormentando quem não tinha sido rápido ou esperto o suficiente para fechar o negócio a tempo. Mesmo sendo verdade que os capetas nunca se infiltravam no Salão da Pólvora, eles ocasionalmente faziam incursões no mercado, como se chacoalhassem as grades para lembrar às pessoas que um porto seguro poderia facilmente ser uma jaula. Era assim no Círculo, e a melhor coisa para Red fazer era ir embora, agradecido porque não era ele quem estava sendo espancado.

Mas então parou. Poderia ser assim, mas sabia que não deveria ser. Era o que Sadie tinha dito. Ele deveria saber. Isso era totalmente errado. *Ele* estava errado. Deixar os capetas bater em outros vagas. Roubar de outros vagas como o pobre Nabo ou mesmo Drem Insensível. Claro, Drem era um canalha assassino que vendia drogas, mas estava fazendo coisas por essa comunidade. Fazia parte dessa comunidade. O verdadeiro inimigo eram esses invasores, os botas do imperador. E, como todo mundo, eles precisavam entender como a coisa era no Círculo.

Red calçou as luvas novas sem dedos enquanto serpenteava silenciosamente entre as barracas. Quando chegou perto dos capetas, viu quem eles estavam atormentando, e nesse momento soube que, não importando como as coisas acontecessem, ficaria para sempre feliz por ter feito a escolha de não deixar isso passar. Porque eles estavam na barraca do

ferreiro e estavam com Rolha de joelhos à frente. Escorria sangue do canto da boca dele e seu olho já tinha começado a inchar.

– Fazendo armas para que seus vagas possam matar capetas, não é? – zombou um deles, depois chutou a barriga de Rolha.

Rolha se curvou, depois se levantou devagar de novo. Seu rosto se comprimiu num ódio absoluto. Ele havia perdido um aprendizado respeitável de ferreiro porque se recusou a trabalhar para um oficial capeta. Agora eles o tinham seguido até o Salão da Pólvora. Sem dúvida, quando entraram naquela tenda de ferreiro não tinham esperado que ele resistisse. Capetas tinham matado os pais de Rolha. Depois disso, ele jamais conseguia se conter perto deles.

Um dos capetas saiu da barraca usando uma das grossas luvas de ferreiro e segurando um atiçador reluzindo, quente da forja.

– Acho que você não vai fazer mais nenhuma arma quando tivermos arrancado seus olhos.

A faca de Red se cravou no braço do capeta, provocando um espasmo na sua mão e fazendo o atiçador cair sobre a bota, atravessando rapidamente o couro fino. Mais três facas encontraram pescoços expostos. Rolha agarrou a cabeça do quinto capeta e a torceu com força suficiente para quebrar o pescoço.

– Vocês todos são lixos assassinos e ladrões! – gritou o capeta que estava com a faca cravada no braço. O sangue escorria enquanto ele apontava o fuzil para Red. – A morte de vocês deixa esse lugar um pouquinho melhor.

Red estava sem facas e Rolha longe demais para ajudar. O capeta engatilhou o fuzil, encolhendo-se com a dor no braço. Mas o cano permaneceu firme enquanto ele mirava.

Então um tilintar metálico soou no ar enquanto a facorrente de Urtiga disparava, a lâmina se cravando no ouvido do capeta. Ela puxou a corrente com força, o tiro dele passou longe e o capeta caiu se retorcendo no chão.

– Obrigado, Tiga! – disse Rolha.

Red permaneceu em silêncio, olhando-a com cautela. Não tinha certeza do que achar daquilo nem de como se sentia.

– Quando você saiu correndo daquele jeito achei que ia arranjar alguma encrenca – disse Urtiga enrolando a corrente e limpando a lâmina.

Red continuou sem dizer nada enquanto ia andando de um corpo até o outro, pegando de volta suas facas.

– Olha – disse ela. – Eu queria um tombo divertido, tranquilo. Você queria romance. Desculpe se não pudemos dar um ao outro o que a gente queria. Mas, independentemente do que a gente era ou é, sempre vou estar perto para tirar você de um aperto. Fechou?

Ela estendeu a mão. Não era o que ele queria. Mas também era assim no Círculo. Você não costumava conseguir exatamente o que desejava. Urtiga não seria a molly que ele queria. Mas era uma tremenda lutadora, e no Círculo você era um marreta se não aceitasse uma aliança oferecida.

Assim, mesmo havendo uma pequena parte dele que ainda sofria, Red apertou a mão dela com força.

– É, tudo bem. Posso dizer o mesmo, acho.

12

Era uma viagem de quatro dias até Luz do Alvorecer. Hope tentava preencher o tempo com meditação e exercícios, mas havia um limite para isso, até mesmo para um vinchen. Ainda que todos os outros no navio tivessem vários serviços, a única responsabilidade de Hope era aguardar por algo que todas as outras pessoas esperavam que jamais acontecesse. Algo que nem a própria Hope tinha certeza se era capaz de fazer.

– Você parece inquieta – disse Carmichael na tarde ensolarada do segundo dia. Ele segurava o timão frouxamente, o rosto bronzeado inclinado para a luz. – Até seus passos fazem um barulho impaciente.

– Eu gostaria de ser mais útil. Mas não sei nada sobre navios e navegar.

– Poderia aprender.

– Como?

– Comece pelo mais simples. Vá perguntar a um tripulante o que ele faz e por quê. Pergunte ao Carrapato sobre o cordame, por exemplo. Ele conhece os cabos deste navio melhor do que ninguém. Você pode aprender uma coisa com cada tripulante, e logo vai ser uma maruja melhor do que eu.

– Duvido que eu possa ser boa como o senhor, capitão. Mas vou experimentar o que sugeriu.

Ele deu um leve sorriso.

– Boa sorte!

Hope procurou Carrapato no navio e o encontrou perto do mastro de proa, prendendo uma corda grossa. Carrapato era um sujeito baixo, careca e com sobrancelhas que pareciam aranhas peludas esmagadas.

– Pode explicar o que você está fazendo? – perguntou ela.

Ele lhe lançou um olhar desconfiado.

– Por quê, moça?

– Quero aprender sobre o navio.

Uma das aranhas peludas subiu.

– Não há nada com que você precise se preocupar, moça. Agora, se me der licença, preciso cuidar de outro cabo.

Em seguida, ela tentou com Sankack, que era um homem alto com rosto desanimado e quase sem queixo. Ela o encontrou na popa do navio, sentado num banquinho, com uma vela no colo, uma agulha grande e linha nas mãos.

– Está consertando essa vela? – perguntou Hope.

– Humm – grunhiu ele, sem levantar os olhos.

– Ela foi rasgada na tempestade?

– Humm.

– Poderia me mostrar como se faz?

– Humm.

Hope tentou mais várias vezes, mas nunca conseguiu tirar dele nada mais do que um murmúrio. Por fim desistiu e foi procurar Carmichael. Rançoso estava ao timão, por isso ela foi para a cabine do capitão. Bateu de leve à porta.

– Quem é?

– Hope, senhor.

– Ah. Entre.

Ela encontrou Carmichael sentado diante de uma mesinha, com uma pena numa das mãos e um livro de bordo aberto à frente.

– E então?

O leve sorriso voltou aos lábios cercados pela barba.

– É como se eles não confiassem em mim – disse ela bruscamente.

– Eles não confiam.

– Não acham que eu consigo puxar um cabo? Costurar uma vela?

– Nenhum deles nunca viu uma mulher a bordo de um navio, a não ser, talvez, a mulher de um capitão, que nunca faz nada de útil a não ser dar broncas no capitão por ser um bêbado sujo e grosseiro. Eles viram você matar aquele peixe-remo, claro. A próxima vez que houver um peixe-remo, eles vão procurá-la. Mas a ideia de você fazer o que eles fazem nem passou perto da cabeça dura deles. Alguns vão acabar entendendo, e aí o resto fará o mesmo.

– Como o senhor sabe?

– Não sei. Mas o serviço do capitão é sempre dizer algo que ele quer que aconteça como se soubesse que *vai* acontecer. – Seu sorriso se alargou num riso amplo. – Pronto, viu? Pelo menos estou ensinando *meu* trabalho a você.



No dia seguinte Hope tentou de novo, indo de um tripulante a outro. Era ignorada ou dispensada por um de cada vez, a não ser Rançoso, que riu na cara dela. Depois de algumas horas desencorajadoras, ela voltou para a companhia de Carmichael.

– Você não ajuda em nada ficando perto de mim – disse ele. – Os homens precisam se acostumar com sua presença.

Assim, relutante, Hope voltou à tripulação naquela tarde. Desta vez não pressionou nem perguntou nada, simplesmente ficou olhando e ouvindo. Eles pareceram desconfortáveis com sua presença durante a primeira hora. Mas depois continuaram com o trabalho como se ela não estivesse ali. Algumas coisas ela era capaz de aprender só observando. Aprendeu outras ouvindo-os conversar entre si. Falavam sem qualquer cortesia ou decoro. A princípio isso a deixava desconfortável. Mas com o tempo se acostumou, assim como eles tinham se acostumado com ela.

Na manhã do quarto dia, o *Gambito da Dama* chegou às Quebras. Hope ficou com Rançoso, Carrapato e Sankack na proa, do lado de bombordo, olhando a linha distante de recifes ásperos que se estendia por 1,5 quilômetro de norte a sul. Eles se projetavam da água para o céu azul sem nuvens, lutando contra a corrente principal fazendo com que a água em volta da base borbulhasse numa espuma branca interminável.

– Ouvi dizer que aqueles recifes subiram a partir de um inferno em chamas embaixo do chão, carregando o calor para cima, e é por isso que a água borbulha – disse Carrapato.

– Ouvi dizer que foi um biomante que criou eles, como um escudo contra demônios invasores – contrapôs Sankack. – E é a raiva frustrada dos demônios do outro lado que faz a água ferver.

A pulsação de Hope acelerou à mera menção da palavra *biomante*, mas ela continuou em silêncio.

– Não seja marreta – disse Rançoso. – Os biomantes não conseguem mudar pedra, só coisas *vivas*. Todo mundo sabe disso.

– Ah, é? – Sankack fez uma carranca de desprezo. – E você é especialista em biomantes? Mas você nunca viu um.

Rançoso o encarou friamente por um momento antes de falar.

– Uma vez. Quando eu ainda estava em Nova Laven.

Houve um momento de silêncio enquanto Carrapato e Sankack trocavam olhares. Então Carrapato pigarreou.

– E então, eles são ruins como as pessoas dizem?

Rançoso deu um sorriso amargo.

– Bom, eu escolhi ficar aqui na beirada do mundo com vocês, seus vagas de bosta, então o que isso lhe diz?

Assim que estavam a 100 metros das Quebras, Carmichael apontou o navio de modo a seguirem paralelos aos recifes, indo para a extremidade norte. Quando viraram na fronteira norte das Quebras, o capitão gritou:

– Preciso de olhos lá em cima!

O *Gambito da Dama* não tinha um cesto da gávea, porém Mayfield subiu rapidamente pelo mastro de proa até chegar à verga de joanete, a cerca de três quartos do topo do mastro. Enganchou as pernas na verga e pegou uma luneta.

Com Mayfield posicionado, o capitão virou o navio e foram para o leste, com a extremidade norte das Quebras no lado de bombordo. Assim que conseguiram passar, Hope e os outros puderam ver pela primeira vez a extremidade leste das Quebras.

– É um mijo de um cemitério de navios – disse Carrapato baixinho.

Ao longo de toda a linha de recifes, cercados de espuma, havia navios de todas as formas e tamanhos, desde minúsculas chalupas de um mastro até enormes fragatas imperiais de três mastros. Havia até mesmo alguns navios estranhos que Hope não reconheceu, que pareciam feitos mais de metal do que de madeira.

– Por que há tantos? – perguntou, mas ninguém respondeu.

Então o navio deu uma sacudida e começou a estremecer. Um gemido grave, de madeira, veio do fundo do casco.

– Tem alguma coisa puxando a quilha… – Rançoso se inclinou por cima da amurada e olhou a água. Quando se virou de novo para eles, estava com o rosto pálido. – A corrente está puxando a gente para as pedras.

– Todo mundo! – berrou Carmichael junto ao timão. Estava lutando para manter o timão parado. – Prontos para cambar!

– Carrapato, vá ajudar o capitão a virar o navio – ordenou Rançoso. – Se ficarmos nesse ângulo por tempo demais a quilha vai se partir e vamos morrer. Sankack, vá chamar todo mundo que está lá embaixo. Precisamos de todos para ter uma chance de sair dessa corrente.

Rançoso tocou uma nota aguda em seu apito e os tripulantes partiram para a ação, passando facilmente de uma tarefa a outra. Hope sentiu de novo aquela pontada de inutilidade, incapaz de fazer qualquer coisa além de olhar

enquanto todos trabalhavam desesperadamente para virar o navio e se afastar das Quebras.

O navio girou com uma lentidão dolorosa, as velas estalando enquanto se viravam ao vento. Por fim conseguiram pôr a popa voltada para os recifes e as velas se retesaram de novo.

– Quero cada centímetro de lona aberto! – berrou Carmichael.

Os marinheiros correram para desenrolar mais velas, abrindo a carangueja na popa e várias bujarronas na proa. Hope foi para o lado de bombordo na popa e ficou olhando os recifes, tentando avaliar se estavam conseguindo se afastar. A princípio parecia que continuavam travados no mesmo lugar, com o vento e a correnteza em equilíbrio perfeito. Mas depois, de modo quase imperceptível, o navio começou a se mover.

– É isso, meus vagas! – gritou Carmichael. – Continuem assim e vamos nos livrar num instante!

Foi então que Mayfield gritou de seu poleiro:

– Navio a estibordo!

Hope correu para o outro lado do navio, com Rançoso nos calcanhares. Uma chalupa pequena, de um mastro, vinha na direção deles.

– Piratas – disse Rançoso. – Eu avisei! E eles nos pegaram pelos paus. Não podemos fugir enquanto estivermos presos na correnteza.

– Então vamos lutar – retrucou Hope.

– Com o quê? – zombou Rançoso enquanto continuava a olhar para o navio se aproximando. – Não sei se você chegou a notar, mas não temos canhões neste barco!

– Por quê?

– Só os navios da marinha imperial têm permissão de navegar com canhões, e nosso capitão não iria violar a lei nem se isso significasse a morte dele e de toda a tripulação. Por que você acha que aquele capeta perguntou se a gente aceitaria a viagem? Porque geralmente só militares fora de serviço topam. Mas nosso capitão quer um dinheirinho extra para começar a poupar para a aposentadoria. Ouça o que eu digo, esse velho vai ser a morte de todos nós!

Hope atribuiu essa súbita explosão amotinada ao pânico.

– Calma – disse friamente a ele. – Você tem uma luneta para eu avaliar esses piratas?

Rançoso balançou a cabeça, os olhos fixados na direção do navio pirata.

– O capitão tem.

Hope foi rapidamente para perto do timão, onde o capitão continuava pilotando com expressão séria.

– Posso usar sua luneta, capitão?

Carmichael concordou com a cabeça, tirou a luneta do casaco e a entregou. Hope expandiu o instrumento até o fim e apontou para o navio. Contou trinta cabeças na pequena embarcação.

– Está apinhada de homens – informou ela. – Canhões na proa e na popa.

– É – disse Carmichael. – Eles não vão se incomodar em usar os canhões, já que não temos nenhum e eles têm a chance de pegar o navio sem danos. Em vez disso, vão chegar ao lado, jogar arpéus, aproximar os barcos e nos abordar.

Hope continuou a examinar o navio. Os homens, na maioria vestidos com trapos, pareciam meio esfomeados e doentes de escorbuto. O capitão estava armado com uma velha pistola de pederneira. Alguns tripulantes tinham espadas ou facas. A maioria estava armada apenas com porretes, marretas ou pés de cabra.

– Não parecem muito impressionantes – disse ela.

– Não precisam ser. Estão em maior número do que nós, numa proporção de três para um, e simplesmente vão partir para cima como uma nuvem de gafanhotos. Meus homens estão mais bem armados, mas para dizer a verdade provavelmente não são melhores numa luta corpo a corpo.

O olhar de Hope seguiu por toda a extensão do mastro de proa, até onde Mayfield estava empoleirado na verga de joanete. Ela se lembrou de como o mastro havia se dobrado ao vento para não se partir durante a tempestade.

– Capitão, se levássemos toda a carga para estibordo e mandássemos a tripulação se inclinar na amurada de estibordo será que isso bastaria para inclinar o navio a ponto de os mastros ficarem em ângulo acima da água?

Os olhos de Carmichael se estreitaram.

– Acho que sim. Por quê?

– Se o senhor fizer isso para mim, juro pela minha vida que nenhum membro da sua tripulação precisará lutar contra piratas hoje.

Ele a encarou em silêncio por um momento, o rosto barbudo sem dar qualquer indicação do que pensava.

– Ótimo. Foi para isso que eu contratei você, afinal.

– Obrigada, capitão.

Carmichael levantou o rosto e gritou:

– Todo mundo para o porão, levar cada centímetro de carga para o lado de estibordo, depois voltem para cima e se enfileirem na amurada de estibordo, armados e prontos para lutar! – Mais baixinho para Hope, disse: – Só para garantir.

– Claro. E o senhor deve dizer ao Mayfield que é bom sair do caminho.

Os olhos de Carmichael se arregalaram.

– Do caminho?

A tripulação pareceu incomodada com a ordem, mas obedeceu. Numa situação assim, questionar as ordens do capitão poderia ser fatal. A carga foi posicionada rapidamente, o navio se inclinou para o lado de estibordo. A tripulação voltou ao convés, espalhando-se pela amurada de estibordo, e o navio se inclinou ainda mais.

Hope estava a pouco mais de um metro da base do mastro de proa e ficou olhando enquanto o navio pirata fazia uma ampla curva e depois se aproximava de modo que seu lado de bombordo ficasse paralelo com o de estibordo do *Gambito da Dama*. Assim que as duas proas se alinharam, Hope subiu correndo pelo mastro inclinado. Enquanto chegava perto do topo, viu dois piratas segurando ganchos, um na proa e outro na popa, prontos para atirá-los. Os navios ainda estavam separados por uns 6 metros. Aqueles ganchos iriam ajudar os piratas a se aproximar. Hope não podia deixar que isso acontecesse.

Quando chegou ao final do mastro, ela usou o peso do corpo e sua força para a ponta se curvar por um momento, depois a madeira ricocheteou de volta, catapultando-a por cima da abertura. Ela deu um salto mortal no ar de modo que seus pés bateram no homem que segurava o arpéu na proa do navio pirata. Os gritos de surpresa e confusão por parte dos piratas foram tão altos que quase abafaram o cântico frio quando ela desembainhou a Canção dos Lamentos.

Durante os quatro dias da viagem, Hope tinha mantido as dúvidas sobre sua capacidade em situações de combate. Mas no momento em que o primeiro pirata se aproximou com um machado, tão lento e desajeitado que ela mal precisou mover o corpo para evitar o ataque, percebeu que a batalha já estava vencida. Pela primeira vez entendeu o privilégio que tinham sido os anos de treinamento com Hurlo. Enquanto se movia pelo navio, rápida e cortante como um vento gélido vindo do sul, não era a arrogância, a sede de sangue ou a fúria que preenchiam seu coração. Era a gratidão para com o

homem que não somente havia lhe dado uma vida, mas que tinha entregado a própria para salvá-la. Lutaria diariamente para ser digna disso.

Acima do barulho do aço entrando na carne e dos gritos de dor, ouviu a pistola de pederneira do capitão ser engatilhada atrás dela. Virou, trazendo a espada ao mesmo tempo que o tiro era disparado, e acertou a bala no ar. O capitão pirata a encarou boquiaberto enquanto segurava a pistola fumegante. Hope foi na direção dele, abrindo caminho pelo grupo de homens embasbacados, até estar à sua frente. Ele tentou pegar a própria espada, mas ela a derrubou no momento em que foi desembainhada. Segurou a ponta de sua espada junto à garganta dele.

– Peça misericórdia e será dada – disse.

Junto com o privilégio, vinha a responsabilidade. Não havia honra em matar mais nenhum daqueles homens famintos e desesperados. Era o que Hurlo desejaria.

O rosto dele se contraiu em fúria.

– Prefiro morrer, sua fatia sulistinha!

Ela passou a espada facilmente pelo pescoço dele, porque, também como Hurlo desejaria, não havia segundas chances na misericórdia. Então girou a espada para fora, espirrando o sangue do capitão no rosto dos tripulantes. Enquanto o corpo caía no convés, ela olhou para os onze homens que restavam.

– Quantos mais desejam morrer hoje?

– Por favor, moça – disse um deles. – Tenha misericórdia.



Os piratas tinham pouco valor. Carmichael pegou seu pequeno baú de moedas, mandou que tirassem o cordame e os rebocou pelo resto do caminho até Luz do Alvorecer. Quando atracaram no posto militar avançado, foram recebidos por um soldado de olhar duro com uniforme branco e dourado.

– Olá – disse Carmichael. – Temos uma carga para vocês. E o que resta de uma tripulação de piratas.

– Vamos ficar com as duas coisas – respondeu o soldado.

Em seguida, indicou uma construção atarracada no final do cais e uma pequena guarnição apareceu. O soldado deu a eles algumas ordens rígidas e

começaram a prender a pequena chalupa dos piratas no cais e a levar os piratas acorrentados.

Assim que a carga foi retirada e o pagamento feito, Carmichael se virou para sua tripulação.

– Não há sentido em ficarmos aqui. Não há nem mesmo uma taverna neste pedaço de terra. Vamos nos preparar para zarpar.

Os tripulantes começaram a subir de novo a bordo do navio.

– Não gosto da ideia de entregar aqueles homens aos soldados – disse Hope a Carmichael. – O que vão fazer com eles? Não parece que eles têm uma cadeia por aqui.

– Essa é a lei, Hope. Nós fazemos o máximo para segui-la. – Ele suspirou e esfregou as têmporas com o polegar e o indicador de uma das mãos. – Se bem que, quanto mais eu vivo, mais difícil parece ser.

Assim que todos subiram a bordo, Carmichael olhou para eles, e em voz alta para todos ouvirem, disse:

– Por sinal, Hope. Você violou a promessa feita a mim.

– Como assim, capitão? – perguntou ela, com um súbito frio na barriga.

– Você disse que nenhum tripulante meu precisaria lutar com piratas hoje. Mas eu vi um deles tomar todo um navio daqueles desgraçados sedentos de sangue, colocando-se em risco do modo mais espetacular, tudo isso para nos poupar de ferimentos ou coisa pior.

O jorro de emoções que atravessou Hope tornou difícil falar. Alívio, confusão, embaraço, prazer.

– Capitão, eu…

– Que ninguém diga – continuou o capitão Carmichael, enquanto seu olhar varria o resto do grupo – que Bleak Hope não é um verdadeiro membro desta tripulação. – Em seguida se virou de volta para ela, exibindo um sorriso amarelo. – Venha cá, sua coisinha.

Então ele a envolveu num abraço forte. Fazia muito tempo que ninguém abraçava Hope, e ela precisou resistir ao impulso automático de partir o pescoço dele. Hurlo tinha sido muitas coisas maravilhosas, mas afetuoso de modo tão explícito não era uma delas. Esse contato caloroso era algo que ela não sentia desde que os pais estavam vivos. Fazer parte da tripulação, fazer parte do mar. Ele estava lhe dando um lugar que era seu. E ela descobriu que, por enquanto, não somente queria isso, mas também era o que precisava.

– Obrigada – disse baixinho.

Ele riu, depois se afastou e se dirigiu a toda a tripulação:

– Vamos embora, então! Esse dinheiro pirata não se acomoda bem no meu bolso. Quanto antes chegarmos a Vance, mais cedo posso gastá-lo com bebidas para meus tripulantes!

Todos os homens comemoraram e assumiram seus postos. Hope ficou parada, olhando pensativa enquanto eles começavam a trabalhar.

– Aqui, senhorita Hope! – gritou Carrapato de perto do cordame do mastro principal. – Me dê uma mãozinha com este cabo, está bem?

Hope sorriu.

– Será um prazer, Sr. Carrapato.

13

Brigga Lin não sabia exatamente onde estava nem como tinha chegado ali. Mas uma coisa era certa: ele mudaria o mundo com sua descoberta.

Tinha acordado num catre simples, ainda usando o manto sujo de biomante. Parecia algum tipo de alojamento militar, com vinte camas igualmente espaçadas. Todos os outros catres estavam vazios e o sol invadia o lugar pelas janelas.

Estava terrivelmente fraco, mas havia uma jarra de água fresca e um pouco de pão duro na mesa ao lado. Comeu e bebeu o alimento simples com um prazer que jamais havia sentido.

– Sentindo-se melhor, senhor? – perguntou um soldado imperial entrando no cômodo, com o elmo embaixo do braço.

As borlas de ouro nos ombros indicavam que era capitão.

– Sim, capitão – respondeu Brigga Lin, limpando as migalhas da boca. Ainda estava lutando para juntar as memórias, provavelmente devido àquele musgo maldito. – Quanto tempo fiquei desacordado?

– Uns dois dias, senhor. Chegou em terra num barco sem remos. Um pescador o encontrou, reconheceu o manto e veio correndo até nós.

Ele tinha uma vaga lembrança de sair do corredor subterrâneo rindo histericamente. Depois cambaleou até o barco, empurrou-o para a água e enfunou a vela. Não tinha ideia de quanto tempo ficara à deriva, mas não podia ter sido mais do que uns poucos dias. Caso contrário, teria morrido de fome. Era sorte ter encalhado numa ilha habitada. Ou talvez destino.

– Obrigado por cuidarem de mim, capitão. Vou me certificar de que o senhor seja amplamente recompensado.

– Desculpe se não o limpamos melhor, senhor. – O capitão indicou o manto rasgado e enlameado de Brigga Lin. – Mas o senhor estava agarrado àquele livro com tamanho desespero que, quando alguém tentou tirá-lo, o senhor ficou… é, bem infeliz. – Ele tossiu. – Por isso achei melhor deixar assim.

– O livro! Capitão, onde ele está?

– Bem aí, senhor. – O capitão apontou para um grande tomo preto no chão ao lado da cama. – Parece que o senhor o largou enquanto estava inconsciente.

Brigga Lin se inclinou e agarrou o livro. Não estava preparado para um movimento tão súbito e o mundo girou por um instante. Apertou o livro com força contra o corpo até aquilo passar.

– O senhor agiu de modo certíssimo, capitão – disse finalmente. – Este livro protegerá o império de uma grave ameaça.

– É um prazer servir, senhor.

Brigga Lin olhou para o livro. Devia ter duzentos anos, talvez mais. Era um tesouro inestimável, com conhecimentos que tornariam os biomantes mais poderosos do que jamais haviam sido.

– Onde estou, exatamente? – perguntou.

– Em Porto da Vigília, senhor.

– Sei.

Isso fazia sentido. Porto da Vigília era uma das ilhas vizinhas mais próximas. Um pouco afastada do centro do império, mas que poderia servir muito bem aos seus propósitos.

– Há algum templo em Porto da Vigília?

– Sim, senhor. Mas é um tanto pequeno e ninguém o tem frequentado há anos.

– Servirá bem, capitão.

O livro que Brigga Lin tinha descoberto era o *Biomancery Praxis*, que todo biomante estudava quando era noviço. Mas esta versão mais antiga incluía um capítulo final que fora retirado de edições posteriores. Esse capítulo perdido falava da natureza dual da biomancia. Criar além de destruir. Falava sobre os fios interconectados de toda a vida, não só da matéria sólida, mas do líquido e até mesmo do próprio ar. Mas para utilizar um poder assim era necessário um tipo específico de biomante. Do sexo feminino.

Não havia biomantes do sexo feminino, claro. *O livro das tormentas* proibia claramente que a ordem dos biomantes ou a dos vinchen tivesse membros do sexo feminino. Assim, se Brigga Lin quisesse testar essa ideia recém-descoberta, precisaria treinar em segredo uma garota na tradição dos biomantes, mas não em Pico de Pedra. Será que algo assim era ao menos possível? Mesmo se fosse, ele demoraria pelo menos uma década. E se perguntou como faria isso. Depois de todo esse tempo e esforço ele poderia

descobrir que mulheres não eram capazes da biomancia. Poderia descobrir que toda a ideia era impossível. Isso explicaria por que as edições subsequentes do livro tinham omitido o capítulo.

Mas havia outro modo de testar. Um modo que demoraria um tempo significativamente menor. Seria pouco ortodoxo, certamente. Mas treinar uma mulher como biomante também era pouco ortodoxo. E com a ameaça de invasão pairando no norte, será que o império ao menos teria o luxo de um experimento que demorasse uma década? Ele suspeitava que não. Assim, de novo, pelo bem do império, precisaria enfiar as mãos no escuro, às cegas.

Demorou mais um dia antes de estar suficientemente saudável para se locomover. O capitão mandou que alguns soldados o levassem através de Porto da Vigília até o templo. A cidade era menor ainda do que ele havia pensado. A maior parte da ilha era usada para agricultura. Imaginou por que ela mereceria toda uma esquadra imperial. Talvez porque estivesse no canto noroeste do império, posicionada entre o mar do Crepúsculo e o mar Negro. Se as forças de Aukbontar pusessem os pés num lugar como Porto da Vigília, era possível que nem mesmo o Guardião pudesse proteger Pico de Pedra de um ataque direto.

O capitão estava certo. Era o menor templo que Brigga Lin já vira. Apenas uma sala com um altar que não era maior do que uma mesa. Mas serviria. Ele se virou para os dois soldados que o tinham guiado até o templo.

– Tragam-me comida e água fresca uma vez por dia, mas deixem tudo do lado de fora do templo. Ninguém deve entrar sem minha permissão. Entenderam?

– Sim, senhor – disse um dos soldados, nervoso.

Estando tão longe da capital, eles temiam todos os biomantes.

– Bom. Então me deixem sozinho.

Os soldados se afastaram rapidamente, fechando com cuidado a porta do templo. Brigga Lin pôs o livro aberto sobre o altar. Depois tirou o manto sujo e a roupa de baixo. Ficou nu, com a luz colorida do sol que entrava pelo vidro manchado criando padrões aleatórios em sua carne nua. Olhou o próprio pênis. Jamais teria admitido, mas o considerava um vermezinho estranhamente repulsivo, enrugado e cheio de veias. Nunca tinha feito sexo, e até mesmo a ideia de masturbação – de sacudir o vermezinho para cima e para baixo – o enchia de nojo. Sempre se preocupava com isso, consciente

de que não era normal nesse aspecto. Mas talvez fosse mesmo o destino, preparando-o para este momento.

Organizou os pensamentos, depois baixou a mão e tocou o pênis. Por um momento nada aconteceu e ele se perguntou se tinha errado o foco. Não seria a primeira vez. Mas então um fio de dor disparou pelo abdômen fazendo-o cair de quatro no chão. Ficou ali, encolhido, enquanto a dor o atravessava. Esperava que as paredes desse templo fossem suficientemente grossas para abafar o barulho. Porque, se ele já estava sentindo tanta dor, provavelmente logo estaria gritando.

Sentiu-se tonto enquanto o sangue saía do cérebro e intumescia o pênis, latejando com a pulsação. Mas a situação não parou aí. Gemeu nervoso enquanto o calor se transformava numa queimação insuportável e o latejamento chegava a uma pressão implacável. Seus genitais continuaram a intumescer até que o pênis mais parecia uma salsicha inchada e o escroto era como uma fruta pequena. Foi então que berrou feito um animal.

Então seu pênis irrompeu num jato de sangue e sêmen enquanto o escroto se encolhia até virar um saco vazio. Ele desmoronou no chão, estremecendo à medida que os restos do pênis e o escroto vazio encolhiam e se recolhiam para dentro do corpo. A dor começou a diminuir, e em seguida ele sentiu novas dores. Seu peito pulsava e inchava, a pele ondulando enquanto assumia a forma de seios. Além disso, sentiu um aperto fundo no corpo enquanto os ovários e o útero se formavam, empurrando o resto dos órgãos internos para novas posições, para abrir espaço. Por fim, o resto dos genitais começou a se juntar e se refazer numa forma côncava.

Brigga Lin não teve certeza de quanto tempo demorou a transformação. Mas, quando finalmente pôde se levantar e ir até a porta, encontrou duas refeições lá fora. Comeu devagar, com as entranhas ainda doloridas. Dormiu por um longo tempo. Quando acordou, havia mais duas refeições. Comeu essas mais rapidamente.

Percorreu o pequeno espaço do templo até encontrar uma pequena bandeja de prata suficientemente brilhante para ver o próprio reflexo. Segurou a bandeja com o braço esticado e se olhou. Algo em sua mente finalmente se encaixou no lugar e ela pensou: *sim*. Isso a pegou um pouco de surpresa. Até agora não tinha percebido, mas sempre que se olhava antes pensava: *não*, como se o reflexo parecesse errado. Mas este estava certo. Pela primeira vez na vida sentiu-se inteira.

Satisfeita, Brigga Lin foi até o altar e olhou o livro aberto.

Era hora de começar a experiência.

TERCEIRA PARTE



"Em sua majestade negligente, a tempestade dá com a mesma facilidade que tira. Não sofra tanto pelo que você perdeu a ponto de não ver o que pode ter ganhado."

– *O livro das tormentas*

14

– Ei, Red. – A voz de Sadie estava seca e abafada. – Fale de quando a gente era pirata.

Red olhou para ela. Sadie parecia murcha feito uma passa, deitada no colchão de palha imundo, segurando um cobertor de lã. Seu cabelo parecia com a palha e a pele se esticava dolorosamente fina sobre os ossos. Fazia semanas que não saía do quarto. Provavelmente morreria ali logo, logo.

Mas não havia sugestão disso na expressão de Red enquanto se ajoelhava ao lado dela. Passou os dedos pelo cabelo e sorriu, os olhos cor de rubi refletindo a luz do pequeno lampião a óleo que tinha trazido.

– A história de Sadie, a Rainha Pirata – disse baixinho. – É uma das minhas prediletas. Por onde devo começar?

As mãos nodosas e tortas de Sadie procuraram a dele. Quando ele a estendeu, ela a apertou com força. Os lábios franzidos se mexeram em silêncio por um momento.

– De… de quando eu perdi minha orelha.

– Temporariamente – disse Red.

Ela deu um riso banguela.

– Temporariamente.

– Bom. – A voz dele ficou intensa, teatral. – A orelha de Sadie tinha acabado de ser arrancada por Madge Suspensórios. Agora ela ficava num vidro de conserva atrás do balcão do Rato Afogado, junto com muitas outras. Maior do que a dor de perder a orelha era a vergonha de ser expulsa do lugar onde ladrões conspiravam, assassinos se escondiam e uma garota perigosa com má reputação poderia ganhar a vida. Mas como Sadie poderia fazer isso agora? Provavelmente morreria de fome se não fizesse alguma coisa ousada. Por sorte…

Ele parou e olhou para ela com expectativa.

– Por sorte – ecoou Sadie, que o tinha ouvido contar essa história muitas vezes. – Ela era duas vezes mais ousada do que qualquer vaga do Círculo do Paraíso, de Costas de Prata ou da Ponta do Martelo.

– Isso mesmo – concordou Red. – Ela concebeu um empreendimento novo e ousado: a pirataria! Havia tomado o navio, o *Vento Selvagem*. Por isso ela e seu confiável imediato, Red, passaram a transformá-lo numa verdadeira embarcação pirata, com uma tripulação de verdade. E não se passou muito tempo até que o *Vento Selvagem* pudesse ser visto subindo e descendo a costa, com sua capitã feroz andando pelo passadiço com chapéu largo emplumado e as botas de cano alto, procurando sua próxima vítima. De fato, as docas de Nova Laven viviam com medo constante. Diziam que ela não tinha misericórdia, que, se tivesse o azar de ser capturado vivo, ela o faria andar pela prancha acima dos recifes, de modo que você cairia e se machucaria feio neles, passando horas meio submerso e sangrando no coral afiado antes que as águas frias das profundezas finalmente o reivindicassem. Dizem que uma vez ela alcançou e abordou um mercante de especiarias que ia para as próprias docas do imperador. Quando o capitão lhe informou grosseiramente que ela iria ser enforcada por causa disso, Sadie gargalhou, depois mandou a tripulação prendê-lo de encontro ao convés enquanto ela mijava em cima dele.

Sadie riu disso, um som cavernoso que terminou numa tosse espasmódica que deixou sangue nos lábios.

– Ela se tornou uma das piratas mais famosas – continuou Red. – Abaixo somente de Dire Bane, o Calamidade, o flagelo do império. Os outros piratas ficavam longe de Nova Laven, deixando a capitã Sadie livre para aterrorizar o litoral da cidade impunemente. Ah, sem dúvida, os navios do imperador tentaram pegá-la. Mas ela conhecia caminhos secretos e enseadas ocultas. Os pavorosos métodos militares deles não eram páreo para sua esperteza.

Red deu um sorriso triste antes de prosseguir.

– Mas todas as temporadas devem terminar, e foi assim com o glorioso reinado da capitã Sadie, a Rainha Pirata. Foram os pobres camponeses honestos que finalmente se uniram uma noite. Quando ela chegou a um porto para saquear uma pequena aldeia litorânea, eles surgiram do nada e atiraram piche incandescente em seu navio, usando catapultas improvisadas. Em minutos, o *Vento Selvagem* havia sido consumido pelas chamas. Em menos de uma hora, Sadie foi deixada de novo sem nada além da roupa do corpo.

Red parou para olhá-la. Afastou alguns fios brancos de cabelo de cima do rosto dela.

– Mas Sadie estava pronta para abrir mão da velha vida podre? – perguntou ele num tom mais baixo.

– Não… – sussurrou ela.

– Claro que não! – disse ele, retornando à intensidade anterior. – Ela marchou de volta até o Círculo do Paraíso, com o fiel Red ainda a reboque, entrou no Rato Afogado e se entregou à mercê de Madge Suspensórios. Sadie admitiu que estivera errada em tentar matar Backus no estabelecimento de Madge, que tinha sido desrespeitosa e pouco profissional, e que lamentava para sempre ter feito isso. E dizem que Madge Suspensórios ficou tão comovida com a declaração e a humildade de Sadie que lhe deu o vidro que continha a orelha perdida muito tempo antes, a primeira e única vez que Madge devolveu um dos seus valiosos suvenires. A partir daquela noite Sadie usou o vidrinho preso numa tira de couro pendurada no pescoço e foi recebida de volta no bairro de braços abertos. Porque no Círculo é assim.

– No Círculo é assim… – ecoou Sadie.

Sua mão murcha foi até a garganta, onde o vidrinho repousava no peito ossudo.

– Onde é frio e molhado – disse Red.

– E o sol não brilha – continuou Sadie.

– Mesmo assim é o meu lar. Abençoado seja o Círculo – terminou Red.

Sadie deu um sorriso pacífico e seus olhos se fecharam lentamente. Um instante depois, começou a roncar. Red pôs a mão gentil na testa dela e sussurrou:

– Durma bem, sua cabra velha.

Depois estendeu as pernas compridas e espanou a sujeira da calça.

– Foi assim mesmo? – perguntou uma voz feminina acetinada.

Red se virou para a porta e viu Urtiga encostada no portal, braços cruzados, o cabelo comprido caindo sobre o rosto de um modo dramático que Red sabia ser proposital.

– O quê? A história de Sadie, a Rainha Pirata? – Ele deu de ombros com seu casacão de couro marrom. – Bem próximo. Talvez eu tenha tomado algumas liberdades inofensivas. Ela nunca jogou ninguém num leito de coral. Mas mijou naquele gafa. Foi a coisa mais engraçada que eu já vi, ele uivando e xingando o tempo todo.

Urtiga deu um risinho. Ultimamente havia começado a pintar os lábios grossos num tom de amora escuro. Red precisava admitir que lhe caía bem.

– Quanto tempo durou, na verdade? – perguntou ela. – O tempo em que vocês saquearam o litoral?

– Só três meses. – Red pegou o pequeno lampião que havia trazido. A luz lançou sombras em seu rosto fino enquanto ele ria. – Mas foram três meses ensolarados.

Ele parou junto à porta e olhou de novo para o quarto. Chão de terra, sem janelas. Odiava deixá-la ali, sozinha. Mesmo assim, era melhor do que ela morrer na rua como um cão ou um cavalo de pata quebrada.

– Ela tem sorte de ter você.

– Humm – murmurou Red.

– Todas deveríamos ter um patife jovem e bonito para cuidar da gente nos últimos dias.

– Quem disse que são os últimos dias dela? – perguntou Red enfaticamente, mesmo sabendo, claro, que eram.

– Desculpe. Ninguém.

Urtiga era uma boa amiga. Red olhou para ela, com a luz do lampião destacando a testa lisa e os malares altos, os olhos escuros brilhando de mistério. Imaginou, não pela primeira vez, por que as coisas não tinham dado certo para eles dois anos antes.

Então estreitou os olhos e puxou seu sobretudo de couro comprido.

– Que mijo de casaco é esse que você está vestindo? Parece que um rato-toupeira subiu nas suas costas e morreu.

Ah, é. Agora ele se lembrava por quê.

– Por acaso é couro de cervo, muito bem curtido e curado, macio como veludo – respondeu altivo. – Você nunca vai encontrar coisa melhor.

– De quem você roubou?

– Ganhei num jogo de pedras.

– Foi o que acabei de dizer.

Red suspirou.

– O que você está fazendo aqui, Tiga?

– Vim ao salão cuidar de umas coisas pessoais e o Rolha pediu que eu viesse aqui e dissesse que a coisa está de pé para esta noite.

– Ele tem um cavalo?

Os olhos cor de rubi reluziram ansiosos à luz do lampião.

– Não sei o que ele tem ou não. Esse era o recado. Ultimamente vocês dois andam arranjando muita encrenca.

– Como se *você* não arranjasse encrenca.

– Verdade. Mas o que vocês estão fazendo? – Ela balançou a cabeça. – É só questão de tempo até serem mortos. Ou coisa pior.

– Não é *tão* ruim. Nós só…

– Como eu disse, é só isso que eu quero saber!

Sadie gemeu dormindo.

– Venha, estamos fazendo barulho demais – disse Red.

Urtiga assentiu e os dois saíram do quarto, com as botas ressoando baixinho enquanto passavam por outras portas, algumas silenciosas, outras cheias de gemidos ou gritos e algumas fedendo a morte. No fim do corredor subiram a estreita escada de madeira até o nível térreo do Salão da Pólvora.

Enquanto Red e Urtiga abriam caminho pela multidão, uma voz gritou:

– Red! Ei!

Um velho magro com o rosto cheio de papadas se aproximou.

– Backus. – Red apertou a mão dele. – Como vão as coisas?

– O de sempre – respondeu o velho. – O remédio da Sadie acabou. Eu vinha levando para ela regularmente, como você disse, mas acabou todo.

– Ah.

– Você… é… Você acha que vai bastar? – perguntou Backus. – Quero dizer… Red, ele parece não estar adiantando nada, e eu sei como você consegue. Não é barato.

Red balançou a cabeça.

– Não, não é.

– Sadie não iria querer que você gastasse todo o seu dinheiro com ela.

– Bom, ela só precisa ficar boa o suficiente para me dizer isso.

Backus olhou para ele por um momento, o rosto pelancudo estava indecifrável. Sua boca se abriu num meio sorriso.

– Ela criou você como um homem de verdade do Círculo. Certo, consiga o remédio, eu continuo dando a ela.

– Obrigado.

Backus deu de ombros.

– É a única coisa que posso fazer. Algum dia você vai entender. Se tiver sorte de ser um dos poucos que chegam à velhice, as pessoas da sua juventude, sejam amigos ou inimigos, se tornam as que você mais valoriza.

Red olhou Backus voltar para o canto do salão onde os velhos enrugados se reuniam.

– Não acredito que ele não esteja aprontando alguma para você – disse Urtiga. – Revendendo o tal remédio ou algo assim.

– Pensei nisso também, mas andei perguntando. Ele dá o remédio a ela diariamente, que nem um relógio. Os velhos são esquisitos.

– São molengos. Espero morrer antes.

Red riu para ela.

– Tiga, você não tem nem um pouquinho de romantismo.

– Você diz como se não fosse uma coisa boa. Romance é para os ponços e simplórios.

E esse foi o outro motivo para as coisas não terem dado certo entre os dois.

– Bom. – Ele calçou as grossas luvas de couro sem os dedos. – É melhor ver se o Rolha conseguiu mesmo.

Urtiga olhou para as luvas.

– Vai trabalhar, então?

– Tem uma cidade aí fora com riqueza, precisando desesperadamente de redistribuição – disse ele sorrindo.

Ela apertou sua mão com força.

– É melhor você voltar vivo. Ou então…

– Ou então o quê?

– Ou então eu arranjo um necromante e invoco você, mijo, só para chutar seus bagos de fantasma.

Ele fez uma reverência zombeteira e saiu do Salão da Pólvora, pensando que talvez ela tivesse um pouquinho de romantismo, afinal de contas.



– Você tem *certeza*, Red? – perguntou Rolha, coçando a barba curta enquanto olhava o cavalo.

Ainda que tivesse conseguido o grande animal, ele não gostava de ficar perto do bicho.

– Claro.

Red deu um tapinha com a mão enluvada no grande focinho rosa e branco. Os dois estavam com o cavalo num beco estreito perto da rua principal.

– E para guiar eu só preciso mover essas rédeas para a direita ou a esquerda? – perguntou Rolha com ceticismo.

– Rolha, meu melhor vaga. Se eu não soubesse, diria que você está com medo desse animal idiota.

– Não estou com medo.

– Claro que não – concordou Red.

– Só que… o meu primo, Brig, levou um coice na cabeça e agora só consegue cantar cantigas de ninar e cagar na calça.

– Ah – disse Red, assentindo com seriedade. Em seguida levantou o braço e o passou em volta dos ombros de Rolha. – O negócio é o seguinte, pote velho. Um de nós precisa montar no cavalo e um de nós precisa arrombar a fechadura. Agora diga: você é bom em arrombar fechaduras?

Rolha balançou a cabeça.

– Bom, então *eu* preciso fazer essa parte, não é?

– Acho que sim.

– E se eu estiver arrombando a fechadura não vou poder montar no cavalo, não é? De modo que a única outra opção seria trazer uma terceira pessoa para este empreendimento. Alguém que não seja assombrado por lembranças de primos escoiceados por cavalos. Que não se importe em montar um belo garanhão como este. Alguém como… não sei… Henny Bonitinho, quem sabe. Ou talvez Urtiga, vendo que você praticamente a convidou para o serviço.

– Eu não contei nada a ela.

– Mesmo assim, se a gente *trouxesse* uma terceira pessoa, isso implicaria dividir o lucro por três, e não por dois. Bom, eu sei que você não gosta muito de matemática, de modo que, para dar uma ideia, cada um de nós teria que dar *metade* do que a gente ganhar para fazer uma terceira parte igual. Isso parece uma coisa que você gostaria de fazer?

– Não – disse Rolha, com o nervosismo já se transformando em derrota.

– Concordo. Assim, Rolha, meu vaga, engula o medo e vamos ser homens.

Rolha assentiu carrancudo, ainda olhando o cavalo.

– Se quiser, podemos nocautear um capeta para pegar o elmo – sugeriu Red. – Não sei o que isso adiantaria contra um casco de cavalo, mas…

– Não vou usar um chapéu de capeta – disse Rolha com a expressão endurecendo.

– Esse é o espírito! – Red deu um tapa nas costas dele. – Agora, aquela carroça deve chegar logo, portanto vamos nos preparar.

Estavam vigiando-a durante semanas. Uma carroça puxada a cavalo que vinha toda manhã escoltada por dois capetas com armadura, além de um cocheiro. A armadura impedia que Red resolvesse o problema atirando algumas facas rapidamente. E mais, a carroça em si não passava de um cofre forte sobre rodas, feita de ferro preto com uma fechadura. Ele ficara sabendo, com fontes confiáveis, que a chave ficava com outro capeta montado que fazia uma rota separada pela cidade. Red achou que esse era um belo plano. Dentro do cofre estavam os impostos imperiais cobrados dos ganhos do dia anterior nas casas de jogo e nos salões de dança. Esses lucros também incluíam o dinheiro da venda discreta de especiaria coral numa sala dos fundos. Em geral Red tentava ser um vaga com a mente aberta. Mas por motivos pessoais não gostava dos vendedores de especiaria coral nem de quem lucrava com eles.

Rolha tinha levado o cavalo para seu posto e Red estava sozinho num beco estreito, com as costas grudadas na parede enquanto ouvia o som de cascos na rua lamacenta. O capeta montado passou, com o elmo cravejado de couro reluzindo fracamente à luz fraca do amanhecer. Sua armadura dourada e branca se destacava nas ruas precárias da cidade. Depois, a carroça cofre-forte puxada a cavalo passou, com o cocheiro parecendo meio adormecido. Mais alguns instantes e a carroça foi seguida pelo segundo guarda.

Red prendeu o fôlego, ouvindo o som constante dos cascos enquanto o guarda de trás passava. Quando eles pararam, Red soltou o ar e sorriu.

Olhou pela esquina. Rolha estava montado no cavalo, silencioso e pensativo, bloqueando a rua. A altura e os ombros largos sempre o tornavam uma presença intimidante. O efeito era ampliado quando estava montado em um cavalo. O guarda de trás passou para a frente e, juntos, os dois capetas se aproximaram dele com cautela.

– Fique fora do caminho – disse um dos capetas, puxando de lado a jaqueta dourada do uniforme para mostrar a pistola à cintura.

Rolha não respondeu.

– Vamos contar até três.

O segundo capeta sacou a pistola e o outro o imitou. Nesse ponto, Red já havia grudado à traseira da carroça e estava trabalhando na fechadura.

– Um – disse o capeta.

Enquanto trabalhava, Red notou que a fechadura era muito velha.

– Dois.

Red se perguntou como eles conseguiam abrir aquela porcaria com uma chave, tamanho era o desastre.

– Tr…

Rolha deu um tapa no flanco do cavalo e partiu para o próximo beco antes que eles terminassem a palavra.

– Continue com a carroça! – gritou o guarda imperial de trás para o outro. E partiu atrás de Rolha.

O guarda da frente avançou. O cocheiro estalou as rédeas e a carroça foi atrás.

Red murmurou um palavrão baixinho. Não havia onde se sentar na carroça, por isso enganchou as pernas nos suportes e montou em cima do cofre, rezando para que o cocheiro não se virasse. Nunca tinha tentado arrombar uma fechadura que pulava e chacoalhava. Descobriu que era impossível. Estava quase lá, mas precisava que a carroça parasse, só por um momento.

Inclinou-se para a frente, ficando a apenas cerca de um metro da cabeça do cocheiro. Respirou fundo e depois gritou a plenos pulmões:

– Pare em nome do imperador!

O cocheiro levou um susto e instintivamente puxou as rédeas. O cavalo e a carroça pararam subitamente. Red enfiou a gazua na fechadura e ouviu um *clic* satisfatório. A porta se abriu e ele pegou o saco de moedas que estava dentro. O cocheiro se virou no assento, tentando sacar a pistola. Red saltou no chão, depois tirou uma única moeda do saco de dinheiro que tinha acabado de pegar e jogou contra o flanco do cavalo. O animal saltou. O cocheiro caiu para trás e bateu contra o cofre, largando a pistola na lama.

– Guarda! – gritou o cocheiro.

Mas Red já havia se enfiado no beco quando o capeta girou a montaria. Dali subiu pelas calhas e chegou ao telhado. Demorou o bastante para ver o capeta tentando instigar seu cavalo no beco estreito. Red gargalhou alto e o capeta o viu, disparando a pistola. O tiro resvalou na borda da calha e Red correu pelos telhados, ainda gargalhando.



– Pare em nome do imperador? – perguntou Henny Bonitinho.

Red tinha chegado em segurança ao Rato Afogado e se encontrou com Rolha para dividir o dinheiro. Agora estava sentado confortavelmente à sua mesa, bebendo com os vagas de sempre: Rolha, Henny Bonitinho e os irmãos gêmeos, Derramado e Ferrão, que na verdade não eram gêmeos nem irmãos, mas cujo cabelo ruivo era tão raro que todo mundo presumia que fossem parentes. Quando alguém descobriu que eles não eram irmãos o apelido já havia pegado. No Círculo um nome sempre pegava.

Red riu para Henny.

– Tem certeza de que Rolha e eu não chamamos você para esse serviço?

– Está brincando? – Henny se reclinou para trás na cadeira. – Aquilo foi tentativa de suicídio! Vocês tiveram sorte. Mas um dia desses um capeta vai atirar bem entre esses seus olhos vermelhos bonitos. Isso é, se não entregarem você a um biomante para alguma experiência.

– Eles não fazem isso – disse Derramado. Depois olhou inseguro para Ferrão. – Fazem?

– Ouvi dizer que sim – respondeu Ferrão. – Sabe a minha tia? Ela disse que o sobrinho dela foi levado uma vez porque participou de um grupo de protesto de cidadãos. Quando trouxeram o corpo dele de volta, um mês depois, ele nem parecia humano.

– Sobrinho da sua tia, é? – Red suspirou e balançou a cabeça. – Vocês, seus vagas, são piores do que um punhado de enrugados, sabiam? O fato é que não importa o que eles teriam feito comigo se me pegassem. Porque não pegaram.

– Quase pegaram o Rolha – disse Henny. – O que você teria feito, hein? Tudo bem se arriscar, acho. Mas e quanto ao seu melhor vaga?

– De todo jeito, eles não pegaram o Rolha. – Red se virou para o grandalhão. – Não foi?

Rolha deu de ombros.

– Ele era bom cavaleiro. Eu não era. O único motivo para eu me livrar foi porque ele ouviu o tiro que o outro capeta deu em você e percebeu que eu só era a isca.

– Exatamente como eu planejei.

– Mentiroso – disse Henny.

– Olha, que tal eu pagar uma bebida para todo mundo e a gente deixar que ela lave esse gosto ruim que parece que vocês têm na boca? – Em seguida, sinalizou para Prin. – Uma rodada para a mesa, Prin… cesinha. Na minha conta.

Prin ergueu a sobrancelha para ele.

– Você tem grana?

Red lhe lançou um olhar ofendido.

– Ora, claro. Como você pode duvidar de mim?

– Por experiência, só isso. Mostre.

Red levantou a mão com uma moeda reluzente entre cada dedo.

Os olhos de Prin se arregalaram.

– Isso vai dar para o resto da noite.

– Então é melhor começar a trazer!

– Sério, Red – disse Henny. – Sempre que desejar invadir uma mercearia ou roubar um rendado do norte da cidade, você sabe que sou seu vaga. E mesmo se tiver encrenca com alguém tipo o Grande Sig e a turma dele, eu apoio você. Mas mexer com os mijos dos capetas em plena luz do dia? Isso vai atrair atenção para todo o bairro, e ninguém quer isso. Vai tornar a coisa difícil para todos nós.

– Mas você não vê, Hen? Os capetas *merecem* – disse Red. – Roubar a mercearia de um pobre enrugado não passa de bagos e paus. Esse tipo de violência interna é que realmente prejudica o bairro. Em vez de roubar uns aos outros, a gente deveria se juntar. A força está nos números.

– Menos o Grande Sig – disse Ferrão. – A gente nunca pode se juntar a ele.

– Podridão e danação ao Grande Sig e a toda a Ponta do Martelo – concordou Derramado. – Que os paus e a bocetas de todos eles despenquem com a peste.

– Se eu achasse que isso nos daria vantagem com relação aos capetas, eu trabalharia com Grande Sig num piscar de olhos – disse Red.

– Bagos e paus, você não está falando sério – reagiu Henny.

– Estou – insistiu Red. – Olha, eles são iguais à gente. Talvez não tão espertos nem bonitos. Mas são igualmente pobres e igualmente sacaneados pelos capetas.

– Mas… – balbuciou Henny.

– Deixa para lá, Bonitinho – interveio Rolha. – Você só está dando mais corda para ele. É esse sangue do norte que ele tem. Ele não consegue evitar, vive tendo ideias.

– Um dia desses isso vai fazer ele ou algum de nós ser morto – murmurou Henny.

– Mas até lá… – Red fez um gesto grandioso enquanto Prin trazia cinco canecas de metal com cerveja escura espumante. – Vamos beber!

A noite continuava e Prin enchia as canecas. Ainda que Red estivesse pagando, sua caneca era enchida menos vezes. Era como ele gostava. Permanecer o mais afiado da mesa. Por isso acalentou uma bebida durante a maior parte da noite, jogando pedras com Henny e o vencendo com mais facilidade a cada partida. Outros vagas vieram e desfrutaram de sua hospitalidade. Ele contava a aventura daquela manhã, com o número de capetas aumentando a cada narrativa. Nunca dizia para onde tinha ido o grosso de seu lucro e ninguém perguntava, o que era melhor. Urtiga podia saber que ele estava cuidando de Sadie, mas ele duvidava de que qualquer um dos outros cabeças de sal entendesse ou respeitasse isso. Red estava acostumado a ficar sozinho nesse sentido. E gostava disso.

À medida que a noite se instalava e Prin saiu de trás do balcão para acender os lampiões a óleo na taverna, Red pôs as botas sujas de lama em cima da mesa.

– Rolha, velho vaga – disse ele. – Você está feliz?

– Como é? – perguntou Rolha, a mente nublada pela bebida.

– Feliz. Você está feliz?

Rolha deu de ombros.

– Acho que estou. Nunca pensei nisso de verdade.

– Acho que essa é a chave. – Red estendeu uma das pedras de jogar, um retângulo liso com um número quatro pintado, olhando o brilho da tinta captar a luz do lampião. – Não pensar tanto sobre isso.

Deu um peteleco na pedra, que saltou na boca de Derramado justo quando ele estava bocejando. Derramado começou a ter ânsias de vômito enquanto Ferrão lhe dava socos nas costas. Henny soltava seu risinho agudo e Rolha dava uma das suas risadas trovejantes.

Red sorriu.

– Já eu não creio que exista uma coisa de que eu mais precise no mundo do que isso.

Mais tarde ele pensaria nessa declaração, e admitiria que tinha pedido pelo que viria em seguida. Um sujeito mais velho entrou no Rato Afogado com o passo ondulado e o casaco de lã que o identificava como marujo. Tinha chapéu azul largo, barba preta encaracolada e pele quase igualmente escura. Red mal prestou atenção nele, mas o que viu logo depois o fez se empertigar e pôr as botas firmes no chão.

Atrás do marinheiro vinha uma mulher mais ou menos da sua idade, com os cabelos dourados e a pele clara e sardenta de sulista. Red sempre havia considerado a aparência dos sulistas um tanto doentia. Mas não havia nada de doentio naquela mulher. Ela se movia como aço líquido, cada passo confiante e absolutamente preciso. E os olhos… eram como as profundezas congeladas do mar, forjadas em adagas minúsculas que o golpearam no peito quando o olhar dela percorreu cada freguês do bar, avaliando-os.

– Quem… – sussurrou ele, segurando o braço de Henny. – Quem é essa criatura maravilhosa?

Henny seguiu seu olhar e deu um risinho.

– Aquela molly? Ouvi falar nela. Desembarcou há alguns dias com o capitão Carmichael. Ele já atracou aqui algumas vezes, trazendo frutas da Murgesia. Parece que ela é guarda-costas dele.

Red suspirou.

– Ela é um anjo vestido de couro preto.

– Sabe o que é aquela roupa de couro, não sabe? – perguntou Ferrão. – É um uniforme vinchen.

– Uma garota vinchen? – perguntou Derramado. – Isso é permitido? Acho que não.

– Diga isso a *ela* – sugeriu Henny.

O capitão Carmichael e sua guarda-costas foram até a mesa nos fundos do salão, onde Drem Insensível estava sentado com sua tripulação.

– Achei que você tinha dito que esse capitão fazia comércio de frutas – disse Red.

– Talvez ele tenha trocado por alguma coisa mais lucrativa.

– Com o Drem? Isso é sério.

– Talvez por isso ele tenha arranjado essa donzela de gelo como guarda-costas.

Red viu Drem erguer os olhos para o capitão, franzindo a testa ligeiramente. Ele olhou para o anjo guarda-costas e sua carranca se aprofundou ainda mais.

Outro marinheiro entrou no salão, este com bigode comprido. Foi rapidamente até o capitão e a donzela de gelo. Quando Drem Insensível viu esse recém-chegado, seu rosto ficou vazio.

– Pelo mijo do diabo – murmurou Red.

– Acho que a sua molly está prestes a entrar num mundo de encrenca – disse Henny.

15

Quando chegaram a Murgesia numa tarde ensolarada, Hope achou que era a ilha mais bonita em que haviam atracado durante seus dois anos a bordo do *Gambito da Dama.* Palmeiras e praias de areia lisa e branca, tão diferentes do litoral rochoso onde tinha crescido. Tinham vindo a Murgesia para comprar frutas cítricas. O capitão Carmichael explicou que eles as venderiam pelo dobro do preço em Nova Laven.

Hope e Rançoso o acompanharam até o povoado para se encontrar com o mercador. Era uma comunidade pequena, mas bem organizada, com construções simples de madeira e argamassa. Os caminhos de terra batida estavam cheios de aldeões que os olhavam com curiosidade, mas eram rápidos em dar um sorriso amigável quando Hope os encarava.

O armazém de frutas ficava no centro do povoado. Era a maior construção da ilha. Na frente, um homem estava acomodado numa cadeira com um guarda-sol para protegê-lo. Quando os viu se aproximar deu um sorriso caloroso.

– Capitão Carmichael! – disse ele, levantando-se e indo até eles. – Que bom vê-lo. Parece que faz séculos!

– Espero que você esteja bem, Ontelli.

Carmichael apertou a mão dele.

– Ah, claro, vamos indo. – Ontelli assentiu. – Têm sido dois anos interessantes.

– Lamento ouvir isso. Pessoalmente gosto de ter uma vida monótona e previsível. Isso ajuda a gente a viver mais.

Ontelli continuou assentindo e sorrindo.

– Está certo. Bom, odeio fazer isso com você, capitão, mas será que o senhor pode voltar mais tarde?

– Como?

– É que no momento estou muito ocupado.

Ontelli sinalizou vagamente para o armazém atrás dele.

– Ocupado? – perguntou Carmichael, com as sobrancelhas pretas e grisalhas franzindo. Não tem ninguém no armazém.

– É – disse Ontelli. – Será que o senhor não poderia voltar mais tarde? Talvez um pouco depois do pôr do sol? Até lá devo ter sua carga preparada. O mesmo da última vez, não é? E podemos fazer tudo numa transação tranquila.

– Acho que sim… – começou Carmichael.

– Sei que estou aborrecendo o senhor um pouco – disse Ontelli, com o sorriso ainda firme no rosto. – Vou dizer uma coisa: se o senhor fizer minha vontade e voltar depois do anoitecer eu lhe dou um desconto de mais dez por cento.

Carmichael deu de ombros.

– Bom, ora, é uma gentileza sua. Claro, vamos voltar depois do escurecer com alguns vagas a mais para ajudar a levar a carga para o navio.

– Maravilhoso! Obrigado por ser tão compreensivo, capitão. Vejo o senhor esta noite.

E entrou rapidamente no armazém.

– Não gosto disso, senhor – disse Hope. – Essa conversa me pareceu esquisita.

– Concordo. Mas precisamos da carga.

Assim, eles voltaram ao navio e esperaram. Depois do anoitecer, partiram para o armazém. Desta vez Hope foi à frente, seguida por Carmichael. Atrás deles vinham Rançoso, Sankack e Carrapato puxando uma carroça vazia que seria usada para levar as frutas ao navio.

Não havia luzes no povoado. Nenhuma tocha para marcar os caminhos ou os cruzamentos. E, estranhamente, nenhuma luz vinha de dentro das casas. A única luz em toda a aldeia era o lampião pendurado na carroça puxada por Sankack e Carrapato. Era como se todo o lugar estivesse deserto.

Só que não estava. Hope vislumbrou figuras espreitando no escuro, esgueirando-se fora do alcance do lampião com movimentos espasmódicos, não naturais.

– Capitão – disse ela baixinho, com a mão indo ao cabo da espada.

– Já vi – respondeu ele.

– O que são? – perguntou Rançoso. – Não se movem como pessoas.

– Desde que mantenham distância, não me importo muito com o que sejam – disse Carmichael. – Vamos indo. Assim que chegarmos ao centro do povoado deveremos estar em segurança.

Mas quando chegaram ao centro da aldeia o lugar estava tão escuro quanto o resto. Um pequeno grupo de pessoas se reunia na frente do

armazém, esperando por eles.

– Certo, Ontelli – começou Carmichael. – Nós viemos à noite. Como você pediu. E agora quer fazer negócios na escuridão? Afinal, que brincadeira é essa? Na última vez em que estive aqui foi um acordo fácil e lucrativo para nós dois. Espero que você não planeje estragar isso.

As figuras reunidas estavam imóveis e silenciosas.

– Ah, mas capitão Carmichael – disse a voz de Ontelli, parecendo tensa. – Não tenho mais planos. Não mais. Não como antigamente. Não faz sentido. Veja bem, nós recebemos um visitante em Murgesia há um tempo. E agora as coisas estão um tanto diferentes. Temos prioridades diferentes. Necessidades… diferentes.

Hope sentiu as figuras sombreadas se esgueirando mais para perto, vindas de todas as direções.

– Capitão, estamos cercados.

– Ontelli, seu desgraçado. – Carmichael pareceu quase exausto. – Acha que vai roubar a gente, é? Ficar com o dinheiro *e* a carga? Estou dizendo: isso não vai acontecer. Se não quer fazer negócio, deixe a gente voltar ao nosso navio e vamos embora. Caso contrário, um monte de gente vai morrer.

– O senhor entendeu mal, capitão – disse Ontelli, agora à vista sob a luz do lampião.

Havia uma expressão louca e selvagem em seus olhos. Estava encharcado de suor e com a boca retorcida na forma de algo entre um sorriso e uma careta dolorosa. As outras figuras começaram a se mover para a luz. Rançoso estivera certo. Não eram pessoas. Eram de uma magreza estranha, com cabeças redondas, olhos enormes e bicos curtos e curvos onde antes estariam o nariz e a boca. Penas salpicadas se projetavam da pele e, em vez de braços, tinham asas precárias.

– Não é o seu dinheiro que a gente quer – explicou Ontelli. – É a sua carne.

Ele estremeceu. Um bico emergiu do meio dos seus lábios enquanto o rosto inteiro recuava como um saco, expondo penas vermelhas e afiados olhos de coruja. Sankack gritou, largou sua ponta da carroça e saiu correndo. Não chegou longe. Uma das criaturas corujas saltou batendo asas. Não voou, mas conseguiu impulso suficiente para alcançá-lo. Ela cravou as garras nas costas dele e o derrubou de rosto no chão. Um grupo daquelas

criaturas partiu para cima, num bando, bicando-o, arrancando nacos de carne enquanto ele se sacudia e gritava.

O capitão Carmichael sacou sua pistola e apontou para a coisa que tinha sido Ontelli.

– Que Deus conceda misericórdia à sua alma, porque sem dúvida ele não teve pela sua vida.

A coisa escancarou o bico preto e curvo e saltou para cima do capitão, mas seu rosto explodiu numa nuvem de penas sangrentas quando a pistola disparou.

– Capitão? – perguntou Hope.

– Abra caminho de volta ao navio – disse ele enquanto acertava a coronha da pistola na cabeça de outra criatura.

Hope desembainhou a Canção dos Lamentos e decepou a cabeça da criatura mais próxima, num movimento contínuo.

– Rançoso e Carrapato – disse o capitão. – Deixem a carroça. Vão atrás de Hope e mantenham essas coisas longe das costas dela.

Rançoso desembainhou seu alfanje e Carrapato um porrete curto. Hope avançou. Girou primeiro numa direção, depois na outra, a espada relampejando ao luar no meio dos uivos e gritos das criaturas. A lâmina dançava através do denso amontoado de penas, para baixo e para cima, decepando os membros finos. Os pés de Hope giravam com facilidade, os músculos retesados e zumbindo de calor enquanto ela trabalhava. Quase podia escutar a voz do grão-mestre Hurlo no ouvido, dizendo: *Se há mais perigo no mundo externo, mais calma deve haver no mundo interno*, enquanto abria caminho pela turba.

– Bom, eles simplesmente continuam vindo! – gritou Rançoso. – Nunca vamos conseguir!

– Cale a boca e lute! – disse o capitão.

Mas Hope não podia parar para ver se ele fazia isso. Estavam quase atravessando as partes mais densas. Tudo era um borrão contínuo de movimento. Ela sentia como se estivesse desaparecendo e não havia nada, a não ser a Canção dos Lamentos zumbindo sua melodia terrível. As criaturas corujas podiam não entender a linguagem humana, mas claramente conheciam a linguagem daquela espada e começaram a se encolher para longe dela.

Por fim atravessou a massa de criaturas. Diante deles estava a rua sem iluminação que levava ao navio.

– Vão! – gritou Carmichael.

O grupo partiu correndo, com as criaturas logo atrás. Elas não conseguiam correr com a mesma velocidade, mas ocasionalmente uma conseguia impulso suficiente para saltar para a lateral de uma construção e cair em cima deles. Mas Carrapato a jogava de lado com seu porrete e os ossos de pássaro se despedaçavam com o impacto.

O navio surgiu, com os lampiões tremeluzentes brilhando como um farol.

– Capitão, estamos quase chegando!

Hope se arriscou a olhar para trás e viu o que Carmichael não via. Uma criatura coruja pulou sobre Rançoso. Em vez de enfrentá-la, ele se desviou e ficou atrás de Carrapato, que estava ocupado se defendendo de uma pelo outro lado. Rançoso ficou livre enquanto Carrapato era derrubado com garras e bicos que rasgavam.

– Covarde! – gritou Hope, levantando a espada para golpear Rançoso. Mas Carmichael agarrou o braço dela.

– O navio! – berrou no rosto dela. – Agora!

Hope trincou os dentes e golpeou um bando de criaturas com tanta força que os corpos espasmódicos voaram vários metros para trás e se chocaram contra uma pilha de caixotes velhos no cais. Os caixotes caíram revelando uma grande placa pregada na madeira. Nela, estava pintado um oval preto com oito linhas pretas se projetando. O símbolo dos biomantes.

Hope parou bruscamente. O choque do reconhecimento apertou seu peito enquanto lembranças antigas vinham num jorro até a superfície. Não conseguiu recuperar o fôlego e cambaleou, com a visão começando a ficar turva.

– O que foi? – berrou Carmichael.

Ela só pôde ofegar e apontar para a placa. Quando ele viu, seus olhos se estreitaram com força.

– Eu deveria saber. – Em seguida levantou a cabeça na direção do navio e gritou: – Todo mundo! Todo mundo no convés! Preparar para cortar cabos e fugir!

Saltou a bordo. Alguns tripulantes corriam para pegar as armas e se defender dos atacantes, enquanto outros se preparavam para zarpar. Hope não foi junto. Em vez disso, permaneceu no cais, ofegando e tremendo, sentindo-se uma menininha outra vez. A antiga escuridão a invadiu. Ela ouviu a mãe gritando seu nome enquanto era rasgada por dentro. Podia

sentir o cheiro das pilhas de mortos deixados para apodrecer. Podia sentia a dor de dias intermináveis cavando sepulturas no solo congelado e rochoso. Quando chegou a hora de enterrar o pai, ela viu o rosto dele ainda retorcido na agonia do momento da morte, como se sua alma fosse sentir aquela dor por toda a eternidade. Olhou o colar de vidro marinho, e por um momento pensou em ficar com o objeto, como uma lembrança. Mas a beleza daquilo não tinha mais qualquer apelo. Era melhor permanecer com o pai, enterrado ali, naquele lugar frio e morto.

– Que diabo está acontecendo com você?

Rançoso agarrou seu ombro enquanto olhava temeroso para o bando de criaturas corujas que se aproximavam. Ele se virou para ela e pareceu reconhecer sua expressão. Fez uma pausa, como se decidisse alguma coisa. Depois lhe deu um tapa forte no rosto.

O choque a trouxe de volta. Ele puxou o braço dela e os dois subiram tropeçando no navio enquanto os tripulantes fechavam fileiras atrás, permitindo que os dois recuperassem o fôlego.

Rançoso apontou um dedo diante do rosto dela.

– Você não diz nada sobre o Carrapato e eu não digo nada sobre isso. Fechou?

O rosto dela endureceu, mas Hope assentiu.

As criaturas corujas pareciam intermináveis borbulhando para fora da escuridão e cobrindo as docas. Hope e Rançoso se juntaram de novo à tripulação e lutaram contra as criaturas até as velas estarem preparadas, os cabos serem cortados e o *Gambito da Dama* seguir rapidamente para mar aberto.

– Graças a Deus eles não conseguem voar direito – disse Rançoso enquanto a ilha sumia a distância. Em seguida piscou para ela, como se fossem amigos compartilhando um segredo.

Pouco depois, Carmichael mandou chamar Hope e Rançoso à sua cabine. Os três se sentaram em volta da mesinha aparafusada no chão. Carmichael e Rançoso passaram uma garrafa de rum escuro entre os dois enquanto o capitão explicava a situação.

– Perder aquela carga nos deixou mal – disse ele. – O navio precisa de reparos. Eu estava contando vender a carga em Nova Laven, para pagar os consertos.

– Não podemos pegar uma carga em outro lugar? – perguntou Hope.

O capitão balançou a cabeça.

– Mal conseguiríamos chegar a Nova Laven. Não podemos nos arriscar a ir mais longe. Basta uma tempestade forte em mar aberto para afundarmos.

– E se pegarmos uma carga em Nova Laven e fizermos uma corrida rápida junto ao litoral? – perguntou Rançoso. – Sem risco de mar aberto. Só ir e vir em troca de um dinheirinho?

Carmichael suspirou e coçou a barba encaracolada.

– Contrabando?

– Conheço um vaga no Círculo do Paraíso que está sempre procurando gente a fim de um serviço extra. Navios que a polícia imperial não conheça à primeira vista.

O capitão tomou um gole da garrafa de rum e ficou sentado um instante, perdido em pensamentos.

– Não vejo muita opção. Vamos tentar esse seu contato. Estabeleça o curso para Nova Laven!

– Sim, capitão – disse Rançoso, com um riso largo embaixo do bigode.

Hope se levantou para sair.

– Espere um momento – interveio o capitão. – Você está bem?

– Claro, senhor.

– Você pareceu bem abalada lá atrás quando viu o símbolo dos biomantes.

– Ele… me lembrou de uma coisa. Da minha infância. Eu vi aquele símbolo uma vez.

– Quando um biomante faz uma coisa como a que fizeram em Murgesia, quando mudam uma ilha inteira assim, deixam um sinal para alertar os outros, para dizer que o lugar não é mais seguro. As pessoas de Murgesia pareceram ter presença de espírito suficiente para esconder a placa. – Ele tomou outro gole da garrafa. – Aquele já foi um povo bom. Um porto pequeno e amigável.

– Por que eles fazem isso? Os biomantes? Por que fazem isso com as pessoas?

– Por quê? Porque o imperador ordena, imagino. Não existe motivo maior em todas as terras. – Ele tomou outro gole. – Pelo menos é o que dizem.

– Isso não é um motivo de verdade.

– Não – concordou ele. – Não é.

Mais tarde, naquela noite, Hope ficou deitada em sua rede durante horas antes de cair no sono. Via o símbolo sempre que fechava os olhos. O oval

preto com oito linhas pretas riscadas se projetando para baixo. Como a silhueta de um kraken. Murgesia ficava muitas léguas distante de seu povoado. Ela se perguntou quantos outros povoados teriam sido vítimas da crueldade dos biomantes. Talvez ela tivesse mantido a mente muito fechada. Talvez tivesse permanecido centrada demais em seu desejo de vingança. Quanto mais pensava nisso, matar um biomante não bastava. Iria se vingar por todas as pobres almas que tinham sofrido com as "experiências" deles. Mataria todos os biomantes.



Pairava sobre Nova Laven uma névoa tão densa que Hope imaginou se os habitantes ao menos podiam ver o sol. Ela estava junto à amurada do navio com o capitão Carmichael, olhando a cidade. Era a maior coisa que já vira. Somente o cais se estendia por uma área maior do que a cidade de Murgesia. Para além havia um conjunto de construções tão vasto que não dava para adivinhar onde terminava.

– Deve ser a maior cidade do mundo – comentou.

Carmichael sorriu.

– Não, Hope. É impressionante, admito. E tem caráter de sobra. Mas existem cidades maiores do que esta. Pico de Pedra, a capital, é uma vez e meia maior do que esta. E ouvi dizer que, para além do mar Negro, existem cidades que se espalham por léguas.

– Não sabia que existia alguma coisa para além do mar Negro – admitiu Hope.

– Você achava que o mundo terminava depois das fronteiras do império? Meu pai veio de uma terra chamada Aukbontar, do outro lado do mar. Ele contou à minha mãe que a terra dele era maior do que todas as ilhas do império juntas. Apenas uma gigantesca massa de terra.

– Isso é possível?

– O mundo é muito mais vasto do que você ou eu podemos ao menos conceber. Nós somos muito pequenos, como manjubinhas.

– Eu já me sinto assim, estando numa cidade dessas.

Carmichael assentiu.

– Nova Laven talvez não seja a maior cidade do mundo, mas pode ser a mais dura e mais maligna. Esta cidade é capaz de mastigar você e cuspi-la,

não se engane. Ela tira a gentileza da pessoa e instala um olhar frio, ardiloso.

Ficaram em silêncio por um momento, olhando os estivadores descarregando caixotes de outros navios.

Por fim, Hope disse:

– Capitão, com todo o respeito, parece que há alguma coisa incomodando o senhor desde que chegamos ao porto.

– Estou tentando entender como vim parar aqui.

– Senhor?

– Se há cinco anos você me perguntasse se eu gostaria de virar contrabandista transportando armas e drogas pelo litoral de Nova Laven, eu gargalharia na sua cara. Ou talvez lhe desse um soco. Tentei jogar de acordo com as regras, fazer a coisa certa. Mas a vida… – Ele balançou a cabeça. – A vida tem um jeito de desgastar a gente até que um dia você olha as escolhas que existem, e transportar drogas não parece mais uma coisa tão ruim.

– Como o senhor sabe que vão ser drogas? Rançoso disse que conseguiria o que pudesse para a gente. Não creio que drogas sejam a primeira opção.

– Ele está procurando há dias. Imagino que não haja muitas opções. E, de qualquer modo, quem mais precisaria fazer contrabando? Eles fazem as drogas aqui e vendem no norte da cidade, onde vivem os clientes que pagam. Aqueles rendados precisam de alguma coisa para passar as horas.

– Rendados?

– Gente rica. Como em todas as cidades, a maioria das pessoas de Nova Laven não tem muita coisa e algumas pessoas têm quase tudo.

– Não parece certo.

– Acrescente isso à lista, Hope, minha menina.

– Mesmo assim não precisamos colaborar com isso.

– Acho que não.

– Os vinchen dizem que é melhor fracassar com honra do que ter sucesso com desonra. Porque a taça da vitória estaria manchada e deixaria um gosto ruim na boca.

Ele se virou para ela e sorriu de repente.

– Talvez, depois de dois anos com você, esse negócio do código vinchen esteja passando para mim, porque isso fez sentido. Estive preocupado demais com a hipótese de perder este navio. Mas, se ficar com ele implica transformá-lo num transporte de drogas, talvez não valha a pena mantê-lo.



Mais tarde Rançoso voltou com a notícia de que tinha arranjado uma carga.

– Que tipo de carga? – perguntou Carmichael.

– Do tipo que paga. Não pedi os detalhes.

Rançoso levou Carmichael e Hope pelo cais, ainda borbulhante de atividade, mesmo já sendo quase crepúsculo. Depois os conduziu pela cidade propriamente dita.

Nos últimos dias, Hope tinha andado pelos cais. Esta era a primeira ocasião em que via mais da cidade. Era mais lotada do que o cais, e era imunda. Às vezes as ruas desapareciam sob uma camada de lama, lixo e fezes que ia até os tornozelos. Todo o lugar tinha um cheiro pior do que qualquer coisa que Hope já havia experimentado. Sua aldeia simples, de pescadores, havia sido pobre, talvez até demais. Provavelmente não parecia grande coisa para os poucos mercadores que passavam por lá. Mas o povo cuidava dela. Esta cidade parecia magnífica a distância, mas de perto era podre.

– Como é que as pessoas vivem assim? – perguntou ela.

– A maioria nasce aqui e não conhece nada diferente – respondeu o capitão.

– E os que conhecem vão para o mar na primeira chance que têm – disse Rançoso.

– Esqueci que você é daqui – observou Hope. – Não quis ofender.

– Não me ofendeu. Venham, é por aqui.

Hope e Carmichael seguiram Rançoso pelas ruas sinuosas, penetrando mais fundo na cidade. À medida que o céu escurecia, Hope esperava ver menos gente. Mas quando a noite baixou, um policial imperial começou a acender lampiões nas ruas e as pessoas continuaram com suas atividades, vendendo, comprando, bebendo ou brigando. A escuridão escondia boa parte da imundície e as luzes brilhavam alegres numa linha que se estendia pela rua até onde a vista alcançava.

– Tem certa beleza à noite – comentou ela.

– Você deveria ver a área norte. – Havia um estranho tom de orgulho na voz de Rançoso. – Iluminação a gás mandada por canos direto para as casas.

– *Alguém* dorme nesta cidade? – perguntou Hope.

– É um ritmo diferente viver numa cidade grande – explicou Carmichael. – Sempre me pareceu uma coisa meio difícil.

– Aquela última ilha pitoresca e isolada também não pareceu muito saudável – disse Rançoso.

– Bom argumento – admitiu o capitão.

Andaram um pouco mais até chegarem a uma taverna com uma placa velha na frente, exibindo a pintura de um grande roedor furioso.

RATO AFOGADO.

– É aqui – disse Rançoso.

– Aqui? – perguntou Hope. Através da janela suja dava para ver uma multidão maltrapilha e de aparência astuta bebendo cerveja e gritando uns com os outros. – Acho difícil acreditar que vamos encontrar alguém com um bom serviço aqui.

– Eu não disse que era "bom" – declarou Rançoso. – Disse que *paga*. O nome dele é Drem Insensível, e vai estar esperando na mesa dos fundos.

– Você não vem? – perguntou Hope.

– Claro que vou. – Rançoso assentiu, mas estava olhando ao redor, distraidamente. – Acabei de ver uma garota que eu conheço. Alcanço vocês logo. Só um momento.

– Vejamos que carga questionável Rançoso encontrou para nós – disse Carmichael. – Fique com a espada por perto.

– Minha espada está sempre por perto.

O interior da taverna era mais ou menos o que ela tinha esperado. Apinhado, ruidoso e fedendo a suor e cerveja rançosa. Todos os fregueses pareciam um bando de batedores de carteira e assassinos repulsivos. No canto havia um grupo de rapazes mais ou menos da sua idade, olhando-a e sussurrando uns com os outros. Imaginou que estariam discutindo se iriam segui-la quando ela saísse e tentar roubá-la. Quase desejou que fizessem isso, para lhes dar uma lição.

Acompanhou o capitão até a mesa grande no fundo da taverna. Os três homens que a ocupavam pareciam ligeiramente mais bem de vida do que os outros fregueses. Estavam no meio de um jogo de pedras. Quando Carmichael e Hope se aproximaram, os três levantaram os olhos para eles. O homem do meio os avaliou de um jeito que parecia predatório.

Um instante depois, Rançoso ocupou seu lugar do outro lado do capitão. Hope o encarou irritada, imaginando por que ele teria sentido necessidade de reencontrar uma antiga namorada justo naquela hora. Sem dúvida ele

percebia como era fundamental que garantissem algum tipo de serviço. Quando se virou de novo para olhar o homem à mesa, o rosto dele havia assumido uma expressão estranhamente vazia.

– Imagino que você seja o capitão de quem o Ranço andou me falando – disse o homem numa voz chapada e áspera.

– Meu nome é Carmichael, sou capitão do *Gambito da Dama* – respondeu ele, estendendo a mão.

– Meu nome é Drem. – O homem ignorou a mão estendida. – E eu dou as ordens nesta área. Sabe o que isso quer dizer?

– Sim – respondeu Carmichael.

– Ensolarado. – O rosto de Drem continuava estranhamente inexpressivo. – Tenho mercadorias que precisam ser levadas pela costa até a baía Radiante, em Salto Fundo, sem inspeção ou qualquer contato imperial. Vamos mandar que elas sejam carregadas antes do amanhecer, de modo que vocês possam zarpar às primeiras luzes.

– E qual é a carga? – perguntou o capitão.

– Não é da sua conta.

– O navio é meu, a carga é da minha conta.

– É assim?

– Infelizmente.

– Então estou meio confuso – disse Drem. – Você disse que entendia quando eu falei que dou as ordens nesta área. Isso inclui o cais e qualquer navio atracado nele. – Drem olhou para as pedras lisas e numeradas sobre a mesa, como se de repente tivesse perdido o interesse na conversa. – Ranço, explique ao homem como são as coisas no Círculo.

Hope estivera concentrada em Drem e seus homens, preparada para o caso de algum deles fazer alguma coisa. Jamais teria esperado que um dos próprios homens de Carmichael o traísse. Nem mesmo Rançoso. Assim, quando Rançoso sacou uma pistola, isso a pegou desprevenida por um segundo. E nesse segundo ele disparou uma bala na lateral da cabeça do capitão Carmichael. No segundo seguinte, a Canção dos Lamentos assobiou saindo da bainha e decepou o braço de Rançoso junto ao cotovelo enquanto o corpo sem vida do capitão caía no piso frio.

Os dois homens que estavam à mesa com Drem se levantaram e sacaram suas armas. Hope estendeu o braço por cima da mesa e enterrou a lâmina no pescoço de um dos homens antes que ele pudesse puxar o cão da arma. Virou-se para atacar o segundo, mas o encontrou se afogando no próprio

sangue, segurando um estranho objeto parecido com uma faca no pescoço. Ela seguiu a trajetória e viu um dos rapazes que antes estavam sentados no canto. O cabelo escuro dele caía parcialmente sobre os olhos de uma estranha cor vermelha. Ele inclinou a cabeça e lhe deu um riso presunçoso. Ela sentiu aversão instantânea.

Voltou a atenção para Drem, que estava se levantando, tentando sacar a arma, o rosto não mais numa inexpressividade fria, e sim franzido de fúria. Ela encostou a espada no peito dele, que se imobilizou.

– Você não pode me matar – rosnou ele. – Eu *dou as ordens* nesta área.

Ela olhou a taverna ao redor. A não ser por Rançoso gemendo no chão e o rapaz de olhos vermelhos, o lugar estava vazio.

– Parece que o pessoal da sua área abandonou você.

– Eles só sabem o que está vindo, e são espertos o bastante para ficar fora do caminho – disse Drem.

Vários homens irromperam pela porta da frente da taverna disparando armas. Uma bala raspou na lateral do corpo dela, permitindo que Drem mergulhasse atrás de uma mesa próxima.

Os recém-chegados continuaram a atirar. Tinham daquelas pistolas que permitiam seis disparos antes de ser recarregadas. Ela ficou surpresa ao ver que bandidos de rua podiam se dar ao luxo de ter armas tão caras, mas agora não era hora de pensar nisso. Virou a mesa de lado a fim de se proteger.

Alguém se moveu perto dela. Ela girou a espada, pensando que era Drem. Mas era o rapaz que a havia ajudado.

– Epa! – gritou ele acima dos estrondos dos tiros. – Eu estou do seu lado.

– Como é que eu sei disso?

– Ah, porque eu acabei de salvar sua vida?

– Nem um pouco – disse ela. – Eu o teria matado antes que ele tivesse a chance de atirar.

– Certo, então estou salvando sua vida agora, porque vou tirá-la daqui.

Hope o olhou cheia de suspeitas, imaginando por que ele estava decidido a ajudá-la. Já tinha sido traída uma vez hoje. No entanto, a não ser pelo irritante ar de presunção, ela sentia que ele era sincero. Além disso, os pistoleiros estavam combinando os disparos e as recargas, de modo que a mesa não aguentaria por muito tempo. Lascas já saltavam nas bordas.

– Você tem um plano para sair daqui? – perguntou.

– Eu *sempre* tenho um plano – respondeu o rapaz com aquele riso que ele provavelmente considerava charmoso. Em seguida, se virou para o balcão. – Prin! – gritou acima do som dos disparos.

O topo da cabeça da jovem surgiu atrás do balcão.

– Jogue as chaves do porão!

Ela balançou a cabeça.

– Qual é, Prin! Eu deixo lá embaixo para você pegar depois. Prometo. E… – Ele hesitou. – E vou deixar isso também.

O rapaz levantou uma sacola de moedas. Os olhos da garota se arregalaram ao ver a sacola, mas depois se estreitaram cheios de suspeita.

– Vou garantir que ele faça o que disse – declarou Hope. – Você tem a minha palavra de guerreira.

Ela pareceu considerar a proposta. Um instante depois, uma chave voou por cima do balcão e caiu ao lado deles.

– Pois é – disse o rapaz. – Ter uma pessoa digna de confiança por perto reduz o tempo de implorar e bajular.

– Vamos indo. Essa mesa está para se desfazer.

O rapaz segurou uma das pernas da mesa do seu lado.

– Continue puxando-a para trás até chegarmos àquelas dobradiças no piso. É o alçapão do porão.

Ela confirmou com a cabeça e os dois começaram a puxar a mesa para trás. Mais buracos apareciam na madeira. Hope espiou através de um e não viu Drem em lugar nenhum. Provavelmente tinha fugido. Os outros pistoleiros não demonstravam qualquer interesse em avançar. Não precisavam. Pedaços enormes da mesa estavam se soltando. Ela não aguentaria muito mais.

– Vamos lá!

O rapaz abriu o alçapão e pulou pelo buraco. Hope se agachou na borda e olhou para a escuridão embaixo. Odiava recuar desse jeito. Porém, mais do que qualquer coisa, sabia que precisava vingar Carmichael. Aqueles homens não importavam. Era Drem quem ela queria. Por isso pulou.

Caiu num chão de terra numa escuridão quase absoluta. Quase arrancou o braço do rapaz quando ele tocou em sua mão.

– Pelo mijo do diabo, você é nervosa! – Ele a puxou pelo pulso. – Por aqui.

Normalmente ela não gostava de ser tocada, sobretudo por alguém desconhecido. Mas ali embaixo, na escuridão, não conseguia ver quase nada.

Imaginou como o rapaz conseguia se orientar em meio às pilhas de caixotes e barris. Talvez ele conhecesse bem o lugar. Ou talvez seus estranhos olhos vermelhos lhe permitissem enxergar melhor no escuro. Fosse o que fosse, ele se movia com confiança e ela se deixou ser guiada pelo porão frio, com o som dos tiros ficando mais fraco até finalmente parar. Ela o ouviu mexendo numa fechadura. Um alçapão se abriu acima deles e uma luz fraca se derramou para baixo.

– A cervejaria – disse o rapaz. – Fica do outro lado da rua e o porão passa por baixo, ligando os dois. Eles vão perceber logo que foi para cá que viemos, por isso é melhor continuarmos correndo.

Ele começou a subir os estreitos degraus de metal.

– Você está esquecendo uma coisa – disse ela.

– O quê?

Ele a encarou com a expressão ligeiramente confusa.

– De deixar a chave. E o dinheiro. Como prometeu.

Ele se encolheu.

– Certo. É o lado ruim de ter uma pessoa de confiança por perto. Cumprir o acordo. – Ele desceu de novo, pegou a chave e o saco de moedas e os colocou no chão de terra. – Feliz?

– Satisfeita.

– Fazer o quê, né? – disse ele, e voltou a subir.

Quando saiu na cervejaria, Hope ofegou ligeiramente. O espaço era como uma máquina gigantesca, atulhado de altíssimos tonéis de cobre, tubos enormes, engrenagens, polias e outros tipos de aparato mecânico complicado cujo objetivo ela só podia imaginar. Nunca tinha visto nada assim.

– Incrível, não é? – Os olhos vermelhos dele brilharam ao luar fraco que entrava pelas janelas. – Os recursos e a engenhosidade para encontrar modos mais eficientes de as pessoas se tornarem mais imbecis.

Ela sorriu ligeiramente, mesmo contra a vontade.

– Sou Red, por sinal.

Ele estendeu a mão.

– Meu nome é Bleak Hope – disse ela, apertando-a. – Mas a maior parte das pessoas me chama só de Hope.

O riso dele ressurgiu.

– Red e Hope. Soa bem, não acha?



Drem examinou a destruição no Rato Afogado. Houvera um tempo em que uma coisa assim jamais poderia ter acontecido. Lembrou-se de quando era um jovem vaga, ainda subindo na vida, e o Rato Afogado era lar da temível Madge Suspensórios. Lembrava-se de vê-la andando pelo salão, pronta para esmagar qualquer um que ousasse trazer a desordem ao seu estabelecimento.

Um dia, um biomante chegou com um esquadrão de capetas. Disse que estava fascinado por uma mulher com tamanho poder natural. Disse que queria estudá-la. Claro que Madge lhe disse exatamente onde ele podia enfiar os estudos. Precisaram de todo o esquadrão para dominá-la. Madge era uma celebridade na região. Uma heroína, de certo modo. E durante dias, depois disso, o povo murmurou raivoso. Até houve alguns pequenos tumultos. Mas então pessoas começaram a desaparecer no meio da noite e todo mundo sabia o que acontecia com os desaparecidos. Drem se lembrou de ter se perguntado, quando era jovem, como os biomantes podiam tirar as pessoas das casas com tanta facilidade. Agora ele sabia, claro.

Ouviu um gemido fraco. Foi em direção ao som, com as botas esmagando o vidro quebrado e a madeira lascada. Viu Rançoso caído, segurando o cotoco sangrento onde antes ficava a metade de baixo de seu braço direito.

– Drem – ofegou Rançoso. – Graças a Deus você está bem. Você precisa me ajudar. Sei que as coisas foram a sota-vento, mas você tem o navio e eu ainda posso comandá-lo. Você *prometeu* que eu poderia comandá-lo. Vou ser o melhor contrabandista que você já viu, juro.

– Brackson – disse Drem a um dos seus homens. – Venha cá e amarre o braço do Ranço para que ele não morra de tanto sangrar.

– Obrigado, Drem! – chiou Rançoso. – Você não vai se arrepender. Juro!

Drem o ignorou e disse a Brackson:

– Vamos dá-lo aos biomantes.

– Não! – suplicou Rançoso. – Por favor, meu Deus, não!

– Mas, chefe – disse Brackson –, nós já demos uma pessoa a eles este mês.

Drem deu de ombros.

– Não faz mal mandar uma a mais. É importante ter a boa vontade deles. Em especial ultimamente. – Ele virou o olhar chapado para o alçapão no

fundo da taverna. – Quem ajudou a garota sulistinha?

– Acho que foi o Red, chefe.

– Verdade? Que pena. Eu estava pensando em convidá-lo para trabalhar comigo. Mande uns vagas de confiança à cervejaria. Quero Red e aquela garota mortos antes de o sol nascer.

16

Não era a primeira vez que Red era perseguido pelas ruas estreitas e labirínticas do Círculo do Paraíso, à noite e por bandidos armados sedentos de sangue. Nem mesmo a quinta vez. Mas era de longe a predileta. Principalmente por causa da vista.

Hope corria à frente dele, as pernas e a bunda se flexionando sob o couro preto e justo de um modo que o levava a querer acreditar em Deus só para agradecer por ter feito uma molly tão perfeita.

Um tiro soou e ele ouviu uma bala passar zumbindo perto da cabeça. Ela acertou o tijolo de uma construção próxima.

– Esquerda! – gritou para Hope.

Ela girou com a graça de uma dançarina sem ao menos perder o ímpeto enquanto virava para a rua lateral. Enquanto fazia a mesma curva, Red se arriscou a olhar para trás. *Seis homens!* Drem queria mesmo matá-los. E estavam sendo espertos. Mantendo distância para não terminar com um metro do aço vinchen de Hope no bojo. De qualquer modo, com todas as armas que tinham, por que precisariam chegar perto?

Red avaliou a possibilidade de parar e lutar. Os dois conseguiriam se dar bem. Mas ainda que isso resolvesse temporariamente o problema, a longo prazo só pioraria as coisas. Se eles matassem seis homens do Drem, ele mandaria o dobro na próxima. Drem não tinha problema em jogar fora homens para conseguir o que queria ou enfatizar um argumento. Eles precisariam de uma solução mais astuta para sair dessa.

– Direita! – gritou ele e os dois viraram em outra rua.

– Estamos correndo para algum lugar específico ou você está pensando enquanto a gente vai? – perguntou ela por cima do ombro, com o rosto vermelho.

– A maioria das pessoas não iria nos esconder dos homens do Drem. Ele é poderoso demais por aqui. Mas eu conheço uma pessoa que me protegeria do próprio imperador se fosse necessário.

– Isso que é amigo leal.

– Bom, não sei se eu poderia chamá-la exatamente de amiga… – Ele apontou para uma porta simples, pintada de um rosa opaco. – Ali!

Hope virou a maçaneta, mas estava fechada.

– Certo. Horário comercial.

Red bateu três vezes devagar e três vezes rápido. Assim que a porta se abriu, ele empurrou Hope para dentro e rapidamente fechou-a depois de entrar também.

– Isso é… – Os olhos de Hope se arregalaram enquanto ela via os sujos sofás e poltronas de veludo, as cortinas desbotadas e rasgadas e as mulheres e homens espalhados, somente com roupa de baixo. – Isso é um *bordel*?

– Não. Sim. Depende de quem você é. Eles vão chegar em um minuto. Não temos tempo de discutir isso agora.

– Red? – perguntou Tosh, estendida numa namoradeira verde comida por traças. A mulher de cabelos encaracolados se sentou e o olhou com curiosidade. – O que está acontecendo? Quem é essa aí?

– Não tenho tempo – respondeu Red. – Urtiga está aí?

– Primeira porta à direita, fazendo a limpeza.

– Obrigado. Nós nunca estivemos aqui.

Tosh assentiu com a testa franzida de preocupação.

Red não sabia quanto tempo Tosh e os outros conseguiriam deter os homens de Drem. Mas só precisava de mais alguns minutos. A não ser que Urtiga estivesse mal-humorada.

– Venha.

Ele subiu a escada de madeira. Hope parecia ter uma centena de perguntas enquanto ia atrás, mas as guardou para si. Ele apreciou isso. Quando abriu a porta de um quarto, encontrou Urtiga no chão, limpando uma poça de vômito. Próximo da poça estava um marinheiro inconsciente. Ali perto um homem nu estava sentado com as pernas cruzadas numa cama, fumando um cachimbo.

– Não sei por que *eu* preciso fazer a limpeza – disse Urtiga juntando pedaços de algo que podia ter sido pão. – Você é perfeitamente capaz.

– Eu *disse* a você que ele estava bebendo demais. Você não deveria ter dado um chute na barriga dele – retrucou o homem nu, olhando preguiçosamente a fumaça do cachimbo se erguer em espiral na direção do teto. Tinha cabelos castanhos compridos, ligeiramente encaracolados, e um bocado de pó no rosto fino e pontudo. – Além disso, não vou conseguir nenhum cliente se estiver fedendo a vômito.

– Tiga – disse Red. – Preciso que você jogue a gente pelo tubo.

Urtiga se virou e o encarou irritada.

– Por quê? O que você fez agora? Juro, se você trouxe os capetas para cá, vou pessoalmente…

– Não são os capetas. Drem mandou uns homens atrás de nós.

– *Drem?* Seu mijo cabeça de sal! – Ela fez um gesto na direção de Hope. – E quem é *essa* fatia?

– Será que podemos deixar isso para depois? – pediu Red. – Drem pôs os botas atrás de nós. Eles estão só…

O som da porta da frente se abrindo com estrondo ecoou pela escada, seguido por gritos raivosos.

Urtiga fez uma carranca.

– Você me deve. Fechou?

– Completamente – respondeu Red enquanto trancava a porta do quarto.

Urtiga foi até a parede mais distante e empurrou a velha penteadeira de lado. Red foi correndo ajudá-la.

– Você é prostituta? – perguntou Hope, parecendo muito confusa.

Red se encolheu e esperou para ver como Urtiga reagiria. O homem nu na cama deu um risinho. Urtiga se virou para Hope com uma carranca no rosto. Indicou sua grossa jaqueta de lã cinza, a calça de couro suja e as botas de montaria que iam até os joelhos.

– Eu *pareço* uma puta? Só por causa disso você vai primeiro, fatia.

– *Eu* sou o puto, lourinha – explicou o homem nu. – Urtiga é segurança.

Passos ressoaram na escada.

– É hora de ir – disse Red. – Hope, escorregue pelo tubo. Vou logo atrás.

Hope franziu a testa, olhando com suspeitas o buraco na parede. Ele não conseguia imaginar o que ela pensava de tudo aquilo.

– Olha, você confiou em mim até agora. Só falta mais um pouquinho.

Um punho bateu à porta.

– Num minuto! – gritou o homem nu, parecendo petulante.

– Hope – sussurrou Red. – Por favor.

– Não faça com que eu me arrependa disso.

E ela mergulhou de cabeça no buraco. Red se virou para Urtiga.

– Tiga, eu…

– Deixe para lá. Vá – sussurrou ela.

Houve outra batida à porta, desta vez mais alta.

– Eu falei só um minuto! – gritou o homem nu.

Enquanto escorregava pelo tubo, Red escutou uma voz gritar:

– Abra a porta ou vamos arrombar!

Urtiga empurrou a penteadeira de volta para o lugar. Agora não havia nada além da escuridão e o sibilo de seu casaco de couro enquanto Red escorregava pelo tubo de metal, torcendo-se e girando até sair no ar noturno e cair em cima de Hope.

Houve um momento em que os dois corpos se comprimiram. Os rostos estavam separados apenas por 2 centímetros. Os lábios de Hope estavam abertos e ele pôde sentir a respiração dela nos seus. Os olhos azul-escuros dela pareciam abrir um túnel direto para dentro de sua cabeça.

– Oi – disse ele, sorrindo.

Ela grunhiu e o empurrou. Os dois se levantaram. Hope olhou em volta com a testa franzida.

– Estamos no cais?

Era o maior píer de Nova Laven, com vinte navios mercantes. Era suficientemente tarde para a maioria dos navios estar escura. Isso era bom. Na chance remota de os homens de Drem descobrirem como Hope e ele haviam escapado e virem procurá-los aqui, não haveria como saber em que direção os dois tinham ido.

– O que acabou de acontecer? – perguntou Hope.

– Venha, eu conto no caminho. Mas agora vá devagar para não atrairmos atenção. – Ele olhou a roupa de couro preto vinchen. – Bom, pelo menos não atrair mais atenção do que o necessário.

– Para onde vamos? Outro bordel? – perguntou Hope enquanto saíam do cais de volta para as ruas lamacentas calçadas de pedras. – Aquilo *era* um bordel, não era?

– Parte dos ganhos vem disso. Também é uma casa de recrutamento forçado.

– O quê?

– Vocês não têm disso lá no sul? Bom, claro que não. Vocês já estão lá. Veja bem, uma casa de alistamento forçado é um lugar onde eles drogam ou nocauteiam marinheiros, roubam o dinheiro deles e depois os vendem para um navio.

– Trabalho forçado?

– Eles chamam de sulizar, já que a maior parte é para os navios que vão para as ilhas do sul e estão desesperados para conseguir marinheiros. Não é

um lugar muito popular.

– Por quê?

– Ah, bom, quero dizer, aquilo lá é pouco civilizado, não é?

Hope franziu a sobrancelha.

– Se com "pouco civilizado" você quer dizer que raramente há tiroteios nas ruas ou bordéis que vendem os clientes como empregados à força, sim, acho que é.

– Parece um lugar chato.

Red deu um riso maroto. Isso geralmente funcionava com as mollys, mas ela não pareceu considerar charmoso. Desde que tinha rompido com Urtiga ele havia passado um bom tempo com outras mollys e tinha uma boa ideia do efeito que provocava nelas e como conseguir o que desejava. Mas nenhum dos seus truques usuais parecia funcionar com Hope. Decidiu calar a boca um pouco enquanto caminhavam pelas ruas escuras, até que conseguisse bolar uma nova estratégia.

– E aquele escorrega por onde nós descemos? – perguntou Hope. – Normalmente jogam os marinheiros inconscientes por ali?

– E aí os capitães que precisam de tripulantes vêm pegá-los. É um sistema bem eficiente.

– O que impede que os capitães fujam com os marinheiros sem pagar ao bordel?

Red deu uma risada curta.

– Urtiga. Isso acontece de vez em quando. Cedo ou tarde todo navio precisa atracar aqui de novo. E quando eles fazem isso, Urtiga vem explicar como as coisas funcionam no Círculo.

– Ela era a sua amiga? Ou inimiga? Ela não pareceu gostar muito de você.

– Bom, nós éramos um casal.

– Ah.

Continuaram serpenteando pelas ruas estreitas. De propósito, Red pegou o caminho mais longo possível. Em parte para despistar qualquer perseguidor, em parte para ter mais tempo a sós com Hope. Ainda não sabia direito o que pensar dela. Ela era meio tensa e parecia não fazer ideia do lado mais sujo da vida. Mas era inteligente, o que a tornava mais divertida para uma conversa do que a maioria dos vagas com quem ele andava. E, claro, era muito bonita. Ela podia matar uns gafas, se arrastar por túneis,

correr por metade do bairro, ser jogada por um tubo e ainda parecer linda. Era uma beleza despretensiosa, prática.

– O que aconteceu? – perguntou Hope.

– Com o quê?

– Você e Urtiga não são mais um casal? Você não a amava?

– Ah, é… – Red se perguntou por que tinha contado aquilo. Não era do seu feitio puxar uma história antiga quando estava tentando convencer uma molly de que ele era o melhor vaga que ela já havia conhecido. – Bom, eu era novo e idiota. Você sabe como é. Talvez a pessoa não seja quem você se convenceu de que ela é. – Ele deu de ombros. – Nós estamos melhor como vagas, só isso. E ainda nos amamos, acho. Mas é diferente. Mais como irmão e irmã. Você entende, né?

– Não, não entendo.

– Nunca fez parte de um casal?

Ela ficou ruborizada e balançou a cabeça.

– O quê? – disse ele, tentando uma versão mais gentil do riso. – Estava ocupada demais decepando membros para dar a um tommy a chance de conhecer você melhor?

– É. Um guerreiro vinchen se dedica à ordem de corpo, mente e coração. Não pode haver espaço para mais nada nem ninguém.

– Ah. Bom, então é isso.

– É – disse Hope, dando-lhe um olhar estranho. – É.

Ele assentiu e continuou andando, fingindo estar bem. Mas seus planos de conquista haviam acabado de desmoronar. Ela era a primeira garota que realmente atraiu sua atenção desde Urtiga. É *lógico* que seria uma molly que fez juramento de celibato.

– É melhor assim – disse ele. – A maioria dos tommys só fala bagos e paus, afinal.

– Você também?

Ele deu de ombros.

– Venha. Por aqui.

– Aonde vamos?

– Ao Salão da Pólvora. É o lugar mais seguro no Círculo do Paraíso, por assim dizer.



Os olhos de Hope se arregalaram quando os dois entraram no Salão da Pólvora. Red podia vê-la lutando para conter os comentários, mas finalmente vieram à tona:

– Aquelas pessoas lá estão fazendo sexo! Bem na frente de todo mundo!

– Nem todas as putas e putos são bonitos a ponto de ser aceitos num bordel. Alguns precisam levar o cliente para onde puderem. Infelizmente não é seguro se você não tiver alguém como a Urtiga vigiando. Nunca se sabe quando um cliente pode ficar violento.

– Você fala como se soubesse bastante sobre isso. É cliente de lá?

– Não. Meu pai era prostituto.

– Ah.

O rosto dela ficou de um rosa intenso, a expressão numa mistura de embaraço e confusão. Foi uma coisa tão incômoda e honesta que ele não pôde deixar de rir.

Os olhos dela se estreitaram.

– Você estava brincando?

– Não, meu pai era mesmo prostituto.

O rosto dela ficou ainda mais vermelho e sua expressão mais sem graça ainda, o que o fez rir de novo, com mais intensidade.

– Você acha meu desconforto divertido – disse ela.

– É. Acho.

– Fico feliz porque você acha divertido. Agora provavelmente é hora de eu…

– Ei, parece que Urtiga está de folga – exclamou Red, interrompendo o que era provavelmente uma tentativa de ela abandoná-lo. – É melhor a gente colocá-la a par antes que ela venha procurar por nós. Isso sempre a deixa de mau humor.

Talvez Hope também não estivesse pronta para se despedir, ou talvez só tivesse se acostumado com ele. De qualquer modo, ela deixou que Red a puxasse até uma mesa onde Urtiga estava sentada, limpando sangue de sua facorrente.

– Viu alguma ação esta noite?

Ele apontou para a arma na mão dela.

– Menos do que você, aposto. Só chegou aqui agora?

– Ah, é… Eu só queria garantir que não estavam seguindo a gente.

Urtiga olhou para Hope, depois deu um risinho enquanto enrolava a corrente.

– Claro.

– Arma interessante – disse Hope. – Posso ver?

Urtiga a olhou com ceticismo, depois se virou para Red. Ele deu de ombros.

– Claro, tudo bem.

Ela jogou a corrente enrolada para Hope, que a pegou com facilidade e a levantou para inspecionar.

– Nunca vi nada assim. Parte faca de arremesso, parte maça com corrente. Espero ter a chance de vê-la usando.

– Espera, é? – perguntou Urtiga, como se não soubesse direito o que pensar.

Hope devolveu a arma.

– Você cuida muito bem dela. Como uma guerreira deve fazer.

– É, bem – disse Urtiga, agora parecendo um pouco desconfortável. – Ela é importante para mim. Eu cuido das coisas importantes. De qualquer modo, se você acha isso estranho, deveria ver o que o Red usa.

– É. – Hope se virou para Red. – Vi uma por um momento, na taverna. Parecia uma faca de arremesso, só que não vi o cabo.

– É porque não tem um. – Red abriu o casaco mostrando a fileira de lâminas que desciam pelo forro. Tirou uma. – Eu mesmo bolei.

– Com ajuda – contrapôs Urtiga.

– Eu penso melhor durante um diálogo – disse Red. – De qualquer modo, não fazia muito sentido ter uma arma de arremesso que só era realmente eficaz se batesse de um lado. Acho que uma chance inteira é melhor do que meia. Por isso substituí o cabo por outra lâmina.

– Como você atira, então? – Hope estava fascinada pela faca de arremesso. Aparentemente tudo que Red precisava para interessá-la era falar sobre armas.

Ele apontou para o anel no centro.

– Eu só enfio o dedo aqui. Olhe. – Ele assentiu para o lugar onde um enrugado grisalho estava sentado na outra extremidade da mesa, comendo um pedaço de pão com casca dura. Red moveu a mão rapidamente e a lâmina tirou o pão da mão do velho e o pregou na mesa.

– Pelo mijo do diabo! – O velho pareceu raivoso por um momento, depois viu que era Red e retornou a uma leve irritação. – Ora, Red. Quer me matar de susto?

– Desculpe, Nabo. – Red foi até lá, arrancou a lâmina e devolveu o pão a ele. E acrescentou baixinho: – Só estou tentando impressionar as mollys, você entende.

Nabo deu um risinho e balançou a cabeça.

– Isso eu entendo, garoto. Muito vaga vira idiota por causa de uma fatia.

Red piscou para ele, depois voltou para perto de Hope e Urtiga.

– Você assustou um velho! Não tem coração, não? – perguntou Urtiga.

– Ele vai ficar bem. Até um enrugado precisa de emoção de vez em quando.

Hope pegou a faca com Red e a examinou mais atentamente.

– Como você não corta a palma da mão?

Red estendeu as mãos, ainda com as grossas luvas de couro sem dedos.

– É para isso que elas servem.

– Também foi ideia minha – disse Urtiga. – Mas na verdade ele não precisa mais delas. Agora só usa porque acha que são um tremendo tapinha.

– Elas *são* um tremendo tapinha – reagiu Red.

– Quase tão tapinha quanto sua jaqueta de couro de rato-toupeira.

– Pele de cervo.

– *De qualquer modo* – disse Urtiga virando-se de volta para Hope. – Nunca vi um vaga com mira melhor do que o Rixie aqui. É incrível.

Hope ainda estava olhando atentamente para as lâminas, mas sua sobrancelha se levantou de curiosidade.

– Rixie?

– Ah, ele não contou? – Um risinho maligno cresceu no rosto de Urtiga. – O nome dele de verdade não é Red. É…

– Tiga, eu sei onde você dorme – disse Red.

Urtiga soltou uma gargalhada. Nos últimos dois anos tinha dado a Red muitas oportunidades de se arrepender de ter contado seu nome de verdade. Mas Hope não parecia prestar muita atenção. Sua testa clara estava enrugada enquanto devolvia a faca de arremesso a Red.

– Você… já pensou em colocar outra lâmina nela?

– Hein? – perguntou Red, pegando-a.

– Seguindo seu raciocínio de que, quanto mais lâminas, maiores as chances de um acerto perfeito.

– Bom… – Red pareceu em dúvida enquanto tocava um dos lados vazios do anel. – Se eu colocasse outra lâmina, ela não ficaria equilibrada. E não creio que coubessem quatro.

– Iria se equilibrar se você fizesse numa forma de triângulo.

Red levantou a faca e franziu os olhos, imaginando três lâminas igualmente espaçadas em volta do anel.

– Certo, isso é brilhante.

O rosto de Hope ficou vermelho enquanto ela dava um sorriso tímido.

– Só estou incrementando sua ideia.

– Vou falar com o Rolha na primeira chance que tiver.

– Rolha?

– Meu melhor vaga. Nós crescemos juntos nas ruas.

– Mais ou menos – disse Urtiga.

Red lançou-lhe um olhar afiado. Primeiro o nome de verdade, agora isso. O que Urtiga estava querendo?

– Rolha é ferreiro – continuou ele. – Eu tenho a ideia e ele a torna real. Ele fez a arma de Urtiga também.

– Quer dizer que você tem um amigo com uma profissão honesta? – perguntou Hope.

– Ah, bem, eu não chegaria ao ponto de chamar de "honesta"…

– Rolha teve uns problemas com os capetas – disse Urtiga. – Na maior parte do tempo ele é um grande torrão de açúcar. Mas não gosta dos capetas. Se um deles ao menos olha para ele do jeito errado é capaz de ele dar um soco no bojo do gafa. Isso torna difícil manter um trabalho respeitável de ferreiro.

– Então agora ele trabalha para o pessoal – explicou Red.

– Quer dizer que faz armas ilegais para todos os vagas e bandidos do Círculo – disse Urtiga. – Isso é, quando não está ajudando o Red aqui com sua última ideia ruim. Falando nisso…

– Lá vamos nós – suspirou Red.

– Henny está certo. Você deve ter vontade de morrer. Entrar na lista negra do Drem Insensível? – Urtiga balançou a cabeça. – Isso é maluquice, até mesmo para você. Só posso pensar numa coisa que faria você virar um cabeça de sal tão grande.

Ela olhou significativamente para Hope.

– Ah, bom… – Red forçou um risinho. Precisava de um assunto novo, depressa. Seu olhar examinou o lugar ao redor e ele viu Backus abrindo caminho pelo salão, parecendo preocupado com alguma coisa. – Backus! Você está bem?

Backus veio mais depressa do que o usual.

– Red, conseguiu mais do remédio? Sadie… não está muito bem.

– O quê? – As entranhas de Red ficaram subitamente frias e retesadas.

– Ela está tossindo demais. Não consegue respirar direito. Acho… acho que ela está morrendo.

17

Hope estava começando a entender que uma cidade grande como Nova Laven era mais do que apenas um conjunto de construções ou um local que as pessoas chamavam de lar. Era como um mundo em si, os bairros eram como cidades, cada qual com suas regras e seus códigos de honra. Nesse mundo os chefes de quadrilhas eram ditadores brutais, prostitutas eram amigas e rapazes presunçosos com olhos vermelhos eram cheios de surpresas.

Agora Hope o olhava com curiosidade, seguindo-o pelo salão, desviando-se de pessoas que dormiam, bebiam, jogavam e ocasionalmente faziam sexo. Esforçava-se ao máximo para ignorar aquilo tudo e se concentrar em Red. Toda a postura dele havia mudado quando o velho falou que uma pessoa chamada Sadie estava morrendo. Toda a sua arrogância e o charme forçado tinham evaporado. *Todo mundo tem medo de alguma coisa*, tinha dito o grão-mestre Hurlo uma vez. *Aquilo de que um homem tem medo vai lhe dizer muito sobre seu caráter.* Durante todo o tempo em que os homens de Drem os tinham perseguido, Red não pareceu nem um pouco amedrontado. Mas o que ela via em seus olhos agora inconfundivelmente era medo.

O velho levantou um alçapão no piso e eles desceram em fila por uma escada estreita para a escuridão. Houve uma fagulha, em seguida um lampião aceso apareceu na mão de Red. Estavam em algum tipo de corredor subterrâneo que se estendia muito além da luz do lampião. Havia portas abertas, igualmente espaçadas, dos dois lados. Gemidos e tosses vinham de algumas. E de toda parte vinha o fedor.

Essa era outra coisa que Nova Laven tinha ensinado. Que existiam cheiros mais desagradáveis neste mundo do que ela jamais imaginara. Pensou que, com os cais de pesca, o esgoto nas ruas, a taverna encharcada de cerveja, os corpos sujos e o vômito no bordel e também com a combinação de todos esses elementos no Salão da Pólvora, tinha experimentado cada cheiro terrível que essa cidade tinha a oferecer. Mas o fedor que agora se

esgueirava em suas narinas era ao mesmo tempo terrível e familiar. Era um cheiro que Hope não tinha encontrado em dez anos: o da morte.

Este era um lugar aonde as pessoas iam para morrer. Enquanto seguiam pelo corredor comprido e escuro, Hope chegou perto de Urtiga e perguntou baixinho:

– Quem é Sadie?

– A mentora de Red – sussurrou ela de volta. – Os pais dele morreram quando ele tinha 8 anos. Se Sadie não o tivesse posto sob as asas, ele provavelmente não duraria um ano. O Círculo pode ser um lugar maligno para quem não sabe se virar.

– Foi o que descobri – disse Hope.

Órfão aos 8 anos. Era uma coincidência triste e estranha que Red e ela compartilhassem esse infortúnio. Mas era só isso. Uma coincidência. Mas por que parecia mais do que isso? Uma vez o grão-mestre Hurlo tinha dito que não existiam coincidências. Que os que diziam acreditar nelas simplesmente se recusavam a enxergar a conexão subjacente entre todas as coisas. Uma vez o capitão Carmichael lhe disse que qualquer um que acreditasse no destino era covarde demais para admitir que tudo era acaso e que não havia sentido verdadeiro na vida. Qual das duas coisas era verdade? Afinal de contas, as duas não podiam estar certas.

Red parou diante de um quarto. O rapaz que tinha rido enquanto bandidos faziam chover balas sobre eles agora precisava juntar coragem só para passar pela porta. Ficou imóvel, o rosto tenso e os olhos de rubi arregalados. Então ele inclinou a cabeça ligeiramente, provocando um estalo fraco, ajeitou os ombros e passou. Backus, Hope e Urtiga o acompanharam a uma distância respeitosa.

Hope decidiu que, se existia um lugar que fosse o pior para morrer, era este quarto. Escuro, abafado, úmido, fétido, era apenas um espaço vazio, sem iluminação, com chão de terra batida. Uma velha estava deitada num colchão de palha apodrecido no canto. Ela se mexeu ligeiramente quando o grupo entrou. A julgar pelo movimento fraco de subida e descida do peito, não conseguia muito mais que isso. Seus olhos injetados de sangue giraram nas órbitas, destacados no rosto macilento.

– Ah, Red…

Um sorriso surgiu no rosto de Red, mas era tão tenso que ele estremeceu.

– Ora, ora – disse ele gentilmente. – Ouvi dizer que você andou reclamando das acomodações, madame.

– Sem piadas. – Ela parou para recuperar o fôlego. – Está quase na hora… de eu ir…

– Sem piadas? – Ele pareceu subitamente com raiva, ainda que sua voz continuasse baixa. – Ótimo, então. Sério. Você *não vai* a lugar nenhum. Fechou?

Ela deu um sorriso débil.

– Ninguém… me diz… o que… fazer…

– Por favor – sussurrou Red enquanto se ajoelhava ao lado dela. Em seguida acariciou o cabelo ralo e branco. – Por favor, não me deixe.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

– Aí está… o artista molengo… – disse Sadie, esforçando-se para emitir cada palavra. – Ainda bem que… eu não… arranquei… tudo… isso… de você.

Hope queria virar as costas. Era demais. Era parecido demais com sua própria dor enterrada. Aquela mulher poderia ser Carmichael ou Hurlo. Queria fugir daquele sofrimento. Mas se obrigou a continuar olhando, como sempre fazia. A testemunhar isso, como tinha testemunhado cada coisa terrível.

– O remédio! – Red remexeu no bolso e pegou uma pequena sacola. – Desta vez vai funcionar. Eu sei.

Sadie balançou a cabeça lentamente, mas não disse nada.

– Só deixe eu misturar para você.

Ele jogou um pouco do pó da sacola numa jarra d'água que estava ali perto e mexeu a mistura. Depois derramou um pouco num copo pequeno.

Hope franziu a testa.

– O que ele está fazendo? – sussurrou para Urtiga.

– Você não está ouvindo? Ele está dando o remédio a ela.

– Mas isso não é…

Então ela o viu levantar a cabeça de Sadie. Ele já ia fazer com que ela bebesse.

– Red, pare – disse mais alto do que pretendia.

– Não – reagiu ele, sem se virar para olhá-la. – Farei tudo o que puder enquanto puder.

– Mas você está dando do jeito errado.

Ele se imobilizou, com o copo junto aos lábios de Sadie.

– *O quê?*

Ela se ajoelhou ao lado dos dois.

– Posso ver o pó?

Red pareceu confuso, amedrontado, com suspeitas e até um pouquinho esperançoso.

– Por quê?

– É a sua vez de confiar em mim.

Relutante, ele pousou o copo e lhe entregou a bolsinha. Hope a abriu e inalou profundamente.

– Isso é flor do pântano.

– Ah, é… – disse ele. – Foi o que o gafa disse que eu precisava.

Hope encostou a cabeça no peito de Sadie e ouviu a respiração chacoalhar. Depois encostou as costas da mão na testa de Sadie.

– Ponha a língua para fora – pediu a Sadie.

Sadie abriu a boca e Hope moveu o lampião para iluminar a garganta.

– Doença dos túneis – disse ela finalmente.

– Foi o que ele achou que era. Não é o remédio certo?

– É – respondeu Hope. – Mas ele não falou como administrar. Que tipo de boticário é esse?

– Não existem muitos no Círculo. Ele só vende a coisa. Conhece alguns sintomas que combinam com os remédios. Só isso.

– Não há nenhum boticário em todo o bairro?

Red balançou a cabeça.

– Por quê? – perguntou Urtiga. – *Você* conhece remédios?

– Todos os guerreiros vinchen precisam aprender a curar, tanto quanto a matar. Só assim podem alcançar o equilíbrio.

– Então o que eu preciso fazer? – perguntou Red, com olhos cor de rubi intensos.

– Primeiro, se ela tem doença dos túneis, esse é o pior lugar possível. Precisamos colocá-la ao ar livre, e no lugar com mais altitude possível.

– Mas faz um frio tremendo – observou Backus, em dúvida.

– Vamos ter de mantê-la aquecida – concordou Hope. – Enrolar em cobertores. Mas o ar frio e puro deve abrir a garganta um pouco. Tornar mais fácil para ela respirar.

– Conheço um lugar aonde podemos levá-la – disse Red. – O que mais?

– Vamos precisar de um pano grosso, como uma toalha, uma panela e alguma coisa para ferver a água.

– Ferver o remédio? – perguntou Red.

– É. Isso vai transformá-lo em vapor. Essa é uma doença dos pulmões, por isso ela não precisa bebê-lo. Precisa *respirá-lo*.



Hope pensou de novo na mudança em Red. O galanteador despreocupado tinha sumido, mas o temeroso rapaz de coração terno também. Agora ele parecia tomado por uma determinação calma, porém implacável, de colocar em ação o plano de Hope. Dera ordens a Backus e Urtiga como um capitão de navio, e eles partiram para realizá-las sem hesitar. Urtiga tinha ido encontrar uma toalha e uma panela. Backus foi atrás de Rolha.

Hope e Red foram à frente, com Sadie nas costas de Red. Ele os levou até uma igreja sem uso que tinha sido abandonada para desmoronar. Hope havia estado vezes incontáveis no templo em Ermo dos Ventos, mas nunca numa verdadeira igreja do império. Era muito maior, capaz de abrigar centenas de pessoas. Ela sabia, pelos livros, que numa igreja imperial os fiéis ficavam ajoelhados durante o serviço religioso em almofadas ou cobertores que eles traziam, o que explicava por que a maior parte do espaço era vazia. A única peça de mobília era o altar nos fundos: uma grande cadeira de pedra, com encosto alto, que se erguia acima de tudo. Havia algumas pessoas esparramadas nos cantos, mas elas pareciam conhecer Red e permitiram que eles passassem sem qualquer comentário.

Um dia, quando a igreja era usada, provavelmente havia tapeçarias representando a antiga história do império nas paredes. A única evidência disso agora era uma leve descoloração em formas retangulares nas paredes de pedra. Também teriam existido vitrais, mas todos haviam sido quebrados e as janelas altas estavam vazias, deixando entrar um vento frio do mar. Hope sentiu um pedaço de vidro colorido se partir embaixo de seu pé. Isso a fez se lembrar do vidro marinho e de sua mãe dizendo que eles não precisavam daquela bugiganga chique do norte. A lembrança deixou um vazio súbito em seu peito. Ela ficou pasma por ainda sentir tamanha dor por algo que tinha acontecido há tanto tempo. Não sabia por que recentemente estava mais difícil afastar esses sentimentos. Imaginou se a ferida se curaria algum dia. Talvez quando todos os biomantes estivessem mortos.

Então ergueu o olhar e viu Sadie com a bochecha murcha pousada no ombro de Red, cochilando. Hope pôs a mão nas costas dela, sentindo o leve calor do corpo através dos cobertores. Por algum motivo isso lhe deu algum consolo.

Na outra extremidade da igreja havia uma escada espiral de pedra que, ela suspeitava, ia até a torre do sino. A escada era estreita e não havia corrimões.

Depois de terem subido um bom trecho, Hope perguntou:

– Quer que eu a carregue?

– Não – grunhiu Red, o rosto ruborizado e as têmporas brilhando de suor.

– Não precisa ser o herói, você sabe – disse ela.

– Eu não disse que era. Só disse que queria carregá-la. Vamos continuar. Ainda falta muito.

Hope foi atrás enquanto prosseguiam subindo a escada, pronta para agarrá-los caso ele escorregasse. Quando chegaram à torre do sino, Hope viu que a peça de metal havia sido removida. Agora era apenas um espaço vazio. Era como o cesto de gávea de um navio, dando para um mar de telhados reluzindo ao sol do meio-dia.

– Ela não parece tão ruim vista aqui de cima – disse Red, assentindo para a cidade que se estendia abaixo. – De perto ela é cheia de furúnculos e varíola. Mas dessa distância parece uma velha dama bonita.

– Ei – disse Sadie, ainda curvada e apoiada em suas costas. – Está falando da cidade ou de mim?

Red a colocou gentilmente no piso de madeira envelhecida.

– Você é mais pesada do que parece – disse ele.

Ela riu, mostrando as gengivas vazias.

– É o meu coração cruel, de pedra.

Red soltou uma risada curta e se virou para Hope, com os olhos brilhando de gratidão.

– Você estava certa. O ar frio e fresco já está ajudando.

– Ele diminui os sintomas temporariamente. Ela precisa continuar aqui e tomar o remédio por mais um dia e uma noite. Isso deve dar tempo para o remédio matar o fungo.

– Fungo? – Red pareceu alarmado. – Como cogumelos?

– Mais parecido com mofo, na verdade. Ele se acomoda nos pulmões, impedindo que usem o ar que ela inspira. Se ele se espalhar, ela sufoca.

– Não vamos deixar isso acontecer.

– Claro que não.

– Você aí – disse Sadie, com a voz ganhando um pouco mais de força. – O que é isso? Eu tenho mofo nos meus o quê?

– Nos pulmões – respondeu Hope.

– As coisas que você usa para respirar – disse Red.

– Eu respiro com a minha boca – rebateu Sadie.

– Depois que o ar passa pela sua boca, ele entra no peito – disse Red. – Tem dois sacos de ar lá dentro, chamados pulmões. Eles recolhem o ar para o resto do corpo.

– Pelo mijo do diabo, onde você aprendeu uma coisa dessas? Em todas aquelas pilhas de livros que você vive lendo, acho.

– Você lê? – perguntou Hope.

– Ah, claro – respondeu Red, parecendo desconfortável.

– Muito?

– Não sei. – Ele olhou em volta. – É melhor descer e ver se Tiga e Rolha precisam de ajuda para carregar as coisas. – Em seguida se virou para Sadie. – Você está bem?

– Estou chegando lá.

– Seja boazinha com a Hope. Ela salvou sua vida hoje.

– Vou me esforçar.

Red se virou para Hope.

– O que significa que ela não vai tentar esfaquear nem roubar você. Quanto ao resto, quem sabe? Só prometa que não vai jogá-la aqui de cima se ela a ofender, o que provavelmente vai acontecer.

Hope sorriu levemente.

– Você tem a minha palavra.

Assim que Red estava fora do alcance, Sadie virou os olhos injetados para Hope. Não havia um fiapo de fraqueza no olhar.

– Bom, molly, qual é a sua história?

– Minha história? – perguntou Hope, sentando-se ao lado dela.

– Todo mundo tem uma. E uma fatiazinha bonita que nem você, com olhos tão velhos assim, sem dúvida tem uma história boa.

– Eu contei minha história uma vez, há muito tempo. Jurei que nunca mais contaria de novo.

– Ah.

– Não quero ser desrespeitosa. É só…

– Estou mijando para o respeito. E para praticamente qualquer coisa hoje em dia. – Sadie forçou a vista na direção de Hope. – Mas gosto daquele garoto. Debaixo de toda aquela conversa de bagos e paus, ele tem um coração que parece a melodia da chuva. E não quero nenhuma fatia sulistinha pisoteando nele. Fechou?

– Ah, acho que você entendeu mal – disse Hope. – Red e eu somos… bom, talvez amigos. Se bem que até mesmo *isso* parece prematuro. Certamente não há nada mais.

– É o que você acha? – Sadie a encarou por um momento, depois deu de ombros. – O que uma enrugada feito eu sabe, não é? Talvez você esteja certa.

– Estou.

– Ensolarado.

Ficaram sentadas um tempo, lado a lado, com o vento assobiando enquanto olhavam o horizonte de Nova Laven.

– Engraçado – disse Sadie. – Red também tem uma história. Terrivelmente triste. Ele só contou a uma pessoa.

– Você, claro.

– Como você sabe?

– É óbvio. Ele valoriza você mais do que qualquer pessoa nessa terra.

– Valoriza? A mim?

Sadie gargalhou, mas o riso se transformou numa tosse cheia e maligna.

– É verdade. Quando estávamos naquele lugar medonho embaixo da terra e ele achou que estava perdendo você… – Hope parou enquanto se lembrava da expressão de dor no rosto dele. Uma dor que ela conhecia bem demais. – Eu nem quis olhar.

– Mas olhou.

– Sempre olho.

De longe veio o ribombo grave de um trovão.

– Onde está *o seu* tesouro? – perguntou Sadie.

– Foi embora – respondeu Hope, com a voz ficando distante. Pensou nos pais. Em Hurlo. Em Carmichael. A escuridão se espalhou dentro dela como o conforto de um velho amigo. – Agora não tenho tesouro. Só vingança.

– Contra quem?

– Bem, a lista ficou longa.



Ainda que o ar puro ajudasse, Sadie ainda estava fraca e muito doente. A conversa breve entre as duas a deixou exausta. Hope a enrolou em cobertores como os bolinhos de peixe que sua mãe fazia, depois ficou olhando a velha dormir.

Hope voltou o olhar para o horizonte. À medida que as nuvens de tempestade se aproximavam, imaginou por que os pensamentos sobre sua infância pareciam sempre voltar à superfície. Seria a sensação de desequilíbrio que tivera desde que havia entrado no mundo de Red? Ou seria essa figura materna que a fazia ansiar por uma que fosse sua? Qualquer que fosse o motivo, não gostou. Tinha muita coisa a fazer, e uma cabeça perdida no passado não poderia cuidar do presente.

Pouco tempo depois, Red retornou carregando uma grande panela de ferro fundido com água até a metade. Junto com ele estava um rapaz mais ou menos da idade dos dois. Mas era bem mais alto do que Red, devia ter quase 2 metros de altura. Cabelo castanho curto que se projetava em todas as direções e uma leve sombra de barba. Estava carregando um grande feixe de lenha e uma toalha grossa e áspera.

– Este é o vaga de quem falei – disse Red a ela. – Rolha, esta é Hope.

– Prazer em conhecê-lo – cumprimentou Hope.

Rolha lhe deu um sorriso tímido, depois partiu para arrumar a lenha para fazer fogo.

– Cadê a Urtiga? – perguntou Hope.

– Pedi que ela voltasse ao Salão da Pólvora – respondeu Red. – Provavelmente os homens de Drem virão procurar a gente. Quero alguém de vigia para o caso de a próxima parada deles ser aqui.

– Por que seria?

– Backus pode ter contado a eles onde nós estamos.

– Mas você disse que ele estava ajudando a cuidar de Sadie. Por que agora ele faria alguma coisa para colocá-la em perigo?

– Porque no Círculo é assim. Você faz o que pode pelas pessoas enquanto pode, mas quando o chefe chama, você faz o que ele manda.

– Isso é errado – disse Hope.

– Não é nada pessoal. É como a gente sobrevive. Só existem umas poucas pessoas por quem a gente está disposto a entrar no caminho de alguém como o Drem. Rolha, Urtiga e eu. E, claro, a Sadie aqui. É isso.

– Você entrou no caminho do Drem por *mim* – disse Hope.

Red lhe deu as costas, ajoelhou-se perto de Rolha e começou a ajudá-lo a arrumar a lenha e a acendalha.

– Tenho certeza de que essa não é a primeira coisa errada que você viu desde que me conheceu. Putas, bebedeira, jogo e coisas do tipo. Não sei como você ao menos consegue ficar perto de lixos como nós.

– Há uma diferença entre valores culturais e deslealdade descarada. Mesmo admitindo que me sinto desconfortável tendo uma conversa com um homem nu em um bordel, não vou dizer que ele ou o modo como ele opta por levar a vida é "errado". Mas trair uma pessoa de quem você gosta? Isso é errado.

– Ela é igual a você! – disse Rolha a Red.

– Você não está ajudando – declarou Red, balançando um dedo para ele. – Agora vamos nos concentrar em acender esse fogo.

Rolha pegou uma pederneira no bolso e colocou algumas aparas de madeira finas por cima dos pedaços maiores. Depois, bateu a pederneira provocando fagulhas sobre as aparas.

Hope se sentia cada vez mais confusa. Não conhecia Red tão bem, mas sabia que ele era leal às pessoas próximas. Mas todas eram pessoas com quem ele tinha construído relacionamentos por um longo período. Então por que ele a incluía nesse grupo? O Círculo do Paraíso era todo seu mundo, e Drem era o homem mais poderoso dele. Red tinha arriscado muita coisa para ajudá-la. Por quê?

Red e Rolha conseguiram acender uma bela fogueira. Rolha parecia hábil em controlar o fogo, provavelmente graças ao treino como ferreiro. Enquanto ele colocava a panela para ferver, Red foi até Sadie e a acordou. Os olhos dela se abriram, trêmulos e num ligeiro pânico, mas quando o viu, sorriu e pôs a mão fina e ossuda em seu rosto.

Hope se lembrou de como Sadie tinha equivocadamente pensado que Red e ela eram… um casal. E se a intuição de Sadie estivesse certa? Afinal de contas, ela conhecia Red muito melhor do que Hope. E se o motivo para Red ter se arriscado tanto para ajudá-la fosse porque…

Mas isso não fazia sentido. Ele nem a conhecia. Não de verdade.

– A água está começando a ferver – disse Rolha.

– E agora? – perguntou Red.

– Ponha o remédio dentro – respondeu Hope. – Faça com que Sadie se incline acima da panela, depois cubra a cabeça dela e a panela com a toalha

para prender o vapor. Sadie deve respirar o mais fundo possível durante alguns minutos, ou enquanto ela aguentar.

Com cuidado, Red ajudou Sadie a chegar perto da panela. Ela ainda estava tão fraca que ele precisou sustentá-la enquanto se inclinava. Depois de um minuto, Sadie começou a tossir em espasmos altos, úmidos.

– O que está acontecendo? – perguntou Red, olhando Hope com alarme.

– O corpo dela está tentando se livrar do fungo. Afaste-a da panela.

Red a inclinou de lado bem a tempo, enquanto um bocado de muco alaranjado e brilhante batia no chão de madeira.

– Pelo mijo do diabo! – exclamou Rolha com os olhos castanhos arregalados. – Isso estava dentro dela?

– E não é tudo – explicou Hope. – Ela deve descansar um pouco, mas vamos precisar fazer isso várias vezes até que os pulmões estejam limpos.

– Como vamos saber quando acabou? – perguntou Red.

– Quando ela não estiver mais cuspindo essa coisa laranja.

Repetiram o processo mais três vezes. A cada vez, Sadie conseguia respirar o medicamento por um tempo um pouco maior e havia menos laranja em seu catarro. Quando terminaram o quarto procedimento, o céu estava escurecendo. Enquanto Red deitava Sadie nos cobertores para descansar e Rolha atiçava o fogo, Hope se sentou apoiada numa coluna de madeira e fechou os olhos. Inspirou fundo, desfrutando do ar limpo na torre elevada.

– Ei.

A voz de Red estava ao lado dela. Ele se encostou na mesma coluna, de modo que os ombros dos dois se tocavam. A sensação era estranhamente reconfortante, por isso ela não se afastou.

– Obrigado – disse ele. – Sadie é muito importante para mim. E você salvou a vida dela.

– Fico feliz em ser útil. Na verdade, estou retribuindo um favor. Você me ajudou a escapar dos homens do Drem.

– Você não me deve nada por isso. Fico feliz porque fiz. Fico… feliz porque conheci você.

– Eu também. Você é… interessante.

– Interessante? – Red deu um riso torto. – Acho que vou aceitar. Pelo menos é melhor do que tedioso.

– Você não é tedioso – garantiu ela.

– É, tivemos um passeiozinho divertido hoje, não foi?

– É. Acho que foi… divertido.

Ela se sentia culpada ao admitir. Um guerreiro vinchen não era motivado por "diversão" ou pela busca de emoção. Mas era verdade. Tinha sido divertido.

– Provavelmente você tem coisas sérias de vinchen para fazer depois disso.

– Ah. – A culpa de Hope se aprofundou. – É. Acho que tenho.

– Claro. E, ah… esse seu negócio vinchen é provavelmente uma coisa que você precisa fazer sozinha, não é?

– Não é uma coisa que alguém gostaria de fazer comigo.

Red se virou para ela, os olhos cor de rubi reluzindo à luz da fogueira.

– Tem certeza?

Hope o encarou, sem saber o que dizer. Sem saber o que ele queria dizer. Nesse momento não tinha certeza praticamente de nada.

– Animem-se, vagas! – A voz de Urtiga estalou feito um chicote vindo da escada. – Temos companhia!

Os três estavam de pé quando Urtiga chegou ao degrau de cima.

– Quantos? – perguntou Red.

– Talvez uma dúzia, todos armados com revólveres.

– Eles são idiotas em vir aqui – disse Hope retirando a Canção dos Lamentos na bainha. – Estamos no alto. Eles estariam condenados mesmo com o dobro desse número.

18

A vida traz um monte de decepções. Às vezes, oferece coisas só para tirá-las pouco tempo depois. Red sabia disso. Parecia quase um desígnio, uma piada cruel. Mas não desta vez. Ele *não* teria Sadie salva da doença só para ser morta a tiros pelos homens de Drem.

No entanto, a situação deles não era nada boa. Doze botas com revólveres e estavam sem escapatória. Hope *parecia* boa, pelo pouco que Red tinha visto no Rato Afogado. Boa de verdade. Mas se ele estivesse errado, tudo iria a sota-vento bem depressa.

Red afastou Sadie da escada o máximo possível e a enrolou nos cobertores para não pegar friagem. Depois se juntou a Hope, Urtiga e Rolha no topo da escada. Urtiga estava com sua facorrente enrolada frouxamente nas mãos. Rolha tinha seu porrete curto. Hope segurava a espada ainda na bainha. Os homens de Drem vinham subindo lentamente a escada, com os revólveres nas mãos.

– Então a gente deve esperar até eles chegarem ao topo e depois começa a derrubá-los? – perguntou Red.

– Não – respondeu Hope. – É arriscado demais deixar que cheguem tão perto de Sadie. Vamos encontrá-los na metade do caminho, onde a queda ainda é suficiente para matá-los ou incapacitá-los, mas teremos espaço para recuar, se necessário.

– E quem colocou você no comando, fatia anjo? – perguntou Urtiga.

Hope deu de ombros.

– Ótimo. Fique aqui e espere. Mas vai perder a luta, porque não planejo deixar nenhum deles chegar ao topo.

– O quê? – disse Red.

Ele ficou sem reação enquanto Hope, com a espada embainhada ainda na mão, mergulhava graciosamente por cima do parapeito e girava para o centro. Os homens na escada não esperavam isso. Gritaram uns com os outros e dispararam as armas em pânico. A queda de Hope fora feita num ângulo cuidadoso, de modo que ela cruzou com um dos homens mais ou menos na metade da descida, usando-o para amortecer o impacto enquanto

o fazia bater na parede de pedra. Sua espada soltou um zumbido fantasmagórico deslizando para fora da bainha. Depois ela saltou pelo espaço até o nível seguinte dos degraus, decepando a cabeça de um pistoleiro e o braço de outro.

– Pelo mijo do diabo! – exclamou Rolha. – Ela estava falando a sério.

Red riu.

– Então é melhor a gente descer e pegar uns, antes que seja tarde. A honra do Círculo está em jogo, meus vagas.

Os três desceram correndo enquanto Hope saltava em zigue-zague, indo de um lado para o outro, jamais ficando no mesmo lugar por mais do que um segundo, sem dar tempo para que pudessem mirar, quanto mais disparar. Ela era como uma força da natureza, selvagem feito uma tempestade e rápida como fogo. Ele tinha esperado que ela fosse boa. E, pela primeira vez desde que podia se lembrar, a vida não somente evitava o desapontamento; ela realizava o prometido além das expectativas.

Claro, eram *doze* dos botas mais malignos de Drem. Hope não podia evitar todos. Mas Red ficou feliz em ajudá-la, atirando facas nos que estavam fora do alcance dela. Eles caíam pela borda, agarrando o pescoço, os joelhos, qualquer parte do corpo que estivesse mais exposta. A queda era suficiente para, não importando onde tivessem sido feridos, não levantarem de novo.

Com suas acrobacias impressionantes e a espada reluzente que zumbia, todos os olhares estavam fixos em Hope. Eles não viram quando Rolha chegou trombando com o maior grupo de capangas, golpeando com seu porrete, derrubando vários ao mesmo tempo.

– Rolha, cuidado! – gritou Urtiga.

Um pistoleiro que estava mais longe apontava a arma para ele. Urtiga atirou sua facorrente. A lâmina se cravou na mão do sujeito e ele largou o revólver. Ela puxou a corrente de volta desequilibrando-o e fazendo com que ele caísse pela borda.

Em pouco tempo, apenas um dos homens de Drem estava vivo e consciente. Hope estava com ele, deitado na escada e preso pela cintura, os braços girando enquanto ela mantinha a parte superior do corpo do sujeito para fora da borda.

– Por favor… – suplicou ele.

– Diga onde encontro o Drem.

– Está no Três Taças! Ele está sempre lá. Todo mundo sabe!

– *Onde*, no Três Taças?

– Te… terceiro andar. O terceiro andar inteiro é para ele e para os melhores vagas dele.

– Obrigada.

Em seguida ela acertou o botão da espada na testa dele, apagando-o. Puxou-o para longe da borda, depois se levantou e examinou a carnificina.

– Bom, deu tudo certo – disse Red. – Obrigado por deixar alguns para nós.

Um leve sorriso curvou os cantos da boca de Hope.

– Eu sabia que vocês iam chegar. Eventualmente.

– Isso foi uma *piada*? Uma piada vindo da boca da grande guerreira vinchen, sempre séria?

Os olhos dela se arregalaram e o sorriso sumiu, e Red soube que tinha dito exatamente o que não devia.

– Tirar a vida nunca é motivo de piada – comentou Hope enquanto enxugava o sangue da espada e a embainhava.

– Ah, certo, claro.

– Não vai demorar muito para o Drem adivinhar que a coisa não aconteceu como ele queria – observou Urtiga. – A gente deveria tirar a Sadie daqui assim que ela puder se mover. Depois deveríamos todos sumir por um tempo.

– Boa ideia – concordou Hope. – Vocês todos devem permanecer escondidos até isso terminar. Acho que a coisa vai piorar, antes de ficar melhor.

– Você não planeja ir com a gente? – perguntou Urtiga.

– Ela vai atrás do Drem – declarou Red.

– Ninguém é *tão* maluco assim! – exclamou Rolha.

– Ele fez o capitão Carmichael ser morto a sangue-frio – explicou Hope. – Um homem que eu jurei proteger com a minha vida. Um homem que foi meu mentor. Não posso deixar isso assim.

– Espero que você não queira que a gente vá junto nessa festa da morte – disse Urtiga.

– Claro que não. Nenhum de vocês fez um juramento.

– Eu vou junto – declarou Red.

– Não seja marreta – reagiu Urtiga. – Por que, diabo, você faria isso?

– Tenho muitos motivos – respondeu Red. – O mais óbvio é que, sem a minha ajuda, Hope não terá chance. E eu prefiro que a mulher que salvou a vida de Sadie tenha uma chance de viver um pouco mais.

– Red, agradeço sua coragem e sua oferta – disse Hope. – Mas não creio que eu estarei condenada sem ela.

– Tem certeza? Você ouviu o que aquele bota disse, sobre onde encontrar o Drem. Não é segredo. Todo mundo sabe onde procurar. E por que você acha que ninguém tentou nada contra ele?

– Ele deve ser muito bem protegido – respondeu Hope.

– Ele tem um mijo de um exército – explicou Urtiga.

– Exato – disse Red. – Bom, sua habilidade deve ser a mais tapinha que eu já vi. Mesmo assim, de jeito nenhum você vai passar por uns cem botas ou mais se estiver sozinha.

– E você acha que seria capaz de virar a maré?

– Sozinho, não. Mas eu poderia ajudar você a conseguir um exército.

– Isso não passa de paus e bagos – disse Urtiga. – Onde *você* vai conseguir um exército?

– Na Ponta do Martelo. O Grande Sig tem birra com Drem há muito tempo.

– Não – reagiu Urtiga. – Isso é… você não pode.

Ela balançou a cabeça, boquiaberta.

– Você vai levar a coisa para fora do Círculo? – perguntou Rolha.

Era mais uma afirmação do que uma pergunta, mas mesmo assim pairou no ar. Urtiga e Rolha o encararam. Esperando que ele respondesse. Talvez não acreditassem que ele poderia. E até aquele momento Red também não tinha certeza. O Círculo havia tirado muitas coisas dele, mas também tinha lhe *dado* outras tantas. Ele era conhecido. Era respeitado. Se quisesse, poderia ter se tornado um dos tenentes de Drem. Talvez até se tornasse poderoso como Drem algum dia. Sentia nos ossos que isso *poderia* acontecer. Era por isso que não podia deixar.

Talvez Rolha estivesse certo. Talvez fosse o sangue do norte da cidade que punha os pensamentos malucos em sua cabeça. Ser o líder de um monte de lixo não mudava o fato de que todos eles ainda moravam num monte de lixo. Queria coisa melhor. Não sabia por que Hope parecia "melhor" para ele. Sua formação, seus princípios, o fato de que tinha visto o mundo fora de Nova Laven. Escolha a opção que quiser. Com ela por perto, ele não se sentia tão maluco por desejar algo melhor. A ideia de unir os bairros parecia mais do que simplesmente conversa de taverna. Parecia possível. E era só disso que ele precisava.

– É – disse. – Vou levar a coisa para fora do Círculo.

– É um mijo inacreditável. – respondeu Urtiga. – Venha, Rolha. – Sem esperar, ela começou a descer a escada. – Acho que eu não deveria estar surpresa, já que você não nasceu no Círculo – disse por cima do ombro, alto o bastante para que Red escutasse.

Rolha continuou encarando Red. O bom e velho Rolha, pronto para qualquer aventura louca em que Red pudesse pensar. Mas parecia que desta vez não seria assim. Ele balançou a cabeça e seguiu Urtiga.

– Red – disse Hope. – Tem certeza…?

– Claro que tenho. Agora vamos pegar a Sadie e encontrar um lugar seguro para ela.

Começou a subir a escada de volta e Hope o acompanhou em silêncio. Quando chegaram ao topo, ele acordou Sadie gentilmente.

– Cadê o Rolha e a Urtiga? – perguntou ela. – Não se machucaram, não é?

– Não, eles estão bem – respondeu Red atiçando o fogo para ferver a água de novo.

– Então por que parece que você vai abrir o berreiro?

– Eu, é… – Ele parou de mexer no fogo e se virou para ela. – Vou sair do Círculo.

– Humm. – Sadie inclinou a cabeça para Hope. – Com ela?

– É.

– Bom.

Red a encarou, espantado.

– Você deveria sair dessa xota desse lugar enquanto pode – disse ela. – E essa sua sulistinha tem cabeça melhor do que o resto dos seus vagas.

– Mas achei que você queria que eu…

– Fosse um verdadeiro homem do Círculo? Estou cagando para isso. Ser um verdadeiro homem do Círculo nunca rendeu nada a ninguém, a não ser a morte. Rixidenteron, você foi feito para mais e melhor. E eu consideraria um insulto pessoal se você não fosse atrás disso, depois de todos esses anos que passei garantindo que você não morresse de fome nem fosse esfaqueado. Fechou?

– Sadie…

– Não venha com "Sadie" para cima de mim, seu cabeça de sal de pau pequeno. *Fechou*?

– Sim, capitã.

E foi o fim. Eles preparam mais um bocado do remédio. Depois de um minuto inteiro respirando, ela cuspiu catarro com um levíssimo tom de laranja.

– Você está fora de perigo – disse Hope. – Mas ainda precisa fazer isso duas vezes por dia nessa semana, para garantir que a coisa não volte.

– Estou suficientemente boa para viajar?

– Sim. Se quiser.

– Então vamos. Não imagino que vá demorar muito até Drem descobrir que você fez picadinho dos botas dele com essa sua espada chique. E ele vai mandar muito mais gente da próxima vez.



Quando chegaram ao cais, Sadie estava respirando ofegante. Red tinha se oferecido para carregá-la por parte do caminho, mas ela o encarou irritada e continuou andando. Disse que conhecia um vaga perto dos estaleiros que poderia abrigá-la por um tempo.

– Finn Perdido? – perguntou Red. – Fico surpreso que tenha mantido contato com ele.

Desde que o navio tinha pegado fogo, Finn havia permanecido perto do cais, fazendo serviços honestos de conserto de navios e trabalhando nos barcos de pesca.

– Mantive contato com toda a tripulação – respondeu Sadie. – Foi o tempo mais feliz da minha vida, por isso gosto de ter por perto qualquer um que me lembre daquilo.

Finn Perdido morava num casebre perto do cais. Estava sentado na frente, colocando linha nova numa vara de pesca quando eles chegaram. Parecia tão desgastado e velho quanto Sadie, mas, quando os viu se aproximando, seu único olho se iluminou e o rosto macilento se franziu num sorriso que mostrava a podridão dos dentes restantes.

– Isso que estou vendo é a joia da coroa do Círculo? – perguntou, levantando-se devagar.

– Escute, seu velho de fala macia. – Sadie fez uma carranca diante do sorriso dele. – Há anos você vem pedindo para eu me mudar para perto do cais. Preciso de um lugar para ficar na moita. Talvez por longo tempo. Para

você isso está ensolarado ou eu fiquei velha e feia demais para o seu interesse?

– Não sei quem andou contando mentiras a você – disse Finn. – Mas você não está velha nem feia. E é sorte sua existir um vaga tão bonito para ficar de vigia enquanto se esconde de qualquer maldade séria que está merecidamente no seu encalço.

Sadie se virou para Red.

– Bom, ele ainda é meio marreta, mas leva jeito com as palavras. E, mais importante, é seguro.

– Tem certeza?

– Claro que tenho. Pare de ser idiota.

– Red. – Hope franziu a testa examinando o cais, procurando alguma coisa. – Sabe onde fica o píer doze?

– Claro. Por quê?

– Eu deveria falar com a tripulação do *Gambito da Dama*. Eles não sabem que o capitão Carmichael morreu. Aqueles homens lutaram do meu lado. Eu deveria pelo menos contar o que houve.

– É um navio sem capitão? – perguntou Finn.

– Foi morto pelos botas do Drem no Rato Afogado ontem – respondeu Red.

– Bom, na verdade foi morto por Rançoso, o imediato – disse Hope.

Os olhos de Sadie se estreitaram com interesse.

– E o que aconteceu com o imediato?

– Não sei bem – respondeu Hope. – A última vez que o vi, ele estava sangrando no chão depois que eu decepei metade de seu braço.

– Você não acha que a tripulação elegeu outro capitão e foi embora? – perguntou Finn.

– O navio precisa de muitos reparos. Não sei se ele está em condições de ir para o mar.

– Veja só – disse Finn, e lançou um olhar significativo para Sadie.

– Por que você não mostra esse seu navio? – perguntou Sadie. – Acho que em algum momento você pode precisar sair deste lugar rapidinho. Seria bom ter um navio em condições para isso.

– Talvez.

Hope olhou interrogativamente para Red, mas ele deu de ombros. Não tinha ideia de qual seria o plano de Sadie.

– Bom, escute, não é o que você está pensando – disse Sadie. – Enquanto você estiver com o Red, nós duas somos velhos potes. Meu plano é o seguinte: Finn é bom com navios. Colocou o *Vento Selvagem* em condições de navegar, e desde então vive trabalhando com isso. Façam o que precisarem. Nesse meio-tempo, Finn e eu vamos consertar o seu navio.

– Mas não é meu navio – reagiu Hope.

– De quem é? – perguntou Sadie.

– Na verdade não é de ninguém.

– Então você pode pegar.

– E qual é a troca? – perguntou Red.

– Simples que nem saltar – disse Sadie. – Quando vocês deslizarem, levem a gente na tripulação.

Red ficou surpreso.

– Verdade? É isso que você quer?

– Só me restam uns poucos anos, apesar dos meus melhores esforços. Certamente eu não iria me incomodar se passasse esses anos no mar, no ar puro e ao sol. Ver um pouco do mundo antes de ir embora.

– Eu soltaria as amarras num instante – disse Finn Perdido.

Red se virou para Hope.

– O que você acha? Se a gente conseguir fazer esse negócio, o navio pode ser uma boa ideia.

– Vamos ver o que está esperando por nós antes de tomarmos qualquer decisão – afirmou Hope. – Os tripulantes podem ter alguma objeção a esse plano.



Não houve objeções ao plano. Porque não havia tripulantes. O *Gambito da Dama* tinha sido esvaziado de pessoas e suprimentos. Qualquer coisa que não estivesse aparafusada ou trancada tinha sido levada.

– Como eu pensei – disse Finn. – As pessoas precisam comer. Ficaram sem provisões e paciência, viram outros navios por perto procurando tripulantes, oferecendo uma refeição e um pouco de dinheiro. O que você faria?

– Então só… vamos deixá-lo aqui? – perguntou Hope.

– Bom… – Finn se virou para a outra extremidade do cais. Um homem grande, de barba preta, vinha na direção deles. – Temos que lidar com o administrador do porto.

– Você! Sulistinha! – gritou o homem. – Não sei o que aconteceu com o Carmichael e o resto da tripulação, mas alguém me deve dois dias de taxa de atracação. E se não me pagar nem tirar esse navio do cais ao pôr do sol vou mandar afundá-lo. Não pense que não!

– Ora, ora, meu bom vaga – disse Red, animado. – Vamos deixar de lado essa história de afundar navios. Quanto você disse que era a taxa diária para atracar aqui?

– Cinco jardas – respondeu o sujeito cautelosamente.

Ele mostrou duas moedas de ouro.

– Certo, então. Minha matemática não é a melhor do mundo, mas acho que isso deve pagar pelo quê? Uma semana?

O homem parou imediatamente, olhando as moedas. Red fez questão de virá-las ligeiramente para que reluzissem ao sol.

– Mais ou menos – admitiu o administrador.

Red se virou para Finn.

– Isso basta para deixá-lo em condições?

– Provavelmente. Se bem que, a julgar pela inclinação desse mastro de proa, seria melhor duas.

– Bom, então – disse Red. – Melhor acrescentar mais duas, só para garantir. – Ele pegou mais duas moedas e colocou as quatro nas mãos do administrador. Depois levantou uma quinta. – E esta é sua se ninguém além de nós quatro chegar perto dele sem nossa permissão. Se eu voltar em duas semanas e encontrá-lo ainda aqui e inteiro, você pode ficar com ela. Fechou?

O administrador deu um sorriso caloroso, agora todo isca e despensa.

– Sim, claro, capitão…

Red apontou para Hope.

– Ela é a capitã do *Gambito da Dama*. Capitã Bleak Hope.

– Ao seu dispor, capitã Hope – disse o administrador. – Avise se precisar de alguma coisa.

– Obrigado, administrador, farei isso – respondeu Hope, séria. Quando o homem se afastou e saiu de vista ela se virou para Red. – Onde você conseguiu aquele dinheiro?

– Pode ser que eu tenha liberado um pouco daquela sacola antes de deixarmos no porão para a Prin. E você não fica feliz com isso agora?

Hope balançou a cabeça, mas estava lutando contra um sorriso.

– Tudo bem. Agora é tarde demais.

– Ensolarado – concordou Red. – Agora vamos arranjar um exército?

– Antes de vocês partirem nesse seu plano escorreguento – sugeriu Sadie. – Talvez queiram encher o bojo e fechar os olhos um pouco.

– Um brinde à sabedoria dos anos – disse Red.



Red não sabia direito como os quatro ficariam confortáveis no casebre de Finn junto ao porto, mas logo aprendeu uma valiosa lição: quando se está tentando evitar a morte durante quase dois dias sem descanso, não importa muito onde você repousa a cabeça. Especialmente depois de uma boa tigela de cozido de peixe.

E foi assim que Hope e ele se pegaram caindo no sono apenas uma hora depois, deitados no chão de tábuas do casebre. A luz do sol, fraca, atravessava os postigos de madeira da janela única. Sadie e Finn estavam lá fora e a conversa dos dois ao fundo era um murmúrio que acalentava.

Os olhos de Red estavam começando a se fechar quando ele escutou a voz de Hope, suave e sonolenta, dizer:

– O que Urtiga quis dizer com "você não nasceu no Círculo"?

– Eu não nasci no Círculo.

– Nasceu onde?

– Em Costas de Prata. Mas não era isso que ela queria dizer de verdade. Minha mãe era de Salto Fundo.

– Não conheço Nova Laven o suficiente para saber o que isso significa.

– Significa que ela era uma rendada do norte da cidade.

– E isso é… ruim?

– Por aqui? É.

– Ela acha que isso torna você privilegiado.

– Certo.

Hope abriu os olhos e se virou para ele.

– E você é?

– Eu sabia ler aos 5 anos. A maioria dos vagas do Círculo nunca aprende a ler. Só isso já me dá mais do que uma boa dose de sorte.

– Por isso eles se ressentem de você.

– Urtiga se ressente de todo mundo. Não levo isso muito para o lado pessoal. Não mais. Mas desde que vim para cá precisei compensar por isso. Mostrar que não era fraco. Que podia enfrentar as coisas. O único que nunca duvidou de mim foi o Rolha.

– E agora…

– É. Quando o vi ir embora daquele jeito… preferiria levar um soco no bojo.

– Esse é o problema de se ter alguém de quem se gosta. Quando a gente perde a pessoa, dói mais do que qualquer coisa.

Ficaram quietos um tempo, interrompidos somente pelo riso baixo de Sadie lá fora.

– Não conheço a Ponta do Martelo tão bem quanto o Círculo do Paraíso. Nunca foi minha área. Por isso não vou poder bolar nenhuma saída inteligente quando estivermos lá, nem pedir ajuda de vagas que devam algum favor.

– Então é uma coisa boa você ter outras qualidades úteis.

A voz de Hope parecia à beira do sono.

– Quer dizer, meu charme inegável?

– Quis dizer sua mira impecável.

– Ah. Bom, é. – Ele ficou quieto por um minuto. Depois disse: – Mas você acha que eu sou charmoso, não acha? Hope?

Mas ela havia caído no sono.

19

Naquela noite partiram para a Ponta do Martelo. Pelo que Hope entendeu, só iriam ao bairro ao lado. Mas as despedidas carrancudas, porém sinceras, entre Red e Sadie fizeram parecer que iam atravessar o oceano.

Agora, enquanto Hope e Red seguiam pelas ruas iluminadas por lampiões a gás tremeluzentes, ela notou que ele parecia tenso. Seu jeito lépido e despreocupado estava forçado. Enquanto Hope andava pelas ruas de pedras desiguais com passos regulares, firmes, ele tropeçava, ia para um lado e para o outro e às vezes até andava de lado, como se não conseguisse regular o próprio passo.

– É mesmo tão diferente assim na Ponta do Martelo? – perguntou.

Ele deu de ombros, com o olhar saltando para todo canto.

– Para você? Provavelmente não. Um bairro miserável do norte se parece com qualquer outro. Mas para mim é muito diferente. Construções diferentes, pessoas diferentes, modos diferentes de fazer as coisas.

– Você já esteve aqui antes?

– Uma ou duas vezes.

– O que veio fazer?

Ele riu.

– Nada de bom.

– Devemos esperar uma recepção pouco amistosa?

– Não existe recepção amistosa em Ponta do Martelo. – Ele pegou algumas pedrinhas e jogou uma delas, derrubando um pequeno balde uns 10 metros à frente. – Aqui existe um ditado: "No Martelo é mais difícil." E, pelo que sei, é verdade.

– Pior do que no Círculo do Paraíso?

– Ah, é. Veja bem: Drem Insensível pode ser um pingo de pinto assassino e frio, mas ele mantém o Círculo unificado e em ordem. Não existe ninguém assim na Ponta do Martelo. O Grande Sig é o mais forte agora, mas a disputa é sempre dura entre a quadrilha dele e outras três ou quatro. Nem os capetas podem manter a ordem num lugar daqueles.

– Se o Grande Sig se alinhar com a gente, isso bastaria para inclinar a balança a favor dele?

– É o que estou esperando que ele decida. Ou ele pode decidir que se alinhar com a gente só vai estragar as alianças que ele já tem.

– E se ele decidir isso?

– Então vai nos matar.

– Vai tentar.

Red sorriu.

– Hope realmente significa esperança, não é?



Hope não soube exatamente quando aconteceu. Mas aos poucos foi percebendo que as ruas em volta eram diferentes. As pedras da calçada não eram apenas imundas, mas frequentemente estavam rachadas ou quebradas. As construções também pareciam danificadas, como se tivessem passado por uma guerra. Janelas despedaçadas, portas lascadas, pedaços de pedra e de tijolos arrancados da parede. E não havia luzes nas ruas. Todo o local estava escuro.

– Estamos na Ponta do Martelo, não é? – perguntou Hope.

Red assentiu. Não estava mais bamboleando. Em vez disso, caminhava ao lado dela, mantendo o mesmo passo. Suas mãos estavam soltas, mas a postos de cada lado do corpo. O olhar examinava o espaço à frente.

– Você tem alguma coisa parecida com um plano? – perguntou ela.

– Sei onde encontrar o Grande Sig. O único problema é chegar lá sem que alguém tente rolar a gente.

– E qual você acha que é a probabilidade de a gente conseguir isso?

– Beeem pequena.

De fato, eles conseguiram andar mais vários quarteirões antes que três homens surgissem à frente, saindo de um beco, e mais dois viessem por trás.

– Boa noite… pombinhos. Saíram para um passeio, é? – disse um deles usando uma cartola velha.

– Acho que eles podem ter se perdido – observou outro com cabelo comprido, abaixo dos ombros.

– Talvez – completou um terceiro, com uma cicatriz grossa no rosto –, depois de conseguir o que a gente quer, deveria mostrar a eles o caminho de

casa.

– Seria uma boa política de vizinhança da nossa parte – concordou o Cartola. – Só que nunca vi vocês no bairro. Eu sei que me lembraria dessa fatia sulistinha.

Hope se virou para Red.

– Eles acham que vão roubar a gente?

– Parece que sim.

– Não parece valer o esforço. Eles estão ao menos armados?

– Ah, nós estamos armados sim, sua fatiazinha faladeira – disse o Cicatriz.

Em seguida, sacou uma faquinha que parecia mais útil para passar manteiga no pão do que para o combate. Os outros pegaram armas igualmente patéticas: um porrete de madeira com um prego numa extremidade, uma garrafa quebrada, um tijolo, um saco de couro cheio de pedras.

– Sério? Só isso?

Hope começou a andar, sem diminuir a velocidade quando chegou perto deles.

– É isso! – gritou o Cicatriz enquanto brandia a faca.

Hope agarrou seu pulso e torceu, de modo que ele foi obrigado a se curvar para a frente. Ao mesmo tempo, levou o joelho ao rosto dele. Deu um soco com as costas da mão livre no ouvido do Cartola, fazendo-o sair girando. Deixou o Cicatriz cair nas pedras da calçada e chutou o Cabeludo bem no peito, deixando-o despencar ofegante. Depois continuou a andar.

Atrás dela, Red disse, animado:

– Desculpem a moça, meus vagas. Ela é nova no bairro.

Red a alcançou.

– Só por curiosidade… Por que você não sacou a espada? Aposto que poderia ter matado os três com um golpe só.

– Matar pessoas desarmadas e sem treino seria um insulto para a Canção dos Lamentos.

– Desculpe. Canção de quem?

– É o nome da espada.

– Você deu um nome à sua espada? Quero dizer, é uma espada fantástica, mas…

– Não fui eu que dei o nome. Essa espada tem séculos, foi feita com artes antigas perdidas no tempo. Ela ganhou o nome muito antes de nós dois

nascermos.

– Parece chique.

– É um privilégio usar essa espada. E espero um dia provar que sou digna dela.

– Ainda não é?

– Não. Não fiz nada realmente digno com ela.

– Então como a conseguiu? *Sei* que você não roubou.

– Ela me foi confiada pelo meu mestre. Pouco antes de ele ser assassinado pelos próprios irmãos por ter me ensinado as artes vinchen secretas.

– Por que diabo eles fizeram isso?

– Porque é proibido ensinar essas artes a uma mulher.

– Por quê?

Hope o encarou, mas a julgar pela expressão ele realmente não entendia.

– Porque as mulheres não deveriam participar dessas coisas.

Red franziu a testa.

– Por quê?

– Não sei. É assim que sempre foi.

– Talvez em outros lugares. Mas aqui, ser um tommy ou uma molly não importa muito. Se você sabe lutar melhor do que o outro, esse é o único argumento de que vai precisar.

Hope tentou se lembrar de como era em seu povoado.

– Quando eu era muito nova, antes de ser aceita pelos monges vinchen, morava numa pequena aldeia de pescadores. Não… me lembro de muita coisa. Mas sei que minha mãe trabalhava. Era uma vida difícil, mas era difícil para todo mundo.

– Sabe o que eu acho que é isso? Puro absurdo de rendados. É como fazem no norte da cidade também. Os homens trabalham e as mulheres bancam as desamparadas. Um monte de bagos e paus. Aqui, na área sul, todo mundo tem que se virar. Uma molly faz o que quer e um tommy a respeita por isso.

– Gosto desse modo de pensar – disse Hope. – Talvez, de certo modo, as coisas sejam mesmo mais civilizadas por aqui.



Não foram incomodados pelo resto do caminho. Hope não teve certeza se era coincidência ou se a notícia havia se espalhado depressa.

– Bom, aqui estamos. – Red parou diante de um armazém comum. As janelas brilhavam com a luz, e o som de falas, risos e gritos ocasionais vinham de dentro. Ele franziu o nariz. – Não parece grande coisa.

– Você nunca esteve aqui? – perguntou Hope.

Red balançou a cabeça.

– Conheci um vaga da Ponta do Martelo. Ele me falou desse lugar.

– O que aconteceu com ele?

– Desapareceu uma noite. Ninguém teve certeza, mas as pessoas disseram que foram os biomantes.

– Aqui?

– Na maior parte do tempo eles ficam no norte da cidade. Mas às vezes vêm aqui para baixo, se precisarem de material fresco. Pelo menos é o que dizem. Eu conheci uma mulher. A mãe da Abelhinha… – Ele balançou a cabeça. – De qualquer modo, é difícil saber com certeza o que é verdade e o que é fofoca.

Hope tinha pensado em sair de Nova Laven depois de vingar Carmichael. Mas se havia biomantes reunidos no norte da cidade talvez ela precisasse ficar mais tempo. Imaginou se Red a acompanharia até lá também. Sabendo ser um pensamento egoísta, desejou que ele fizesse isso.

– Acho que deveríamos bater ou algo assim.

Red bateu à porta. Um momento se passou com apenas os sons abafados que vinham de dentro. Uma janelinha se abriu na porta e olhos cheios de suspeita espiaram para fora.

– O que você quer?

– Ver o Grande Sig.

– É. E o que faz você pensar que vai conseguir?

– Isso.

Red mostrou uma moeda de ouro. Era *outra* moeda que ele havia tirado na sacola destinada à moça do bar. Hope achou que o tinha vigiado atentamente quando ele pusera a sacola no chão, mas sem dúvida os dedos ágeis foram usados para mais do que simplesmente lançar facas.

Agora os olhos pareciam menos cheios de suspeita.

– Certo.

A fenda se fechou e a porta se abriu. Um homem magro, com uma pistola, estava do outro lado. Nada de revólveres para os homens do Grande

Sig, observou Hope.

– Muita gentileza sua, meu bom vaga – disse Red jogando a moeda para ele.

O homem a pegou e a levantou.

– Isso faz você entrar no prédio e passar por mim. Mas não o leva até o Sig.

– Ela me garante uma dica de como posso conseguir uma conversa amistosa com ele?

– Ele gosta de jogo de pedras. Tem um punhado de vagas jogando agora mesmo. Se você mostrar que tem alguma habilidade, talvez ele queira jogar com você.

– Sério? – Red flexionou os dedos, com os olhos rubros brilhando. – Por acaso tenho um pouco de habilidade no jogo.

O homem guardou a moeda no bolso.

– Boa sorte, então.

– Ah, tem muito pouca sorte envolvida nisso.

Red deu um risinho que pareceu quase sinistro. Seguiram por um pequeno corredor e entraram num espaço maior. O lugar estava quase todo livre, a não ser por dez mesas igualmente espaçadas no centro. Duas pessoas se sentavam frente a frente em cada mesa. Hope não sabia jogar com pedras. Tinha visto alguns tripulantes jogando no *Gambito da Dama*, mas não havia se interessado o suficiente para descobrir as regras.

De um dos lados, perto de uma lareira, estava um homem sentado numa cadeira com um baú de metal. Red foi até ele e estendeu outra moeda.

– Me coloque no próximo jogo.

O sujeito o olhou com cautela.

– Nunca vi você por aqui.

– Acabei de chegar – disse Red.

– A principal regra aqui é não sacar arma, mesmo se você perder. O Grande Sig não gosta de bagunça no salão de jogos dele.

– Não precisa se preocupar comigo, meu vaga. Especialmente porque eu não perco.

– Sério? – O homem riu. – Então talvez seja hora de você conhecer Greeny Colleen. Ela estava esperando um desafio respeitável.

– Não sou respeitável, mas garanto que sou um desafio.

– A última mesa à direita. – O homem trocou a moeda por uma ficha de madeira. – Ela deve acabar com o cabeça de sal do momento em um minuto.

Hope e Red ficaram olhando enquanto uma mulher pequena, de aparência frágil e cerca de 30 anos, jogava com um homem mais velho.

– Realmente não entendo esse jogo – sussurrou Hope.

– Cada jogador começa com vinte pedras. Você pega as dez pedras que restam e enfileira na mesa. Bom, cada pedra tem um número que vai de zero a nove. A ideia é se livrar de todas as suas pedras. Se você tiver o número seguinte da pedra do centro, pode colocá-la acima dela. Se tiver o anterior, pode colocá-la abaixo. Ou, se tiver o mesmo número, pode colocar em cima. Mas assim que você começa essa fileira, seja acima, abaixo ou em cima, não pode mudá-la. A não ser que você tire de volta todas as pedras dessa fileira e recomece com a pedra original.

– Por que você pegaria alguma de volta se está tentando se livrar de todas?

– Porque, se você ficar sem pedras para colocar, *precisa* começar a pegá-las até conseguir uma que possa colocar de novo.

– Mesmo assim, não parece muito complicado.

– Essa é só a ideia geral. As coisas ficam interessantes quando você começa a fazer uma ponte entre duas fileiras ou mais acrescentando, subtraindo, multiplicando ou dividindo os números.

– Matemática?

Ele deu de ombros e desviou os olhos.

– É um passatempo meu.

Antes de terem ido dormir, Red havia mencionado que seu passado "rendado" lhe dava privilégios. Mas em vez de sentir orgulho da capacidade de ler ou de seu interesse pela matemática, ele parecia embaraçado por essas coisas.

– Mas como isso funciona? – pressionou Hope. – O número de opções é relativamente pequeno se a resposta precisa ser de apenas um dígito.

Ele relutou por um momento, como se não quisesse se aprofundar mais na conversa. Mas então cedeu de repente e seu rosto se iluminou com um deleite quase infantil.

– Certo, mas quando você combina duas fileiras pode formar um número de dois dígitos. Se combinar três fileiras ao mesmo tempo pode fazer um número de três dígitos, e assim por diante. Quanto maior o número, mais pedras você pode colocar na mesa.

– Certo. Dá para ver como isso pode ficar complicado.

Red sorriu para ela, e não era um dos risinhos que ele achava tão charmosos. Era agradecido.

– A maior parte das pessoas não percebe.

E era isso. Outras pessoas podiam apreciar seu charme ou sua mira, mas Hope se perguntou se houvera alguém, desde a morte dos pais dele, que apreciava sua inteligência.

– Pelo mijo do diabo! – gritou o velho à mesa de Greeny Colleen. – De novo, Greeny! Como é que você…?

A mulher pequenina deu um riso tímido.

– Gosto de números, Cast. Só isso. Eles são como amigos para mim.

Cast grunhiu, jogou sua última ficha de madeira na pilha de pedras à mesa e saiu.

– É a nossa deixa – disse Red.

Foram até a mesa. Colleen levantou os olhos para eles, com a testa franzida.

– Você é novo.

– Sou – concordou Red, sentando-se.

– Geralmente não jogo com gente nova.

– O sujeito ali disse que você precisava de um desafio.

– E você é bom? – Ela estreitou os olhos, com os lábios franzidos.

– Só há um modo de descobrir.

– Como você joga? – perguntou ela.

– Sem limite de dígitos. Tem algum outro modo?

Colleen deu outro sorriso tímido.

– Não se você ama o jogo.



Jogaram por mais de uma hora. Hope não tinha percebido que um jogo poderia durar tanto. Havia ocasiões em que os dois ficavam com apenas umas poucas pedras. Mas então um bloqueava o outro e, quando ela percebia, os dois tinham sido obrigados a pegar pedras até parecer que estavam começando tudo outra vez.

A princípio seguiu com facilidade o fluxo do jogo. Sentada atrás de Red, podia ver os números nas pedras que restavam com ele e até conseguia prever algumas jogadas. Mas à medida que o jogo prosseguia e os dois

começavam a entender como eram equilibrados, as coisas aceleraram até que tudo virou um rápido disparo de estalos à medida que pedra após pedra era posicionada, tirada, empurrada. Isso tinha a ver com mais do que equações matemáticas rápidas. Havia algo maior em jogo. Fez com que ela se lembrasse do mesmo fluxo que a atravessava ao lutar.

Outros jogadores deixaram de lado suas partidas para olhar, sussurrando uns com os outros como se tivessem medo de que um barulho alto quebrasse o feitiço. Hope suspeitou de que nem mesmo um trovão atrapalharia o foco dos dois. O suor escorria pela têmpora de Red e o rosto de Colleen estava ruborizado. Tanto esforço sem terem saído do lugar. Havia algo ali. Alguma lição que ela poderia aprender. A ideia tremeluzia hipnotizante em sua mente, mas não vinha à tona. Quanto mais tentava captar, mais aquilo lhe escapava.

E então, de súbito, percebeu que *essa* era a lição. Na imobilidade, havia apenas observação, aceitação e reação, tudo sem a busca do controle.

– Bom – disse Red, invadindo os pensamentos de Hope.

Uma onda de comentários murmurados percorreu os espectadores. Hope olhou para as mãos dele, para ver se Red tinha jogado todas as pedras. Ele estava com alguma coisa na mão, mas não dava para ver o que era.

Greeny Colleen estava com as duas mãos esparramadas à frente do corpo e ofegava com um riso feroz.

– Isso… valeu a pena.

Ela levantou as mãos. Embaixo de uma estava sua última pedra. Ela estendeu uma ficha de madeira. Red balançou a cabeça.

– O prazer foi igualmente meu. – Ele levantou sua ficha de madeira. – Fique com a sua e pegue a minha, se me conseguir uma apresentação amigável com o Grande Sig.

Os olhos de Greeny Colleen se arregalaram de surpresa. Ela já ia falar, mas uma voz nova interveio:

– Não precisa subornar mais nenhum dos meus vagas. Sua habilidade já basta.

Os espectadores em volta abriram caminho. Acima deles surgiu o maior homem que Hope já vira. Seus punhos eram do tamanho da cabeça de uma criança, o peito largo como o de um urso. Tinha cabelos curtos e barba comprida, preta mas salpicada de grisalho. O nariz parecia ter sido quebrado várias vezes e havia um brilho duro em seus olhos, sugerindo a Hope que ele raramente perdia as estribeiras – e era mais perigoso ainda por esse motivo.

– Agora vejamos… – disse o Grande Sig. – Red, certo? Ouvi falar de você. O ladrão esperto com olhos vermelhos.

Red lhe deu um sorriso calmo.

– Muito prazer.

– Não sabia que você também era um mestre no jogo de pedras.

– Ah, eu sou discreto quanto a isso. Caso contrário, vai ser o diabo conseguir um jogo. A maioria das pessoas não gosta de jogar comigo quando fica sabendo como sou bom.

– Eu jogo com você. – Grande Sig assentiu para Greeny Colleen, que juntou suas fichas e se levantou ficando de lado, respeitosamente. – Duvido que eu ganhe. Mas é bom ter pelo menos uma atividade da qual posso participar e na qual perder não significa a morte.

– Você gosta de perder?

– É instrutivo. Além disso, enquanto jogamos, você pode explicar por que está aqui, de um modo que me convença de que você não é um bota do Drem que veio me enfiar uma faca. Eu odiaria matar um jogador tão talentoso.

– Com todo o respeito – disse Red arrumando as peças para um novo jogo –, se eu estivesse aqui para matá-lo, você já estaria morto.

– Ouvi falar da sua mira notável.

Sig pegou suas peças na pilha.

– Ouviu certo. Se bem que não sou eu o verdadeiramente mortal.

Grande Sig olhou para Hope.

– É sua guarda-costas?

– Costas e alma, por assim dizer. Está me ensinando a ser uma pessoa que vale mais do que só uns truques espertos.

Hope ficou pasma com isso. Nunca pretendera ensinar a ele nem a ninguém o modo certo de viver. Talvez ela verbalizasse suas opiniões sobre Red e seu modo de vida com descuido demais. Afinal de contas, o que lhe importava como ele vivia?

– Mulher notável – disse Sig.

– Você não faz ideia.

No entanto, ele insistia em ser tão grosseiro às vezes. Ela não conseguiu se conter:

– Vocês dois terminaram de falar de mim como se eu não estivesse presente?

O Grande Sig assentiu educadamente para ela. Depois olhou de novo para Red.

– Comece.

– Então é o seguinte – disse Red colocando sua primeira pedra. – Minha vaga aqui precisa de que o Drem Insensível seja morto. Questão pessoal.

– Sei.

Sig colocou uma pedra, com a expressão ligeiramente divertida.

– E no espírito de alguém que está tentando olhar para além de si mesmo, eu sinto que o Círculo poderia se virar sem o Drem. O lugar pode até ficar melhor.

– Além disso, ele colocou sua cabeça a prêmio – disse Sig.

– Livrar-se disso estaria incluído na melhoria – admitiu Red sem qualquer sinal de embaraço enquanto colocava uma pedra no lugar.

O Grande Sig pôs outra pedra.

– E onde eu entro?

– Drem tem um exército protegendo-o no clube dele. Por isso pensei…

– Pensou em dar um pulo na Ponta do Martelo e pegar seu próprio exército. Mas o que eu e meus vagas lucramos com a morte de Drem?

– Você não quer o Drem morto?

– Eu quero um monte de coisas. Estou acostumado a nem sempre conseguir.

– Certo. Mas isso pode ser mais do que uma vingança. Assim que Drem estiver fora de cena e as coisas ficarem mais favoráveis a você no Círculo, nós podemos devolver o favor. Ajudar você a derrubar seus concorrentes aqui.

Durante todo esse tempo, Red e Sig tinham posicionado peças quase de modo indiferente. Mas agora Red pareceu colocar uma pedra que bloqueava todo o progresso de Sig. Ele deu um leve risinho.

O Grande Sig assentiu enquanto examinava as peças.

– Tudo isso parece bem afiado. Só que há uma peça que você está deixando de ver.

Então ele colocou uma pedra numa fileira que parecera bloqueada porque, até aquele momento, ninguém tinha usado aquela combinação. A sobrancelha de Red franziu enquanto ele avaliava a mudança na situação.

– Como é?

– Você sabe como é difícil consolidar o poder em todo um bairro? – perguntou Sig. – É quase impossível. Eu não consigo, e ainda que não seja

tão implacável feito Drem, sou esperto e meus vagas são mais leais. É preciso mais de uma pessoa para ganhar esse tipo de poder.

Ele colocou outra pedra.

– Está dizendo que ele teve ajuda? – perguntou Hope. – De fora do Círculo do Paraíso?

– Estou.

– De quem? – Red pareceu cético enquanto pegava uma pedra.

– Dos biomantes. Com ou sem exército, nós não somos páreo para eles.

– Biomantes? – Red fungou. – Isso não passa de bagos e paus.

– Como você sabe? – perguntou Hope a Sig.

Ela não estava tão pronta para descartar uma pista potencial para um biomante.

– Ele não sabe – disse Red. – Só está repetindo boatos.

– Eu *sei* – retrucou Sig. – Porque eles me ofereceram o mesmo trato que fizeram com ele. Disseram que poderiam me dar vantagem sobre as outras quadrilhas do bairro, me colocar no comando de toda a Ponta do Martelo. Em troca eu entregaria a eles uma pessoa a cada mês.

– Para fazerem experiências – disse Hope.

Os tentáculos daqueles biomantes chegavam até o submundo de Nova Laven. Mas havia algo adequado no fato de o assassinato de Carmichael ter algo a ver com as outras pessoas que ela odiava.

– É – disse Sig. – Foi então que eles disseram que Drem já havia aceitado o trato. Disseram que, se eu não aceitasse, Drem dominaria a Ponta do Martelo.

– E o que você disse?

Hope se perguntou: se Sig admitisse que havia se juntado e eles, será que ela iria matá-lo no ato?

– Falei que iria dominar a Ponta do Martelo sozinho ou então não dominaria nada.

Hope relaxou um pouco.

– É muita coragem sua.

– E muita idiotice também. Eles disseram: "Você mordeu mais do que pode mastigar!" Um deles, um gafa que caiu da xota, com marca de queimadura na cara, veio até mim e bateu no meu queixo com o dedo. Só isso. Mas uma dor violenta atravessou meu rosto e meus dentes caíram.

O Grande Sig sorriu. Um sorriso grande e amplo que mostrou que ele tinha uma dentadura de madeira completa.

– Esse tal biomante com marca de queimadura. – A voz de Hope mal passava de um sussurro. A ideia de que o tal biomante poderia ser o mesmo que ela estivera procurando nos últimos dez anos fez sua pulsação disparar, mas por fora ela permaneceu calma. – Ele também tinha cabelo castanho e rosto pontudo?

– Você já se encontrou com ele?

Sig a encarou com novo interesse.

– Já vi de longe.

Em sua voz não havia nada além de rancor. E, pelo modo como a encarava, o Grande Sig viu isso claramente. Ele assentiu e não pressionou mais.

– Como vamos saber se tudo isso é verdade? – perguntou Red. – Você poderia estar mentindo para nós. Ou eles podiam estar mentindo para você.

Grande Sig olhou de volta para Red.

– Senti que você merecia saber por que não vou ajudá-lo a derrubar o Drem. Não me importa se você acredita.

– Deveria se importar – disse Red.

– Por quê?

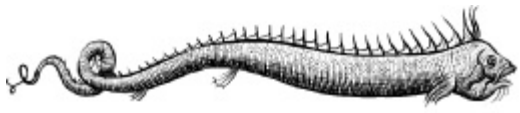
Red olhou para o jogo de pedras que permanecia esquecido, quase como se não soubesse o que era. Seu olhar estava em outro local. O rosto estava relaxado, quase sorridente. Mas Hope podia ver uma veia latejando em seu pescoço.

– Porque – disse ele finalmente. – Se você puder me provar que Drem vendeu todo o Círculo do Paraíso aos biomantes, prometo que vou montar um exército no Círculo igual ao seu. Juntos vamos derrubar a porta do Drem.

Ele pôs a ficha de madeira na mesa e olhou para o Grande Sig.

– E, com ou sem biomantes, eu mesmo vou matar aquele traidor.

QUARTA PARTE



"A pessoa que você acredita ser é apenas
uma parte sua, assim como todas as
verdades não passam de verdades parciais."

– *O livro das tormentas*

20

Urtiga enrolou o casaco de lã áspera com mais força em volta do corpo.

– Não gosto disso, Red.

Rolha franziu o nariz para sua caneca de cerveja escura.

– A cerveja daqui tem gosto diferente.

– Vocês dois são meus melhores vagas e sabem disso – afirmou Red.

– Somos?

Urtiga olhou para Hope, a quarta e última pessoa à mesa.

– Claro que são. Caso contrário, não teriam vindo a uma taverna na Ponta do Martelo.

– Fica pertinho da fronteira.

Urtiga disse isso como se não importasse, o que era marreta, porque todos sabiam que importava *muito*.

– A cerveja não é tão boa deste lado da fronteira – declarou Rolha.

Red nunca viu o amigo tão desconfortável, remexendo-se inquieto na cadeira, com uma fina camada de suor nas têmporas. Era a primeira vez que ele saía do Círculo do Paraíso.

– Mesmo assim – disse Red. – Sei que foi muito pedir que viessem aqui, especialmente depois de deixarem claro que não queriam nos ajudar a derrubar Drem.

Ele falava baixinho e parecia calmo. Estavam fora do Círculo, e o Ponto Sem Volta não estava apinhado. As tavernas nos limites do bairro raramente ficavam cheias. Mesmo assim, esse era um assunto sério demais para ser comentado em voz alta.

– Então o que estamos fazendo aqui? E o que precisamos fazer?

– Vocês não precisam *fazer* nada. – Red não podia culpá-la por suspeitar. – Não precisam dizer nada nem pensar nada. Só precisam olhar e ouvir.

Urtiga se inclinou em direção a Red.

– E o que devemos ver e ouvir?

– Não sei. O Grande Sig fez… acusações. E disse que pode provar que são verdade. Esta noite, com vocês dois como testemunhas, vamos descobrir

pessoalmente.

– Andou lendo de novo aqueles livros com coisas de espiões? – perguntou Urtiga. – O que eu falei sobre tanta leitura assim? Deixa você de cabeça mole.

Red já ia responder, mas então viu Greeny Colleen entrar na taverna. Ela era pequena, parecia um camundongo, praticamente invisível. Quase não a percebeu.

Ela veio até a mesa e olhou Urtiga e Rolha com suspeitas.

– Quem são esses dois?

– Preciso de gente de confiança para dar testemunho por mim. Se o que o Sig diz é verdade.

Colleen franziu a testa.

– Vai ser complicado. A reunião é só daqui a uma hora, mas precisamos colocar vocês lá agora mesmo.

– Certo – disse Red.

Colleen deu de ombros.

– Então venham.

Ela se virou e foi para a saída.

– Está pronta? – perguntou Red a Hope.

– Como é? – perguntou ela, piscando.

Red não sabia por quê, mas ultimamente Hope parecia distante. Ele não havia pensado muito nisso, porque estava preocupado consigo mesmo enquanto se mantinham escondidos no cais, dormindo no *Gambito da Dama* e ajudando nos consertos. Era como se estivesse prendendo o fôlego durante dias, esperando notícias desse encontro. Se o que o Grande Sig dizia era verdade, mudava tudo.

– É hora de ir espreitar. A coisa de que você menos gosta de fazer.

– Ah. Certo.

Enquanto se levantavam para ir atrás de Colleen, Urtiga pôs a mão no braço de Red.

– Você tem *certeza* disso?

– Sim, Urtiga. De um modo ou de outro, é algo que precisamos saber.

– Certo. Mas você me deve uma.

– Eu já devia uma por você ter mandado a gente pelo tubo naquela noite.

– Então me deve duas. – Urtiga deu um riso tenso. – Talvez eu vá economizar para alguma coisa especial.

Colleen os levou para fora da taverna, no ar frio da noite. O clima estava mudando para a estação úmida, trazendo pancadas ocasionais de chuva gelada. Red apertou o casaco de couro em volta do corpo. O resto do grupo agiu de modo similar. Todos menos Hope, que parecia não se afetar nem um pouco com o clima. Red se perguntou quão frio era nas ilhas do sul.

– Os líderes vão entrar pela porta principal – disse Colleen guiando-os pela lateral do prédio. – Vão se encontrar na sala dos fundos. Não há janelas e só existe uma entrada, que vai estar vigiada. Mas há um espaço escondido embaixo do piso, por onde vocês podem entrar daqui de fora.

Os fundos da taverna davam para um beco escuro, cheio de poças de água lamacenta da chuva fria da tarde. A água gelada penetrava nas botas de Red enquanto ele examinava a parede dos fundos do prédio.

– Não estou vendo a entrada.

– Claro que não.

Colleen bateu num velho barril de cerveja encostado na parede. Ele reverberou com um eco estranho. Ela levantou a tampa. Red olhou dentro e viu que um túnel tinha sido cavado embaixo do barril.

Ele riu e se virou para Urtiga.

– Olha só, Urtiga! Coisa de espiões!

– Quem sabe sobre esse espaço aí embaixo? – perguntou Hope.

– O Grande Sig, claro. E Billy Espinho, outro líder aliado do Sig. Ele sabe que vocês estarão aqui.

– Podemos confiar nele? – perguntou Red.

– Que ele vai ficar quieto? Sim. – Colleen pareceu irritada com a pergunta. – Ele também não quer ver a Ponta do Martelo virando outro Círculo do Paraíso.

– O que isso quer dizer?

Urtiga moveu o ombro como se estivesse se aquecendo para um soco, mas Colleen a ignorou.

– Vocês vão poder ver e ouvir tudo. No entanto, se vocês se mexerem ou fizerem qualquer som, eles também vão escutar vocês. E, se isso acontecer, o Sig vai agir como se não os conhecesse. Ele espera a mesma coisa.

– Obrigado por isso – disse Red.

Ela assentiu, subitamente parecendo tímida.

– Se algum dia quiser uma revanche nas pedras…

Ele riu.

– Sei onde encontrá-la.

Ela sorriu e se afastou rapidamente.

– Rolha, meu pote velho – disse Red. – Talvez fique um pouco apertado para você.

Um por um, eles escorregaram pelo barril descendo até o túnel embaixo, depois se arrastaram de barriga por alguns metros até que o túnel se abriu para o espaço sob o piso. O lugar era tão baixo que Red descobriu que não podia afastar a barriga mais de 15 centímetros do chão. Entraram um de cada vez, depois rolaram desajeitadamente de costas para o chão para olhar através das tábuas do piso. A sala acima ainda estava escura, por isso era difícil saber quanto enxergariam de verdade.

– Ela disse para a gente não se mexer – murmurou Urtiga ao lado dele. – Como se fosse haver algum espaço para isso.

Todos estavam espremidos juntos, deitados lado a lado. Hope, depois Red, Urtiga e, finalmente, Rolha. Com a ex encostada nele de um lado e a garota celibatária que ele jamais poderia ter do outro, Red não conseguia decidir se aquilo era o céu ou um dos tipos mais estranhos de inferno.

– Não vá ter nenhuma ideia aí – disse Urtiga, como se pudesse ler sua mente.

– Eu não fiz nada – protestou Red.

– Eu *conheço* você! É o tommy mais molhado que existe.

– Isso está bem longe do meu pensamento – mentiu ele. – Mas sem dúvida está no *seu*. Quem é molhada, então?

– Calem a boca, vocês dois – disse Rolha.

– Obrigada – murmurou Hope.

Os minutos se arrastaram enquanto eles ficavam deitados no escuro. Por fim, alguém entrou com lampiões na sala, pendurou-os nas paredes e saiu. Assim que houve luz, Red ficou surpreso com o quanto podia enxergar. Não era perfeito, claro. Mas bastaria para saber quem estava falando.

Vários minutos se passaram, e então quatro pessoas entraram na sala. Red reconheceu o Grande Sig facilmente. Também havia um homem baixo com cabelo preto espetado em muitas direções, como um porco-espinho. Red presumiu que fosse Billy Espinho. Os vagas da Ponta do Martelo tinham o costume de declarar o óbvio. Com eles também estava uma mulher mais velha com cabelo totalmente branco e tapa-olho, e um homem de pele ainda mais escura do que a do capitão Carmichael.

– Fiquei surpreso com sua vinda, Sig – disse a mulher do tapa-olho.

– Ouvi dizer que essa não era para perder, Sharn – retrucou o Grande Sig.

– Ouvi a mesma coisa – respondeu Sharn. – Mas não soube de nenhum detalhe.

– Já passou pela cabeça de alguém que isso pode ser uma armadilha? – perguntou o homem de pele escura. Ele falava com um leve sotaque.

– Claro, Palla – disse Sig. – Meu pessoal tem ordens para não deixar ninguém entrar, a não ser o Drem e um… convidado.

– É, essa pessoa misteriosa que supostamente vai mudar nosso modo de pensar – observou Billy.

Os quatro chefes de quadrilha esperaram um pouco mais, falando baixinho. Red queria ter a chance de olhar para Urtiga quando eles mencionaram Drem, para ver a expressão dela. Mas resistiu, já que o menor movimento poderia denunciá-los.

A porta se abriu e Drem entrou. Ao seu lado estava um homem de manto branco com uma corrente de ouro na cintura. Seu rosto estava escondido na sombra do capuz branco. Red sabia que aquele era o uniforme dos biomantes, mas nunca tinha visto um. Urtiga inspirou com força, mas tudo bem, porque coisas muito mais ruidosas estavam acontecendo acima deles.

Palla, Sharn e Billy estavam exigindo que Drem se explicasse, parecendo algo entre ofendidos e alarmados. Apenas Sig, com o rosto pétreo, permaneceu em silêncio.

– Ora, ora, seus gafas, não fiquem tão bambos. – Drem estendeu as mãos. – Só escutem.

– Drem, tenho certeza de que não preciso lembrar que você está no Martelo agora como nosso convidado protegido – disse Palla. – Se tirarmos essa proteção as coisas não vão ficar boas para você.

– Está certo – retrucou Drem. – E por isso não vim como inimigo, e sim como aliado potencial.

– Estou ouvindo – disse Palla, com um olhar severo.

– Depressa, Drem – alertou Sharn. – Diga o que veio dizer.

– Obrigado pela gentileza. – A expressão de Drem estava estranhamente animada. – Como vocês sabem, eu controlo o Círculo do Paraíso sem nenhum rival. Isso é em parte devido ao trabalho duro e à qualidade, e em parte por causa dos biomantes.

Apesar da insistência em uma prova, Red soubera, bem no fundo, que isso era verdade. Mas a tristeza que cresceu em seu peito, quente e afiada, o sentimento de traição porque um verdadeiro homem do Círculo podia vendê-los assim, era mais intensa do que ele esperava. Imaginou o que Rolha e Urtiga estariam sentindo ao ouvir tudo aquilo pela primeira vez.

– Em troca da ajuda deles – continuou Drem – os biomantes só querem objetos de teste.

– Pessoas, você quer dizer – declarou Palla.

– No passado era só uma por mês. Eu diria que é muito razoável. Mas as coisas estão mudando.

O biomante puxou o capuz branco e parecia tão normal, tão pouco notável, que Red se perguntou se seria um biomante de verdade ou só alguém que Drem teria vestido para conseguir vantagem sobre os líderes da Ponta do Martelo. Mas então ele falou, e sua voz era algo que parecia arrancado do fundo do oceano, suja e áspera como cracas.

– A segurança do império está em perigo devido a inimigos além do mar Negro – disse ele. – O imperador ordenou aumentarmos nossos esforços para desenvolver novas armas e estratégias de defesa. Para isso, precisamos de mais objetos de teste para as pesquisas. Vocês irão fornecê-los.

– O diabo que vamos! – rebateu Billy.

– Não vamos pôr a carroça na frente dos bois. – Drem lançou ao biomante um olhar que dizia "Deixe que eu cuido disso". Depois se virou de volta para Billy Espinho. – O negócio é o seguinte: vamos todos nos juntar, o Círculo do Paraíso e a Ponta do Martelo. Depois tomamos Costas de Prata. Meu amigo aqui garantiu que isso não vai ser problema. Então nós cinco teremos o controle completo de metade de Nova Laven. Tudo ao sul de Pedra Angular será nosso para fazermos o que quisermos. Parece ensolarado, não acham?

Billy balançou a cabeça.

– Você quer que a gente entregue nosso pessoal aos biomantes?

– Qual é, Billy, pote velho. Vamos falar cristal. Todos nós sabemos que existem pessoas que são inúteis. O mundo não vai mudar um fio de cabelo se elas sumirem.

– De *quantas* pessoas estamos falando? – perguntou Palla ao biomante.

– O número exato pode mudar com o tempo – respondeu o homem. – Vinte por mês, para começar, será suficiente.

– Vinte pessoas inocentes desaparecidas a cada mês? – perguntou Billy. – Não acredito que nenhum de vocês esteja ao menos pensando nisso. – Ele olhou para um de cada vez. Eles permaneceram em silêncio. – Esqueçam as histórias de ninar assustadoras. Os biomantes são só pessoas. De carne e osso como nós. Eles controlam através do medo, da intimidação e das fofocas dos idiotas.

– Billy. – Sig pôs a enorme mão no ombro dele. – Não é hora para…

– É exatamente a hora! – Billy se soltou da mão de Sig. – Precisamos parar isso agora, antes que vá mais longe ainda. Antes que eles destruam todos nós!

Ele se virou desesperadamente para os outros líderes. Nenhum quis encará-lo.

– Você não está entendendo nem um pouco – disse o biomante, com a voz grave parecendo uma âncora se arrastando através de coral. – Acha que somos frios? Cruéis? Insensíveis? – Ele balançou a cabeça com tristeza. – Você estava certo antes, quando disse que somos apenas pessoas. Nós sentimos as coisas profundamente. Precisamos sentir. É a maldição do que fazemos. Mas enquanto você só sente o pequeno cantinho de seu pequeno bairrinho em sua pequena cidadezinha, nós sentimos todo o império. Nós o vigiamos e cuidamos dele, assim como ele vigia e cuida de todos vocês. Tudo que somos, tudo que fazemos, destina-se a esse propósito. Não consegue entender isso?

Ele pôs a mão na de Billy e a apertou. Estava com lágrimas nos olhos, a expressão de quem implorava. Billy obviamente não havia previsto uma reação tão passional e o encarou, perplexo.

– Se você não consegue ver – continuou o biomante –, se não consegue sentir como nós sentimos, talvez *você* é que seja frio.

Depois ele se virou e voltou para perto de Drem. A sala ficou em silêncio, todos os líderes se entreolhando inseguros, até o Grande Sig. O único que não parecia afetado era Drem Insensível. Sua expressão era vazia.

Foi então que Red soube. Billy estremeceu de repente.

– O quê?

Sua pele começou a empalidecer, as veias se destacando mais: uma teia de aranha azul brotou nas mãos e no rosto. Seu corpo ficou rígido e tremeu. Os olhos ficaram opacos e se transformaram em bolas de gelo. O cabelo preto caiu da cabeça em punhados e as unhas soltaram dos dedos tortos. Ele abriu a boca para gritar, mas seu maxilar se rachou de um lado, pendendo

do outro. A língua era um pedaço de carne congelada que subia e descia. O maxilar e a língua caíram no chão e se despedaçaram. Ruídos guturais escaparam do buraco da boca e os olhos se soltaram lentamente das órbitas. A pele do pescoço se rachou, e primeiro um braço se partiu no cotovelo, depois o outro no ombro. Por fim as pernas se racharam e o corpo bateu no chão, despedaçando-se. Os pedaços começaram a estremecer dentro das roupas. Então tudo ficou imóvel.

Drem deu um passo adiante, com o rosto ainda inexpressivo.

– Vamos dar alguns dias para vocês pensarem.



– Estou tentando descobrir o momento exato em que minha vida foi para sota-vento – disse Urtiga jogando um pedaço de casca de pão no lago.

Peixes brancos e pálidos com olhos grandes, dispararam à superfície e pegaram o pão. Era um lago subterrâneo e os peixes não costumavam conseguir cascas de pão.

Red, Hope, Urtiga e Rolha tinham ouvido a batida de Colleen, dizendo que a barra estava limpa, uma hora depois de os líderes da Ponta do Martelo saírem da sala e alguém ter vindo e varrido os pedaços congelados de Billy Espinho. Red disse a Colleen que faria contato com o Grande Sig um ou dois dias depois. Em seguida, os quatro voltaram ao Círculo do Paraíso.

Urtiga é que havia sugerido o Solar das Macieiras. O lugar parecia rendado, porque antigamente, muito tempo atrás, tinha sido. Isso era quando a cidade de Nova Laven era inteira como o norte, e toda a área do sul da cidade não passava de pequenas fazendas e pomares. Na época, o Solar das Macieiras era a única construção num raio de quase 10 quilômetros. Uma mansão solitária num mar de macieiras, todas pertencentes à família Bulmatedies. Mas isso tinha sido séculos antes. O pomar de maçãs havia desaparecido, os últimos Bulmatedies estavam mortos. A única coisa que permanecia era o solar, uma beldade meio desmoronada que pudera persistir enquanto as ruas calçadas de pedras e as casas precárias eram construídas ao redor.

O Solar das Macieiras tinha sido muitas coisas para diversas pessoas no decorrer dos anos: uma casa para os sem-teto, uma casa de drogas para os viciados, uma casa de sexo para as prostitutas e prostitutos. Um empresário

otimista chegou a tentar transformá-lo num hotel respeitável e numa pensão. Esse empreendimento específico durou apenas alguns meses. Os clientes reclamavam de assombrações à meia-noite e de itens faltando, como uma meia esquerda ou metade dos botões de um paletó. O dono chegou a trazer um necromante para limpá-la, mas isso não adiantou. Em menos de um ano o empresário desistiu e voltou para Pedra Angular, mais ao norte, que era o seu lugar.

O ocupante mais recente havia sido Jix Guindaste, antes de Drem usar suas tripas como gravata. Jix jurava que durante todo o tempo em que esteve ali com seu pessoal nunca viu uma única assombração nem nada seu havia desaparecido. As pessoas diziam que a casa preferia um homem de verdade do Círculo a um rendado do norte. Era fácil acreditar nisso. Como qualquer coisa velha e deixada por muito tempo largada, o solar tinha ficado estranho. Dentre suas muitas excentricidades estava o lago de peixes no porão.

Ninguém sabia como o lago tinha ido parar lá nem como estava cheio de peixes estranhos e fantasmagóricos. Algumas pessoas diziam se tratar de "negócio de biomante" e ficavam longe. Por outro lado, muitas coisas que eram atribuídas aos biomantes talvez não fossem obra deles. O mundo já é suficientemente estranho.

O porão era um espaço grande e o lago o ocupava por inteiro. A única coisa que restava acima da linha-d'água era a última fila de prateleiras aparafusadas às paredes. Descendo do alçapão no térreo e deslizando com cuidado, era possível circular ao redor de todo o espaço. O lugar era escuro, úmido e fedia a algas em decomposição. Isso, combinado com os boatos sobre biomantes e fantasmas, o tornava um local pouco popular para visitas. Red e Urtiga tinham vindo por curiosidade quando estavam juntos. Naquela época o lago se tornou um lugar especial para eles. Nenhum dos dois tinha voltado desde a separação. Por isso, Red ficou surpreso quando ela sugeriu isso.

Agora os quatro estavam sentados numa prateleira, com os pés pendurados acima da água.

– Será que minha vida foi para sota-vento quando conheci o Red? – perguntou-se Urtiga, jogando outro pedaço de pão para os peixes.

– Foi então que sua vida ficou *interessante* – disse Red. – Mas entendo como é fácil confundir uma coisa com a outra.

– Talvez tenha sido quando a fatia anjo apareceu – continuou ela, como se não tivesse ouvido.

– Isso é o maior saco de bagos e paus que já existiu – observou Rolha.

Surpresos, todos se viraram para olhá-lo, até Hope.

– Por que diz isso, pote velho? – perguntou Red.

– O que está acontecendo aqui não tem nada a ver com ela – disse Rolha. – Ela só fez soprar a poeira para a gente ver que não existe nenhum Círculo. Não existe há um bom tempo.

– Você não está falando sério, Rolha.

Urtiga o olhou implorando. Como se quisesse que ele retirasse o que havia acabado de dizer.

– Estou falando mais sério do que jamais falei na vida. Eu gostaria que não fosse assim, Tiga. Mas você viu tudo. O maior vaga do Círculo do Paraíso não passa de um macaquinho de estimação dos capetas e biomantes. Isso me dá vontade de queimar tudo. Seria melhor se nada existisse. Melhor do que essa mentira.

Red esperou que Urtiga discordasse, mas ela não disse nada, por isso ele se virou para Hope.

– E você? Está mais quieta do que o normal.

– Não foi ele – disse ela, olhando as profundezas negras do lago.

– Não foi quem?

– O biomante. Eu esperava que fosse o que eu conheço. O que tem a cicatriz de queimadura que fez os dentes do Grande Sig caírem.

– Por quê?

Então ela se virou para ele e havia lágrimas em seus olhos. Isso surpreendeu Red. Ele não sabia que ela era capaz desse tipo de emoção.

– Se há uma pessoa no mundo que eu quero matar mais do que qualquer outra, é esse homem. O homem que assassinou todo o meu povoado.

De novo houve silêncio, rompido apenas pelo som dos peixes fantasmas comendo o pão. Red se perguntou por que os peixes nunca brigavam pela comida. Não havia muita, e ele tinha certeza de que vários deles não pegavam nem uma migalha. Não ficavam furiosos? Não achavam injusto? Não, claro que não. Porque os peixes eram as coisas mais marretas que existiam. Pensou que provavelmente eram cegos, de qualquer modo. Por isso a maior parte nem via quando havia pão. Imaginou como as coisas seriam diferentes se eles pudessem ver. Se alguns peixes bem no fundo tivessem uma luz intensa que pudessem acender.

– Mesmo assim você não iria se opor a matar *esse* biomante, não é? – perguntou.

– Como assim? – perguntou Hope.

– Vamos fazer um trato. Você me ajuda não somente a acabar com o Drem, mas com todo esse esquema dos biomantes, e eu ajudo você a acabar com esse seu biomante com cicatriz na cara.

Ela o encarou em dúvida.

– O biomante que eu quero pode nem estar mais em Nova Laven.

– Então é uma coisa boa estarmos colocando um navio em condições de navegar.

– Red, eu não faço nem aceito promessas levianamente.

– Está dizendo que eu faço?

Urtiga tossiu e franziu uma sobrancelha para ele. E Red precisou admitir que ela tinha certa razão. Ele costumava embolar as coisas, usar em vantagem própria o inevitável cinza moral que acompanhava a vida dura dos bairros pobres. E geralmente gostava das coisas assim.

– Estou dizendo – respondeu Hope com os olhos azuis brilhando – que, se concordarmos em fazer isso e você violar a promessa, eu o matarei. E não quero matar você. Assim, por favor, só faça essa promessa se estiver falando sério.

A verdade era que antes Red não sabia até que ponto iria com Hope na busca para matar Drem. Sem dúvida ela era a molly mais fascinante em que ele já pusera os olhos, celibatária ou não, e em teoria ele concordava com sua causa. Mas no fim das contas, se as coisas tivessem esquentado demais para seu gosto, acabado em morte, ele provavelmente teria deslizado. Podia admitir tudo isso para si mesmo agora porque não era mais verdade. O cinza lamacento havia sumido e a escolha diante dele era puro cristal.

– Você ouviu o biomante. Vinte verdadeiros vagas do bairro a cada mês, só para começar. E assim que eles conseguirem esse número, não acha que eles vão aumentar para 25? Cinquenta pessoas acabando feito o Billy Espinho a cada mijo de mês? Não vai restar nada de nós em um ano, e eles nem vão se importar.

Red olhou os peixes fantasmas e pensou em lançar luz em lugares escuros.

– Bleak Hope – disse finalmente. – Se você me ajudar a salvar o Círculo, eu a acompanho até o mar Negro, se for preciso.



Red sabia que eram raros os lugares onde seria possível falar com um grande número de pessoas ao mesmo tempo. O maior e mais óbvio era o Salão da Pólvora. O que não sabia era como fazer com que todo mundo no salão parasse de comer, jogar, roubar, beber, usar especiaria coral, dobrar paus e abrir xotas por tempo suficiente para todos ouvirem. O caos do lugar tornava essa ideia risível. Felizmente o Salão da Pólvora não era o único lugar onde os vagas do bairro se reuniam. Havia o Trapo e Tablado.

O Trapo e Tablado não era uma taverna nem um salão de jogos. Era um teatro. Mas um teatro como só poderia existir no Círculo do Paraíso. Em Costas de Prata os teatros eram construções luxuosas que tinham assentos estofados com veludo, lustres com luz a gás, balcões majestosos, orquestras completas e os melhores artistas do império. O Trapo e Tablado, por outro lado, não tinha bancos nem balcões. A luz enfumaçada das tochas dificultava às vezes até enxergar os atores. Isso não impedia que a plateia bêbada e ruidosa gritasse críticas e conselhos. No Trapo e Tablado esse comportamento não era somente permitido, mas encorajado. Frequentemente os atores até o instigavam. A cortina ou, melhor dizendo, o trapo, subia às seis horas todos os dias e abrigava um programa rotativo de peças e apresentações até a meia-noite. Histórias, danças folclóricas, malabarismos e palhaçadas. Pagando 5 jardas era possível assistir a praticamente qualquer coisa. Mas Red tinha certeza de que ninguém jamais tinha visto algo como na noite em que ele assumiu o programa.

Só precisou da quantidade certa de dinheiro e conhecer as pessoas certas para conseguir uma vaga de último minuto no programa daquela noite, especialmente depois que Nelly Focinho de Touro e seu urso dançarino adoeceram. Encontrar "artistas" foi complicado. Mas assim que recrutou Henny Bonitinho e os Gêmeos como capangas extras, essa dificuldade foi resolvida. A parte mais difícil foi convencer Hope de que seu papel pequeno não era simplesmente importante, mas essencial. Por fim, com apenas alguns minutos de sobra, tudo estava pronto.

Red deixou a plateia esperar até estar adequadamente agitada e entoando: "Levante o trapo!" Quando a cortina finalmente subiu e havia somente Red de pé no palco, o público ficou em silêncio num instante. Red era conhecido no bairro como um ladrão de primeira, um patife desonesto, um brutal jogador de pedras e, mais recentemente, procurado vivo, morto ou em pedaços por Drem Insensível. Esta última condição, suspeitou ele, era o que fazia a plateia ficar quieta com espanto e incredulidade. Era um

movimento ousado. Ele podia ver algumas pessoas nos fundos se remexendo, as mãos indo até facas embainhadas ou porretes, achando que poderiam dar a volta até a porta de serviço e tentar ganhar o prêmio oferecido por Drem. Mas, como ele esperava, ninguém fez isso. Pelo menos por enquanto. Precisaria falar depressa.

– Tommys e mollys! Vagas do bairro! Desculpem essa substituição de último minuto. Sei que todos estavam esperando uma dança de urso esta noite.

– Mas *você* dança que nem um urso! – gritou alguém.

– O senhor me lisonjeia. – Red sorriu. – De qualquer modo, lamento dizer que algo um pouco mais sério exige sua atenção imediata.

– Desembucha, Red, seu ponço rendado! – gritou Henny Bonitinho na multidão.

– Henny, você nunca foi de fazer discursos longos – disse Red. – Muito bem. O negócio é o seguinte: o Círculo foi traído.

Gritos vieram de toda parte. Red deixou isso continuar antes de levantar a mão para silenciar a plateia.

– Eu poderia contar pessoalmente toda a história, claro. Mas aí seria só eu falando, e todos nós sabemos que eu gosto de falar. – Alguns risinhos no público. – Além disso, vocês pagaram sua moeda para se divertir, e eu odiaria negar um dos poucos prazeres que a vida tem para a gente aqui. Assim, em vez disso, vou pedir uma ajudinha.

Red sinalizou para Rolha nas coxias, que pegou uma das cordas do urdimento e baixou um homem lentamente até o palco, perto de Red. Seus pés pendiam logo acima das tábuas. As mãos estavam amarradas às costas e um lenço sujo em cima da boca. Os gritos recomeçaram, alguns com raiva desta vez, alguns amedrontados.

– A julgar pelas reações, suponho que alguns de vocês reconhecem Brackson, o bota chefe do Drem Insensível. Eu pensei comigo mesmo: "Quem seria melhor para dar a notícia do que alguém parcialmente responsável pela coisa?" Claro, ele está meio sem graça com o que fez, e deve estar relutando em falar. Por isso eu trouxe uma amiga para soltar a língua dele.

Urtiga veio para o palco, as botas fazendo barulho nas tábuas do piso.

– Que tommy não ficaria mais falante com uma molly tão linda, não estou certo, vagas? – perguntou Red.

Alguns uivos e gritos vieram da plateia, mas foram silenciados por um olhar frio de Urtiga.

– Quer fazer as honras? – perguntou Red.

Urtiga assentiu. Em seguida, soltou a facorrente do cinto e afrouxou a corrente. Depois moveu o pulso atirando a lâmina que cortou a mordaça e uma boa parte da bochecha, também.

Brackson gritou:

– Malditos em todos os infernos! Drem vai acabar com todos vocês por causa disso.

– E o que ele vai fazer com a gente? – perguntou Red.

– Matar do pior modo que conseguir descobrir!

– Ele vai mesmo matar *todos* nós? – perguntou Red. – Tem certeza de que ele não tem outro plano?

– O quê? – perguntou Brackson, perplexo.

Parecia confuso com a pergunta.

– Achei que ele poderia querer, é… não sei, entregar a gente a outra pessoa.

O rosto de Brackson endureceu.

– Não sei do que você está falando.

Estava claro para Red, e provavelmente para todo mundo no teatro, que o sujeito era um péssimo mentiroso.

– A próxima vai tirar um olho – disse Red, não mais bancando o apresentador sorridente. – Agora diga a todos nós, direitinho e em voz alta: o que o Drem faz com os que ele não mata?

Brackson olhou primeiro para Red, depois para Urtiga, que estava limpando com cuidado o sangue da facorrente. Olhou para a plateia, implorando. Mas Red sabia que ele não encontraria piedade ali. Os vagas do Círculo do Paraíso eram muitas coisas. Mas não eram iludidos e inocentes. Eles pareciam começar a sentir que isso era sério e afetava a todos.

Brackson baixou a cabeça para olhar as tábuas abaixo.

– Ele entrega aos biomantes.

O teatro explodiu com um rugido de gritos e palavrões. Red esperou até eles colocarem tudo para fora. Demorou vários minutos até que pôde recuperar a atenção.

– Agora deixe eu me certificar de que entendi bem… Atualmente ele dá um verdadeiro vaga do Círculo por mês. Não é?

Brackson fez que sim com a cabeça e os gritos da plateia aumentaram de novo. Pessoas jogavam contra ele as frutas podres que tinham trazido para o urso dançarino.

Assim que as coisas se tranquilizaram de novo, Red disse:

– Eu gostaria de dizer que é só isso, mas não é. A coisa fica muito pior.

Em seguida contou tudo que tinha escutado na reunião, inclusive como os biomantes estavam exigindo vinte pessoas por mês do Círculo do Paraíso, da Ponta do Martelo e até de Costas de Prata. Os gritos ficaram menos roucos e mais desesperados. Red soube que tinha a atenção de todos.

– Não se enganem, os rendados do norte da cidade e seus biomantes declararam guerra contra o povo pobre do sul de Nova Laven. Decidiram que a gente não é melhor do que um cardume de peixes para ser apanhado e cozido. Seja do Círculo, do Martelo ou da Prata, eles não se importam. Querem mastigar todos nós até não restar ninguém. E vou perguntar: a gente aceita isso?

– Não! – gritou a plateia.

– Claro que não! Agora é a hora de deixar de lado os velhos ressentimentos contra a Ponta do Martelo e nos juntarmos para derrubar o Drem traidor e chutar os biomantes para longe do nosso bairro, com tanta força que eles vão mijar sangue durante uma semana. Eles precisam saber que a gente não vai ficar esperando sem fazer nada!

Gritos de concordância ecoaram no teatro.

– Vocês sãos todos uns mijos de uns marretas! – gritou Brackson, sacudindo-se na corda, com o sangue voando do rosto. – Não entenderam? Nós estamos falando dos mijos dos *biomantes*! O braço direito do próprio imperador. Vocês não têm chance. Eu vi eles fazerem coisas que vocês nem podem imaginar!

A plateia ficou mais silenciosa para ouvir.

– É! – Brackson assentiu com veemência. – Vocês nunca encontraram um, mas ouviram histórias a vida toda. Mesmo quando eram só crianças, sua mãe e seu pai diziam: "Se você não se comportar, os biomantes vão pegar você!" Ah, e vão mesmo! Eu *vi* com meus próprios olhos, e todas as histórias que vocês escutaram são verdadeiras. Por que diabo vocês acham que eu concordei com o Drem? Porque estava, e ainda estou, me cagando de medo deles. E todos vocês também deveriam estar.

– É verdade que enfrentamos o braço direito do imperador – disse Red. – Mas e se eu dissesse que *nós* temos a mão esquerda? Tommys e mollys, eu

lhes apresento… Bleak Hope.

Hope saltou do urdimento, pousando sobre um dos joelhos e com Canção dos Lamentos estendida à frente. Um novo jorro de falas atravessou a plateia, mas este foi baixo e sussurrado.

– Sim, vocês estão vendo a armadura e a espada – disse Red. – Sabem o que isso representa. Uma guerreira vinchen. Por acaso ela jurou acabar com a vida de cada biomante que encontrar. E todos ouvimos as histórias sobre os vinchen e seus juramentos, não ouvimos?

Red se virou para Brackson.

– Você está certo com relação àqueles biomantes. Nós fomos criados para ter medo deles, e com bons motivos. Eu vi as coisas medonhas que eles podem fazer. – Ele se virou de volta para a plateia. – Mas se fomos amedrontados pelas histórias dos biomantes, não fomos inspirados pelas histórias dos vinchen? Guerreiros diferentes de todos os outros, com um código de honra que protegia *todos*, não somente os ricos e os nobres. Lembram-se de Selk, o Bravo, que salvou a aldeia de Walta de um bando de tubarões-duendes? Ou de Manay, o Verdadeiro, que acabou com o reino do Mago das Trevas? Ou Hurlo, o Esperto, que derrotou sozinho os brutais Senhores Chacais? Esses vinchen vivem como as pessoas mais pobres do império, nas ilhas do sul, longe do esplendor de Pico de Pedra. Por quê? Porque juraram não servir a um único imperador, e sim a todo o império. E pela última vez que verifiquei, isso nos inclui.

Red fez uma pausa, deixando as informações se assentarem. Havia silêncio absoluto e todos os olhares estavam fixos nele. Até o de Hope. Ele não pôde deixar de saborear o momento.

– Então deixem que Drem tenha seus pesadelos. Nós temos nossa heroína.

A plateia explodiu em aplausos que sacudiram as tábuas sob os pés dele.

– Digam a todo mundo! – gritou. – Amanhã ao meio-dia vamos marchar para o Três Taças! E vamos tomar nosso lar de volta! Onde é frio e molhado!

– E o sol não brilha! – rugiu a multidão.

– Mesmo assim é o meu lar! – gritou Red.

– ABENÇOADO SEJA O CÍRCULO! – O grito ressoou pelo teatro como uma chuva de monção.

21

Hope se levantou no palco sujo do Trapo e Tablado e olhou para cem pessoas ou mais que aplaudiam, em parte, por causa dela. Por causa do que *achavam* que ela era. Ficou silenciosa e imóvel, obrigando-se a não se encolher. Ela não era uma vinchen de verdade. Não tinha passado pelo teste final nem feito os votos finais de castidade, pobreza e serviço. Sem esses jamais poderia se chamar realmente de guerreira vinchen.

Mas entendia por que Red tinha dito tudo aquilo. Aquelas pessoas precisavam acreditar em alguém ou alguma coisa que fosse páreo para um biomante. Tendo crescido nas ilhas do sul, não fizera ideia de como aqueles nortistas idolatravam a ordem vinchen. Quando ouviu o nome de seu grão-mestre ser citado como uma lenda, isso a inundou com um orgulho e uma tristeza tão grandes que precisou lutar para ficar na postura séria e formidável que sabia que Red desejava que ela mantivesse.

– Só faça o papel de molly durona que você faz – tinha dito ele. – Vão engolir a história inteira.

E tinham engolido. O que tornava tudo ainda mais difícil de suportar. Mas, mesmo não sendo uma verdadeira vinchen, esperava ser capaz de libertá-los da trama dos biomantes. A ideia era quase além da compreensão. Toda a região sul de Nova Laven condenada ao mesmo destino do povo de Murgesia. De seu povoado. Que tipo de imperador permitiria isso? *Ordenaria* isso? Ela sempre havia concordado com Hurlo de que era melhor para a ordem vinchen se afastar da política de Pico de Pedra. Mas não conseguia deixar de pensar: e se eles tivessem permanecido mais perto, será que poderiam ter contido esse abuso tão excessivo e cruel de poder antes de chegar a esse ponto?

Agora era tarde demais. Desejou que pudesse ter trazido mais guerreiros. Mas, claro, eles jamais atenderiam ao seu chamado. Precisaria se virar sem eles. Pelo menos podia contar com Red, Urtiga e Rolha para segurar as pontas. O resto daquelas pessoas parecia mais uma turba impulsiva e desorganizada do que o "exército" que Red tinha prometido. Esperava que o Grande Sig tivesse um grupo ligeiramente mais disciplinado.

No dia seguinte, Hope descobriu que "ligeiramente" estava mais ou menos correto.

Tinham concordado que os exércitos do Círculo do Paraíso e da Ponta do Martelo se encontrariam na frente do Rato Afogado. Todo o pessoal do Círculo do Paraíso estava ali, inquieto, beligerante, muitos já bêbados apesar de ser apenas meio-dia. Alguns tinham facas ou machados e um ou outro porrete. Mas a maioria estava armada com canos de chumbo, vidro quebrado, tijolos e outros itens que mal poderiam ser considerados armas.

– Finalmente – disse Urtiga. – Aí vem o Martelo. – Apontou para o fim da rua, onde uma multidão vinha na direção deles. – Red, é melhor ir até lá, para não haver desentendimentos. Eu odiaria desperdiçar todo esse espírito de luta com as pessoas erradas.

– Fechou. – Red olhou para Hope. – Você vem?

– Claro.

Hope nunca estivera numa batalha de tamanha magnitude, mas havia estudado táticas e estratégias. Suspeitava que nenhum dos outros tinha feito isso, se bem que talvez os líderes da Ponta do Martelo, com suas intermináveis lutas internas, tivessem experiência. Talvez os dois pudessem pensar numa estratégia que funcionasse.

Hope e Red caminharam pelo espaço entre a turba do Círculo do Paraíso e a da Ponta do Martelo. Quando elas chegaram perto uma da outra, o Grande Sig levantou as mãos enormes e gritou para todo mundo parar. Isso demorou um pouco, mas eventualmente a multidão se acomodou.

Sig tinha absorvido a quadrilha de Billy Espinho. Também tinha conseguido recrutar Palla, o homem de pele escura, e sua quadrilha. Hope se perguntou se Palla teria vindo do outro lado do mar Negro, como o pai de Carmichael. Esperava poder perguntar quando isso terminasse.

Todos ficaram parados na rua calçada de pedras. Grandes nuvens de vapor subiam da turba do Grande Sig para o ar frio e luminoso do meio-dia.

– Onde o Drem está entocado? – perguntou Palla. – Ele sabia que a gente vinha?

– Tenho certeza de que agora sabe – disse Red. – Com sorte ele não tinha ideia até que vocês atravessaram a fronteira hoje de manhã. Isso não daria muito tempo para ele fortificar o Três Taças e chamar seu pessoal.

– E sem sorte? – perguntou o Grande Sig.

– Ele ficou sabendo ontem à noite, assim que eu comecei a recrutar, e agora o Três Taças é um mijo de uma fortaleza.

– Então isso pode virar um cerco? – perguntou Hope.

– Boa ideia, mas não vamos ter tempo para fazer com que eles passem fome e acabem saindo – disse Red. – Os capetas não vão gostar de ver a ralé se reunindo em força total, mesmo que seja para lutar uns contra os outros. Eles só vão demorar algumas horas depois do início da luta para trazerem um pelotão com canhões ou coisa pior para cima da gente.

– E o que acontece se a gente encontrar uma fortificação? – perguntou Palla.

– Vamos passar por cima – respondeu o Grande Sig. – Depressa.



Urtiga se viu à frente da maior turba de vagas que já vira. Marchavam pelo meio da rua, uma onda de ultraje disposta a se chocar contra o Três Taças. Red ia na dianteira, com Hope ao lado, a mão dela pousada no cabo da espada. Atrás vinham Palla e o Grande Sig. E atrás deles os exércitos do Círculo do Paraíso e da Ponta do Martelo, lado a lado.

A princípio houve alguma animosidade entre os dois grupos. Um grupo de cada lado, vagas que estavam um pouco bêbados demais, começou a trocar insultos, depois ameaças. Mas Urtiga estalou a facorrente para os dois lados.

– Guardem a luta para os traidores! – Apesar de Urtiga ser muito mais baixa, eles recuaram, murmurando desculpas. Ela os encarou com raiva. – Hoje é dia de justiça em Nova Laven. Hoje todos nós queremos a mesma coisa. Morte aos biomantes e morte aos traidores!

– Vamos ouvir essa última parte bem alto! – berrou Rolha.

– Morte aos biomantes! Morte aos traidores! – gritou o grupo.

– Mais alto! – berrou Rolha.

– Morte aos biomantes! Morte aos traidores!

Desta vez todo mundo acompanhou.

– DE NOVO! – gritou Rolha.

– MORTE AOS BIOMANTES! MORTE AOS TRAIDORES! – rugiram os dois exércitos com um som parecido com uma avalanche.

– Vá andar ao lado dos líderes da Ponta do Martelo – disse Rolha a Urtiga. – Mostre a eles que estamos do mesmo lado.

Urtiga lançou-lhe um olhar penetrante.

– Certo, Rolha. Mas mantenha esses vagas na linha para mim.

– Sim, general! – disse Rolha, sorrindo.

Urtiga avançou pela fila curta e acertou o passo ao lado de Palla.

– Boa – foi só o que ele disse, e continuou andando.

Urtiga nunca fora muito interessada em liderança ou fama. Mas enquanto marchava com um exército de verdadeiros vagas às costas precisou admitir que dava para ver o apelo disso.



Hope notou pessoas começando a se enfileirar dos dois lados da rua, olhando o exército passar e sussurrando. Já conhecia o Círculo do Paraíso suficientemente bem para deduzir que todo mundo por quem passavam sabia para onde iam e por quê. Alguns se juntavam à marcha. A maioria ficava de lado, mas acompanhava – curiosa, preocupada ou talvez só querendo um bom espetáculo. Quando chegaram ao Três Taças, o exército tinha crescido e uma multidão de espectadores ainda maior tinha se reunido na periferia.

– Uma quantidade tão grande de gente raivosa é igual a um barril de pólvora – disse Hope baixinho.

– Essa é a ideia. – Red piscou para ela.

Hope avaliou o alvo. O Três Taças se parecia com qualquer outra construção. Três andares, janelas em cada nível. Mas todas tinham sido pregadas com tábuas, deixando apenas algumas frestas abertas.

– Eles vão atirar contra nós daquelas fendas nas janelas.

Red assentiu.

– Eles não podem atirar em *todos* nós. Só precisamos dar um jeito de abrir aquela porta.

– E as janelas daquele primeiro andar também – disse o Grande Sig. – Não podemos espremer um exército inteiro por uma porta.

– Acho que temos vagas suficientes com machados. Isso não vai ser problema.

– Só que eles vão estar atirando na gente o tempo todo enquanto estivermos fazendo isso – observou Palla.

– Por que não estão atirando agora? – perguntou Hope. – Imaginei que eles iriam abrir fogo assim que nos vissem.

– Parece uma armadilha – disse o Grande Sig.

– Bom, vamos voltar para casa ou acionar a armadilha – declarou Palla.

– Existe uma entrada dos fundos? – perguntou Hope.

– Existe, mas tenho certeza de que está lacrada – respondeu Red. – E além disso é um beco estreito. Não poderíamos colocar muita gente lá.

– Eu poderia levar algumas pessoas pelos fundos – sugeriu Hope. – Poderíamos dominar os pistoleiros nas janelas e diminuir as baixas enquanto vocês estiverem arrombando.

– Gosto dessa ideia – disse Palla. – Vou com você.

– Eu também – declarou Urtiga.

Hope ficou surpresa. Tinha presumido que Urtiga ficaria com Red e Rolha.

– Vamos estar em número muito menor. O risco vai ser alto.

– Esses ataques frontais em massa não aproveitam meus pontos fortes. – Urtiga estava com um brilho nos olhos que Hope não conhecia. – Me esgueirar por trás e esfaquear as pessoas pelas costas é mais a minha especialidade.

– É isso? – perguntou Red. – Só vocês três?

– Mais gente acabaria me atrapalhando – disse Hope.

– Ótimo – concordou Red. – Olha… sei que você quer o Drem. Mas…

– Agora que ele traiu o Círculo, você também o quer – concluiu Hope. – Eu entendo.

– Entende?

Red a encarou desconfiado.

– Nós dois temos uma reivindicação justa. Assim, quem chegar primeiro a ele… – Ela tentou dar um daqueles risos que ele vivia lhe dirigindo. – Vejo você lá dentro.

Enquanto se virava e levava Palla e Urtiga para a lateral do prédio, ela o ouviu rir.



Quando Red se permitiu pensar por tempo suficiente que centenas de pessoas tinham posto a vida em suas mãos, seu coração martelou de um modo desagradável. Por isso se esforçou ao máximo para não pensar enquanto ficava na rua em frente ao Três Taças com Rolha e o Grande Sig.

– Essa garota vinchen é tão boa quanto parece? – perguntou o Grande Sig.

– É melhor – respondeu Red. – A modéstia é uma daquelas virtudes vinchen.

– Não acha que a gente poderia precisar dela na frente?

– Precisamos dela em toda parte. Mas isso é uma coisa que ela *não* pode fazer. Pelo menos acho que não. E se tivermos um grupo pequeno para infiltrar, quero que ela faça parte. Ela é praticamente um exército sozinha.

– E os vagas estão ficando impacientes – disse Rolha. – Se tentarmos contê-los por muito mais tempo eles podem acabar atacando sozinhos.

– Mas os pistoleiros ainda vão estar no lugar – contrapôs Red. – Achei que estávamos tentando impedir que as pessoas levassem tiros.

– Não, estamos tentando *reduzir* o número de pessoas que vão levar tiros – explicou o Grande Sig. – As pessoas vão levar tiros, não importa o que aconteça. Ela mesma disse que era um risco alto. Não podemos esperar a chance de que eles consigam. Esse tempo todo os capetas estão se informando do que acontece aqui, de modo que o relógio está correndo. Fechou?

– Não gosto disso – murmurou Red.

– É liderança – disse o Grande Sig. – Ainda quer as rédeas ou quer passar adiante?

– Não... – respondeu Red baixinho.

O Grande Sig assentiu, com apenas uma sugestão de aprovação no rosto severo.

– Então vamos indo.

Red se virou para Rolha.

– Me dá uma força, pote velho.

Rolha ajudou Red a subir nos seus ombros.

– Todo mundo sabe por que estamos aqui hoje? – gritou Red para a turba inquieta.

– Morte aos biomantes! Morte aos traidores! – gritaram imediatamente.

– A gente instigou eles um bocado – admitiu Rolha.

Red olhou de volta para a multidão.

– Hoje o Círculo e o Martelo se juntam contra um inimigo comum. Os biomantes roubaram nossos entes queridos e fizeram coisas terríveis com eles. É hora de mostrar a eles e àquele pingo de pinto traidor do Drem que não vamos mais permitir isso!

A turba rugiu, brandindo machadinhas e facas, canos, porretes e tijolos.

– Então o que vocês estão esperando, um mijo de um convite? – gritou Red.

Eles avançaram. Red desceu rapidamente dos ombros de Rolha antes de ser derrubado por um maremoto de vagas furiosos. Foram em bando em direção à frente do prédio, golpeando a porta e as janelas do primeiro andar pregadas com tábuas, usando qualquer coisa que tivessem nas mãos.

Mas mesmo então nenhum tiro foi disparado de dentro.

– O que Drem está esperando? – perguntou Red.

Rolha deu de ombros e pegou seu porrete que estivera pendurado no ombro.

– Está reclamando?

Em seguida, foi para a porta ajudar a arrombá-la. Red captou um brilho com o canto do olho numa das janelas do prédio do lado oposto da rua.

– Esperem!

Rolha parou e olhou para trás com curiosidade, o porrete frouxo numa das mãos.

– Se eu pudesse…

Red franziu os olhos, tentando enxergar para além das janelas escurecidas. Sua visão estremeceu de um modo engraçado. Então ele viu que cada janela no prédio do outro lado da rua tinha um cano de arma.

– ABAIXADOS, TODO MUNDO! – gritou.



O beco atrás do Três Taças era tão estreito que Hope, Urtiga e Palla precisaram andar em fila.

– Não é de espantar que eles não estivessem preocupados com um ataque sério vindo de trás – disse Urtiga.

– Mas eles pregaram tábuas nessas janelas – observou Palla.

– Mas não nas do andar de cima.

Hope franziu os olhos avaliando a distância entre a parede dos fundos do Três Taças e o prédio de trás. Era melhor ainda do que tinha esperado.

– Porque ninguém vai subir até lá – disse Urtiga. – Mesmo se você tivesse um arpéu, não há espaço suficiente aqui embaixo para fazer um lançamento decente.

– Não precisamos de arpéu.

Hope saltou para o prédio de trás, depois para a parede dos fundos do Três Taças, pulando em zigue-zague enquanto subia até a janela de cima. Quebrou-a com o cabo da espada e entrou no cômodo escuro.

Ficou surpresa ao encontrá-lo vazio. Era um espaço comprido ocupado principalmente por camas. Devia ser onde os homens de Drem dormiam. Era *realmente* como um exército. Mas onde estavam? Todos na frente do prédio?

As camas lhe deram uma ideia. Tirou rapidamente os cobertores grossos e os amarrou fazendo uma corda comprida. Antes não sabia direito como faria Urtiga e Palla subirem. Tinha pensado que haveria uma boa chance de ter de deixá-los para trás, o que seria muito ofensivo. Por isso ficou feliz com essa solução. Amarrou uma das pontas numa cama de ferro, como âncora, depois jogou a outra pela janela. Não tinha certeza se o peso da cama bastaria, por isso firmou as pernas na parede embaixo da janela e as costas na cama. A corda de cobertores se retesou. Instantes depois, Urtiga apareceu na janela.

– Estou impressionada, fatia anjo – murmurou baixinho entrando no dormitório.

As duas firmaram a cama enquanto Palla subia.

– Daqui vamos até o outro lado do prédio – disse Hope. – O objetivo é imobilizar o maior número possível de atiradores. Mas precisamos fazer isso em silêncio. Se fizermos barulho demais o prédio inteiro vai estar em cima da gente.

– E se a gente encontrar o Drem ou o biomante? – perguntou Urtiga.

Hope deu um sorriso sinistro.

– Então a sorte nos favoreceu.

Um estardalhaço de tiros veio da frente do prédio.

– Parece um *monte* de armas – exclamou Palla.

– Então vamos cuidar disso – declarou Hope.



O rosto de Red estava encostado nas pedras da calçada, com o corpo enorme de Rolha pressionando-o enquanto os tiros trovejavam ao redor.

Quando os primeiros haviam soado, Rolha derrubou Red e rolou com ele para baixo de uma carruagem ali perto.

– Você está bem? – perguntou Red.

– Estou.

– Bom, então por favor pare de me esmagar.

Rolha rolou, o que permitiu a Red respirar. Ele inalou algumas vezes e depois olhou por baixo do abrigo. Os tiros vinham tanto do Três Taças quanto do prédio atrás deles. Drem tinha armado um moedor de carne e as pessoas estavam caindo por toda parte.

Houve uma pausa nos tiros enquanto os botas de Drem recarregavam as armas. Red saiu de baixo da carruagem e olhou os mortos e agonizantes ao redor.

– Traidores! – gritou para um dos prédios, depois para o outro. – Atirando pelas costas do seu próprio povo!

– Abaixe-se! – disse Rolha. – Eles vão recomeçar a qualquer segundo.

Red não queria. Não *podia.* Já estava farto disso.

– Você violou o Círculo, Drem! Vendeu seu próprio povo em troca de poder e território. – Ele cuspiu no chão e levantou os braços. – Venha lutar comigo, homem contra homem, seu mijo covarde!

– Por favor, Red!

Rolha segurou sua perna, mas Red o chutou. Viu os canos dos fuzis voltarem às janelas. Todos apontados na sua direção. Nesse momento realmente não se importava. Pessoas demais tinham morrido. Demais. Se fosse se juntar a elas, tudo bem. Se pessoas como Drem iriam governar seu mundo, ele não valia mijo nenhum de qualquer modo.

– Red! – implorou Rolha.

Talvez fosse sua imaginação, mas pareceu que ele podia ouvir cinquenta percussores de fuzis serem puxados com um clique.

– Danem-se, seus traidores! – gritou um menino que estivera de pé, mais afastado.

Ele jogou uma jarra de vidro numa janela.

Um fuzil disparou, talvez por reflexo, e o menino caiu no chão.

Houve um momento de silêncio absoluto.

Então todo o bairro irrompeu num jorro de fúria. Centenas de pessoas – velhos, novos, homens, mulheres – borbulhando com uma raiva que estivera fervilhando inteiramente por tanto tempo que eles tinham se esquecido de

que ela existia. Partiram para os dois prédios, brandindo qualquer coisa que tivessem.

Houve alguns disparos de volta, mas não tantos quanto Red tinha esperado. Talvez alguns tivessem ganhado consciência. Ou talvez alguns tivessem um metro de ferro vinchen no lugar da coluna agora.

Red sacou facas de arremesso de dentro do sobretudo.

– Venha, Rolha. Vamos achar o Drem antes que Hope o encontre primeiro.



Hope se movia rapidamente pela penumbra dos corredores, segurando a espada desembainhada com as duas mãos. Urtiga e Palla vinham atrás. Não eram tão silenciosos quanto ela, mas com todo aquele tiroteio isso não importava.

À frente viu um dos homens de Drem passar correndo, os braços carregados com munição. Deslizou atrás do sujeito e cravou a espada na base do crânio dele, de modo que a ponta surgiu entre os olhos. Ele estremeceu, mas não fez nenhum som enquanto Hope puxava a lâmina de volta e o via cair no chão.

– Imaginei que a gente já teria encontrado mais pessoas – disse Palla baixinho.

Segurava uma lança curta, com ponta de aço chata, frouxamente numa das mãos.

– Talvez Drem não tenha tantas pessoas quanto a gente pensava – observou Urtiga.

– Ou talvez o resto esteja em outro lugar – sugeriu Hope. – Depressa, estamos quase chegando.

Chegaram à frente do prédio. Três pistoleiros em três janelas morreram ao mesmo tempo por golpes de espada, lança e facorrente.

– Vamos limpar cada cômodo desse andar – disse Hope. – Depois vamos descer.



Por mais devastador que tivesse sido o ataque pelos dois lados, o alerta de último minuto dado por Red tinha permitido que muitas pessoas encontrassem abrigo. Agora, com reforços inesperados vindos dos espectadores, eles voltaram ao ataque com vontade redobrada, golpeando a porta e as janelas. Quando um deles levava um tiro, outros ocupavam seu lugar com mais ferocidade.

Enquanto Red abria caminho até a porta, notou que ninguém disparava das janelas do andar de cima. Tinha certeza de que Hope, Urtiga e Palla eram os responsáveis por isso.

– Lembra quando tentamos roubar esse lugar? – gritou Rolha acima do barulho, ficando para trás. – E fomos banidos pelo resto da vida?

– Achei que tínhamos concordado em nunca mais falar disso! – gritou Red de volta.

– Aposto que você nunca pensou que iríamos retornar com um exército.

Red parou.

– Retornar… – Em seguida, agarrou Rolha pelos ombros e o sacudiu. – É exatamente isso que vamos fazer, pote velho. Voltar à cena do crime!

Rolha pareceu confuso.

– Nós estragamos aquele serviço porque não tínhamos esperado que o cofre fosse grande o bastante para ter um guarda *dentro*.

– Claro, ele pegou a gente de surpresa.

O rosto de Rolha estava completamente pálido, mas Red se sentia tomado demais pela ideia para notar.

– Aposto cada dente que ainda resta na boca de Sadie que é lá que o Drem está entocado agora mesmo. E se nós matarmos o Drem, a coisa acabou e ninguém mais precisa morrer! – gritou Red, dando um tapa nas costas de Rolha.

Rolha gemeu. Sua perna cedeu sob o peso do corpo e ele caiu no chão. Foi então que Red viu a trilha de sangue deixada por seu melhor vaga.



Hope, Palla e Urtiga tinham liberado os cômodos do andar de cima com bastante facilidade. O segundo foi mais desafiador. Os cômodos eram maiores, com mais janelas. Hope achou que eles eram usados como salas de

jogos. Havia entre oito e dez pistoleiros em cada um. Os primeiros caíram com facilidade, mas então a luta com os restantes passou a ser acirrada.

Originalmente Hope tinha dúvidas com relação à arma de Palla. Os vinchen não treinavam muito com lanças, acreditando que era uma arma menos elegante e mais adequada a um soldado de infantaria comum. Mas eles nunca tinham visto uma lança nas mãos de Palla. De algum modo, mesmo em lugares tão apertados, ele manobrava a lança com uma graça que só era equivalente à sua pura força destrutiva. A madeira era macia e flexível e ele a girava quase como um chicote, porém com muito mais força. Era uma técnica que Hope queria aprender. Com ela, até mesmo um cajado comum seria uma arma formidável.

A luta foi acalorada, mas terminou rápido.

– Alguém ferido? – perguntou Hope limpando a espada.

– Ninguém com quem valha a pena se preocupar – respondeu Urtiga. – Vamos atacar a próxima sala. Se formos rápidos, poderemos limpar tudo isso antes mesmo que eles derrubem a porta.



O sangue havia atravessado a lã grossa da perna direita da calça de Rolha na altura do joelho.

– O que aconteceu? – perguntou Red lutando para arrastar Rolha para fora da linha de fogo.

– Fui acertado quando cobri você.

– Você disse que estava bem!

– Era mentira.

– Pelo mijo do diabo! Certo. Torniquete.

Ele cortou uma tira comprida da bainha do casaco de couro.

– Ei, você está… estragando… seu belo casaco.

– Cala a boca! – Red amarrou a tira em volta da coxa de Rolha, logo acima do tiro. – Eu li sobre isso. Vai estancar o sangramento. Mas você precisa afrouxar de vez em quando para não perder a perna. Não se preocupe, meu melhor vaga. Vamos deixar você nos trinques num instante.

Rolha balançou a perna.

– Você precisa pegar o Drem.

– Rolha…

– Cala a boca *você*. Preciso que você… mate ele. Impeça… mais gente… nossa… de morrer. Prometa. Jure. Pela arte da sua mãe.

– Rolha, por favor…

– Jure!

Red olhou irritado para seu melhor amigo no mundo.

– Juro pela arte que matou minha mãe que vou matar Drem Insensível por você. E é melhor estar vivo quando eu voltar para dizer que a coisa foi feita. *Fechou*?



Liberaram o segundo andar e depois desceram a escada para o térreo. Hope imaginou se a coisa estaria quase terminando. E então chegaram ao pé da escada.

– Pelo mijo do diabo – murmurou Urtiga.

O térreo era um salão de dança. Num salão grande cheio do pessoal do Drem, todos olhando para a porta da frente, esperando que ela fosse derrubada.

– Atrás de nós! – gritou uma voz familiar, úmida e grave.

Parado no meio do bando estava o biomante de capuz branco que tinha matado Billy Espinho. Ele apontou para Hope, Urtiga e Palla.

– Lá se vai nossa vantagem.

O pessoal do Drem se virou para eles. Felizmente todos só estavam armados com facas, porretes e tijolos. Drem devia ter usado todas as armas de fogo.

– Não era a nossa única vantagem – disse Hope. – Voltem para a metade da escada. Eles vão ter de subir de dois em dois. Assim teremos uma chance.

Defenderam a escada do melhor modo que podiam, num fluxo de estocadas, golpes de lança e de corrente. Hope nunca tivera uma união assim. Um ritmo perfeito em que ninguém entrava no caminho do outro e tudo era equilibrado. Rapidamente diminuíram os números, mas ainda havia tantos deles que até Hope se perguntou se iriam sobreviver.

Então a porta foi arrebentada. O Grande Sig passou primeiro, golpeando com uma marreta enorme e derrubando várias pessoas a cada giro. E atrás dele vinha uma turba ensandecida.



Red passou pela porta com o fluxo da turba. Enquanto entravam no salão de danças, ele saiu de lado e foi para o alçapão que dava no porão. Sentiu uma pontada de culpa ao deixá-los todos para lutar, mas tinha prometido a Rolha que mataria Drem e acabaria com isso do modo mais limpo possível. E podia haver uma parte minúscula sua que ficou satisfeita ao ver Hope lá do outro lado do salão. Mesmo se ela soubesse onde Drem estava entocado, não poderia chegar lá antes dele. Drem era somente seu.

Levantou o alçapão e saltou para dentro, com o piso de terra silenciando sua queda. Esgueirou-se pela escuridão quase total. Barris de cerveja, vinho e destilados se empilhavam nas laterais. Fazia apenas dois anos que estivera ali embaixo, na noite em que conhecera Urtiga, mas parecia ter sido uma vida inteira. No fundo ficava a enorme porta de ferro do cofre. A fechadura não foi tão fácil desta vez, já que era mais velha e não tinha tido boa manutenção. Mas dez minutos depois conseguiu abri-la.

Moveu-se junto com a porta quando ela girou, mantendo-a entre seu corpo e a abertura. E, de fato, três tiros dispararam em rápida sucessão, reverberando alto no espaço fechado.

Red espiou pela fresta entre a dobradiça de baixo e a de cima e viu Drem lá dentro, com os olhos arregalados espiando ao redor. Red sempre pudera enxergar melhor no escuro do que as outras pessoas. Como se seus olhos vermelhos fossem mais bem treinados com a falta de luz. A julgar pela expressão de Drem, ele havia disparado às cegas. Para testar, Red puxou um barril de madeira de lado e o rolou pela entrada. Drem disparou mais dois tiros. Um errou. Um acertou o barril.

– Resta um tiro, Drem – disse Red.

– Red? – Drem franziu os olhos para a escuridão. – É você, garoto?

– Sou eu. Prometi a uns amigos que você ia morrer esta noite. Pensei em cumprir com a palavra, para variar.

– Seu pote velho esperto. – O tom de Drem era leve, bancando o vaga. – É uma pena você ter se misturado com aquela fatia sulistinha. Eu estava achando que era tempo de trazê-lo para a turma.

– Não quero fazer parte de uma turma que ajuda os capetas e os biomantes.

– Isso tudo é um mal-entendido. Você sabe como as fofocas no Círculo ficam deturpadas.

– Não preciso das fofocas. Eu vi você com aquele biomante quando ele matou o Billy Espinho. Ouvi o plano inteiro. Você não é um homem do Círculo, traidor!

– Você acha que isso importa? – O tom leve de Drem ficou sombrio. – Você morou nessa sarjeta a vida toda. O mundo é muito maior do que você pode entender. Todo o Círculo pode ser varrido amanhã e ninguém ia se importar.

– As pessoas que moram aqui iriam – disse Red baixinho. – Esse é o seu problema, Drem. Você acha que o povo pequeno igual a você não tem valor. Nós não somos sem valor.

– Ah, somos sim, seu ponço marreta. Você não faz ideia de como a gente é insignificante…

Drem parou de falar quando sua garganta se encheu de sangue, com uma faca de arremesso se projetando dela. Ofegou e gorgolejou, disparando o último tiro inutilmente. Em seguida, caiu de joelhos e morreu.

Red sempre tinha se perguntado se seria capaz de fazer um arremesso em ricochete. Funcionou bem, embora ele tivesse mirado na mão de Drem que segurava o revólver… Enfim, precisava treinar.



A torrente de pessoas que passou pela porta espalhou o grupo que tentava alcançar Hope, Urtiga e Palla. Isso lhes deu espaço suficiente para descer e entrar na luta maior que agora acontecia furiosamente no salão de dança.

Hope examinou a multidão, procurando o capuz branco. Encontrou-o no centro. Ele não tinha arma que desse para ver. Quando um atacante chegava com uma faca ou um porrete, ele levantava a mão com a palma para fora e, no momento em que a arma tocava sua mão, virava pó. Se ele tocasse a pessoa, ela murchava, encolhia e se desfazia também. Não demorou muito até que as pessoas o evitassem. Hope não sabia direito o que poderia fazer para derrotá-lo, mas sabia que, se não tentasse, ninguém tentaria.

Abriu caminho pela multidão, o olhar jamais se afastando do biomante. A maior parte dos que a atacavam eram tão pouco hábeis que ela só precisava da visão periférica para se defender e contra-atacar. À medida que chegava mais perto, os olhos do biomante se arregalaram de surpresa. Sem

dúvida a estranheza de ver um guerreiro vinchen nesse lugar – e ainda mais uma guerreira – era mais evidente para ele do que para a maioria das pessoas. Mas, enquanto Hope caminhava em direção a ele, o biomante se recuperou depressa. E sorriu com frieza levantando a mão.

Mas a Canção dos Lamentos não se desfez. Sua cantiga lamentosa continuou enquanto ela atravessava o centro da mão do biomante. Houve uma fração de segundo de surpresa e horror no rosto dele, então a espada continuou a trajetória e decepou sua cabeça. Uma fonte de sangue jorrou do cotoco do pescoço, encharcando Hope em carmim. Então o corpo desabou.

Hope olhou para a Canção dos Lamentos, úmida de sangue do punho à ponta. Uma lâmina imune ao poder dos biomantes. Não era de espantar que fosse uma arma tão valiosa. E estava claro que Hurlo insistira para que ela a pegasse para cumprir com sua promessa de vingança contra o biomante que tinha assassinado seus pais e seu povoado.

– Obrigada, grão-mestre – sussurrou.

O Grande Sig abriu caminho por um amontoado de pessoas, a marreta batendo com tanta força no peito de um homem que este voou mais de um metro para trás. Sig parou para limpar a testa coberta de suor e sangue com a manga do casaco, e olhou para o biomante decapitado.

– Muito bem – disse ele.

Hope assentiu.

– Vamos, então? – perguntou ele.

Os dois se viraram e continuaram a lutar. Hope podia ver que os homens de Drem estavam perdendo o ânimo depois de ver o biomante ser morto. A postura deles ficou mais defensiva e começaram a olhar para as saídas.

– PAREM DE LUTAR! DREM ESTÁ MORTO!

Red estava em cima do balcão com um corpo apoiado no ombro. Todo mundo recuou quando ele o jogou no chão. Hope tinha pensado que a dor de perder Carmichael iria abandoná-la quando visse Drem morto. Ou pelo menos diminuir. Mas olhou o corpo sem vida, os olhos abertos e vítreos, um talho na garganta, e só sentiu a escuridão que sempre pairava em sua consciência, ainda faminta. Será que algum dia ela ficaria satisfeita?

Virou-se para os homens de Drem que restavam, com a espada a postos. Mas eles largaram as armas. A batalha estava terminada. Então veio um estrondo violento da rua, seguido rapidamente pelo som de pedras se partindo e vidro se espatifando.

Rolha apareceu à porta, apoiado pesadamente no portal. Seu rosto estava cinzento, mas decidido.

– Temos um problema – disse. – Os capetas chegaram. E trouxeram canhões.

22

Red tinha pensado em muitos modos diferentes pelos quais a marcha contra o Três Taças poderia ter ido a sota-vento. O que não tinha pensado é como a coisa poderia ficar feia mesmo se eles ganhassem.

Quando saiu à rua pareceu que todo o Círculo do Paraíso fora consumido por um dos infernos mais terríveis. A fúria que ele tinha provocado havia crescido, sem controle, e agora não tinha direção. Construções pegavam fogo e pessoas saíam de vitrines quebradas com os braços cheios de saques. Para piorar as coisas, a cada dois minutos, mais ou menos, uma carga de disparos chovia no quarteirão, arrebentando janelas, despedaçando placas de madeira, esburacando paredes e ocasionalmente rasgando alguém que não tinha sido suficientemente rápido para encontrar abrigo.

– Não era isso que eu queria – disse ao Grande Sig.

– Eu sei – concordou Sig baixinho. – Mas não podemos fazer nada para impedir. A coisa se transformou num tumulto completo. Vou levar meu pessoal de volta para a Ponta do Martelo. Acho que Palla vai fazer o mesmo.

– Vão nos deixar assim? – perguntou Red em tom de acusação.

– O que você queria que eu fizesse? Mandar meu pessoal impedir o seu de saquear e começar uma guerra de bairro? Ou prefere que eu mande meu pessoal enfrentar os tiros de canhão dos capetas?

– Não, claro que não. Eu só…

Grande Sig pôs a mão enorme no ombro de Red, engolfando-o completamente.

– Nós fizemos uma coisa boa hoje. O que acontecer em seguida não vai mudar isso. Nós marcamos posição. Isso faz com que eles sintam medo.

– Não deveríamos aproveitar isso?

– Um líder sabe quando pressionar e quando recuar. Muita gente nossa se juntou aos saqueadores. Outros fugiram ao ouvir o primeiro canhão. Os que ficaram estão lutando há horas. Estão exaustos e feridos. Os capetas estão descansados e muito mais bem armados. A escolha certa é óbvia.

– Red! – gritou Hope de dentro do Três Taças. – Precisamos de você!

Red olhou para o Grande Sig.

– Certo. Outro dia, então?

Ele estendeu a mão. Grande Sig a apertou.

– Pode contar com isso.

Red assentiu, depois correu de volta para dentro do prédio. Quase todo mundo tinha saído, fosse para fugir e se esconder ou para aproveitar do caos para saquear. Rolha estava deitado sobre o balcão, o rosto pálido e franzido de dor. Hope e Urtiga estavam dos dois lados dele. Urtiga segurava uma garrafa de uísque enquanto Hope segurava uma grande agulha curva e linha.

– Segure o Rolha – disse Urtiga.

– Como ele está? – perguntou Red indo para os pés do amigo.

– Fraco pela perda de sangue, mas a bala saiu – respondeu Hope. – Precisamos desinfetar a ferida e costurá-la antes que ele perca mais sangue.

– Ele vai… ficar bem, então?

Hope lançou-lhe um olhar sério.

– Vai viver.

– Foi o torniquete? Eu apertei demais? Foi algo que eu li, mas nunca tinha tentado, por isso não sabia exatamente como fazer.

– Isso salvou a vida dele. E não creio que ele vá perder a perna. Mas a bala despedaçou o joelho.

– Ele não vai se recuperar?

Hope balançou a cabeça.

– Sinto muito. Não resta osso suficiente. Ele vai precisar de uma muleta para andar pelo resto da vida.

– A culpa é minha – disse Red em tom inexpressivo. – É como o Henny disse. Meu melhor vaga pagou pelo meu plano maluco.

– Isso são bagos e paus – murmurou Rolha. – *Eu* escolhi lutar pelo Círculo. *Eu* escolhi levar uma bala pelo meu melhor vaga. Não tire isso de mim. Não *ouse*.

– Certo, Rolha. Certo – concordou Red baixinho.

– Acabamos com o dramalhão ponço? – perguntou Urtiga. – É hora de costurar esse vaga.

– Façam isso – disse Rolha.

Urtiga segurou os pulsos de Rolha e Red segurou os tornozelos. Hope derramou uísque na ferida e o corpo de Rolha teve um espasmo involuntário tão forte que seu pé quase foi parar na boca de Red. Red

precisou colocar todo o peso do corpo para encostar as pernas do amigo no balcão outra vez. Então Hope começou a costurar o ferimento.

– A coisa está muito feia aí embaixo? – perguntou Urtiga comprimindo as mãos de Rolha no balcão acima da cabeça dele.

– Bastante feia – admitiu Red.

Rolha grunhiu enquanto Hope puxava a agulha através da carne inchada em volta do ferimento.

– Nós nos metemos a besta e complicamos as coisas para os poderosos – continuou Red. – Agora eles vieram colocar a gente no lugar. Enquanto isso, qualquer solidariedade que a gente possuía deu no pé sem ao menos dizer adeus.

– Ainda estou pasma porque você conseguiu juntar todo mundo por tanto tempo – disse Urtiga.

Rolha grunhiu de novo, desta vez um som prolongado e grave, quase como um zumbido. Ou um gemido.

– Quase terminei, Rolha – disse Hope. – Você está se saindo muito bem.

Red ficou olhando os dedos de Hope indo e vindo com a agulha.

– Você é boa nisso aí.

– Quando eu era mais nova, os irmãos vinchen tinham treinos de luta constantes. Muitas vezes um ou os dois se feriam. Meu serviço era costurá-los.

– Você devia ser muito popular, então – disse Urtiga. – Especialmente sendo a única molly.

– Não, eles me odiavam. Só meu professor tinha algum afeto por mim, e precisava esconder isso quando os outros estavam por perto. Caso contrário, poderiam suspeitar de que ele me treinava secretamente nas artes deles.

– Quanto tempo você viveu assim? – perguntou Urtiga.

– Oito anos.

– Pelo mijo do diabo, deve ter sido solitário.

– Acho que foi – disse Hope enquanto continuava a passar a agulha pelo ferimento de Rolha. – Na época eu não pensava muito nisso. Tinha ficado… desacostumada com o calor humano ou o companheirismo.

– Hoje nós formamos uma equipe dos diabos – declarou Urtiga.

– Foi mesmo – concordou Hope.

– Não posso prometer muito calor humano, mas você e eu estamos numa boa.

Hope deu um sorriso tímido enquanto continuava a costurar o joelho de Rolha.

– Somos vagas, então?

Urtiga riu.

– Você entendeu tudo, fatia anjo.

Hope amarrou a linha.

– Certo, Rolha, você está remendado. Isso deve controlar o sangramento. Só tenha cuidado para não arrancar esses pontos.

– Obrigado, Hope – disse Rolha debilmente.

Hope assentiu e se afastou do balcão, limpando o sangue das mãos com um trapo. Lá fora os tiros de canhão vinham com mais frequência. Dois ou três disparos por minuto.

– Mas não podemos ficar aqui. Parece que eles trouxeram mais canhões. Precisamos transportar você para algum lugar seguro.

– Para o Salão da Pólvora – disse Urtiga. – Todo mundo que já não esteja morto ou envolvido no saque foi para lá.

– É o único lugar que os capetas nunca conseguiram controlar – completou Red. – Mas vai ser complicado chegar. Normalmente eu diria para usarmos os becos dos fundos e evitar os tiros de canhão. Mas não podemos carregar o Rolha até lá. Vamos precisar de uma carroça. O que significa ir pelas ruas principais e nos colocarmos na linha de tiro.

– Então vamos primeiro tirar os canhões do caminho – disse Hope.

– Como faremos isso? – perguntou Urtiga.

– Se formos pelos telhados podemos chegar onde os canhões estão posicionados sem que eles nos despedacem nem detectem – respondeu Red. – Urtiga, vigie o Rolha, vou mostrar o caminho a Hope.

– Por que *você* não vigia o Rolha e eu levo a Hope? – sugeriu Urtiga.

– Porque você não conhece os telhados como eu. Não vai ser uma linha reta daqui até lá. Alguns deles são inclinados demais até mesmo para mim, e eu venho subindo neles há anos.

– Então vamos indo – disse Hope. – Acho que sei pelo menos como chegar ao telhado deste prédio.



Hope levou Red até o terceiro andar, num cômodo com duas fileiras de camas.

– Foi por aqui que nós entramos – disse ela. – Por aquela janela.

Red enfiou a cabeça pela janela e olhou o beco, vários andares abaixo.

– Como você chegou aqui?

– O beco é estreito, eu simplesmente vim pulando de um lado para o outro, subindo.

– "Simplesmente"… – murmurou Red.

Em seguida virou a cabeça para cima. O telhado ficava ligeiramente fora de alcance, de modo que ele teria de pular do parapeito. Não fazia uma coisa tão idiota desde que era menino, mas com a história de Hope sobre subir saltando, não podia desistir agora. Por isso subiu no parapeito da janela e, antes que pudesse pensar muito nisso, pulou. Passou direito pela beirada, mas pegou-a na volta. O couro de suas luvas sem dedos impediu que a mão fosse cortada pela borda serrilhada da ardósia. Ergueu-se lentamente até estar com os cotovelos pousados na borda, depois passou uma perna e subiu ao telhado.

Ficou parado um momento de pé, bastante satisfeito com o modo como a coisa tinha acontecido. Inclinou-se por cima da borda.

– Você vem?

A cabeça de Hope apareceu na janela aberta, olhando-o.

– Já vou.

Ela agarrou a borda de cima da janela, depois puxou-se para cima e para fora, dando um salto mortal no ar e pousando com os pés na borda.

– Exibida.

Red a guiou até a frente do prédio. Vários quarteirões adiante viu fumaça brotando à luz do fim do dia. Um instante depois, escutou tiros assobiando abaixo, pela rua. Se estivessem numa carroça naquele momento estariam todos mortos. Virou-se na direção de onde o disparo tinha vindo, o olhar examinando os telhados em busca da melhor rota possível.

– Ah – disse Hope.

– Você está bem? – perguntou Red rapidamente.

– Estou. – Hope olhou para o oeste, por cima dos telhados, o rosto sereno enquanto a luz vermelha do sol poente tingia seu cabelo louro. – A vista é linda, não acha?

Red sentiu uma irritação súbita.

– Realmente, essa não é a hora.

– Um guerreiro vinchen busca ver beleza em tudo – disse Hope baixinho. – Para saber o valor daquilo por que luta.

Isso fez Red parar. Estivera mesmo incomodado porque Hope fazia uma coisa que ele próprio tinha feito vezes incontáveis? Lembrou-se do dia em que levara Urtiga aos telhados, empolgado em compartilhar a beleza daquilo com ela. Foi um desperdício. Estava fazendo a mesma coisa que Urtiga? Recusou-se a deixar que isso acontecesse. Respirou fundo e ficou parado com Hope. Os dois olharam o sol descer lentamente por trás da linha irregular de telhados.

Hope se virou para ele.

– A escuridão deve nos dar alguma vantagem também.

– Foi por isso que você quis esperar?

Ela deu de ombros.

– Os dois são bons motivos, e não creio que um contradiga o outro.

Red a encarou por um momento. Nada era simples com essa molly. Percebeu que este era um dos motivos pelos quais gostava dela.

– Seguro que nem apuro. Vamos.

Ninguém tinha acendido os lampiões das ruas, por isso o quarteirão estava numa escuridão incomum. Mas o crepúsculo que se demorava encharcou tudo num leve tom de sépia. Os dois foram de telhado em telhado, ziguezagueando cada vez mais para perto dos canhões. Agora os disparos pareciam vir mais rapidamente. Red suspeitou de que eles estivessem tentando liberar as ruas ao máximo possível, para que pudessem entrar com uns dois esquadrões de soldados.

Quando chegaram à encruzilhada onde os canhões estavam posicionados, a noite havia caído. Eram cinco canhões, distribuídos de modo que cada um apontasse para uma rua. Havia quatro soldados com cada canhão.

– Nossa melhor chance de fazer com que eles parem rapidamente é acertar cada um tão depressa que eles não tenham tempo de alertar o próximo da fila – sussurrou Hope enquanto observavam de um telhado perto do primeiro grupo. – Você pode jogar duas facas ao mesmo tempo com precisão?

– Duas, mas não quatro.

– Você pega os dois dos lados e eu pego os dois do meio.

Red assentiu e empurrou as abas do casaco para trás, preparando-se para arremessar.

– Agora – disse Hope.

Red atirou uma faca com cada mão enquanto Hope se lançava do telhado desembainhando a espada no ar. Ela girou feito um pião, a lâmina relampejando enquanto acertava os dois soldados do meio. Ao mesmo tempo, os soldados dos dois lados caíram no chão, segurando as facas no pescoço.

Hope pousou suavemente em cima do canhão. Sinalizou para Red se mover para o prédio do outro lado da rua.

Red avaliou a distância para saltar e se encolheu. Não tinha certeza se conseguiria, mas não iria dizer isso a Hope. Respirou fundo, deu uma boa corrida e pulou. Não foi uma coisa graciosa, mas conseguiu. Sua cintura bateu na borda do telhado com tanta força que ele precisou parar um momento, agarrando-se enquanto tentava retomar o fôlego. Assim que se recuperou, levantou-se devagar. Viu Hope olhando-o, ainda em cima do canhão, a cabeça inclinada de lado curiosamente. Ele acenou, meio sem graça.

Ela assentiu. Com a espada baixa, moveu-se em posição agachada em direção ao canhão seguinte. Red viu que a melhor chance era que ela atacasse os dois do lado mais próximo, enquanto ele acertava os dois do outro lado. Esperava que ela também percebesse isso. Realmente não havia como atrair a atenção dela naquele momento para avisá-la.

Hope correu entre os dois primeiros, golpeando à direita e à esquerda. Parou ao ver os outros dois caindo. Olhou para Red, assentiu lentamente e sorriu. Esse pequeno reconhecimento provocou uma onda de satisfação em Red. Ele se permitiu aproveitar isso por um momento.

– Não fique tão charcado com a molly celibatária – murmurou para si mesmo.

Moveram-se para cada canhão do mesmo modo, derrubando os soldados. Mas o último se mostrou mais complicado. Perto do canhão e de seus artilheiros estava um esquadrão de capetas. Red os viu antes de atacar. Não teve certeza se Hope tinha visto, mas não havia como alertá-la, a não ser acenando e apontando. Ela assentiu tensa e sinalizou para continuarem.

Tiraram os quatro do canhão de combate com a mesma facilidade dos outros, mas então soaram gritos do esquadrão e os soldados se viraram para Hope, apontando os fuzis. Red enfiou a mão no casaco procurando mais facas, mas não havia nada. Tinha acabado de arremessar as duas últimas. Começou a descer do prédio, sem saber como poderia ajudar, mas não

querendo ficar simplesmente parado enquanto Hope levava os tiros. No entanto, quando chegou ao chão, metade dos soldados estava morta e a outra metade tinha fugido.

Hope ficou parada um segundo, ofegando enquanto os olhava se afastar. Então limpou a lâmina da espada na túnica branca de um soldado morto.

– Acabaram as facas?

Red assentiu sem graça.

– Você vai ter a chance de pegá-las de volta. Enquanto faz isso, vou garantir que, quando chegarem os reforços imperiais, esses canhões não tenham mais utilidade para eles.



Red nunca tinha visto o Salão da Pólvora tão cheio nem tão desanimado. A combinação era irritante. Quando chegou, carregando Rolha com a ajuda de Urtiga e Hope, ninguém estava tombando nem usando drogas. Não havia bebedeiras nem gargalhadas. Todo mundo estava sentado e falando baixinho, os rostos cheios de preocupação.

– Pelo mijo do diabo, isso é estranho – comentou Urtiga enquanto deitavam Rolha numa mesa que Henny Bonitinho e os gêmeos tinham esvaziado.

– Vocês estão bem? – perguntou Red apertando a mão de Henny.

– Melhor do que Rolha, pelo que parece – respondeu Henny.

– Vou ficar bem, Hen – disse Rolha debilmente. – Hope me remendou direitinho.

– Obrigado por isso. – Henny jogou para ela uma maçã tirada de uma sacola. – Red? Tiga?

– Estamos bem – respondeu Urtiga, pegando um pedaço de pão com ele.

– Não comi o dia inteiro – disse Red, pegando um pouco de pão também.

– Sabe, Red… – Henny sorriu. – Quando vi você lá no Trapo e Tablado, achei que você era um marreta. Pensei: "Aí vai mais um plano maluco." – Seus olhos brilharam à luz das tochas. – Mas não era papo de taverna, pote velho. Você *fez* a coisa. Juntou o bairro, como disse, e acertou os capetas com força suficiente para eles sentirem.

– É, e olha aonde isso levou a gente – disse Red.

Henny balançou a cabeça.

– Nada é sem custo, meu vaga. Nada é de graça no Círculo, você sabe disso. Mas agora *eles* também sabem, aqueles caídos da xota. Eles só podem empurrar a gente até certo ponto, e aí a gente empurra de volta.

– Mas agora vamos fazer o quê? – perguntou Red.

– Não sei – admitiu Henny. – Acho que vamos esperar e ver se eles planejam invadir o salão.

Todas a janelas estavam pregadas com tábuas, com apenas frestas para ficar de olho no que acontecia na rua. Todos os vendedores tinham levado as mercadorias para dentro. Os que tinham comida a dividiam com os vizinhos. Pessoas com armas as distribuíam, tentando armar o maior número possível de vagas capazes. Frequentemente o Círculo era um lugar cruel e egoísta. Red tinha ouvido falar de pessoas que se juntavam em tempos de adversidade, mas nunca havia visto isso e tivera dificuldade para acreditar. Agora, enquanto mastigava o pão e olhava o Círculo do Paraíso se unir lentamente, preparando-se para a luta inevitável, nunca sentira mais orgulho de seu lar adotivo.

– Não vi a Sadie.

Hope mordeu sua maçã, parecendo preocupada.

– Ela vai ficar no cais com o Finn. Provavelmente está escondida no navio. É improvável que os capetas vão tão longe, de modo que ela vai ficar bem. – Ele a encarou. – Sabe, se o navio estivesse pronto, você poderia simplesmente ir embora. Se afastar dessa coisa toda.

– *Você* faria isso? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

– Não que eu queira ficar aqui para sempre. Mas ir embora neste momento, com as coisas tão incertas… não seria correto.

– Eu sinto a mesma coisa.

Foi uma noite tensa. As pessoas saíam de vez em quando para pegar provisão e observar os capetas. Uma grande força estava indo na direção do salão, mas ainda estava longe. À medida que as horas se arrastavam, a tensão crescia aqui e ali e pequenas brigas começavam a brotar. Para passar o tempo e manter as pessoas ensolaradas, Red regalou o salão com um relato um tanto exagerado da "Invasão do Três Taças". Muitos dos presentes tinham estado lá, mas nenhum sabia de toda a história. Quando perguntaram como ele sabia onde Drem estaria escondido, Red começou um relato muito exagerado da tentativa de roubo no Três Taças dois anos antes. Decidiu

interromper essa história antes de chegar à parte em que beijava Urtiga. Era melhor deixar certas coisas no passado.

Assim que terminou, ressoaram aplausos no salão.

– Seu dom para contar histórias é tão bom quanto sua mira – disse Hope.

– O dom dele para o exagero também – observou Urtiga. – Não me lembro de ter derrubado trinta botas naquele beco com apenas uma corrente.

– Ora, ora, Tiga. – Os olhos de Red estavam brilhando. – Só porque isso não aconteceu não torna a história menos verdadeira. De qualquer modo, o que falei não foi para os livros de história. Foi só uma maneira de tirar da mente das pessoas o que está por vir. Sem dúvida você não fica chateada com isso.

– Desde que ninguém espere que eu seja capaz de derrubar trinta botas armados ao mesmo tempo com um pedaço de corrente.

Ele riu.

– Você sempre pode dizer às pessoas que ficou *velha* demais para isso.

– Ou poderia quebrar essa sua carinha bonita para parar de dizer mentiras – sugeriu Urtiga.

Red gargalhou.

Foi na tarde do dia seguinte que um dos vigias, um menino de cerca de 13 anos, entrou intempestivamente no salão com o rosto vermelho e a respiração ofegante.

– Melhor trancar a porta! Os capetas estão quase aqui!

Um murmúrio atravessou o salão. Algumas pessoas colocaram a grossa barra de madeira atravessando a porta e Red correu até a janela da frente coberta por tábuas. Urtiga, Hope e Henny foram logo atrás. Espiaram pelas frestas nas tábuas e viram um batalhão inteiro de capetas, cinco fileiras de dez homens lado a lado, todos armados com fuzis, marchando para o salão.

– Nenhum canhão? – perguntou Henny, surpreso.

– Hope e eu estragamos os canhões antes de virmos para cá – disse Red, presunçoso.

Um comandante usando um elmo dourado e reluzente, com uma pluma branca, veio até a frente montado num belo cavalo branco. Levantou uma das mãos e os soldados imediatamente pararam.

– Muito disciplinados – disse Hope, aprovando.

– De que lado você está? – perguntou Red.

– Um guerreiro vinchen dá o crédito devido, até aos inimigos.

– POVO DO CÍRCULO DO PARAÍSO! – falou o comandante através de um grande cone de metal que amplificava a voz o suficiente para penetrar no salão. – NÃO DESEJAMOS MAIS DERRAMAMENTO DE SANGUE. ENTREGUEM A MULHER VESTIDA DE VINCHEN E PERMITIREMOS QUE RETORNEM AOS LARES SEM SER INCOMODADOS.

Houve um momento de silêncio. Talvez o primeiro silêncio verdadeiro que já havia acontecido no Salão da Pólvora.

– A escolha é óbvia – disse Hope suficientemente alto para todo mundo ouvir. – Uma vida em troca de muitas. Um guerreiro vinchen deve estar sempre pronto a dar a vida para proteger o bom povo do império. E não se enganem. Nenhum de vocês é perfeito, mas todos são bons.

– Hope, não ouse – disse Red.

Hope o ignorou e se virou para Urtiga.

– Agradeço sua aceitação e sua amizade. Nunca tive outra mulher como amiga e fico feliz por ter tido essa experiência.

Urtiga assentiu. Hope foi até Rolha, que estava inconsciente na mesa. Pôs a mão em sua testa suada.

– Cuide deste aqui. A lealdade dele é grande como a dos melhores guerreiros que conheci.

– Hope, de jeito nenhum vou deixar você fazer isso! – disse Red.

O rosto dela estava tenso, os olhos azuis mais severos e frios do que ele já vira.

– Red, foi uma honra lutar ao seu lado. E… – Ela hesitou. – Um júbilo.

Depois se virou para a porta.

– Não!

Red agarrou seu braço, mas ela se moveu tão rápido que houve apenas um borrão, e então ele estava caído, atordoado com a pancada forte na cabeça que ela lhe dera. Lutou para se levantar, tentando organizar os pensamentos enquanto a olhava passar pela porta e depois fechá-la.

Red cambaleou em direção à porta, mas Urtiga o virou, obrigando-o a encará-la.

– Aonde você acha que vai? – perguntou ela.

– Atrás de Hope, claro!

– Sozinho?

– Se for preciso.

– Você precisa ir sozinho?

Isso fez Red parar.

– O quê?

Urtiga se virou para o resto do salão.

– Bom, vocês estão parecendo insignificantes. Lá vai ela. Nossa Bleak Hope. É, *nossa*, foi o que eu disse. Ela pode não ser do Círculo do Paraíso, mas arriscou a vida várias vezes. Por nós. Por isso eu a declaro heroína do Círculo. Algum de vocês discorda?

O olhar de Urtiga varreu o salão e ninguém falou nada.

– E agora essa nossa heroína foi morrer *por nós*. E vamos simplesmente deixar? É *isso* o que o Círculo se tornou?

23

Hope saiu do salão para o sol dourado da tarde. Jamais pensaria que o ar de Nova Laven pareceria puro, mas depois de quase um dia trancada no Salão da Pólvora inspirou profundamente. Olhou para o comandante montado no cavalo. Ele a encarou com leve curiosidade. Atrás dele, cinquenta soldados seguravam fuzis, todos apontados para ela.

– Vão me matar agora? – perguntou calmamente.

– Primeiro há alguém que deseja falar com você – respondeu o comandante. – Entregue sua espada e eu a levo até ele.

– E ninguém mais será ferido.

– Vou tirar meus homens deste lugar – concordou ele.

Entregar a Canção dos Lamentos ao comandante imperial pode ter sido a coisa mais difícil que Hope já fizera. Outros acontecimentos tinham sido muito mais dolorosos, mas aqueles ela não pudera evitar. O ato de entregar um dos itens mais sagrados da ordem vinchen, confiado a ela pelo grão-mestre Hurlo, a um homem que não sabia o que aquilo era nem se importava com isso. Com o ódio gelado flamejando nos olhos, estendeu a espada embainhada para ele, horizontalmente, com as duas mãos. Ele se inclinou na sela e a segurou quase com indiferença.

– Acorrentem-na – ordenou ele.

Dois soldados vieram rapidamente e envolveram seus pulsos numa corrente, prendendo com um cadeado grande. Um deles entregou a chave do cadeado ao comandante. O outro lhe entregou a ponta da corrente, que ele prendeu na frente da sela.

– Venha, então.

O comandante girou o cavalo e deu um puxão na corrente enquanto a levava para longe do Salão da Pólvora. Os soldados abriram caminho para sua passagem, depois cerraram fileiras atrás. Hope olhou para trás, esperando ver os soldados se virar também e segui-los. Mas eles permaneceram com os fuzis apontados para o salão.

– O senhor disse que iria retirar seus homens.

– Sei que os vinchen têm um zelo quase religioso pela honra – disse o comandante. – Mas os ladrões, cortadores de gargantas, prostitutas e traidores escondidos naquele lugar são o pior lixo do império. Eles não têm honra. Não posso permitir que pensem que tiveram uma vitória hoje, por mais que seja fugaz. Vamos mantê-los lá até consertarmos os canhões que você inutilizou ontem à noite. Até lá eles podem estar com tanta fome que já terão matado uns aos outros. Se não, vamos entrar e limpar esse salão imundo.

– Você me diz isso e ainda espera que eu coopere? – perguntou Hope baixinho.

O comandante riu.

– Você está desarmada e acorrentada. O que poderia fazer?

Um estranho rugido veio do Salão da Pólvora, como uma centena de vozes gritando ao mesmo tempo.

– O que, em nome de Deus, foi…? – começou o comandante.

Então a porta se escancarou. Red e Urtiga saíram com uma massa de pessoas atrás. Os soldados não esperavam um ataque frontal e ficaram desajeitados com os fuzis. Mas Hope sabia que eles iriam se recuperar antes que Red e Urtiga os alcançassem. Seria um massacre, a não ser que alguém os impedisse de atirar.

– Eu posso fazer isso!

Ela puxou a corrente com força, desequilibrando um pouco o cavalo. No segundo que o comandante demorou para firmar a montaria, ela pulou atrás dele. Passou as mãos acorrentadas em volta da cabeça dele, enforcando-o enquanto arrancava as rédeas de suas mãos. Girou o cavalo, fazendo-o partir de volta para o batalhão de soldados. Os tiros saíram sem direção e os capetas não tiveram tempo de colocar outra bala na câmara antes que o povo do Círculo do Paraíso se chocasse contra eles.

Se o comandante pudesse falar, talvez tivesse mantido a tropa em linha, instigando-a a lutar contra a horda de ladrões, cortadores de garganta, prostitutos e traidores que baixou sobre ela. Mas ele mal podia respirar, quanto mais falar. Lutou debilmente para controlar o cavalo enquanto Hope tirava a chave do cadeado de seu cinto. Ele conseguiu pegar as rédeas, mas nesse ponto Hope tinha aberto o cadeado. Ela se soltou das correntes, pegou a Canção dos Lamentos e pulou do cavalo puxando o comandante. Girou enquanto caíam de modo que ele bateu primeiro nas pedras da calçada e ela

pousou em cima. Puxou-o de pé, mas ele já estava inconsciente devido à queda.

– Hope! – gritou Red do outro lado da batalha. – Você está bem?

Ela sorriu desembainhando a Canção dos Lamentos, depois se lançou na parte mais densa da batalha. Os soldados eram mais bem treinados, disciplinados e mais bem armados, mas estavam em menor número e sem o comandante. Porém não fugiram, e por esse motivo Hope deu a cada um que confrontava uma morte rápida e honrosa.

Não se passou muito tempo até que a maioria dos soldados estivesse morta ou morrendo nas pedras da calçada. Foi então que Hope viu o homem de manto branco parado do outro lado da rua. Limpou a lâmina na túnica de um soldado ali perto e caminhou até ele.

– Quando ouvi falar de uma vinchen comandando uma rebelião no Três Taças achei que era engano – disse o biomante numa voz que estalava feito fogo. Sua cabeça estava abaixada, de modo que Hope não podia ver o rosto. – Afinal de contas, as mulheres não têm permissão de entrar para aquela ordem, assim como na minha. Mas quando ouvi um segundo informe de uma vinchen estragando meus canhões, soube que deveria investigar.

Ele levantou a cabeça para olhá-la. Era o biomante com marca de queimadura no rosto. Hope tivera medo de que o Grande Sig estivesse errado, mas não havia engano. Estava mais velho, o cabelo embaixo do capuz branco era quase totalmente grisalho. Mas num olhar ela soube que era o homem que tinha acabado com sua aldeia.

– Mesmo tendo vindo encontrar essa suposta vinchen mulher – continuou o biomante – não esperava que ela estivesse usando a Canção dos Lamentos. Meu bisavô ajudou a forjá-la para Manay, o Verdadeiro. Como conseguiu essa espada?

Uma fria onda de fúria atravessou o corpo de Hope. Ela disse por entre os dentes trincados:

– Essa espada me foi confiada por meu mestre, Hurlo, o Esperto. E ela vai ser sua perdição.

– Talvez – disse o biomante. – Mas não hoje.

Ele estalou os dedos e houve um súbito clarão de luz. Hope piscou para afastar as manchas pretas enquanto saltava na direção dele. Mas era tarde demais. Sua espada só encontrou o vazio. Quando a visão clareou, viu-o a vários quarteirões dali, fugindo feito um covarde.

– Não! – rugiu ela, e correu atrás.



Um guerreiro vinchen era equilibrado em todos os aspectos, unido com o ambiente e em paz consigo mesmo. Quando as coisas ficavam mais tensas do lado de fora, ele se tornava mais calmo por dentro. Permanecia no momento atual, sem se distrair com lembranças do passado nem pensamentos no futuro.

Naquele momento, Bleak Hope não fazia nenhuma dessas coisas.

Correu atrás do biomante munida de toda a fúria e a dor guardadas nos últimos dez anos, ardendo em seu organismo como óleo de lampião incendiado. Tinha uma vaga consciência de que um som similar a um rosnado escapava entre seus dentes trincados, mas isso não era nada em comparação com o rugido de vingança em sua mente. Nessa noite ela conseguiria. Nessa noite iria se libertar.

O biomante a guiou por becos sinuosos e ruas tortas. Imaginou se ele sabia aonde estava indo ou se serpenteava aleatoriamente de rua em rua. Ele fora esperto em se afastar das vias principais. Os lampiões a gás iluminariam nitidamente seu manto branco. Mas mesmo naquelas ruas sem luz o branco era fácil de ser visto em contraste com a argamassa cinza e os tijolos. Ela o perdia por um momento, mas só precisava de um movimento rápido percebido de esguelha para permanecer na trilha certa.

Precisava experimentar uma tática totalmente diferente. Uma vez o capitão Carmichael tinha lhe dito: "Hope, minha garota. Às vezes a gente vai direto contra o vento e não faz nenhum progresso. É quando precisa bordejar de um lado para o outro. Alguns problemas são mais bem abordados a partir de outro ângulo." Ela precisava de um ângulo diferente agora, se quisesse diminuir a distância a tempo.

Saltou para um toldo estreito acima de uma porta, depois para o parapeito de uma janela e finalmente para o telhado. Então, ainda que cada instinto gritasse para que ela corresse, ela se ajoelhou nas telhas de madeira. Fechou os olhos e tentou escutar. Ouviu a própria respiração e os batimentos cardíacos, rápidos e intensos devido ao esforço e à raiva. "E além disso?", imaginou Hurlo perguntando. Ouviu o arrulho de um pombo próximo e os guinchos de um rato. "E além disso?", diria Hurlo. Ouviu alguém abrindo uma janela e jogando fora alguma coisa líquida. Ouviu um cavalo relinchar. "Mais além." E ali estava. Uma respiração áspera e os sapatos de couro macio nas pedras do calçamento ziguezagueando de modo irregular.

Lançou-se pelo telhado, saltou para o outro, e o seguinte. Ele não sabia que ela havia parado de correr. Enquanto continuava com sua rota tortuosa, ela seguiu direto feito uma flecha para a interceptação. Seis quarteirões depois, pousou na frente dele justo quando o biomante virava uma esquina.

Ele parou derrapando.

– Você é tão hábil quanto os melhores vinchen que já vi. Mas será necessário mais do que habilidade para me matar.

– Qual é o seu nome, biomante? – sibilou Hope com os dentes trincados.

– Teltho Kan – respondeu ele, parecendo achar levemente divertido. – Se pensa em me denunciar a alguma autoridade, está…

Ela moveu a espada tão rápido que o movimento não passou de um borrão. Os olhos dele se arregalaram quando um fio de sangue escorreu de uma linha horizontal recém-aberta em sua testa.

– Há dez anos você massacrou a aldeia de Bleak Hope. Eu sou a vingança dela.

Teltho Kan deu um suspiro pesado.

– Os vinchen e suas preciosas vinganças. Aquilo não podia ser evitado. Eu estava fazendo um trabalho importante, desenvolvendo uma nova arma para proteger o império. O programa de vespas parasitárias é um dos mais promissores…

– Qualquer imperador que jogue fora a vida de seu povo tão despreocupadamente não tem condições de governar. Agora, se você tem uma arma, sugiro que a desembainhe. Vou lhe conceder toda a cortesia devida a um guerreiro, ainda que você não mereça nenhuma.

Os olhos de Teltho Khan estavam cada vez mais inquietos.

– Mesmo se você conseguir me matar, não vai durar um dia. Eles vão caçá-la e matá-la de algum modo terrível demais para você ao menos imaginar.

– Não importa.

E nesse momento não importava mesmo. Com a morte de Teltho Kan todas as dívidas estariam pagas, todos os juramentos realizados. A ideia de uma vida para além da vingança não era algo que valia ser imaginado.

Os olhos de Teltho Kan se estreitaram.

– Sei. – Ele enfiou as mãos dentro das mangas. – É uma pena que você tenha optado por trair o imperador. Apesar do seu sexo, sem dúvida você seria útil para ele. Uma determinação tão firme é coisa rara. Mas infelizmente devo negar a ambição da sua vida.

Ele estendeu as mãos, que tinham tantas cicatrizes de queimadura quanto o rosto. Um bracelete de prata em cada pulso brilhou.

Hope levantou a espada, sem saber que biomancia ele tinha planejado.

Mas em vez de atacar, ele juntou os pulsos com força de modo que os braceletes retiniram baixinho. O retinido aumentou e suas mãos e o rosto começaram a tremeluzir. Hope estocou a Canção dos Lamentos contra o peito dele, mas era tarde demais. Ele havia sumido, deixando apenas o manto branco vazio, que agora pendia frouxo na ponta da espada. Ela ficou parada um momento, olhando idiotamente para aquilo. Tinha chegado perto. Se simplesmente o tivesse matado quando o viu, tudo estaria terminado. Mas insistira na cortesia de guerreiro: saber o nome dele, declarar sua intenção e lhe dar uma chance de lutar, como Hurlo havia ensinado. Agora estava de volta ao começo, sem ao menos saber da localização dele. Pior: agora o biomante sabia que ela estava atrás dele e sem dúvida seria muito mais cauteloso.

De repente se sentiu muito pesada, muito doente e muito exausta. Até a espada parecia pesada em suas mãos. Deixou a ponta baixar, de modo que o manto escorregou e caiu nas pedras. Parecia que a terra estava puxando-a para baixo. Caiu de joelhos e baixou a cabeça até que o queixo tocou no peito. Os sons da cidade zumbiam ao redor, mas nesse beco vazio não havia nada. Nem luz, nem som. Nem esperança.

Olhou a Canção dos Lamentos, reluzindo mesmo no crepúsculo débil, um pequeno fio do sangue de Teltho Kan na borda. Tinha fracassado. Não era digna dessa espada nem dessa vida. Virou a ponta para ela. Apoiou o cabo nas pedras e encostou a ponta no esterno, acima do coração. Podia não ser uma verdadeira vinchen, mas podia ter uma morte de vinchen.

– Nunca pensei que você fosse do tipo que desiste – disse Red.

Ela levantou os olhos e o viu, de braços cruzados, encostado na parede. Sua atitude e a voz eram casuais, até mesmo brincalhonas. Mas os olhos eram de aço carmesim.

– Eu fracassei.

Sua voz soava oca como seu sentimento.

– Como assim?

– Ele escapou.

– Então vamos pegá-lo de novo. Não vai poder fazer isso se estiver com uma espada no peito.

– Ele sabe que estou atrás dele. Minha única vantagem se foi.

– Sua *única* vantagem? Deixando de lado que você é a maior guerreira viva, que tal sua *outra* grande vantagem?

– Qual?

– *Eu*, sua cabeça de sal sulista. – Ele foi até ela, esfregando as mãos. – Agora vejamos o que temos aqui. O manto dele, não é? – Red se ajoelhou ao lado e virou o capuz pelo avesso. Tirou de dentro alguns fios de cabelo grisalho. – Isso é dele?

Hope assentiu, com a espada baixando ligeiramente. Red apontou para a lâmina.

– Isso aí é sangue dele?

Ela assentiu de novo.

– Agora só precisamos descobrir o nome dele.

– É Teltho Kan. Ele acabou de me dizer.

Red deu um sorriso largo.

– Então, minha querida molly, estamos totalmente isca e despensa.

– Não entendo.

– Você pode não ter notado, depois de correr por aí feito uma doida, mas não estamos mais no Círculo do Paraíso. – Ele indicou o lugar em volta, como se fosse algo óbvio só de olhar. – Estamos em Costas de Prata.

– E daí?

– Os biomantes não são os únicos que têm habilidades inquietantes. Em Costas de Prata existem pessoas que fazem muitas coisas estranhas. Ler a sorte, necromancia e trabalho de sangue.

– Ainda não entendo.

– É preciso ver para crer. – Ele estendeu a mão. – Você vai confiar em mim e parar de querer se matar? Pelo menos por um tempinho?

Será que Hope desistiria com tanta facilidade? Claro, Teltho Kan sabia que ela estava atrás dele, mas isso poderia até funcionar a seu favor. Ele podia estar amedrontado, mais propenso a cometer erros. E era verdade que Red era uma vantagem importante. Não só por causa de seu amplo conhecimento de Nova Laven e sua precisão espantosa com uma faca de arremesso. Ele tinha acabado de aumentar a fé de Hope quando ela estava no ponto mais baixo. Essa vantagem era incomensurável.

Hope pegou a mão dele e o deixou ajudá-la a se levantar.

– Vamos tentar esse seu trabalho de sangue.

– Ensolarado. Só tenha cuidado para não tirar o que está na espada. Ela vai precisar disso.

– Quem?

– A velha Yammy. A vaga que vai recolocar a gente no caminho certo.



Se o Círculo do Paraíso era pobre, a Ponta do Martelo era miserável. Se o Círculo do Paraíso era sujo, a Ponta do Martelo era uma cloaca infeccionada. Se o povo do Círculo do Paraíso era endurecido, o da Ponta do Martelo era feito de pedra e aço.

Hope havia imaginado que Costas de Prata estaria em algum ponto desse espectro, provavelmente do lado melhor, já que era o bairro que se estendia, longo e estreito, atravessando a cidade, agindo como amortecedor entre os pobres do sul e as comunidades ricas da área norte. Mas enquanto Red a levava pelas ruas de Costas de Prata no início da noite ela viu que o lugar não estava em nenhum ponto desse espectro. Em vez disso, parecia existir em um mundo próprio. As ruas eram recheadas de teatros, galerias de arte, artesãos de todos os tipos. Mercadorias multicoloridas se derramavam pelas ruas, com pessoas anunciando promoções e barganhas aos gritos.

– Costas de Prata é uma comunidade artística – disse Red. – Alguns dos melhores pintores, músicos, poetas e atores do império chamam este lugar de lar.

– Eles certamente gostam de se vestir com roupas coloridas.

Parecia que todo mundo em volta dela era um tumulto de cores, às vezes combinando, às vezes se conflitando, mas sempre fortes e vívidas. Havia gente se apresentando em quase todas as esquinas. Na maior parte eram músicos, acrobatas e malabaristas. Pessoas se juntavam para assistir, às vezes aplaudindo, às vezes zombando.

– Há mais luzes em Costas de Prata – disse Red. – E há varredores de rua que levam o lixo embora para você.

– Por quê?

– Os rendados acham tapinha quando vêm aqui para uma exposição numa galeria ou uma peça. E há pelo menos o dobro de capetas patrulhando. Eles não se incomodam em proteger os artistas, claro. Só estão aqui para fazer com que os rendados se sintam seguros.

– Deve ser terrível para esses rendados. Sentir tanto medo de outras pessoas.

Red deu-lhe um olhar esquisito.

– É um modo interessante de ver a coisa. Acho que você está certa.

Hope e Red caminharam pelas ruas barulhentas de Costas de Prata durante um tempo, uma pequena ilha de silêncio.

– Cá estamos! – disse Red finalmente. – A Casa de Tudo da Madame Destino.

– Achei que você tinha dito que estávamos procurando alguém chamado Velha Yammy.

– Claro, mas você não consegue clientes com um nome assim. Venha, aposto que ela vai fazer aquela coisa, olhando a gente como se soubesse que a gente vinha. Nunca sei se é um blefe.

Ele abriu a porta justo quando uma mulher saía. Hope nunca tinha visto alguém como ela. O cabelo castanho e comprido estava preso numa série de tranças tremendamente intricadas. O rosto, pintado num tom estranho de laranja, e pequenos salpicos de dourado tinham sido colados nos cílios, deixando-os tão pesados que os olhos só se abriam até a metade. Os lábios eram pintados de um azul forte. Ela usava um comprido vestido de seda azul que parecia entrelaçado com fios dourados. Tinha joias de ouro nos pulsos finos e no pescoço comprido. Hope só pôde olhar boquiaberta aquela criatura estranha e pouco prática, com uma leve consciência de que a mulher a olhava de volta com inquietação.

Red puxou Hope de lado.

– Desculpe, senhora – disse ele, abrindo um sorriso.

A mulher não respondeu, apenas passou por eles rapidamente.

– O que foi *isso*? – perguntou Hope.

– Uma verdadeira rendada do norte da cidade.

– Todas elas se vestem assim?

– Se vestem apenas quando vêm aqui para baixo. Duvido que se incomodem tanto quando estão em casa, com os pés para cima. Mas não tenho certeza.

– Por que ela estava pintada de laranja?

– Como é que eu vou saber? Só porque tenho um pouco de sangue rendado não quer dizer que entendo a moda deles. Agora vamos entrar. Não queremos deixar a Velha Yammy esperando.

Hope não tinha certeza do que pensava encontrar na Casa de Tudo. Talvez bolas de cristal, tapeçarias exóticas, tapetes de cores espalhafatosas e pedaços de osso pendurados na porta. Por isso ficou meio desapontada quando ele a levou até o que parecia uma cozinha normal, semelhante à de Ermo dos Ventos. Armários de madeira com um grosso cepo de açougueiro em cima, uma bacia e um fogão bojudo, de ferro. A única diferença óbvia eram as fileiras de vidros sem rótulos, cheios de folhas, pós e outras coisas que ela não podia identificar.

Havia uma mulher parada no meio da cozinha. Hope estivera esperando que a Velha Yammy fosse velha, mas a mulher não poderia ter mais de 40 anos. Imaginou se seria uma ajudante. Mas então Red sorriu e foi até ela com os braços estendidos.

– Velha Yammy!

Ele a envolveu com os braços. Yammy lhe deu um olhar sem emoção, enquanto se deixava abraçar.

– Quando estou trabalhando meu nome é Madame Destino, Rixidenteron.

– Certo. E quando estou com meus amigos sou Red, fechou?

– Rixidenteron? – perguntou Hope.

– É o nome dele – disse a Velha Yammy. – Não combina mais com ele, mas eu o chamo assim por hábito, e talvez por nostalgia. – Ela franziu os olhos para Hope, enfiando uma mecha de cabelo preto atrás da orelha. – Mas você sabe disso, não é?

– Por que pensa isso? – perguntou Hope, com a expressão resguardada.

Havia algo no modo como a Velha Yammy a olhava que a fazia parecer estranhamente exposta.

– Sou a Madame Destino. Sei muitas coisas.

– É, é, vamos parar com a troça – disse Red. – Temos uma coisa séria para falar com você.

A Velha Yammy lhe deu um sorriso tolerante.

– Você sempre tem.

– Precisamos encontrar uma pessoa. Temos o cabelo dele, o sangue e o nome. Isso vai servir para uma busca, certo?

– Vai. – A Velha Yammy foi até um balcão, indicando para os dois acompanharem. – Mostrem.

Red estendeu os fios de cabelo. Hope tinha enrolado a espada frouxamente no manto branco, em vez de colocar na bainha. A bainha se

encaixava perfeitamente com a espada e teria limpado o sangue. Agora desenrolou o manto com cuidado, jamais deixando que ele tocasse a ponta da lâmina, onde o sangue ainda escurecia o gume.

A Velha Yammy inspirou fundo quando viu a Canção dos Lamentos.

– Essa espada! Nunca vi nada igual. – Ela estendeu a mão, hesitando, e tocou a parte chata da lâmina com as pontas dos dedos. – Ela tem poder. Engastado no próprio aço.

– Foi forjada com a ajuda de um biomante – disse Hope.

A Velha Yammy encostou o dedo no sangue, depois o levou à boca, lambeu e cuspiu.

– E você procura um biomante também.

– Isso é problema? – perguntou Red.

– Para encontrá-lo? Normalmente, sim. Mas se usarmos essa espada como a vara de rabdomancia ela vai ampliar o trabalho do sangue.

– Isso vai fazer mal à espada? – perguntou Hope.

A Velha Yammy gargalhou.

– Não existe poder que você ou eu possamos conjurar que faça mal a essa espada. É seguro. Mas sei que, no momento em que o sangue de outra pessoa encostar nela, o trabalho de sangue será desfeito e você não poderá mais usá-la para procurar esse homem.

– Então você não vai poder usar sua espada para lutar – disse Red.

– Eu posso usá-la embainhada. Ou posso usar outras armas. Se houver necessidade.

– Provavelmente haverá. – Red se virou para a Velha Yammy. – Parece que a encrenca anda atrás de nós.

A Velha Yammy revirou os olhos.

– Não imagino por quê. – E deu um tapinha na bancada. – Ponha a espada aqui.

Hope se sentiu inquieta colocando a espada ali, como se fosse uma mãe protetora, apesar de a Velha Yammy ter dito que eles não poderiam fazer mal à arma.

A Velha Yammy pôs os fios de cabelo em cima do sangue, murmurando algo baixinho. Pegou um frasco com um líquido amarelo e salpicou algumas gotas no cabelo e no sangue. Em seguida, pegou um frasco com pó branco e cobriu a lâmina com uma grossa camada.

– Quando as chamas aparecerem – disse a Velha Yammy –, grite o nome dele.

– As chamas? – perguntou Hope, alarmada.

Mas antes que pudesse agir, a Velha Yammy bateu numa pederneira e uma fagulha saltou para a ponta da espada. Toda a lâmina foi engolfada em fogo, da ponta ao cabo.

– Teltho Kan! – gritou Hope, mais alto do que tinha pretendido.

O fogo sumiu como se tivesse sido soprado, deixando a lâmina totalmente limpa de pó, sangue e pelos.

Red pigarreou.

– Ela…

– Shh! – disse a Velha Yammy.

Os três olharam para a espada por um momento. Depois, lentamente, ela começou a se mover, como se fosse girada por uma mão invisível. Parou assim que estava apontando na direção noroeste.

– Essa é a sua direção – disse a Velha Yammy com confiança absoluta.

– Ela vai sempre apontar para ele? – perguntou Hope. – Mesmo se ele se mover?

– Até que você desfaça o trabalho de sangue.

Antes Hope estava cética. Mas ver a espada se movendo sozinha acendeu uma gratidão calorosa dentro dela.

– Como posso pagar por isso?

– Rixidenteron sabe qual é o meu pagamento.

Hope olhou interrogativamente para Red. Ele revirou os olhos.

– Uma pintura.

– De qual artista?

– Eu.

– Eu não sabia que você era um artista.

Mais uma faceta dele que ela havia descoberto. Ele olhou irritado para a Velha Yammy.

– Não sou.

– Bobagem – disse a Velha Yammy. – Um artista é quem faz arte. E isso você faz.

– Só quando você pede.

– Então é uma coisa boa que eu faço. É o que sua mãe iria querer.

Red se encolheu quando a Velha Yammy mencionou sua mãe.

– Ótimo, certo, eu faço.

– Você conheceu a mãe do Red? – perguntou Hope.

A Velha Yammy sorriu.

– Conheci. E foi um prazer. A arte que os dois faziam juntos… até hoje não tem nada igual.

– Yammy, por favor, não – disse Red.

– Há uma exposição nova das obras dela na galeria Vista da Baía. Sabia disso? – perguntou a Velha Yammy.

– Vista da Baía? – indagou Red. – Parece meio rendado demais para as coisas dela.

– Nem um pouco. Você deveria ir olhar, já que está nas redondezas.

– Não temos tempo – disse ele peremptoriamente. – Vamos fazer essa pintura logo para começarmos nossa busca. O que você quer desta vez?

A Velha Yammy franziu a testa, pensativa.

– Um retrato, acho.

– De quem?

A Velha Yammy apontou para Hope.

– Dela.

– Meu? – perguntou Hope.

– Dela? – ecoou Red.

A Velha Yammy assentiu.

– É o meu preço.

Red olhou para Hope.

– Desculpe. Você se incomoda?

A ideia de alguém ficar olhando para ela totalmente concentrado por tanto tempo fez sua pele se arrepiar. Mas qualquer desculpa em que pudesse pensar parecia uma vaidade infantil. Se esse era o preço para encontrar Teltho Kan, teria de suportar. Sem dúvida já havia passado por coisas piores.

– Não, não me incomodo – mentiu.

– Maravilhoso. – A Velha Yammy deu um sorriso. – Eu gostaria que fosse com luz natural, e não de lampião. De modo que você pode começar amanhã cedinho.



A Velha Yammy morava acima de sua loja, num pequeno quarto que não tinha espaço para Hope e Red. Por isso, ela colocou colchas grossas no chão da cozinha perto do fogão bojudo. A cozinha era escura, a não ser pelo tremeluzir laranja do fogão. Hope podia ouvir risos e músicas vindos de

uma construção próxima. Imaginou se a música parava em algum momento naquele bairro. Estranhamente, esperou que não.

– Isso meio que me lembra daquela primeira noite, você e eu dormindo no barraco do Finn Perdido – disse Red.

– Na verdade foi de dia.

– Certo. Depois fomos para a Ponta do Martelo naquela noite. E o inferno abriu as portas.

Ficaram em silêncio por um momento, deitados lado a lado.

– Obrigada por matar Drem – disse Hope baixinho.

A morte dele ainda não tinha diminuído a perda que sentia por Carmichael. Mesmo assim, ela se sentia grata pela vingança.

– O prazer foi todo meu. Se bem que eu gostaria que você estivesse lá para ver o arremesso espantoso que eu fiz, ricocheteando. Digno dos livros de história.

– Acho que Carmichael teria gostado de você. Apesar de sua insistência em se apresentar como patife e ladrão.

– Eu *sou* patife e ladrão.

– Você nunca tinha falado sobre a Velha Yammy – disse Hope de repente.

Era um pequeno detalhe, mas de algum modo lhe soava significativo. Yammy parecia o tipo de pessoa que apreciaria as qualidades mais refinadas dele, como a leitura e a matemática.

– Não falo muito sobre ela. Não falo muito sobre as pessoas do meu passado em geral.

– Mas ainda a visita.

– Bom, claro. Ela é útil.

– Você fala sobre ela com Rolha e Urtiga?

– Não muito – admitiu.

– Eles a conhecem?

– Rolha se encontrou com ela uma vez, quando ela foi até o Círculo do Paraíso e me achou.

– Veja bem, é isso que eu quero dizer. Você pode ser um patife e ladrão. Mas também é muito mais do que isso. Um erudito, um contador de histórias, e agora descubro que também é pintor? Por que você esconde esse seu lado?

Red ficou em silêncio por um longo tempo. Hope começou a se perguntar se ele ao menos responderia. Se ao menos sabia a resposta.

– Acho que é porque nunca encontrei alguém que pudesse ver de verdade todas as minhas partes.

Hope pensou em quando tinha sabido que Red havia ficado órfão na mesma idade que ela. A vida dos dois tinha sido muito diferente, mas essa única semelhança era como uma lança cravada no centro do ser de cada um, ao redor da qual todos os sonhos, temores e desejos giravam. Ela jamais soubera que podia ser tão diferente de uma pessoa e ao mesmo tempo entendê-la tão bem.

– Hope?

– O quê?

– Lá naquele beco, hoje. Você não iria se matar de verdade. Iria?

Hope suspirou e fechou os olhos.

– O código vinchen diz que a única vingança verdadeira é a morte do ofensor. Se o guerreiro fracassa nisso, é melhor morrer do que viver com tamanha desonra. Eu pensei que tinha fracassado.

– E sua honra vale tanto assim para você?

– Não. Minha vingança é que vale.



Teltho Kan acordou nu e tremendo num beco escuro perto do litoral oeste de Nova Laven. Sua pele parecia em carne viva, como se tivesse sido raspada com uma navalha. O vento frio o golpeava dolorosamente enquanto ele se levantava devagar e sem firmeza.

Tinha sido um salto ruim. Muito pouco tempo para se preparar. Sem amortecedores, sem salvaguardas. E não estava ficando mais jovem. Mais uma dessas e ele poderia deixar a pele para trás, junto com a roupa.

Mas tinha sido necessário. Jamais esperaria que um seguidor das regras como Hurlo fizesse algo tão herético como treinar uma mulher no caminho vinchen. Talvez ele tivesse ficado excêntrico na velhice. Ou senil. O motivo não importava. Ele a havia treinado bem. Teltho precisaria dar um jeito nela.

Olhou seu corpo nu e trêmulo, magro feito um junco e rígido com músculos encordoados. Uma coisa de cada vez. Precisava de roupas.

Caminhou sem constrangimento até a rua principal. Não havia muitos transeuntes nem lampiões de rua nessa parte da cidade. Era um tanto

divertido ver as poucas pessoas que passavam por ele fingindo que não viam o velho nu se esgueirando nas sombras.

Viu um homem mais ou menos da sua altura e seu peso. O sujeito usava uma camisa branca de camponês, calções justos e botas com solas quase desfeitas. Não era ideal, mas ele não tinha tempo para escolher. Quando o desconhecido passou perto, Teltho saiu das sombras e tocou o pescoço dele.

– Para o diabo! – rosnou o homem, e deu um passo para se afastar.

Teltho Kan o viu dar mais três passos. No quarto, sua perna se quebrou com um estalo alto. O homem gritou e oscilou sobre a outra perna, que também se quebrou. Enquanto caía, o homem estendeu os dois braços para amenizar a queda. Os dois braços se quebraram com o impacto. O homem ficou caído, os quatro membros dobrados em direções que não eram naturais. Teltho Kan continuou a olhar o sujeito gemer em agonia, sacudindo-se, com cada movimento quebrando mais ossos do corpo. Por fim era apenas uma massa de ângulos estranhos, estremecendo, gemendo. Teltho Kan se ajoelhou e deu um tapinha na testa dele. O crânio afundou e ele ficou imóvel.

Teltho Kan tirou as roupas do corpo que continuou a produzir estalos pequenos e rachaduras a cada movimento. Finalmente estava vestido e quente.

Aquela garota do Hurlo tinha jurado vingança contra ele. Se havia uma coisa que Hurlo provavelmente tinha gravado no cérebro dela, acima de qualquer outra, era para cumprir com os juramentos. Ele sempre fora implacável nesse sentido. Se ela tivesse alguma semelhança com o grão-mestre, encontraria sua pista de novo, mais cedo ou mais tarde. Ele precisava se preparar. Da próxima vez estaria pronto para ela.

24

Para Red seria difícil explicar a alguém que não fosse artista a estranha intimidade que sentia ao pintar um retrato. Não sabia se era só ele ou se todos os artistas sentiam isso em algum grau. Não que ele fosse artista…

Começaram o retrato no início da manhã. Hope se sentou num banco alto perto da janela. O cabelo louro, na maioria das vezes preso na nuca, tinha sido solto para o retrato a pedido da Velha Yammy. O sol da manhã o atravessava, fazendo o cabelo parecer realmente angelical. Ainda assim, sua aparência era perigosa. E isso, ele precisava admitir, era parte de seu charme.

Mas, enquanto pintava na cozinha da Velha Yammy, isso virou algo mais do que os impulsos de um tom molhado. Ele se pegou atraído para detalhes minúsculos nela. Coisas que normalmente não teria notado. O ligeiro arrebitado do nariz. O arco dos lábios. A linha fraca das sobrancelhas claras como o cabelo. O leve salpico de sardas sobre o nariz. A linha dura e limpa do maxilar. A curva graciosa do pescoço. E aqueles olhos. Tão profundos e azuis que ele ficava tonto se os olhasse por tempo demais. Mas *precisava* olhar. Tinha de fazer justiça a eles na tela. Se não conseguisse acertar mais nada, queria os olhos.

Ela se mexeu ligeiramente.

– Quanto tempo isso vai demorar?

– Quanto mais você se mexer, mais vai demorar – respondeu ele, tenso.

– Mas como…?

– Falar conta como movimento.

Ele estava sendo injusto. Nunca tinha pintado um retrato em que a pessoa ficasse tão imóvel quanto ela. Havia momentos em que nem tinha certeza de que ela estivesse respirando. Mais tarde, quando perguntou se Hope precisava de uma pausa para descansar, ela disse que não. Red nunca conheceu alguém capaz de ficar imóvel por tanto tempo. Era como se ela tivesse se colocado numa espécie de transe vinchen.

Mas ele também se encontrava numa espécie de transe. Sempre ficava assim quando pintava. O tempo parava e todos os outros pensamentos e preocupações se afastavam. Só havia a tela, o pincel, a tinta e o tema: ela.

Era fim de tarde quando ele se levantou para tomar ar e viu que tinha terminado.

– Certo. – Sua voz estava sonolenta, como se ele tivesse acabado de acordar. – É isso.

A Velha Yammy examinou.

– É o seu melhor até agora. Um retrato digno da retratada.

– Obrigado.

Ele tinha consciência de que o zumbido quente da euforia passaria logo, enquanto Red, o tommy tapinha do Círculo do Paraíso, se restabelecesse. Por isso saboreou esse momento.

– Deixe-me ver.

Hope se levantou do banco, não parecendo cansada por ter ficado imóvel durante mais de oito horas. Deu a volta e olhou o retrato por cima do ombro dele.

– Humm – murmurou ela, e se afastou.

Um punho frio apertou as entranhas de Red.

– Não gostou? – perguntou antes que pudesse se conter.

– Não, é lindo. – Um rubor lento se esgueirou pelas bochechas claras e sardentas. – Você me pintou de um modo lisonjeiro.

– Pintei como eu a vejo.

– Humm – repetiu ela, depois se virou para a Velha Yammy. – Será que o pagamento é suficiente?

– Ah, é. – A Velha Yammy deu um olhar malicioso para Red. – Ficou exatamente como eu esperava.

Red não gostou da expressão dela. Fez com que ele se lembrasse de si mesmo, quando estava aprontando alguma tramoia. Isso, porém, não o surpreendia. Afinal de contas, a Velha Yammy era uma das suas mentoras. Tinha-o encontrado vários anos antes. Depois de seu tempo como pirata, mas antes de conhecer Urtiga. Ela quisera que ele voltasse para Costas de Prata, mas nesse ponto ele estava envolvido demais no Círculo do Paraíso. Isso não o impedira de visitá-la de vez em quando para aprender o que pudesse. Mesmo sendo verdade que ela possuía uma habilidade formidável com a magia do sangue e todo tipo de remédios e venenos, ler a sorte era seu serviço mais popular, e qualquer um que valesse 5 jardas sabia que esse tipo de coisa não passava de bagos e paus. O engodo e a chicana eram uma parte necessária do negócio. Ela é que havia lhe ensinado que uma mente ágil podia render muito mais coisas do que dedos ágeis.

Isso não incomodava Red, claro. O que o incomodava era quando não sabia que tramoia ela estava aprontando, ou contra quem. Em nove de cada dez vezes isso geralmente significava que era ele. O que seria desta vez, ele não sabia dizer. Pelo menos por enquanto. Ela era inteligente demais, e as maquinações da Velha Yammy se revelavam tarde demais para ser impedidas, mas cedo o bastante para você reconhecer seu trabalho, se estivesse prestando atenção.

– Certo… – disse ele, estreitando os olhos. Em seguida se virou para Hope. – Está pronta para ir?

– Bobagem – interveio a Velha Yammy. – Vocês não comeram nada o dia inteiro. Não posso mandá-los de volta para o mundo de barriga vazia.

– Seria bom – concordou Hope. – Odeio deixar Teltho Kan se afastar mais ainda, mas nenhum de nós tem dinheiro. Não sabemos quando poderemos comer de novo.

Red mostrou seu riso.

– Dinheiro sempre pode ser conseguido.

– Sempre que possível eu gostaria de não roubar. – Ela olhou para a Velha Yammy e depois sorriu de volta para ele. – Além do mais, esta pode ser minha única oportunidade de ficar sabendo sobre Rixidenteron.

– Não estou mais com fome – retrucou ele.



Como Red temia, a conversa durante a refeição se concentrou quase exclusivamente em seus feitos na infância. Sentaram-se à mesa grande no centro da cozinha e comeram um substancioso cozido de legumes enquanto a Velha Yammy contava uma história embaraçosa depois da outra. Red não sabia direito o que era pior: o prazer presunçoso com que a Velha Yammy contava ou a avidez com que Hope escutava. Red a imaginou armazenando um pesado arsenal de detalhes que usaria judiciosamente sempre que quisesse fazer com que ele passasse um aperto.

– Então você o conhece durante toda a vida? – perguntou ela à Velha Yammy.

– Na época eu não tinha esta loja. Os pais de Rixidenteron e eu fomos vizinhos durante toda a infância dele. Eu ficaria com ele quando os pais faleceram, abençoados sejam, mas naquele ano eu estava na cadeia.

– Cadeia? – perguntou Hope. – Por quê?

– Demonismo. É como os biomantes chamam. Claro, eles podem driblar as leis da natureza como quiserem, e é pelo bem do império. Mas se alguém que não é da ordem deles fizer isso, ainda mais uma mulher? Bom, certamente deve ser um poder maligno concedido por um demônio. Eles fazem uma varredura a cada cinco anos, mais ou menos, procurando alguém com habilidade verdadeira. Se você é homem, eles podem recrutá-lo. Mas, se é mulher, é um ano na prisão dos Penhascos Vazios ou a morte. Desde então aprendi a descobrir quando eles estão vindo e a esconder minha habilidade. Mas nesse tempo eu era jovem, idiota e estava ansiosa para impressionar qualquer um que passasse. – Ela se virou para Red, com o rosto sério. – Eu gostaria de ter estado ao seu lado na época. Foi um ano difícil, pelo que me disseram.

– Foi – disse Red baixinho.

Houve um momento de silêncio, em que Red esperou calado que nenhuma das duas perseguisse aquelas lembranças particulares colocando-as na luz. Agradeceu quando a Velha Yammy disse:

– Felizmente eu o encontrei alguns anos depois. Nesse ponto ele estava mudado. Já se autodenominara Red, tinha a cabeça cheia com a patifaria louca posta lá por Sadie Cabra, aquele esturjão velho.

– Vocês se conhecem? – perguntou Hope.

– Claro. E apesar de toda a encrenca que ela arranjou, sempre vou agradecer por ela ter salvado a vida desse aí e o mantido mais ou menos fora de perigo. – Ela cutucou o ombro de Red. – Mas agora ele aparece de vez em quando e aprende uma ou duas coisas.

– E o que você ensinou a ele?

A Velha Yammy gargalhou, uma explosão rica e gutural.

– Você não gostaria de saber.

Red ficou surpreso com a resposta evasiva. Não tinha acontecido nenhuma coisa notável. Ele não tinha aptidão verdadeira para a magia de sangue, por isso ela lhe ensinou sua outra profissão. A arte sutil de convencer as pessoas. Mas talvez sua relutância em falar disso não fosse grande mistério. Como tinha lhe dito muitas vezes, um mágico nunca revela seus segredos, a não ser ao aprendiz.

No entanto, havia sugestões de algum jogo que ela viera fazendo desde a noite anterior. O que quer que fosse, Red morria de medo da revelação inevitável.



Mas talvez estivesse com suspeitas demais. Porque saíram da Casa de Tudo da Madame Destino sem qualquer reviravolta chocante. Ou ela estava fazendo um jogo realmente intricado ou Red estivera errado em se preocupar.

– Você pode mandar notícias a Sadie? – pediu a ela. – Ela está no cais, trabalhando num navio chamado *Gambito da Dama*, com Finn Perdido. Só diga que estamos bem, dê uma ideia do que estamos fazendo. Mas nada muito específico. Não quero que ela se preocupe.

– Vou dizer o que ela precisa saber – respondeu a Velha Yammy. Depois o abraçou, algo que raramente fazia. – Vai se passar um tempo até que eu veja você de novo. Até lá, prometa que não vai se esquecer da Velha Yammy, fechou?

Ela o apertou com força.

– É, tudo bem – respondeu ele, meio sem graça.

Tinha passado pouco do crepúsculo quando eles partiram. Hope mantinha a espada ao lado do corpo, a mão pousada no botão de modo a poder senti-la se movendo ao mesmo tempo que a impedia de apontar completamente.

– O que a Velha Yammy quis dizer quando afirmou que não vai ver você por um tempo? – perguntou Hope. – Ela vai a algum lugar?

Red balançou a cabeça.

– Ela dá a entender que tem algum tipo de visão, como se pudesse enxergar o futuro. Mas tudo não passa de bagos e paus. Ninguém consegue ver o futuro, porque ele ainda não foi feito.

– Dizem que o Mago Negro podia ver o futuro. Algumas pessoas acreditam que foi isso que o enlouqueceu.

– Você poderia culpá-lo? Quero dizer, *se* fosse possível. Ver o futuro, mas não poder fazer nada a respeito. Isso deixaria qualquer um escorreguento.

– E se a pessoa *pudesse* fazer alguma coisa a respeito?

– Então não seria mais o futuro, seria?

– Bom argumento – admitiu Hope.

Caminharam em silêncio pela rua principal, cada quarteirão trazendo uma música diferente de um músico diferente: tocadores de tambor, flauta, instrumentos de cordas, cantores, todos se apresentando em troca das

poucas moedas jogadas nos chapéus. Os rendados jogavam moedas de cobre, de prata e até uma ou outra de ouro. Red se perguntou se haveria algum tipo de competição entre eles para ver quem poderia ser mais extravagante. Se você podia se dar ao luxo de jogar uma moeda de ouro para um instrumentista só porque gostou da música, devia ser rico de verdade.

– As luzes, a música e as cores… – disse Hope. – Nunca encontrei um lugar assim. Quase não parece real.

Red olhou a luz do lampião brincar na pele de Hope. O cabelo dela estava preso de novo, mas ainda tinha um leve brilho angelical. As sombras e as luzes tremeluziam em suas feições de um modo que fazia os dedos dele coçarem de vontade de pintá-la outra vez.

– O que foi? – perguntou ela.

– Hã?

– Você está me encarando.

– Ah. Desculpe.

Ele virou o rosto para a frente outra vez, depressa. Foi então que compreendeu o jogo da Velha Yammy. Ela estava bancando a casamenteira, tentando fazer Red ser fisgado por Hope. Antes ele admirava as muitas características atraentes de Hope, mas não era mais um pateta apaixonado. Quando tinha descoberto que ela não era para tombar, teve um sucesso razoável em realinhar a imagem dela como uma vaga, e nada mais. Mas agora? Não conseguia *parar* de notar os detalhes. Todos os pequenos detalhes que tinha pintado ficavam chamando sua atenção. Era uma coisa que distraía e deixava seu coração nauseado e frustrado. Mas o que poderia fazer, a não ser suportar isso? A única outra opção era se afastar o mais depressa possível. Mas a mera ideia o deixava paralisado. Foi como ele soube que o plano da Velha Yammy tinha funcionado e que ele estava charcado de verdade. Claro, Yammy não sabia que aquilo não daria em nada, devido àquele mijo de voto de castidade.

Hope levantou o queixo e respirou fundo.

– Estou sentindo o cheiro do mar. Minha espada está apontando naquela direção. Será que ele pode ter saído de Nova Laven?

– Ali adiante fica a baía do Marceneiro. Ele penetra fundo em Nova Laven. Do outro lado fica Pedra Angular. Ele pode estar lá.

– Bom.

– Na verdade, não. Primeiro precisamos dar a volta inteira na baía, ou então arranjar um modo de atravessar. Poderíamos mandar a notícia a Sadie

e pedir que ela trouxesse o seu navio, presumindo que ele esteja pronto. Mesmo se estiver, ela demoraria um dia para subir pelo litoral.

– Já estamos mais atrasados do que eu gostaria.

– Foi você que disse que a gente deveria ficar para o jantar – observou Red.

– Um vinchen sabe quando os limites do corpo devem ser considerados.

– Ou seja, você estava morrendo de fome.

– Estava – respondeu ela sem qualquer sugestão de embaraço.

– Bom, não importa como a gente atravessar, assim que chegarmos a Pedra Angular provavelmente não vamos encontrar um lugar amigável, já que é o quartel-general dos capetas. Provavelmente Teltho Kan já está espalhando sua descrição. Os capetas por aqui podem ainda não tê-la notado, mas os de lá vão estar procurando você, seguro que nem apuro. Vamos precisar disfarçar suas características mais marcantes antes de atravessarmos a baía.

Ela franziu a sobrancelha.

– Que características são essas?

– O cabelo louro e o couro vinchen.

E a beleza que não é da terra, pensou ele com uma saudável quantidade de zombaria contra si mesmo.

– Que tipo de disfarce você tem em mente?

– Se vamos para o norte da cidade, deveria ser um disfarce de rendada.

Ela franziu o nariz.

– Vou ter de me pintar de laranja?

– Não são todas que fazem isso. Mas muitas usam chapéus idiotas e grandes vestidos bufantes.

– Maravilhoso – disse ela sem qualquer entusiasmo. – E onde conseguimos esse disfarce?

– Você precisa perguntar?

Ele apertou o peito com a mão, fingindo um tom magoado. Os olhos dela se estreitaram.

– Você pretende roubar.

– Naturalmente. Mesmo se tivéssemos dinheiro, nem de longe seria suficiente para uma vestimenta rendada completa. Elas custam mais do que você ou eu vemos em um ano. Só precisamos encontrar uma mulher rendada mais ou menos do seu tamanho.

Ele começou a procurar uma vítima enquanto continuavam andando para a baía. A rua terminava na borda de um penhasco. Lá embaixo a lua brilhava na água turva. O reflexo era embotado aqui e ali pelas formas escuras de pequenos barcos de lazer dos rendados. Ele podia ouvir baixinho os estalos da madeira enquanto as embarcações se moviam junto com a água. Mais adiante no litoral, captou o som de música clássica. Não eram músicos de rua comuns, e sim uma verdadeira orquestra rendada tilintando. Olhou na direção do som e conseguiu identificar a fonte: uma grande construção na beira do penhasco, dando para a baía.

Deu um sorriso lupino.

– Galeria Vista da Baía. Venha. Tenho um desejo súbito de me reconectar com a minha infância.



A galeria Vista da Baía era a galeria de arte mais prestigiosa de Costas de Prata, o que a tornava a galeria mais prestigiosa de Nova Laven e possivelmente de todo o império. Eram quatro andares de arquitetura exagerada. Arcos, arcobotantes, sacadas com cúpulas e rotundas, só para citar o mais óbvio. Enquanto ele e Hope se aproximavam, as janelas enormes reluziam como lampiões gigantescos. Isso bastaria para iluminar todo o quarteirão. Mas, claro, havia luzes nas ruas, o dobro do que era visto em qualquer outro quarteirão, e também tochas acesas, só pela estética.

– Não entendo por que você iria querer roubar alguém na exposição da sua própria mãe – disse Hope.

– Mamãe odiava esse lugar, como qualquer artista de verdade em Costas de Prata. Dizia que você sabia que sua arte não era mais relevante quando era exposta na Vista da Baía.

– Mesmo se for verdade, as pessoas estão lá dentro porque admiram a arte da sua mãe. Isso tem de significar alguma coisa.

– Por quê? Porque elas compram e vendem a obra dela por mais dinheiro do que ela jamais viu em toda a vida? Alguém está ficando rico com a paixão que a matou. Se isso significa alguma coisa, é um lugar dos infernos.

Hope não disse mais nada à medida que se aproximavam da galeria, e Red ficou satisfeito com isso. Precisava se acalmar. Aquietar a mente para

fazer a coisa do modo certo. Sim, rolar uma rendada na exposição de sua mãe tinha certo floreio autoindulgente. Mas mesmo assim ele era profissional.

O lugar estava iluminado demais para entrar sem ser notado, e com a aparência com que estavam eles seriam barrados pelos dois guardas de ombros largos que vigiavam a porta principal.

Felizmente havia um movimento intenso entre o pequeno prédio que servia de despensa e a galeria, enquanto serviçais rendados levavam comidas e bebidas num jorro constante para os ricos insaciáveis. Red e Hope passaram em volta da despensa e juntos pegaram um barrilete de cerveja, depois entraram atrás de um serviçal atarefado, de cabelos grisalhos, com um presunto defumado embaixo de um braço e um queijo redondo embaixo do outro. Acompanharam-no pelo trecho gramado até a entrada de serviço na lateral da galeria. A entrada dava direto na cozinha, onde eles foram recebidos por uma quantidade enorme de comida. Carne e queijo, peixes e frutas, tudo cortado em pedaços minúsculos e arrumado artisticamente em enormes bandejas de prata. Apesar de já ter comido, Red olhou para aquilo, faminto.

– Red, não – disse Hope. – Você vai atrair mais atenção.

– Mais? – Red olhou em volta. Os serviçais olhavam para eles e sussurravam. Claro, porque todo mundo em volta dos dois usava uniforme de empregado. – Certo, é hora de ir.

Antes que alguém pudesse impedi-los, eles passaram pela porta mais próxima. Ela dava num corredor comprido com teto em arco. O piso era de mármore branco, as paredes eram forradas de papel dourado e cortinas de veludo cor de vinho pendiam das janelas. O local estava vazio de pessoas e obras de arte, mas a música soava alta no andar de cima. Red supôs que a maioria dos "patronos das artes" estariam lá em cima agora. Esperava que houvesse pelo menos umas poucas pessoas nesse andar, olhando a arte de verdade. Para que pudesse roubar as roupas, claro.

Foi em frente.

– Venha, a galeria principal deve ser por aqui.

– Você tem algum tipo de plano, não tem? – perguntou Hope andando ao lado dele.

Ela parecia mais desconfortável ainda do que quando ele a levara pela primeira vez ao Salão da Pólvora. Red se perguntou se ela já vira alguma coisa tão luxuosa quanto este lugar. Provavelmente, não. Justo quando Hope

tinha se acostumado ao Círculo, ele a arrastava para um lugar mais estranho ainda. Precisava admitir que sentia certo prazer perverso nisso.

– Planos são para os amadores. – Ele manteve o tom leve e despreocupado.

– Na verdade, tenho quase certeza de que eles são a marca de um profissional.

Entraram num salão onde dois corredores se cruzavam. Acima deles pendia um gigantesco lustre de cristal.

– Como ele é aceso? – perguntou Hope, com os olhos arregalados de espanto.

– O gás é bombeado por dentro das paredes.

Ela balançou a cabeça.

– Espantoso.

– É, é.

Red examinou os outros corredores e descobriu que um deles tinha pessoas. Agora precisava encontrar uma mulher mais ou menos do tamanho de Hope usando chapéu. Ainda não tinha certeza de como conseguiria as roupas, mas iria deduzir essa parte mais tarde. Dependendo do caráter da mulher, qualquer coisa, desde um ardil até um instrumento rombudo, poderia funcionar.

Enquanto passavam por rendados olhando as pinturas da sua mãe, ele não pôde deixar de ouvir os comentários.

– Impressionante!

– Etéreo, não acha?

– Cativante! Não consigo parar de olhar.

– Este aqui é meio sinistro, não acha?

Isso o deixou irritado. Não gostava daqueles rendados olhando a obra da sua mãe como se tivessem algum direito sobre ela. Passou rapidamente por eles, lutando para permanecer concentrado procurando uma mulher magra com chapéu. Estava começando a achar que tudo aquilo era um erro terrível. Não deveria ter chegado perto dessa galeria. Mas agora era tarde demais.

Foi então que viu a pintura. Não tinha pretendido isso. Na verdade, estivera se esforçando ao máximo para não olhar nenhuma, sabendo que as lembranças poderiam afastar o pouco de calma ao qual ainda se agarrava. Mas seus olhos, impotentes, foram atraídos por uma tela específica no final do corredor. Foi cambaleando até ela quase contra a vontade. Ficou parado olhando, os punhos fechados junto ao corpo.

– Red? – Hope apareceu ao seu lado. Ele tinha uma leve consciência de que o olhar dela saltava entre ele e o quadro. – Você está bem?

Não, definitivamente não estava bem. Estava afundando num turbilhão de imagens que não trazia à mente havia anos. Sua mãe, linda, com os olhos cinzentos e o cabelo preto encaracolado. Ela tinha um jeito de rir, baixinho, que sempre fazia você achar que ela sabia algo que você não sabia. Durante toda a vida, Red tinha tentado imitar aquele riso e ainda não tivera sucesso.

Ele a adorava. Mesmo quando ela não conseguia impedir que as mãos tremessem, quando nem conseguia segurar um pincel. Foi só no final que as coisas ficaram difíceis. Quando as descrições dela pararam de fazer sentido. Ela ficava frustrada e o xingava, dizia que ele era idiota e desajeitado. Ele chorava, e isso só a deixava com mais raiva. Mas então seu pai os arrebatava, os olhos pacientes e o sorriso gentil acalmando os dois enquanto os envolvia com os braços longos e fortes, juntando-os num grande abraço de família. E tudo ficava bem outra vez.

Até chegar a ocasião em que seu pai não estava lá para arrebatá-los. Red sabia que ele estava fora, trabalhando como prostituto para ganhar dinheiro e comprar aquelas pinturas novas que ninguém queria. Red não deveria contar à mãe, porque isso iria deixá-la triste. Mas sem o pai para acalmá-los, a frustração e a dor dela ficava sem controle, até que uma noite, depois de tê-lo chamado de fraco, sem talento e a pior coisa que já havia acontecido com ela, ele não aguentou mais. *Queria* que ela ficasse triste, que sofresse como ele. Por isso contou o que o pai estava fazendo. Sem uma palavra, ela se deitou no sofá e fechou os olhos. Red ficou parado, horrorizado com o que tinha dito, com energia angustiada demais borbulhando por dentro. Não sabia o que fazer com o sentimento, por isso pintou. O primeiro e único quadro que era totalmente seu.

E era a pintura para a qual estava olhando agora.

– Peça fascinante, não acha? – perguntou uma voz atrás dele. Mais velha. Masculina. Era um rendado, pelo som e pelo sotaque. – A última obra antes de ela morrer. Foi a partida. Diferente de tudo o que veio antes. Dá para imaginar se era um sinal das coisas que estavam por vir? Se ela tivesse vivido, claro. Certas pessoas teorizam que é uma espécie de autorretrato. Pintando-se como ela se imaginava quando estivesse morrendo.

Red não tinha afastado o olhar da pintura. Em redemoinhos de marrons e cinza discretos com pequenos riscos de bege, sua mãe estava deitada no sofá, um braço pendendo pela borda, um cacho de cabelo preto caindo

sobre o rosto magro porém pacífico. Pacífico como Red queria que ela estivesse. Como se, ao ser pintado, aquilo fosse se tornar verdadeiro.

A voz de Red estava embargada quando ele disse:

– Não foi ela quem pintou isso. Fui eu.

– O que você disse? – perguntou o homem, ofendido.

Red se virou para ele, sem tentar esconder as lágrimas que escorriam pelo rosto. A carranca desconfiada do sujeito evaporou ao observá-lo. Ele passou as mãos pelo cabelo grisalho e ralo, depois as levou aos lábios grossos e apertou.

– Esses olhos! – sussurrou. – Esses olhos vermelhos! Você… você é o filho perdido, Rixidenteron.

– Red, precisamos ir – disse Hope baixinho, a mão encostada em seu braço num gesto protetor.

– Não, por favor, não! – O homem estendeu a mão para eles. – Eu faço qualquer coisa, só me deixe falar com você um momento.

Mesmo chorando abertamente, com o coração despedaçado e a mente girando, a parte de Red que o mantivera vivo por todos esses anos reconheceu o tom de desespero. Era o som da oportunidade.

– Por quê? – Red forçou os olhos a se estreitar com suspeitas, como se estivesse com medo daquele rendado enrugado e bem-vestido. – Sobre o que você quer falar?

– Sua mãe, claro. – As mãos dele tremiam e a testa tinha gotas de suor. – Meu nome é oriston Baggelworthy. Talvez ela tenha falado sobre mim.

Red balançou a cabeça.

– Bom, eu a *conheci* muito tempo atrás, quando éramos crianças. Eu era completamente apaixonado por ela, claro. Mas sua mãe estava mais interessada na arte do que em namoro. Quando ela saiu de Salto Fundo eu fiquei arrasado. Pensei que nunca iria superar. – Ele deu um risinho estranho. – E talvez nunca tenha superado. Afinal de contas – ele fez um gesto indicando o espaço ao redor –, tudo isso é meu.

– Como assim, tudo é seu?

Red não gostou do tom possessivo do sujeito. E não gostava porque, nas poucas vezes que tinha voltado a Costas de Prata, era inevitavelmente sugado pelo mundo de Rixidenteron e suas lembranças. A melhor coisa do Círculo do Paraíso era que ninguém ligava a mínima para os artistas famosos.

– A coleção – respondeu oriston. – Absolutamente todas as pinturas que ela fez pertencem a mim. Andei caçando por toda Nova Laven até juntar todas. Vou tornar sua mãe a pintora mais famosa do mundo! Você vai ver!

Red queria dizer que a fama nunca teve importância para sua mãe. Não sabia se isso era verdade, mas não gostava de como o homem agia, como se tivesse direito sobre ela e sua obra. Mas a parte sobrevivente dele o alertou contra isso.

– O que o senhor quer saber sobre ela? – perguntou.

– Tudo! Espero escrever uma biografia, veja bem. E seria muito valioso para meu trabalho e para o legado dela se você pudesse me contar tudo que se lembra de sua vida com ela.

– Nós temos o que fazer e estamos com pressa – disse Red, virando-se. – Além disso, seria doloroso demais para mim falar sobre isso.

– Espere, eu imploro! – oriston torceu as mãos. – Sei que estou pedindo demais, para você reviver tempos tão perturbadores. Se houver algum modo de eu pagar, é só dizer. Se estiver ao meu alcance, eu faço.

Red fingiu pensar por um momento.

– Precisamos de roupas. Roupas decentes, como as que o senhor está usando.

– Roupas?

Ele pareceu absolutamente perplexo. Como se elas crescessem em árvores e estivessem disponíveis para qualquer pessoa a qualquer momento.

– Para nós dois – continuou Red. – E transporte para Pedra Angular, através da baía.

oriston deu-lhe um olhar astuto.

– Ah, agora vejo. Você está indo para Salto Fundo, reunir-se com a família da sua mãe, e não quer se apresentar nesses trapos velhos.

– O senhor é mesmo esperto – disse Red em tom melífluo. – Não esperava que deduzisse tão depressa.

– Ah, mas você sabe aonde ir, quando chegar lá? – perguntou oriston, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

Red fez uma expressão sem graça.

– Não exatamente…

– Então posso lhe dar mais do que você está pedindo! Sei o endereço do seu avô. Posso lhe indicar como chegar à porta dele.

A indicação de como chegar à porta de seu avô era a última coisa de que ele desejava. Mas obrigou-se a sorrir.

– Seria de grande ajuda.

– Maravilhoso! Ele vai ficar feliz em finalmente conhecê-lo!

oriston bateu palmas numa expressão de alegria infantil.

– Sem dúvida – murmurou Hope.

– Agora, vejamos… – oriston coçou o queixo liso e redondo. – Minha mulher e eu estamos hospedados no Hotel Pôr do Sol, aqui ao lado, durante todo o período da exposição. Pode ficar meio frouxo na cintura, mas acho que você pode caber em alguma coisa minha. – Ele franziu a testa para Hope. – Você será um desafio maior, minha cara. É magra demais para usar os vestidos da minha mulher. Eles escorregariam desse corpo de menino.

Red sentiu Hope ficar tensa. Cutucou-a com o cotovelo e ela assentiu.

– Tudo bem, senhor.

Ele continuou a encará-la.

– Você *caberia* nos vestidos da criada dela. Mas infelizmente a mãe da criada acabou de falecer, por isso ela só trouxe roupas de luto.

– Prefiro preto, de qualquer modo – disse ela.

– Ah, sim… – Ele olhou sua roupa de couro preto. – Estou vendo. – Depois se virou de novo para Red. – Assim que vocês dois tiverem se trocado, eu mesmo vou levá-los até o outro lado da baía. Desse modo você pode me contar sobre sua mãe enquanto viajamos.

– Parece perfeito – disse Red, desta vez com sinceridade.



Red tentou não ficar boquiaberto enquanto oriston os levava pelo saguão do hotel, que era ainda mais opulento do que a galeria. Luzes a gás em todos os ambientes, lustres de cristal, tapeçarias bordadas em seda, grossos tapetes de pele. Todas as salas cheiravam a flores e doces. Ele olhou para Hope e viu os olhos dela quase saltando.

oriston os levou para seus aposentos, que eram tão finos quanto o saguão.

– Onde está sua esposa? – perguntou Hope examinando os aposentos.

– Ah, na galeria, acho – respondeu ele entrando no quarto e começando a remexer nas roupas do armário. – Ela gosta da orquestra. Foi por isso que eu a contratei, aliás. Às vezes é difícil para ela apreciar minha paixão pela arte de madame Pastinas.

– Não imagino por quê – comentou Hope.

Hope e Red aguardaram na sala de estar enquanto oriston examinava as roupas, deixando uma bagunça para trás. Red suspeitou de que provavelmente havia pessoas para arrumar aquela confusão depois. Talvez ele nem estivesse acostumado a escolher as roupas pessoalmente.

– Cá estamos! – disse oriston, rindo com triunfo enquanto voltava com roupas para Red. Em seguida se virou para Hope. – Os aposentos da criada ficam ali. Tenho certeza de que qualquer coisa vai servir. – Fez uma pausa, parecendo inseguro. – Ah… vocês precisam de ajuda para se vestir? Posso chamar…

– Daremos um jeito, obrigado – disse Red.

Assim que terminou de se vestir, Red se olhou no espelho, admirando. Estava com uma bela sobrecasaca marrom com acabamento dourado e botões de latão, colete, calça e um plastrão de seda, que oriston precisou ajudá-lo a amarrar direito. O que seus velhos vagas diriam se o vissem agora? Henny Bonitinho iria se mijar de tanto rir. Sadie poderia morrer de choque. Rolha provavelmente não poderia olhá-lo nos olhos. E Urtiga… a zombaria não terminaria jamais. Porém, agora, sem as observações irônicas e os olhares desaprovadores deles, Red se permitiu aproveitar essa pequena fantasia estranha enquanto aguardava que Hope terminasse.

Ela não estava nem de longe tão entusiasmada.

– Todo esse tecido farfalhando em volta das minhas pernas. – Ela agarrou as dobras fartas de tecido preto. – É quase impossível me mexer.

– Acho que é uma melhora significativa – disse oriston. – Ajuda muito a acentuar seus atributos mais femininos.

Red precisou concordar nesse tópico. Os ombros claros e sardentos dela reluziam à luz dos lampiões e o corselete preto juntava os seios pequenos oferecendo uma sugestão de decote. Mas foi esperto a ponto de não dizer nada em voz alta.

Hope grunhiu e repuxou o corselete.

– É pouco prático e desconfortável. E não tenho onde pendurar a espada.

– Eu posso segurá-la – ofereceu Red.

Ela pôs o pequeno chapéu redondo na cabeça.

– Não. Não pode.

– Posso pedir que isso seja… jogado fora?

oriston apontou para as roupas comuns dos dois.

– Não! – reagiram Hope e Red ao mesmo tempo.

– Ah, nós vamos guardá-las, obrigado – disse Red enrolando tudo dentro de seu sobretudo e o enfiando embaixo do braço.

oriston os levou para fora do hotel e seguiram pelo caminho ao longo do penhasco. A lua e as estrelas tinham surgido, refletindo-se na baía. Depois de uma caminhada curta, eles desceram uma escadaria estreita que descia em zigue-zague até o cais.

– Eu piloto minha própria embarcação – disse oriston com orgulho enquanto os levava até um pequeno veleiro. – Não no oceano, claro. Só em volta da baía. Minha mulher diz que sou louco e se recusa a entrar nele comigo, mas eu acho uma coisa revigorante.

Seu pequeno iate se parecia bastante com os que eles costumavam atacar com o *Vento Selvagem*. Red suprimiu um sorriso ao imaginar como oriston reagiria sendo abordado por Sadie, a Rainha Pirata, e sua tripulação. Mas ele sabia mesmo controlar um barco pequeno. Logo estavam com as velas enfunadas e deslizando suavemente pela baía.

– Agora – disse oriston recostado confortavelmente na popa, uma das mãos na cana do leme. – Quero que você conte *tudo* sobre ela.

– Ah, a trágica história de madame Pastinas, não é? – perguntou Red, entrando em seu tom de narrador.

Isso o ajudava a manter alguma distância do assunto e tornava as coisas mais interessantes para os ouvintes.

– É – ofegou oriston com os olhos arregalados como os de uma criança.



O sol começava a raiar quando chegaram ao outro lado da baía. Os primeiros traços de vermelho já surgiam por cima dos telhados da Guarnição Imperial de Pedra Angular. Red tinha terminado sua história alguns minutos antes, ajustando o tempo com perfeição. oriston enxugava os olhos com um lenço.

– Sua pobre família – murmurou ele, amarrando o barco no cais.

– Bom, o senhor fez muito para consertar as coisas – disse Red, apertando a mão dele. – Tanto honrando a memória da minha mãe quanto ajudando a me reunir com meu avô.

– Parece que é o mínimo que posso fazer. – oriston fungou. – A obra de sua mãe deu significado a toda a minha vida.

– O senhor é sincero.

Red deu seu melhor sorriso e um tapinha na mão do velho gafa. oriston lhes deu instruções detalhadas para chegar ao Solar Pastinas. Red anotou tudo cuidadosamente, para ter certeza de evitá-lo. Depois ele e Hope desembarcaram. Ficaram parados no cais olhando o barco de oriston deslizar de volta para a baía.

– Você não contou tudo a ele. – O tom de Hope estava estranhamente contido.

– Claro que não. Uma narrativa é feita tanto pelo que você deixa de fora quanto pelo que revela.

– Mas se ele vai mesmo escrever e transformar isso em história, ninguém jamais saberá que foi você que pintou tantas obras dela.

Parte dele queria que a Velha Yammy não tivesse contado tanto sobre sua infância a Hope. Mas ficou surpreso ao descobrir que parte dele agradecia por isso.

– Só há um herói em cada história. E não há sentido em estragar uma bela narrativa com a verdade pavorosa. Além disso, todos precisamos deixar algumas coisas para nós mesmo. – Ele se virou para encarar o exterior duro e pouco convidativo de Pedra Angular. – Bom… para onde essa sua espada diz que devemos ir agora?

25

Hope sabia que os vestidos eram uma coisa que muitas mulheres usavam. *Sabia*. No entanto, enquanto percorria com Red as ruas organizadas de Pedra Angular, estava com dificuldade para aceitar esse fato. Simplesmente vestir aquela coisa tinha sido um sacrifício. Na metade do processo, enquanto quase deslocava o ombro tentando apertar os cadarços do espartilho às costas, entendeu por que oriston sugeriu que alguém a ajudasse. Roupas tão mal projetadas que a pessoa não conseguia se vestir sozinha? Parecia uma piada cruel.

Agora entendia por que as mulheres sempre desmaiavam nos romances imperiais que tinha lido na juventude. Não era de choque ou medo, e sim por pura falta de ar. E este não era um detalhe insignificante. A respiração, como Hurlo tinha dito muitas vezes, estava na raiz do que nós éramos. Em nossa alma. Dominar a respiração era a primeira lição que ela precisara aprender. Pensando que as mulheres das classes superiores restringiam tanto esse aspecto necessário, não era de espantar que os homens parecessem ter sempre vantagem.

Tinha pensado que pelo menos o movimento seria mais fácil abaixo da cintura. Mas aquelas não eram as saias simples e soltas, de camponesa, que sua mãe usava. Eram densas, cheias de tecido sobressalente, depois cobertas com mais e mais tecidos. Os sapatos finos e pontudos não ajudavam. Andar era um desafio. Correr, se fosse necessário, seria muito pior.

Mas se sentia relutantemente agradecida pelas roupas. Pedra Angular estava lotado de soldados imperiais. O bairro parecia um vasto quartel. As poucas pessoas não imperiais que via eram ricos moradores do norte da cidade ou seus serviçais limpos e bem-vestidos. Se Hope e Red tivessem aparecido com suas roupas sujas e remendadas atrairiam imediatamente os olhares dos soldados. Mesmo vestidos como estavam, foram parados em dois locais diferentes por um soldado perguntando se tinham visto uma mulher loura usando couro preto. Hope segurava a espada junto ao corpo, escondendo-a nos babados do vestido ridículo. Seu chapéu preto e redondo não cobria totalmente o cabelo, e ela se preocupou com a hipótese de um

deles notar a cor. Mas isso não aconteceu. Talvez fosse a hora, tão cedo, ou talvez o treinamento investigativo das tropas imperiais fosse tão ruim quando Red dizia. Enquanto continuavam pelas ruas largas e retas, ela começou a acreditar que poderiam atravessar Pedra Angular sem incidentes.

Mas a terceira vez em que foram parados foi um tanto diferente. O soldado usava o mesmo uniforme branco e dourado dos outros e tinha a mesma expressão entediada quando se postou à frente deles.

– Desculpe, boa gente. Vocês viram por aí uma mulher loura vestindo uma estranha roupa de couro preto?

– Não, de fato, senhor – respondeu Red, animado. – Ela é perigosa?

– Extremamente. – O olhar do soldado passou sobre Hope sem ao menos um brilho de interesse. – Se a virem, não se aproximem. Só vão procurar o mais próximo…

Ele parou de falar enquanto olhava Red com mais intensidade.

– Eu conheço você?

– Não creio. – Red se virou para Hope. – Venha, minha cara, precisamos nos apressar.

Tentaram passar em volta do soldado, quando o rosto dele se iluminou de repente.

– Você! Foi você que roubou o dinheiro da minha carroça! Fez com que eu fosse rebaixado para a patrulha a pé. Vou…

O soldado parou assim que Hope o acertou entre os olhos com a ponta de sua espada embainhada. E desmoronou no chão.

– Ele está morto?

Red ficou olhando.

– Inconsciente.

– Quanto tempo até ele acordar?

– Uma hora, pelo menos.

– Eu poderia ter engambelado o sujeito.

– Você superestima seu próprio charme – disse ela.

– Mas agora precisamos escondê-lo. Este lugar está lotado de capetas. Não vai demorar muito até que outro passe por aqui.

– Verdade.

Hope examinou a área ao redor, mas não havia mesmo lugar algum onde enfiar o soldado desacordado. As ruas eram tão limpas que nem havia nada para cobri-lo. Então ela olhou mais de perto para a superfície da rua propriamente dita.

– Isso no chão é algum tipo de alçapão? – Ela apontou para um disco de ferro engastado nas pedras da calçada.

Red franziu a testa.

– Não sei bem.

Ele se abaixou e deslizou os dedos pela borda.

– É pesado – grunhiu. – Quer me dar uma mão?

Ela tentou se curvar, mas o espartilho tornava isso impossível. Precisou se agachar, com as costas retas, até estar suficientemente baixa. E mesmo assim ouviu um leve rasgão quando suas coxas pressionaram o vestido. Aparentemente não se esperava que as damas do norte da cidade pegassem coisas no chão.

– Vamos abrir devagar – disse. – Não sabemos o que há aí embaixo. – Mas quando abriram, o fedor deixou claro exatamente o que era.

– Fede como todas as piores partes do Círculo do Paraíso juntas. – Ela franziu o nariz e virou a cabeça para longe enquanto deslizavam a tampa de ferro para o lado.

– É mais ou menos isso. – Red apontou para o buraco, onde uma corrente rasa de excremento se movia devagar. – Não é de espantar que as ruas sejam tão limpas. Eles transportam tudo pelo subsolo. É meio engenhoso, realmente.

– E é útil para nós – disse Hope, apontando com o queixo o soldado inconsciente.

– Então, depois de eu fazer com que ele fosse rebaixado, nós o apagamos e largamos numa poça de mijo e merda. Talvez você devesse ter simplesmente matado o sujeito.



As transições de um bairro para o outro tinham sido graduais em outras partes de Nova Laven. Havia sido difícil para Hope dizer exatamente onde um terminava e o outro começava. Mas a transição de Pedra Angular para Salto Fundo foi tão abruta que parecia uma declaração propositada.

De um lado da rua ficavam os alojamentos da guarnição imperial, organizados e grudados um no outro. Do outro, o mundo se abria em colinas onduladas, encantadoras cercas de madeira e córregos límpidos com pontes muito bem-feitas. Mansões ornamentadas salpicavam a paisagem,

cercadas por vastidões de verde. Vindo do sul da cidade, onde tudo e todos estavam amontoados, Hope ficou pasma ao perceber que num lugar como Nova Laven o espaço poderia ser a mercadoria mais preciosa. Ter tanto espaço aberto assim, e mantê-lo sem objetivos funcionais como a agricultura ou o armazenamento, era o auge da decadência.

– Tem certeza de que a espada está dizendo para ir nessa direção? – perguntou Red.

Ela confirmou com a cabeça.

– As pessoas ricas não são tão amedrontadoras – disse ele, como se quisesse tranquilizá-la.

– Não estou com medo delas.

– Certo. Bem. Eu também não.

Era incomum ver a confiança dele hesitar assim. Alguns dias antes, ela poderia ter achado isso divertido. Mas depois das últimas noites, descobrindo mais sobre sua infância e sua família, entendia muito melhor o que estava por baixo de toda a fanfarronice descuidada. Agora ela sofria ao vê-lo lutar com isso.

– Vamos continuar então – sugeriu gentilmente.

– Claro! – O sorriso de Red retornou, mas parecia um pouco tenso. – Se ele continuar fugindo para o norte só pode ir até certo ponto antes de ficar sem terra. Talvez possamos pegá-lo antes do anoitecer.

– A não ser que ele pegue um navio.

– Não se preocupe! Vamos pegá-lo antes disso.

Ele lhe deu um tapa nas costas como se ela fosse um dos seus vagas. Hope se perguntou se ele sentia falta de Rolha. Podia ver como a presença alta e quieta do rapaz poderia dar mais alguma confiança a Red. Ficou surpresa percebendo que também sentia falta dele. E de Urtiga também. No mínimo seria bom ter outra pessoa para compartilhar o sofrimento de um vestido formal de gente do norte. Imaginou se iria vê-los de novo.

– Vamos indo, então – disse Red. – Os biomantes não se decapitam sozinhos, você sabe.

Atravessaram a rua para o bairro amplo e espaçoso de Salto Fundo. Parecia uma transgressão fazer até mesmo essa coisa pequena, e Hope meio que imaginou que via soldados saltando de trás dos arbustos para levá-los de volta. Mas, claro, nada aconteceu. De fato, enquanto caminhavam pela margem da estrada sinuosa que cortava as campinas, praticamente não havia

ninguém à vista. As poucas pessoas que viam estavam em carruagens ou a cavalo, e assentiam educadamente quando passavam.

Depois dos cinzas e marrons sem graça do sul da cidade, as cores deste lugar eram um alívio bem-vindo. Grama verde e luxuriante cobria os morros ondulados. Folhas de um verde-claro e amarelas cobriam as árvores delgadas e elegantes. Flores em vermelhos, azuis e amarelos luminosos brotavam de arbustos muito bem cuidados. As cercas eram pintadas de um branco ofuscante que refletia o sol da tarde.

Porém, o mais impressionante era o silêncio. Hope tinha crescido no silêncio, tanto em sua aldeia quanto mais tarde em Ermo dos Ventos. Mesmo no *Gambito da Dama* o silêncio era fácil de ser encontrado assim que ela se acostumou aos sons do mar. Mas desde que havia desembarcado em Nova Laven não tivera um único momento de silêncio verdadeiro. Fosse devido a pessoas falando, gritando, música tocando, carruagens chacoalhando, armas de fogo disparando ou companheiros roncando, o silêncio era inexistente. Mas agora ele estava ao redor, erguendo-se sobre uma paisagem tão vasta que parecia uma intromissão.

Ela podia ver que Red não achava o silêncio um alívio tão pacífico. Ele ficava olhando em volta, os olhos se virando rápidos, as mãos tensas ao lado do corpo. Red tentava conversar, mas quando ela só respondeu dando de ombros ou com resmungos baixos, ele pareceu entender a deixa e desistiu.

Continuaram pela estrada sinuosa, ocasionalmente cruzando com caminhos laterais que tinham largura suficiente apenas para uma carruagem. Eles levavam a mansões com vários andares cercadas por jardins densos, complexos, cheios de plantas raras sobre as quais Hope só tinha lido. Ainda que não fossem tão grandes quanto a galeria Vista da Baía ou o hotel, tinham tamanho suficiente para Hope achar difícil que fossem apenas casas de uma única família.

Era fim de tarde, com o sol baixo no horizonte, quando a espada deu um pulo na mão de Hope. Ela parou bruscamente, com o coração batendo forte.

– O que foi? – perguntou Red, rompendo o silêncio pela primeira vez num bom tempo.

– A espada está apontando para aquela mansão.

– Ele está *na* mansão ou *atrás* dela?

– Vamos descobrir.

A pulsação de Hope aumentava a cada passo. Ela sentia uma ansiedade quente crescendo por dentro. Hurlo teria lhe dado uma bronca e dito para

voltar a um local de calma antes de ir em frente. Mas ela não conseguia evitar. Se não fosse o vestido, talvez até estivesse correndo. Segurou a espada à frente do corpo, e quando passaram pela mansão a arma começou a se torcer lentamente em sua mão, mantendo a ponta na direção da residência.

Ela parou e olhou para Red.

– Ele deve estar aí dentro.

– Humm.

Red franziu os olhos examinando o lugar.

– Procure possíveis pontos para entrar – disse Hope. – Provavelmente uma das sacadas. Podem não estar trancadas. Mas não há nenhuma árvore perto da casa, por isso teremos de escalar pela parede.

– Hope? – A voz de Red mal passava de um sussurro.

– Claro que isso significa que teremos de esperar até o anoitecer. Odeio dar esse tempo a ele. Ele poderia escapar facilmente até lá. Poderíamos tentar encontrar um local para manter vigilância, mas há muito pouca cobertura por aqui. E ele poderia esperar até escurecer, possivelmente se esgueirando na mesma hora em que estivermos entrando… – Ela franziu a testa. Não era uma opção ideal.

– Hope.

– O quê? – reagiu ela com um pouco mais de impaciência do que pretendia.

– A julgar pelas orientações que oriston me deu, acho… que esse é o Solar Pastinas.

Hope demorou um segundo para fazer a conexão. O nome Pastinas parecia familiar. Era o sobrenome da mãe dele.

– É a casa do seu avô?

– É – respondeu ele baixinho.

Ela tentou avaliar o que significava para ele estar no lar de seus ancestrais, sem ser convidado e possivelmente indesejado. Havia um leve ar de pavor em seu rosto enquanto ele ficava ali, com o olhar fixo na mansão a distância.

– E então? – perguntou ela. – O que você quer fazer?

Red se virou para ela devagar, como se saísse de um transe.

– Como assim?

– Nenhum juramento feito pela amizade pode suplantar o laço familiar. Se sua família está abrigando o biomante, ela está no meu caminho. Isso não

vai me impedir, mas entendo se impedir você. Eu… Eu o libero de seu juramento.

A testa de Red se franziu enquanto ele a encarava.

– Família? – Ele cuspiu. – Isso não é o mijo da minha família. Sadie e a Velha Yammy são minha família. Rolha e Urtiga são minha família. – Ele estendeu a mão para ela. – Você é mais da minha família do que qualquer um desses rendados! Que se dane o sangue. Fechou?

Emoções desconhecidas cresceram por dentro de Hope. Fazia muito tempo que ninguém a considerava da "família". Olhou os ferozes olhos cor de rubi de Red e constatou que agora ele era a pessoa mais importante de sua vida.

Segurou as mãos quentes dele cobertas pelas luvas e apertou.

– Obrigada.

Os dois ficaram parados, segurando as mãos, nenhum conseguindo encontrar as palavras que poderiam vir em seguida.

– Ei, afortunados! Cuidado!

Hope e Red se separaram quando uma grande geringonça de metal e madeira sobre rodas passou a toda a velocidade. Havia um rapaz em cima daquele trambolho, puxando alavancas e pisando em pedais, com expressão de pânico no rosto. A traquitana continuou mais um pouco, depois deu um giro rápido e caiu com um estrondo.

Hope e Red se levantaram, olhando com cautela para a pilha de maquinário. Um instante depois, o homem saltou dos destroços com os olhos meio loucos. Tinha cabelo escuro que agora estava apenas parcialmente preso num rabo de cavalo. O resto era uma cortina que cobria metade do rosto. Ele usava as vestes finas da classe do norte da cidade, só que o casaco estava rasgado e havia manchas pretas em toda a calça. Mas a coisa que mais impressionou Hope foi que ele se parecia tanto com Red que poderia ser seu irmão mais velho.

– Todo mundo está bem? – perguntou ele, cambaleando para fora da geringonça. – Tenho um pouco de conhecimento médico. Se puder ajudar, ficarei muito satisfeito.

Red pareceu avaliar a situação em um segundo, depois seus olhos se viraram para os de Hope.

– Homessa! – disse numa imitação bastante boa do tom rendado do rapaz. – Temo que minha acompanhante possa ter ferido a perna na queda!

Hope não tinha talento para representar, mas fez o máximo para parecer que sentia dor e segurar o tornozelo.

– Nossa, mas isso é terrível! – exclamou o sujeito. – Vocês devem entrar imediatamente para que eu cuide do seu ferimento!

– É muita gentileza sua, mas odiaríamos causar algum incômodo – disse Red, encontrando mais confiança na fala dos rendados.

– Que absurdo, eu insisto! – Ele foi rapidamente até Hope. – Meu nome é Alash Havolon, e seria um embaraço para meu nome se eu não cuidasse de uma dama ferida. E posso ter a honra de saber seu nome?

– Meu nome é Bleak Hope.

Só depois de ter dito ocorreu-lhe que deveria ter usado um nome falso. Um que parecesse um pouco mais rendado e desconhecido por Teltho Kan.

– Um nome perturbador para uma dama tão adorável. – Alash tentou segurar a mão direita dela, mas descobriu que esta segurava uma espada. Olhou aquilo por um momento, com a expressão em choque.

– E eu sou Rixidenteron – disse Red rapidamente, segurando a mão dele e a apertando com vigor. – Esta propriedade é sua?

– Na verdade meu avô é o patriarca do Solar Pastinas – respondeu Alash.

– Não diga! – A expressão de Red não dava qualquer indicação de que tinha acabado de saber que falava com seu primo. – Estávamos passando e paramos para admirá-la.

– Fico cativado em saber que vocês gostaram! – Alash afastou o cabelo do rosto. Diferentemente de Red, seus olhos eram de um cinza claro.

– Ah, sim. Sem dúvida é a mais bonita da área – disse Red. – É um prazer admirá-la.

– Quem sabe vocês gostariam de fazer uma visita depois de cuidarmos dos ferimentos da Srta. Hope?

Red sorriu em triunfo.

– Seria maravilhoso.

– Excelente! – Alash levantou o cotovelo para Hope. – Por favor, permita-me acompanhá-la, Srta. Hope.

– Claro.

Ela estendeu a mão, hesitante, e segurou o cotovelo dele. Ele lhe lançou um olhar confuso.

– A Srta. Hope não é familiarizada com os nossos costumes – disse Red. – Ela é das ilhas do sul, sabe?

– Com os diabos! – ofegou Alash.

– Mas não tenha medo – explicou Red, agora realmente adorando o personagem. – Apesar do que possa ter ouvido, nem todos os sulistas são canibais.

Alash gargalhou, a voz parecendo um sino límpido.

– Eu *tinha* ouvido essas histórias. – Ele segurou o braço de Hope e o passou pelo seu, cruzando-os. – Mas jamais acreditei nesses absurdos ignorantes. Sou um homem da ciência, vejam bem.

Ele manteve o braço rígido de modo que ela pudesse apoiar o peso. Foi uma sugestão feliz, porque depois de ser quase acusada de canibalismo Hope quase se esqueceu de que deveria mancar.

– Não farei mais suposições, Srta. Hope – continuou ele. – Mas farei um esforço absoluto para que a senhorita se sinta o mais confortável possível, estando tão longe de casa.

Hope olhou por cima do ombro para Red, que tinha um riso divertido no rosto. Mas havia outra coisa no olhar dele. Ciúme? Mas ele assentiu encorajando-a e indicou para ela ir em frente.

– Você é muito gentil – disse Hope baixinho enquanto ela e Alash começavam a subir lentamente pelo caminho em direção à entrada do solar.

– Perdoe-me se é ousadia demais, Srta. Hope. Mas é costume uma dama do sul carregar uma espada?

– É – respondeu ela, surpreendendo-se com a facilidade da mentira. Talvez estivesse gostando do seu personagem também. – Todas as damas sulistas de certa idade devem andar armadas. As ilhas não são tão pacíficas quanto este lugar.

– Parece uma coisa incômoda tê-la sempre à mão – disse Alash com simpatia.

– Normalmente prendemos num cinto. Mas essas roupas nortistas não têm lugar para isso.

– Então esta nem é sua vestimenta nativa?

Ele parecia absolutamente fascinado. Hope suspeitou de que Alash sentisse uma ânsia de conhecer qualquer coisa fora de sua experiência limitada.

– Não, não é – respondeu com sinceridade.

Ele franziu a testa, pensativo.

– Bom, acho que devemos descobrir algum modo de a senhorita usá-la de maneira confortável. Sou bastante inteligente, veja bem.

Red fez um som de engasgo baixinho, atrás deles.

– Você disse que é um homem de ciência? – perguntou Hope.

– De fato! É minha paixão! Todos os tipos de ciências. Mecânica, natural, filosófica. Sou cativado por todas elas!

– O que era aquela máquina em que você estava?

– Ah, aquela? – Alash abriu um sorriso. – Eu chamo de carruagem de pedal. Ela usa um sistema de engrenagens, como um relógio, só que muito maior. Esse sistema permite que façamos a carruagem se mover simplesmente pedalando, sem qualquer necessidade de cavalos!

– Interessante! – exclamou Red com animação.

– Sim. – As bochechas de Alash ficaram ligeiramente ruborizadas. – Como vocês testemunharam, o sistema de direção ainda não está pronto.

– Nem os freios – disse Red.

– Isso também – admitiu Alash. Depois deu um tapinha na mão de Hope. – Mas garanto, Srta. Hope, que este é o caminho da ciência. Tentativa, erro e refinamento, dia após dia, até que seja aperfeiçoado!

– Este é o caminho de *todas* as coisas, não somente da ciência – disse Hope.

– Ah! – exclamou Alash. – Sem dúvida você é praticante da ciência da filosofia! Eu não sabia que esses estudos existiam no sul, mas fico feliz em saber. O mundo melhoraria muito se dedicássemos tempo à especulação filosófica.

– Concordo.

Hope se pegou sorrindo. Havia algo desajeitadamente encantador no primo de Red. Uma exuberância luminosa que ela só vira nas crianças. Em muitos sentidos, ele parecia o exato oposto de Red. Doce, franco e sem fingimento.

Enquanto a guiava pela campina ondulada até o imponente Solar Pastinas, ela sentiu uma pontada de arrependimento por estar levando a violência para dentro daquelas paredes.

Não. Aquele lugar abrigava o vil biomante, Teltho Kan. Alash podia ser inocente, mas alguém naquele lugar não era. Alash os levou pelos jardins luxuriantes que cercavam a casa e subiram os imponentes degraus de pedra até a porta.

– Cá estamos. Bem-vindos ao Solar Pastinas!

A porta dupla, de madeira grossa e escura, era esculpida com relevos complexos de peixes e lontras pintados com toques de ouro. Ele a abriu revelando uma sala grande com piso branco reluzente, tapetes grossos e

esculturas delicadamente decoradas em cada parede. No centro havia uma grande escadaria que ia até o próximo andar. No topo da escada se via um retrato gigantesco de um velho com cabelo preto e ralo, o pescoço parecendo de lagarto, que os olhava com expressão maligna.

– Aquele é o vovô – disse Alash. – E, sim, ele é austero desse jeito, infelizmente. – O rapaz deu um tapinha na mão de Hope, ainda passada pelo seu braço. – Talvez devêssemos ir até a minha oficina, onde posso cuidar do seu ferimento e fazer alguma coisa para prender sua espada, Srta. Hope.

– Isso seria tremendamente apreciado, Alash – disse Hope.

Alash abriu uma pequena porta lateral que dava num corredor estreito. A simplicidade e a economia do corredor fazia um contraste nítido com a sala da frente, e Hope imaginou por que ele seria tão diferente assim. No final havia uma sala com piso de madeira nua e bancadas de trabalho ao longo das paredes. A sala estava cheia de engrenagens de metal, tiras de couro, peças de lona encerada, pequenos pedaços de madeira e estranhos objetos mecânicos.

– Desculpem a bagunça – disse Alash distraidamente enquanto se abaixava perto de uma das pilhas de coisas e pegava uma caixa de madeira. – Srta. Hope, devo pedir que se sente neste banco. Lamento terrivelmente não ter nada mais confortável.

– Tudo bem, obrigada.

Hope se sentou no banquinho e ficou olhando enquanto ele tirava uma bandagem de dentro da caixa.

– Confesso que sou mais familiarizado com as ciências mecânicas do que as médicas – disse Alash ajoelhando-se à frente dela. – Mas, como você viu, minhas experiências mecânicas frequentemente geram ferimentos. Em geral, a mim. Por isso tenho alguma experiência com tornozelos torcidos. Ele levantou a bandagem. – Se me permitir enrolar isso no tornozelo ferido, o apoio adicional deve lhe dar algum alívio e acelerar a recuperação.

As mãos de Alash eram ásperas e calejadas devido ao trabalho com as máquinas. Mas seu toque era gentil enquanto enrolava devagar o tornozelo de Hope na macia bandagem de algodão. Com o canto do olho, viu Red se balançando para trás e para a frente. Imaginou o que ele estaria sentindo, agora que estava dentro da casa de seus ancestrais.

– Isso deve servir. – Alash se levantou e guardou a caixa de madeira com suprimentos médicos. – Agora vamos arranjar um meio adequado de você

carregar sua espada.

– É mesmo uma oficina – observou Hope olhando-o remexer nas pilhas de materiais.

– Naturalmente.

– Imagino que não estava esperando ver uma coisa tão…

– Honesta?

Red deu um risinho.

Ela o ignorou. Suspeitava de que ele estava dando essas pequenas cutucadas no primo para aliviar o próprio desconforto por estar nesse lugar. Mas, se não tivesse cuidado, ele poderia afastar Alash demais.

– Ah, sim. – Alash deu um risinho bem-humorado. – Minha família tolera minha paixão, mas só isso. Como Rixidenteron sugere, é um trabalho um pouco honesto demais para o gosto deles. Preciso confiná-lo a esta sala e jamais devo trazer visitas… – Ele deixou o resto no ar, olhando subitamente primeiro para Hope, depois para Red. – Ah, que anfitrião terrível eu sou! Raramente tenho visitas. Bom, na verdade nunca. Portanto não tenho prática com isso. Mas, claro, vocês prefeririam ver as partes bonitas da casa!

– Na verdade acho provável que este será meu cômodo predileto – disse Hope. – Os sulistas apreciam cômodos… na verdade qualquer coisa… que tenha um propósito.

– Você é muito gentil.

Alash se virou para o outro lado, com o rosto ruborizando.

– Certo, bom, vamos em frente? – disse Red de modo brusco.

– Sem dúvida! – respondeu Alash, e voltou a remexer em sua pilha de entulho.

– Vocês têm mais algum visitante aqui agora? – perguntou Hope, no que achou que era um tom casual.

– Ah, sim. – Alash assentiu distraído. – As pessoas vêm e vão o tempo todo. Meu avô conhece muita gente. Mas isso não tem nada a ver comigo, por isso não presto muita atenção. Ah! – Ele levantou um estranho alicate de bico chato e algumas tiras de couro fino. – Isso deve servir muito bem. – E foi até Hope. – Poderia fazer a gentileza de levantar os braços?

Ela fixou olhando enquanto ele trançava as tiras de couro numa teia comprida e estreita, prendendo-a a uma faixa mais comprida que envolveu sua cintura.

– Cá estamos. – Alash recuou e examinou seu trabalho. – Diga como está.

Hope enfiou a bainha pela trama de couro e a deixou pender ao lado do corpo.

– Distribui bem o peso. Mantém a espada ao meu lado e fora do caminho, sem atrapalhar os movimentos.

– Se eu tivesse materiais melhores poderia fazer uma coisa mais ornamentada.

– Não, prefiro assim. – Ela lhe deu um sorriso pleno. – Você é inteligente como disse.

– Você acha? – O rosto de Alash se iluminou. – Então olhe isto! Estava esperando para mostrar a alguém que pudesse apreciar. – Ele pegou uma bainha de couro com um tubo de metal preso na parte de baixo. – É uma coisa que terminei recentemente. Você prende assim. – Ele a passou por cima da mão, de modo que a coisa cobriu seu braço até o cotovelo. O tubo de metal corria pela parte de baixo do antebraço. Hope o examinou com atenção e viu que havia pequenas molas presas nas laterais e pequenos arames e polias.

Alash estendeu o braço.

– Agora veja. Quando torço meu braço assim… – Ele girou a mão num ângulo. Uma pequena haste saiu do tubo, estendendo-se uns 30 centímetros além das pontas dos dedos.

– Muito interessante – disse Hope.

– Mas espere! – Agora Alash parecia absolutamente empolgado. Ele puxou uma alavanca minúscula na lateral da manga e a haste recuou para dentro do tubo. – Ele se encaixa, de modo que pode entrar e sair quando você quiser.

– Notável – elogiou Hope.

– É mesmo! – exclamou Red, com o entusiasmo parecendo meio sarcástico para Hope. – Mas para que serve?

– Para que serve? – perguntou Alash, piscando.

– Sim, como disse a Srta. Hope, os sulistas gostam de que as coisas tenham um *propósito* – disse Red em tom despreocupado.

– Bom… na verdade eu não tinha… A haste sai com um bocado de força. Por isso acho que ela poderia ser usada para… fazer buracos nas coisas? Enquanto se constrói… coisas? Talvez?

Ele deu um sorriso débil.

– De qualquer modo, tenho certeza de que alguém vai encontrar uma utilidade para isso.

Hope lançou um olhar raivoso para Red. Ela estava fazendo tudo para que Alash se sentisse inclinado a ajudá-los, e Red parecia fazer exatamente o contrário. Ele se encolheu, com os olhos fixados no chão com ar de culpa.

– Está certa, Srta. Hope. Um projeto tão inteligente assim… Tenho certeza de que mentes melhores do que a minha teriam pensado em dez usos diferentes para ele.

– Você acha? – perguntou Alash, sério. – Eu fico matutando o dia inteiro, jamais com certeza de que qualquer coisa que eu faço realmente dará em algo. O Sr. Kan diz que eu deveria parar de desperdiçar meu tempo e aprender alguma coisa útil.

– O Sr. *Kan*? – perguntou Hope, incapaz de impedir a tensão na voz.

– Você o conhece?

– Conheço.

– Ele é… seu amigo? – perguntou Alash.

– Não.

Alash sorriu com alívio evidente.

– Parece que aranhas se arrastam pelas minhas costas toda vez que o vejo. Ele vive tentando me convencer a entrar para a administração imperial em Pico de Pedra.

– Mas você recusou? – perguntou Hope.

– Meu pai entrou quando eu tinha 10 anos. Por sugestão do Sr. Kan. – Ele fez uma pausa e começou a mexer no mecanismo ainda preso ao braço. – Nós o enterramos um ano depois.

– Lamento saber – disse Hope.

Um sorriso amargo brincou nos lábios de Alash. Toda a sua frivolidade de rendado havia desaparecido.

– Dizem que é uma grande honra morrer a serviço do imperador. Mas eu não vi nada além das lágrimas que minha mãe e eu derramamos com a perda dele. E, quando um homem morre antes de terminar seu período jurado ao imperador, deixa uma dívida, que deve ser paga com o dinheiro e as propriedades que ficarem para trás. Nós perdemos a fortuna e a propriedade do meu pai. Se vovô não tivesse nos recebido, não sei o que aconteceria conosco.

Nunca ocorrera a Hope que os ricos poderiam sofrer com a crueldade do imperador, como todas as outras pessoas.

– Não sei por que contei tudo isso – disse Alash baixinho. – Eu simplesmente… tenho poucos amigos. E vocês parecem gentis.

O coração de Hope se compadeceu. Um mendigo numa casa farta, vivendo com o medo do dia em que seu avô velho e raivoso se cansasse de mantê-lo por perto. Parecia uma vida solitária, preso aqui sem nada além de máquinas para fazer companhia. Isso a fez se sentir pior ainda por estarem mentindo para ele. Sentiu uma ânsia enorme de contar tudo. Talvez não tivesse talento para um engodo como esse, afinal de contas.

Mas foi Red quem pôs a mão no ombro de Alash e disse com sua própria voz:

– Juguei mal você, meu vaga. É uma história triste e terrível.

Alash o encarou com surpresa. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas então uma voz feminina, mais velha, veio de um cômodo ali perto.

– Alash Havolon, o que aquela pilha de lixo está fazendo no gramado?

Alash se encolheu.

– Estou indo, mãe! – E olhou para os dois. – Quem *são* vocês, afinal?

– Por que não vamos ver sua mãe? – perguntou Red. – Aposto que ela pode lhe dizer.

26

Quando viu a tia, Red ficou sem fôlego. Ela se parecia demais com sua mãe. Mais velha, claro. Bem arrumada e fina em seu elegante vestido de rendada, comparada com os vestidos floridos e os aventais sujos de tinta de sua mãe. Em vez do riso malicioso da mãe, a tia mostrava uma expressão dura. Mas em mil pequenos modos e maneirismos ela era exatamente igual.

Alash os havia levado até uma sala formal, com sofás macios e mesas feitas de ouro e vidro fosco. Sua tia Minara estava sentada numa poltrona, olhando de maneira desaprovadora por uma janela enquanto bebericava o chá. Red se lembrou de que, quando ele era muito pequeno, ela ia escondida visitar sua mãe, ainda que o pai dela tivesse proibido. Era ela que havia comprado o remédio caro que tinha ajudado a salvar a vida dele.

– Ah, mãe. – Alash olhou nervoso para Red e Hope. – Tenho alguns visitantes que gostaria que a senhora conhecesse.

– Visitantes? Você? – perguntou ela, ainda olhando pela janela. – Realmente gostaria que você não deixasse suas engenhocas largadas no gramado.

– Eles se chamam Hope e Rixidenteron.

– Você disse…? – Ela se virou para olhá-los. A xícara de chá escorregou de suas mãos e caiu no tapete com um som abafado. – Esses olhos…

Ela se levantou devagar, o olhar jamais se afastando dele.

– Mãe? – perguntou Alash. – A senhora está bem?

– Não pode ser… depois de tanto tempo.

– Olá, tia Minara – disse Red baixinho.

– *Tia?* – perguntou Alash.

Red não soubera direito como ela iria reagir. Afinal de contas, não a via desde os 6 anos. Tinha pensado numa rejeição imediata, claro. Ignorância fingida ou verdadeira. Até havia fantasiado um prazer contido ao vê-lo. Mas a única opção que jamais tinha considerado era um abraço histérico, soluçante, esmagador.

– Meu menino pobre, sofrido, onde esteve? Como sobreviveu? Como nos encontrou? Por que veio? – Tudo isso saiu numa explosão longa a que ele não podia responder nem se quisesse, porque seu rosto estava enfiado no ombro dela, coberto de seda. Por fim ela o soltou. – Você ficou tão grande!

– Faz muito tempo – disse ele.

Ela pôs os dedos cheios de anéis em seu rosto.

– Você ficou muito bonito. Como seu pai. – Ela olhou suas roupas, admirando. – Parece que se saiu bem. – Em seguida, franziu a testa. – Mas precisa arranjar um alfaiate novo. O caimento desse casaco é atroz.

– Elas não… são minhas de verdade – admitiu ele. – Peguei emprestadas.

– Roupas emprestadas? – perguntou ela, como se fosse a coisa mais bizarra que já ouvira.

– De um gafa chamado oriston.

– oriston? – Ah, meu Deus. – Ela revirou os olhos. – Ele *continua* obcecado pela sua mãe?

– Ele fez uma exposição das obras dela na galeria Vista da Baía, então acho que sim.

– Mas por que, afinal, você pegou roupas emprestadas com ele?

– Porque minhas roupas comuns não seriam suficientemente finas para um lugar como este.

Ela o olhou de modo muito triste.

– Você se tornou prostituto, como seu pai?

– Ah, não.

Red estava com dificuldade para manter a compostura. Era como se ela soubesse instintivamente quais perguntas eram mais desconfortáveis para ele.

– Bom, graças a Deus por isso. – Mas então ela lançou-lhe outro olhar preocupado. – Nossa, você não virou *pintor*, não é?

Red não sabia se isso era melhor ou pior do que a prostituição, aos olhos da tia.

– Red… Rixidenteron é um membro respeitado e muito valorizado na comunidade dele – disse Hope.

Os olhos cinzentos de tia Minara se viraram para Hope.

– E quem é esta criatura solene? Sua amada?

– É uma… é… boa amiga – respondeu Red.

Sua tia era uma ponta afiada, mas ele tinha quase certeza de que ela não fazia isso de propósito.

Tia Minara foi até ela.

– É, posso ver por quê. Mas há um grande potencial em você, minha cara. Verdade. Cores mais fortes, um pouquinho de maquiagem e um corte de cabelo mais interessante fariam maravilhas para atrair um homem.

– Não preciso dessas coisas para pegar o homem de quem estou atrás – disse Hope, séria.

– Ah, mamãe querida, Hope é das ilhas do sul. Não creio que seja costume deles usar maquiagem.

– Ilhas do sul!

A reação de Alash à mesma informação tinha sido de fascínio. Mas Minara recuou rapidamente. Red estava começando a ver por que Alash passava a maior parte do tempo escondido numa oficina com máquinas.

– Ela não vai infeccioná-la com barbarismo – disse Red acidamente.

– Ela é muito inteligente e doce. Posso garantir, mãe – acrescentou Alash.

Red não tinha certeza com relação a "doce", mas achou melhor não argumentar.

Tia Minara não pareceu totalmente convencida, mas se aproximou de Hope outra vez.

– É, claro. O cabelo sem cor. A pele clara. Eu deveria saber. – Ela olhou Hope com mais atenção. – Todas as sulistas são magras como você? Você parece tão mal alimentada quanto a mãe de Rixidenteron. – Ela suspirou. – Acho que é por isso que os chamam de artistas esfomeados, não é? Você não é artista, é?

– Não – respondeu Hope baixinho, a mão se abrindo e fechando ao lado da espada, como se ansiasse por desembainhá-la.

– É, imagino que não exista cultura lá nas ilhas do sul – disse Minara.

– Mãe querida – reagiu Alash rapidamente. – Talvez devêssemos convidar meu primo desaparecido e sua amiga para o jantar, não acha?

Ela mordeu o lábio, preocupada.

– Seu avô disse quando terminaria a reunião dele?

– Disse que só esperava terminar bem tarde.

– Acho que não teria problema se eles ficassem para o jantar, então. Mas depois disso terão de partir. – Ela se virou para Red. – Sinto muito, meu menino querido. Seu avô ficaria terrivelmente contrariado se o encontrasse

aqui. Agora, se me der licença, vou dizer para o cozinheiro colocar mais alguns lugares à mesa.

Ela saiu da sala com elegância.

– Desculpem – disse Alash enquanto se acomodava numa poltrona. – Ela morre de pavor do vovô. Está convencida de que ele iria nos expulsar à menor provocação.

– E iria? – perguntou Hope.

– Não sei. Honestamente, até este momento eu não sabia que *tinha* um primo.

– Mas você é mais velho do que Red – disse Hope. – Não ouviu falar nem do nascimento dele?

– Confesso que tudo que ouvi falar sobre tia Gulia é que ela era louca e imprudente. Que provocou muito embaraço para a família. Vovô ficou muito aliviado quando ela fugiu para Costas de Prata para virar artista. Depois disso, nunca mais falamos dela.

Red foi até a janela, não querendo falar com mais ninguém. Olhou para as campinas, vendo os vaga-lumes piscando enquanto o céu escurecia.

– Quando minha mãe morreu, um homem veio nos visitar. Vestia um terno bonito, como este. – Ele indicou a própria roupa. De repente não gostava mais delas. – O homem ofereceu dinheiro ao meu pai em troca de assinar um papel dizendo que eu não tinha parentesco com a família Pastinas. Que eu *não* era filho de madame Gulia Pastinas.

– Maldição – disse Alash. – Isso é horrível.

– Foi a única vez que vi meu pai com raiva – disse Red. – Ele não falou nenhuma palavra. Mas seu rosto se retorceu e ele deu um soco no rosto do homem. O homem foi embora, segurando os papéis sem assinar numa das mãos e o nariz sangrento na outra.

– E foi seu avô quem mandou o tal homem? – perguntou Hope. – Por que ele faria isso?

– Quando minha mãe morreu, o velho Pastinas queria varrer todos os erros dela para longe, de modo que nenhum voltasse para assombrá-lo. E o principal erro da lista era eu.

– E vocês, nortistas, falam que são mais civilizados – disse Hope. – Mas no meu povoado um avô jamais renegaria uma criança.

– Deve ser um lugar bom, seu povoado – observou Alash.

– Era.

– Você ainda tem família por lá?

– Não. Estão todos mortos. – Sua voz mal passava de um sussurro.

Red não sabia como ela pôde se conter para não agarrar Alash e exigir saber onde Teltho Kan estava. Ele devia estar em algum local da mansão. Provavelmente com o avô. Red não pôde deixar de admirar seu controle. Tocou a mão dela. Ela ficou tensa por um momento, mas depois assentiu e apertou levemente a mão dele. Aquilo iria acabar logo. Eles poderiam sair daquela casa linda e sem ar.



Sentaram-se para jantar em volta de uma mesa comprida, coberta com uma toalha imaculada. Serviçais apareceram do nada e trouxeram assado fumegante, pratos de frutas frescas e legumes, pão e queijo. Só o cheiro da sopa saborosa fez Red quase desmaiar. Fazia um dia que Hope e ele tinham comido, e uma vida inteira desde que ele vira comidas tão finas. Os dois atacaram seus pratos com voracidade.

Depois de alguns instantes enfiando comida na boca ele notou silêncio do outro lado da mesa. Levantou os olhos. Tia Minara e Alash os olhavam com algo que era quase nojo. Red deu uma cotovelada em Hope. Ela parou e o olhou.

– Acho que… é… não estamos nos comportando do modo adequado à mesa – disse ele baixinho.

– Ah – disse Hope. – Eu li um livro sobre a etiqueta da classe alta, mas foi há muito tempo. Não me lembro de muita coisa. O que eu deveria fazer?

– Acha que eu sei? Talvez a gente pudesse só ir mais devagar.

Hope assentiu e se sentou um pouco mais ereta na cadeira.

– Então, Rixidenteron. – Tia Minara ainda parecia um tanto atarantada, mas claramente tentava superar. – O que você veio fazer aqui?

– Como assim? Não posso visitar minha família rendada no norte da cidade de vez em quando?

Ele manteve o tom leve, mas havia um verdadeiro desafio na pergunta.

– Claro, querido – disse ela rapidamente. – Mas depois de todo esse tempo fiquei imaginando se você estaria com problemas. Ou talvez precise de dinheiro?

– Não quero o seu dinheiro – retrucou ele com frieza.

– Srta. Hope – interveio Alash rapidamente. – O que a trouxe das ilhas do sul?

– Eu cresci num lugar muito remoto. Li muitas coisas sobre o mundo, mas não é o mesmo que vivenciá-las. Por isso entrei para a tripulação de um navio e o explorei por conta própria.

– Maravilhoso – disse Alash, pensativo. – Eu adoraria navegar pelos mares. Ver o mundo.

– Por que não faz isso então? – perguntou Red.

– Realmente não é possível.

– Por quê? – pressionou Red.

– Bom… – disse Alash, parecendo em dúvida.

– Que sentido faria? – interveio tia Minara. – Tudo de que ele precisa está bem aqui. Seu lugar é no Solar Pastinas. Algum dia ele será o único herdeiro da propriedade.

– Eu tenho de fato uma responsabilidade com este lugar – disse Alash. – E, claro, com minha pobre mãe viúva.

– Não sei, ela parece estar muito bem – observou Red.

– Já é suficientemente ruim ele passar todo o tempo com aquelas máquinas malditas em vez de participar dos eventos sociais das pessoas de seu nível – declarou tia Minara. – Por favor, não venha encher a cabeça dele com aventuras no mar.

– É a coisa que está mais distante do meu pensamento, tia.

Red lhe deu um sorriso cativante. A expressão séria de tia Minara se dissolveu, contrariada, num sorriso.

– Você é muito parecido com sua mãe. Encantadoramente incorrigível. – Ela passou um fino lenço de seda nos olhos. – Fico… feliz por ter vindo nos visitar.

– Sem dúvida não vamos mandá-los embora depois do jantar, mamãe – disse Alash.

– Mas o seu avô…

O rosto dela se franziu de preocupação.

– A senhora sabe como ele é. Vovô pode ficar trancado durante dias.

Minara mordeu os lábios.

– *Acho* que sim. Mas devemos colocá-los na ala norte, para que não haja chance de ele encontrá-los.

Alash olhou para Hope com um pedido de desculpas.

– A ala norte é meio apertada, infelizmente.

– Posso dormir no chão, se for preciso – disse Hope.

– Pelos céus! – exclamou tia Minara. – No chão? Talvez seja isso que façam nas ilhas do sul, mas não somos bárbaros. Alash só quer dizer que não existe dossel na cama e que a sala de banhos fica no fim do corredor, e não no quarto. – Ela se virou para Red, dando-lhe um olhar examinador. – E, a não ser que vocês dois sejam casados, acho que devem ficar em quartos separados.

Red olhou para Hope, depois riu para Minara.

– Naturalmente, tia querida. Não quereríamos um escândalo sob o teto dos Pastinas, não é?

Ela tentou conter outro sorriso e balançou o dedo, censurando-o.

– Com licença, madame Havolon – disse Hope. – Quando a senhora disse "sala de banho", quis dizer com uma banheira?

– Sim, claro. Depois de toda essa viagem imagino que você queira um banho de banheira extralongo esta noite. Mandarei os serviçais aquecerem a água assim que terminarmos de comer.

– Um banho *quente*? – perguntou Hope.

Para Red ela parecia à beira das lágrimas.

– Eu certamente não esperaria que você tomasse um banho *frio*, minha cara – disse tia Minara.

Hope deu um suspiro audível.

– Um banho quente seria maravilhoso, madame Havolon.



Enquanto Hope ia desfrutar de seu banho quente e tia Minara se retirava para dormir, Alash e Red ficaram sentados em outra sala belamente mobiliada, esta menor e de cores um pouco mais escuras, com móveis estofados em couro. Uma lareira crepitava numa das paredes.

– Esta é a sala masculina dos rendados, não é? – perguntou Red enquanto Alash lhe entregava uma pequena taça com algo marrom.

Alash deu um leve sorriso acomodando-se na poltrona à sua frente, segurando outra taça.

– Devemos parecer terrivelmente frívolos para você.

– Todos os rendados são frívolos. A culpa não é sua. É só como você foi criado.

Alash olhou para sua taça, girando o líquido no interior.

– Mas em um determinado ponto da vida não podemos permitir passivamente que a criação que tivemos nos defina. Devemos escolhê-la ou escolher outra.

Ele tomou um gole.

– Isso é mais daquela filosofia, de que você falou?

Red tomou um gole da bebida e descobriu que era muito mais forte do que esperava. Forçou um sorriso enquanto os olhos e a garganta queimavam.

– Eu gostaria de acompanhar você e a Srta. Hope em suas aventuras – disse Alash baixinho.

– Você poderia, sabe? Mas não é nem um pouco como nos livros. Às vezes dá vontade de desistir.

– Mas você não desiste.

– Porque a alternativa, primo, é a morte.

Ficaram sentados um momento, ambos encarando o fogo.

– Mesmo assim – observou Alash. – Você disse que nem tudo é como nos livros. Isso significa que às vezes é?

Red tinha pretendido que Alash se sentisse melhor com o fato de estar preso neste lugar rígido e sem humor. Mas às vezes ele era um homem fraco. Especialmente quando a tentação era de contar uma boa história. Assim, em vez de deixar o assunto de lado, como deveria, permitiu-se dar um sorriso largo, com aquele brilho antigo nos olhos.

– Gostaria de ouvir a história de como Hope e eu demos início a uma guerra de quadrilhas na área sul de Nova Laven?



Quando Red se recolheu para passar a noite na ala norte, descobriu que o que Alash havia chamado de "meio apertado" era melhor do que qualquer quarto que Red já vira na vida. A cama tinha estrutura de ferro fundido e colchão grosso, uma pilha de cobertores e tantos travesseiros que Red se perguntou se não haveria perigo de sufocar no meio deles. Perto da cama havia uma janela que dava para o terreno e uma pequena escrivaninha que tinha até papel e tinta. Achou que seria divertido escrever um bilhete para os vagas lá no Círculo do Paraíso. *Olá, afortunados! Estou dando uma pausa*

nas coisas aí de baixo. O Solar Pastinas é simplesmente delicioso! Mas como nenhum deles sabia ler, percebeu que isso só seria engraçado para ele.

Houve uma batida à porta. Abriu-a e viu Hope. O cabelo dela estava molhado e pendia embolado nos ombros, o rosto pálido e o pescoço estavam limpos e esfregados. Ela usava uma camisola de seda vermelha, comprida, mais elegante ainda do que o vestido da criada, que estivera usando naquele dia.

Ele riu.

– Essa cor combina com você.

Ela lhe deu um sorriso tolerante.

– Sua tia me deu. – Em seguida sentou-se na beirada da cama. – Quanto tempo você acha que a gente deve esperar?

– Até o seu biomante aparecer? É difícil dizer. Sei que isso não deve ser fácil. Honestamente, estou pasmo porque você continua sã até agora, precisando manter uma conversa educada no jantar enquanto o homem que assassinou seus pais está sob o mesmo teto.

– Não foi fácil. Mas o banho ajudou.

– Nunca achei que você fosse uma daquelas pessoas fanáticas por banho.

– Havia uma fonte quente no mosteiro, por isso tomávamos banho quase todo dia. Para mim isso virou uma atividade muito relaxante, especialmente quando estava machucada e dolorida dos treinos. Você deveria experimentar.

– O quê, esta noite?

Ela deu de ombros.

– A água ainda está quente. Seria uma pena desperdiçar.

– Vou pensar nisso. De qualquer modo, vamos voltar ao seu biomante.

– Teltho Kan. – O rosto dela endureceu de imediato. – Podemos presumir que ele está reunido com seu avô?

– Eu diria que sim. Vamos esperar até eles terminarem ou vamos procurá-lo, com ou sem a ajuda da minha tia e do meu primo.

– Eu preferiria não perturbá-los nem colocá-los em perigo. Seria melhor se você mantivesse os dois ocupados enquanto eu fosse procurar Teltho Kan sozinha.

– Sem minha ajuda?

Red tentou afastar a mágoa da voz, mas a julgar pelo modo como ela o olhou, isso não deu certo.

– Você já me ajudou demais. – Ela estendeu a mão clara e a colocou sobre a dele. – Essa luta é só minha. Vou tentar manter seu avô em segurança também.

– Não estou muito preocupado com essa parte. Só… – Ele pôs as mãos nos ombros dela, sentindo os músculos rijos sob a fina camisola de seda. – Você não pode me deixar para trás.

– Não pretendo fazer isso.

– Nem mesmo para a morte. Fechou?

– Não posso prometer isso.

– Você pode prometer que não vai fazer o ato.

– Red, eu…

– Não estou pedindo uma coisa difícil. – Red a puxou para perto, com o olhar se cravando nos olhos dela. – Não se mate.

– Mas e se…?

– Você não vai fracassar. Porque, se isso não der certo, vamos encontrar outro modo. Vamos continuar tentando. Eu e você, Red e Hope. Não importa mais nada, não vamos desistir. Nunca.

Hope parecia a ponto de dizer alguma coisa, mas a frase morreu ainda em sua garganta. Ela assentiu.

– Prometo. – Depois franziu o nariz. – Desde que você prometa tomar um banho. Agora mesmo.



Na manhã seguinte, Red colocou suas roupas normais. Havia pouco sentido em fingir e, se as coisas fossem a sota-vento, ele poderia precisar de suas facas de arremesso. Descobriu que em algum momento durante a noite alguém tinha lavado sua camisa e a calça e as deixado penduradas junto da cama. A princípio achou isso meio alarmante, mas teve de admitir que não tinha por que tomar um banho e vestir roupas sujas. O banho que tomara na noite anterior não tinha sido ruim também.

Além disso, encontrou uma bandeja com desjejum ao lado da cama quando acordou: pão quente, salsicha e um ovo cozido. Comer tão cedo parecia estranho para ele, mas não tinha certeza de quando seria a próxima refeição, por isso engoliu tudo.

Quando desceu para a sala de estar, viu que Hope tinha posto a armadura de couro, que parecia limpa das manchas de sangue e mais brilhante do que antes. Imaginou se ela havia conseguido um pouco de cera para couro.

Tia Minara entrou usando um grande vestido verde e bufante, seguido por Alash, que estava com uma sobrecasaca cinza mais discreta e um plastrão. Minara olhou Hope e Red.

– É isso que vocês costumam usar *no sul da cidade*?

– Lá embaixo o estilo é meio diferente – respondeu Red, levantando a gola do sobretudo de couro.

– É, claro. – Tia Minara se aproximou e puxou sua gola para baixo de novo, depois abotoou sua camisa até o final. Em seguida se virou para Hope. – Nem mesmo um vestido, minha cara? Certamente posso arranjar um que caiba em você.

– Obrigada, madame Pastinas, mas esta armadura é muito mais prática para meus objetivos, e foi feita pelo homem que me criou desde menina, de modo que tem muito significado para mim.

Tia Minara suspirou.

– Imagino que tenham comido, não é?

– Sim, obrigada – disse Hope.

– Então acho que já tentamos o destino por tempo demais. Vocês devem sair antes que meu pai os descubra.

– Descubra quem? – disse uma voz fraca e nasal atrás de Red.

Tia Minara ficou paralisada por um momento, depois um sorriso se abriu em seu rosto.

– Ora, olá, papai! – Sem mover a boca, ela sibilou em volume suficiente para apenas Red escutar: – *Feche os olhos. Mantenha-os fechados.*

Red fechou os olhos e ela girou para encarar a voz.

– Esse pobre rapaz cego que Alash encontrou caminhando lá fora – respondeu tia Minara. – Não é, querido?

– Isso mesmo! – respondeu Alash. – Desculpe, vovô. Eu machuquei a moça que cuida dele com uma das minhas máquinas desajeitadas, o senhor sabe. Senti-me terrível por isso e os trouxe para dentro.

– Sim, e eu sei como o senhor *odeia* ficar na presença de pessoas que tenham aflições – disse Minara. – Achei que isso poderia incomodá-lo. Estava dizendo ao Alash para se livrar logo deles.

– Sei. Que gentileza sua! – disse o avô Pastinas.

O tom do velho era tão cuidadoso que Red não conseguia decifrar nada nele. Se pudesse ver a expressão do enrugado, saberia. Até esse momento jamais havia percebido como dependia das indicações visuais para avaliar as pessoas.

– O dever da filha é sempre pensar no pai – declarou tia Minara. – Agora, Alash, por que não leva…?

– E quem é esta… jovem impressionante vestida de preto junto dele? – perguntou Pastinas. – A julgar pela cor, imagino que seja das ilhas do sul.

– Ah, sim, vovô – disse Alash. – Ela é guia e protetora do rapaz. Sabia que as damas do sul devem usar espadas? E que não têm o hábito de usar vestidos?

– Estou vendo – retrucou Pastinas. – Isso explicaria por que a jovem está usando uma espada na minha casa.

– Claro, papai – concordou tia Minara. – Nós não quisemos ofendê-la.

– De novo sua consideração é muito bem-vinda. Mas o que ainda *não* foi explicado é por que você acha que eu não reconheceria o bastardo da minha própria filha simplesmente porque não posso ver os reveladores olhos vermelhos.

Os olhos de Red se abriram e ele viu o avô pela primeira vez. Era um enrugado magro, com olhos aquosos e riso de desprezo nos lábios finos. O cabelo branco se espetava em lugares estranhos e ele tinha um leve tremor nas mãos. Red ainda estava esperando a parte assustadora.

– Esse filho de um prostituto não é bem-vindo na minha casa, na minha propriedade nem a 100 quilômetros de mim! – disse o velho com o rosto franzido, petulante. – Eu permiti que ele existisse desde que não me incomodasse. Parece que fui leniente demais!

– Não, papai! Por favor! – implorou tia Minara enquanto apertava Red. – Ele é só um garoto.

– Não o machuque! – pediu Alash.

– Silêncio! – gritou Pastinas. – *Eu* decidirei o destino dele, agora que ele ousa vir aqui e fazer alguma reivindicação à família. O castigo…

– Desculpe, será que podemos parar esse papo um momento? – perguntou Red, afastando-se do abraço da tia. – Que negócio de decidir o meu destino foi esse?

– Sou *eu* que…

– Foi uma pergunta retórica – disse Red. – Só há um vaga no mundo que decide meu destino, e sou eu, fechou? Além disso, não existe nada nessa

família que eu queira reivindicar. A única coisa útil que vi aqui foi meu primo inteligente, que parece não receber nada além de troça por essa qualidade. Eu cheguei até aqui sem o mijo do seu dinheiro e não preciso dele agora.

O velho o encarou com tamanho choque que Red suspeitou de que ninguém jamais tivesse falado com ele assim. Talvez fosse mesquinharia, mas isso o fez se sentir tremendamente ensolarado.

– Então por que está aqui? – disse Pastinas com os dentes trincados.

Red viu Hope pôr a mão no cabo da espada. Será que ela achava que a coisa chegaria a esse ponto? Certamente não esperava que o velho os atacasse. Ele não passava de um fanfarrão. Mas então percebeu que o olhar dela estavam saltando para o corredor atrás do velho, e que o cabo da espada estremecia levemente, por vontade própria.

– Deixe isso para lá, Pastinas! – Uma voz que estalava feito fogo veio do corredor. – Temos pouquíssimo tempo! Será que você precisa ficar atolado numa birra de família bem no…

Um homem com manto e capuz brancos com acabamento dourado entrou no salão. Estava com o capuz cobrindo a cabeça, mas Red viu que ele tinha uma marca de queimadura no rosto. A princípio o recém-chegado se concentrou em Pastinas, mas quando seu olhar percorreu o resto da sala ele se imobilizou.

Red ouviu o sibilo de aço quando Hope desembainhou a espada. Teltho Kan agarrou Pastinas rudemente pelo braço e o puxou para a frente do corpo, como um escudo. E manteve a mão nua perto do rosto enrugado do velho.

– Um toque, garota. – Os olhos do biomante estavam fixados na direção de Hope. – Você sabe muito bem que só seria necessário isso para mandar este homem para uma morte dolorosa e lenta.

– Respondendo à sua pergunta, avô – disse Red secamente. – *Ele* é o motivo para estarmos aqui.

– Solte-o, Kan. – A espada de Hope estremeceu, com a ponta na direção dele como se tentasse escapar das mãos dela. A magia de sangue ansiava pelo alvo.

– Sr. Kan, exijo saber o significado disto! – gritou o velho com voz aguda.

Teltho Kan o ignorou, mantendo o olhar concentrado apenas em Hope.

– Confesso que, mesmo esperando que você me encontrasse de novo, não achava que seria *tão* depressa. Subestimei-a mais uma vez. Mas garanto que será a última vez.

– Porque não haverá mais uma vez – disse Hope chegando mais perto, a lâmina reluzindo à luz do sol que atravessava a janela. – Você não pode segurá-lo e dar outro salto ao mesmo tempo.

– Verdade – admitiu o biomante. – Mas tenho outra coisa. Algo que preparei especialmente para você.

E deu um assobio agudo. Que foi respondido por um rugido com estalos vindo de fora da mansão. Os olhos de Hope se estreitaram com suspeitas. Teltho Kan sorriu.

– Um velho amigo seu, acho.

Red viu a coisa um segundo antes de ela atacar: uma forma escura e enorme do lado de fora da janela. Só teve tempo de puxar a tia para o chão antes que o vidro explodisse numa tempestade de cacos. A forma se lançou pela janela e pousou num sofá, espatifando-o. Em seguida se levantou, e Red viu que era Rançoso, o vaga que tinha vendido Hope e o capitão. Bem, não necessariamente Rançoso. Na última vez que Red o vira, Rançoso estava se retorcendo no chão do Rato Afogado, segurando o cotoco onde antes estivera a mão. Agora, em vez do cotoco, tinha uma pinça marrom e grossa como a de um escorpião. E era maior, também. A pele parecia uma roupa malcortada, larga em alguns lugares e rasgada em outros. Os olhos eram de um preto reluzente e, por baixo do bigode comprido, a boca era apenas um buraco disforme de onde se projetavam mandíbulas peludas.

Tia Minara gritou.

– Como ousa trazer uma criatura dessas para a minha casa? – gritou Pastinas para Teltho Kan.

O biomante gargalhou e empurrou o velho para o chão.

– Até a próxima vez, garota! – disse ele a Hope. – Aproveite seu companheiro de brincadeiras.

– Não! – berrou Hope.

Mas, antes que pudesse correr atrás, a criatura estava em cima dela. Só teve tempo de enfiar a espada de volta na bainha antes de bloquear o ataque. A garra apertou a bainha, a centímetros do rosto dela.

– Desembainhe a espada! – gritou Red.

– Não vou perder a pista dele! – respondeu Hope lutando contra a criatura.

– Ele não vai fugir. – Red puxou a tia de pé e se virou para Alash. – Leve sua mãe para um lugar seguro.

Alash assentiu, o rosto pálido enquanto segurava a mão da mãe. Red partiu para o corredor, pulando por cima de Pastinas, que estava caído.

– Pare, Red! Ele vai matar você! – gritou Hope.

Mas Red já havia saído da sala. Viu algo branco desaparecer ao virar pelo corredor e partiu atrás. Enquanto corria, percebeu que estava perseguindo um biomante. Quando virou a esquina pensou: *Estou completamente escorreguento?*

O biomante estava esperando, o capuz sombreando o rosto, o manto branco luminoso na penumbra do corredor. Red parou derrapando.

– Seu fim é agora, idiota – disse Teltho Kan estendendo a mão para Red.

Mas pouco antes de as pontas dos dedos tocarem a testa de Red, ele parou.

– Não pode ser! Um sobrevivente?

Ele recuou a mão devagar. Depois sorriu de um modo do qual Red não gostou nem um pouco.

– Vamos nos encontrar de novo, garoto. Por enquanto, durma.

Ele soprou no rosto de Red e tudo ficou escuro.

27

Pela primeira vez na vida Hope olhou no rosto de alguém que ela odiava e sentiu pena. Rançoso tinha sido muitas coisas, a maioria ruins. Mas nem ele merecia ser transformado naquela monstruosidade insensata. Suas mandíbulas que pingavam se estenderam na direção dela enquanto ele pressionava o peso torto e desigual contra ela. Os olhos pretos e vítreos eram desprovidos de humanidade ou mesmo de pensamento. A coisa mais gentil que ela poderia fazer por ele era atravessar sua cabeça com a espada. Mas se recusava a perder o único modo garantido de encontrar Teltho Kan.

Enquanto usava a espada na bainha para manter a garra longe, ele a empurrou contra a parede. Ela o chutou no saco, mas ele não reagiu. Ela deu um soco na barriga nua, mas pareceu uma coisa dura e a pele se rasgou revelando uma casca quitinosa, de inseto, por baixo.

Soltou a espada da garra e bateu com a madeira chata no olho dele. O olho afundou com um estalo fraco e um líquido escuro escorreu. As mandíbulas estalaram furiosamente e ele deu outro golpe com a garra. Ela o bloqueou mais uma vez com a espada na bainha, pensando em como Teltho Kan ia mais para longe a cada minuto em que essa criatura a ocupava. E Red…

Ele jamais teria feito algo tão imprudente assim no Círculo do Paraíso. Ela suspeitava que o fato de estar neste lugar o deixava desequilibrado. Sem dúvida ele sabia que não era páreo para Teltho Kan. Hope precisava acabar rapidamente com essa criatura, de modo a salvá-lo. Mas se desembainhasse a espada e o golpeasse, será que conseguiria ao menos encontrá-los?

A criatura soltou outro rugido com estalos e fez força contra Hope. Os braços dela estavam cansando, enquanto a criatura parecia ficar mais forte à medida que continuavam lutando. Hope procurou outra arma em volta, mas naquela sala elegante não havia nada que pudesse furar a couraça do monstro.

Ele fez força, impelindo-a para o chão. Depois colocou todo o peso em cima dela. Os braços de Hope tremiam com o esforço e ela começou a pensar que precisaria desembainhar a espada para salvar a vida.

Então houve um *clang* afiado e uma haste de ferro se projetou da testa da criatura. Alash estava atrás, a mão estendida para a nuca da criatura. Ele puxou a alavanca no pulso e a haste se retraiu de volta para o tubo no antebraço. A criatura estremeceu uma vez e em seguida desmoronou. Hope rolou o corpo dele para longe.

– Este foi um bom uso para isso aí – disse ela, depois foi para a porta.

– Espere, Srta. Hope! – exclamou Alash.

Enquanto passava por cima do atordoado Pastinas, ela sentiu uma pontada de tristeza por Alash, preso naquela prisão luxuosa onde ninguém o apreciava. Desejou ter podido ficar um pouco mais para ser a voz de encorajamento de que ele parecia precisar tão desesperadamente.

– Mantenha o ânimo, Alash – disse, e saiu.



Alash verificou a mãe, que ele havia deitado num sofá na sala ao lado. Ela ainda estava soluçando e não conseguia falar. Então ele voltou à sala de estar. Examinou os estragos por um momento, absorvendo tudo lentamente. Tinha vivido nesta casa desde a morte do pai. Estivera nesta sala quase todos os dias desde então. O cômodo nunca havia mudado. Até hoje. Achou isso chocante, não por causa da bagunça, mas porque em seu coração jamais tinha acreditado que fosse possível alguma mudança verdadeira.

Atravessou a sala, com as botas curtas esmagando vidro com um som baixo. Seu avô parecia estar se recuperando. Quando Alash ofereceu a mão, ele fez cara de desprezo e lhe deu um tapa, afastando-a.

– Bom, vovô – disse ele baixinho. – Quem foi que trouxe uma coisa vil e ameaçadora para dentro desta casa?

– Como você ousa me demonstrar esse desrespeito, rapaz! Ainda é minha casa e meu dinheiro…

– Respeito? – disse Alash. – Eu sempre amei o senhor, porque o senhor é meu avô. Mas jamais o respeitei. Por favor, cuide da mamãe. Ela sempre foi a pessoa mais leal ao senhor.

Então ele passou por cima do avô e foi em direção à porta.

– Aonde, por todos os infernos, você vai?

– É hora de uma mudança, vovô. Vou ver o mundo.



Não demorou muito até Hope encontrar Red caído no chão do corredor. Seu coração deu um salto quando ela o viu no tapete, imóvel. Era tudo que ela temia em uma única imagem. A pessoa mais importante de sua vida, morta por um biomante.

Mas então o peito dele se mexeu, e ela soube que ainda estava vivo.

Claro que o biomante o tinha deixado viver. Era uma inteligente tática de adiamento. Se Red estivesse morto, Hope o teria perseguido mais rápido ainda. Mas não podia simplesmente abandoná-lo aqui nesta casa, dominado por um velho que o odiava.

Pegou-o e o jogou sobre os ombros. Frequentemente fora obrigada a carregar um par de grandes baldes com água numa canga quando morava no mosteiro. Mas Red era mais pesado. Só conseguia andar devagar, quando saiu da mansão para a campina coberta de grama, ainda molhada com o orvalho da manhã.



Não soube por quanto tempo andou cambaleando na direção que a espada apontava, com Red apoiado em volta do pescoço como uma pedra de moinho. O sol flamejava no céu azul sem nuvens e as campinas pareciam se estender para sempre. Sua respiração sibilava dolorosa entre os dentes trincados e o cabelo estava encharcado de suor.

Imaginou que alguém chamava seu nome. A princípio ignorou, mas o som ficou mais alto e mais insistente até que ela começou a se perguntar se seria real. Então Alash surgiu, bufando e com o rosto vermelho.

– Srta. Hope… – disse ele ofegante. – Posso, por favor… acompanhá-la?

– Por quê?

– Quero navegar pelos mares! Ver o mundo!

Hope pensou em lhe dizer que o mundo era um lugar terrível e que os mares eram mais mortais do que ele poderia imaginar. Que seria insano ele jogar fora a vida de luxos.

– Será que eu posso carregar meu primo um pouco? – sugeriu ele.

Mas *essa* pareceu a melhor ideia jamais concebida. Hope praticamente jogou Red em cima dele. Alash gemeu embaixo do peso e seus joelhos

começaram a dobrar imediatamente.

– Ah, meu Deus, ele é pesado! Eu não… – Ele parecia ao mesmo tempo dolorido e envergonhado. – Temo não ser tão forte quanto você, Srta. Hope. Nunca fui muito atlético.

Hope suspirou.

– Vamos tentar dividir o peso dele, então. – Ela passou um braço de Red em volta do pescoço.

Alash passou o outro braço em volta de seu pescoço.

– Ah, assim está muito melhor, obrigado.

– Então vamos – grunhiu Hope. – Não podemos deixar Teltho Kan fugir.

Alash olhou preocupado para a cabeça frouxa de Red entre os dois.

– Ele vai ficar bem?

– Depois de eu carregá-lo tanto tempo? É melhor ficar.

Caminharam em silêncio, rompido apenas pela respiração ofegante dos dois. Depois de um tempo Hope perguntou:

– Sabe o que fica naquela direção?

– Mais algumas casas parecidas com a do meu avô.

– Só isso?

– Bom, e depois o porto Radiante, claro.

– Um porto? – perguntou Hope, com a adrenalina varrendo a exaustão.

– Ah, sim. O segundo maior porto de Nova Laven.

– Então precisamos nos apressar.

Ela acelerou o passo.

Alash gemeu e os dois foram mais depressa.



Teltho Kan tinha ido embora. Hope concluiu isso antes mesmo de chegar ao cais. A Canção dos Lamentos teve um tremor estranho, depois ficou lentamente menos insistente, como se o alvo se afastasse depressa. Mas Hope se recusou a admitir isso. Obrigou-se a continuar junto com Alash até chegarem ao grande porto de Salto Fundo logo antes do meio-dia.

Navios mercantes apinhavam as docas. Marinheiros trabalhavam, carregando e descarregando caixotes. Hope se lembrou do serviço que Drem quisera que Carmichael fizesse, e se perguntou se haveria drogas em algum

daqueles caixotes. Talvez o tráfico de drogas tivesse parado junto com a morte de Drem. Ou talvez outra pessoa já o tivesse assumido.

Levantou a espada que apontou firme para o porto e o mar aberto, mais adiante.

– Vamos parar um momento.

Encontraram uma pilha de caixotes e deitaram Red sobre eles. Alash se deixou cair no cais, chiando e coberto de suor. Hope tentou acordar Red, mas ele mal se mexeu.

– Você tem um barco que possamos usar? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça, ainda tentando recuperar o fôlego.

– Algum dinheiro que possamos usar para comprar passagem em um?

Ele balançou a cabeça de novo. Ela olhou para os navios, o maxilar trincando e se abrindo com uma frustração que aos poucos se transformava em fúria impotente. Então o viu. Três píeres adiante. O *Gambito da Dama*.

– Levante-se! – gritou para Alash.

Ele a encarou com algo parecido com horror.

– Mas, Srta. Hope…

– Agora!

Ela levantou Red e segurou um dos braços dele.

– Sim, Srta. Hope – disse Alash humildemente enquanto pegava o outro braço.

Alash mal parecia capaz de ficar de pé, mas Hope o instigou num passo desajeitado, sem firmeza, em direção ao píer onde o *Gambito da Dama* estava atracado. Sadie estava na proa, iluminada pelo sol da manhã e olhando por cima da água. Quando Hope a viu, um calor preencheu seu peito e ela ficou à beira das lágrimas.

– Olá! – gritou com voz trêmula. – Capitã Sadie! Permissão para subir a bordo!

Sadie não se virou para eles, inclinou a cabeça para o lado e deu seu sorriso banguela.

– Capitã? Não, eu não sou a capitã. Você está procurando alguém mais jovem e mais clara do que eu. – Então olhou para eles e fez uma expressão de surpresa fingida. – Ora, e aí está você, capitã Bleak Hope!

– Não creio que eu deva ser a ca…

– Esse aí no seu braço é o meu Red?

– Ele vai ficar bem – disse Hope. – Mas é pesado.

– Bom, subam, então. – Ela deslizou a prancha de embarque para eles, franzindo os olhos enquanto subiam a bordo. – E quem é esse com vocês? Parece estranhamente familiar.

– É primo do Red.

– É um prazer conhecê-la, senhora – disse Alash, conseguindo sorrir.

– É um rendadinho de verdade, não é? – Sadie deu um tapinha no rosto de Alash, escorregadio de suor. – Não se preocupe, vaga, para qualquer um que tenha o sangue do Red está tudo isca e despensa.

– Como você sabia que a gente estaria aqui? – perguntou Hope.

– A Velha Yammy mandou notícia. Às vezes ela tem uma visão, mas foi meio vaga. Só disse para vir para cá e que vocês acabariam aparecendo. Estamos aqui há quase dois dias.

– Red disse que ela não vê o futuro de verdade.

– Red diz um monte de coisas. Algumas até são verdade. Bom, imagino que você esteja com pressa, não é?

– Estamos perseguindo um biomante.

– É melhor colocar o Red numa cabine. Vou chamar o resto da tripulação.

– Tripulação? – perguntou Hope.

Sadie riu.

– Ah, sim, garota. Você não acha que eu conseguiria navegar nesse barco sozinha, não é? É uma tripulação pequena, claro. Mas eu sempre preferi uns poucos vagas confiáveis do que um exército de caídos da xota.

Hope se sentiu num sonho enquanto Alash e ela carregavam o corpo inconsciente de Red pelo convés, em direção às cabines. Estar de volta nesse navio era mais reconfortante do que havia esperado. Enquanto andava, notou muitas melhorias. Estava mais limpo, todas as pequenas fendas tinham sido lacradas com alcatrão e o ferro corroído tinha passado por polimento até brilhar de novo. No timão viu o homem que ela supôs ser responsável pela maior parte daquilo.

– Finn Perdido!

O velho a encarou com seu olho único e brilhante e sorriu com um pouco mais de dentes do que Sadie.

– Olá, capitã Hope! – gritou ele. – Sadie já me disse que você estava a bordo. Estou cuidando bem do timão para você!

– Para mim?

– Claro. Somos uma tripulação muito pequena para poder abrir mão de um timoneiro.

– Realmente não sei se sou a melhor opção como capitã.

Finn Perdido levantou suas mãos grandes e cheias de cicatrizes.

– Só estou seguindo as ordens da imediata, capitã. Você terá que se entender com a Sadie.

– Não acha que primeiro deveríamos arranjar um lugar para Rixidenteron? – perguntou Alash, implorando.

– Acho – respondeu Hope, começando a ir de novo para as cabines. – Mas você deveria chamá-lo de Red.

– Ele não usa o nome de nascimento?

– Não.

– Por quê?

A princípio Hope não respondeu. Em seguida, viu um rosto familiar emergindo das cabines e sorriu.

– Porque no Círculo é assim.

Urtiga veio na direção deles com um riso largo.

– Olá, fatia anjo. O que ele fez dessa vez?

– Tentou atacar um biomante.

– Ele vai ficar bem?

– Acho que só está inconsciente.

– Então deixe eu dar uma mãozinha com esse velho cabeça de sal.

Enquanto os três iam pelo resto do caminho até as cabines, Hope perguntou:

– Como você está? Desculpe ter ido embora daquele jeito.

– A gente se virou. Depois de você perseguir aquele biomante os soldados fugiram. A gente se preparou para outro ataque, mas não aconteceu. Acho que as coisas estão voltando ao normal. Ou quase ao normal. – Ela olhou para Alash. – E quem é esse?

– Primo do Red.

– Alash Havolon – disse ele, agora com um sorriso mais radiante já que parte do peso fora tirado. – Senhorita…

– Pode me chamar de Urtiga. Não sou senhorita nem senhora. Só Urtiga. Fechou?

– Fechou? – perguntou ele.

– Ela quer saber se você entendeu – traduziu Hope.

– Ah. Sim. Bom, acho que eu devo parecer terrivelmente formal para você.

– Não, tudo bem. – Hope se virou para Urtiga. – Não é ruim de butucar, não é?

– Ela acha você bonito – disse Hope a Alash.

– Ah, é? Obrigado. E você também é, senhorita… é… quero dizer, Urtiga.

– Mas não tenha nenhuma ideia – disse Urtiga. – Ou eu enfio esse seu pau rendado no seu próprio rabo.

Alash apenas a encarou.

– Você vai se acostumar – garantiu Hope.

Carregaram Red com cuidado pela escada até a cabine.

– O que aconteceu? – Rolha veio mancando, apoiado pesadamente numa muleta.

– Como está o seu joelho? – perguntou Hope.

Rolha deu de ombros.

– Na mesma.

– Dá para pensar que ele ia querer ficar de fora dessa aventura. Mas nem quis ouvir isso – disse Urtiga.

Rolha pareceu sem jeito.

– Vocês precisavam de gente para tripular o navio. Minha perna não está funcionando, mas posso puxar uma corda. E o que aconteceu com o Red? Ele vai ficar bem?

– *Acho* que sim – respondeu Hope. – Não vi o que Teltho Kan fez com ele. Parece que só o apagou para me retardar e poder fugir.

– E deu certo – disse Urtiga.

– *Por enquanto* – retrucou Hope.

– Então o Red vai acordar e ficar novinho em folha, certo? – perguntou Rolha.

– Provavelmente.

Hope sorriu. Essa era uma coisa que o tempo passado em Nova Laven havia ensinado. Como mentir e sorrir ao mesmo tempo. Mas nesse caso era uma gentileza. Não havia sentido em preocupar o pobre Rolha mais do que o necessário. Talvez Red *ficasse* bem. Mas, na experiência de Hope, as interações com os biomantes nunca eram tão simples nem tão limpas.



– Bom, capitã, estamos prontos para zarpar – disse Sadie.

Hope e ela estavam juntas ao timão, com o sol brilhando na água.

– Acho que você seria a melhor escolha como capitã – retrucou Hope. – Você já fez isso antes.

– O tempo em que estive num barco não chegou nem a meio ano. E nunca estive em mar aberto. Ele é seu por direito e pelo simples bom senso. Se quer perseguir esse seu biomante, estamos juntos. Mas você é que vai ter de assumir a liderança.

– Nunca fui líder.

– O grupo não é grande. E você pode acabar se surpreendendo. Aqui. – Ela indicou o timão. – Por que não pega? Talvez a sensação inspire você.

Hope segurou as manoplas da roda, como tinha visto Carmichael fazer vezes incontáveis.

– Estou me sentindo idiota.

– Isso são as vozes das outras pessoas na sua cabeça, dizendo que uma mulher não pode ser capitã.

– *Você* foi. Red me contou a história.

– E você não acha que eu me senti idiota? É como a gente *sempre* se sente quando faz uma coisa nova e ousada. A gente se sente falsa como uma puta num templo.

– E como a gente para de se sentir assim?

– A princípio não para. A gente só se sente falsa e continua fazendo do mesmo jeito. Mas, se fizer por tempo suficiente, não se sente mais como uma fraude porque *não* é mais. Fechou? Agora deixe eu ouvir você gritar.

– Agora?

– Claro.

Hope respirou fundo. Lembrou-se de como Carmichael fazia. Um som que vinha do fundo das entranhas e um tom ao mesmo tempo sério e ferozmente jubiloso.

– Pareçam vivos, vagas! Soltar cabos! Enfunar velas!

– Sim, capitã! – gritou Finn Perdido, que Deus o abençoasse.

Hope guiou o navio pelo porto, e foi como se ouvisse a voz de Carmichael se sobrepondo à sua, as mãos dele a guiando. Drem e Rançoso, os dois homens que tinham provocado a morte dele, estavam mortos. Mas, estranhamente, não eram essas mortes que lhe davam paz. Era esse momento. Navegando no navio que ele amava, com o vento às costas e o sol no céu. Era isso que ele mais amava, e ela soube que ele ficaria satisfeito.

Por mais que o código vinchen falasse de vingança para os mortos, ela se perguntou por que ele nunca mencionava honrar a vida deles.

– Me deem vela plena! – gritou.

O *Gambito da Dama* partiu para mar aberto.



O sol ainda brilhava forte no céu e o vento agitava o cabelo de Hope enquanto ela permanecia sozinha junto ao timão. Era o fim da tarde e ela estivera ali durante horas, sentindo-se cada vez mais confortável com a posição.

– Ora, não é que você vestiu a lordeza? – perguntou Urtiga, aproximando-se.

– Vestir a lordeza? – perguntou Hope. – Você inventou isso agora.

– Não dizem isso lá no sul? – Urtiga pareceu genuinamente surpresa. – É o mesmo que andar com o rei na barriga, bancar a importante.

Hope sorriu e balançou a cabeça.

– Humm.

Urtiga apoiou os cotovelos na amurada e inclinou o rosto para o céu, fechando os olhos por causa do sol. Hope notou que o sol havia clareado fios no cabelo preto e encaracolado e que a pele estava morena e rosada.

– O mar combina com você – disse Hope.

– Você acha? – Urtiga manteve os olhos fechados. – Nunca imaginei que iria sair do Círculo. Nem pensava nisso. Lá era o meu mundo inteiro. Mas quando Sadie perguntou se eu queria vir com ela, me peguei concordando antes mesmo de perceber.

– Porque estava preocupada com o Red?

– Em parte é isso, acho. Passei anos esperando encontrar o Red morto na rua ou então descobrir que ele tinha sumido para sempre. Mas agora ele tem você para ficar de olho. Você é quase tão sensata quanto eu.

– Obrigada.

Urtiga assentiu.

– Não, acho que comecei a ver as coisas de um modo diferente depois daquela noite em que você, eu e o Palla trabalhamos no pessoal do Drem. A gente tinha qualidade.

– Tinha mesmo. E como está o Palla?

– Voltou para o Martelo, ainda está brigando com o Grande Sig e o Sharn pelo controle. Se bem que, agora que Sig absorveu a parte do Billy Espinho, eu diria que ele está por cima. De qualquer modo, depois daquela noite o Círculo começou a parecer… pequeno. Voltei para o meu trabalho, mas ali estava eu: espancando algum tommy que não sabia tratar uma puta, e pareceu uma coisa muito marreta. Tipo, qual era o sentido? Fechou?

– Você queria mais.

– É. Mais mundo. Mais vida. Mais *eu*.

Então ela encarou Hope, com os olhos se franzindo por causa da claridade, e sorriu.



O *Gambito da Dama* entrou numa tempestade logo depois do pôr do sol. Nuvens pretas e carregadas pairavam sobre eles, com raios espocando. O trovão estalava como um chicote gigante no céu. O vento soprava a chuva lateralmente, ardendo no rosto. Eles subiam e desciam por ondas com o dobro da altura do navio.

Hope já estivera em tempestades piores. Mas a tripulação anterior era experiente. Carmichael não precisava dizer muita coisa durante uma tempestade porque seu pessoal sabia o que fazer. Agora precisava ditar cada ação. Para complicar mais as coisas, Rolha não podia se mexer muito e Urtiga e Alash não conheciam a terminologia. Assim, Hope precisava correr pelo navio, deslizando no convés escorregadio de chuva enquanto ia de um posto ao outro, gritando as ordens em detalhes acima do rugido das ondas.

Quando a tempestade finalmente amainou e as nuvens roxas e densas se dispersaram, revelando uma brilhante lua crescente, ela estava totalmente exausta e rouca.

– Muito bem, capitã – disse Finn Perdido enquanto os dois permaneciam junto ao timão.

– Obrigada. Vamos ficar melhores à medida que fizermos isso mais vezes.

– Vamos mesmo, capitã. Você parece uma morta-viva. Por que não deixa eu pegar o timão um pouco e não tira um cochilo?

– Boa ideia. O timão é seu, Sr. Finn.

Finn riu segurando a roda do leme.

– Você foi treinada por um verdadeiro homem do mar.

– O capitão Carmichael era um bom homem – disse Hope, baixinho. – Talvez não fosse um homem perfeito, mas era bom.

– Ah, se alguém disser só isso sobre mim vou ficar contente.

Hope lhe deu um sorriso cansado. Ela se virou e foi para as cabines na proa.

– Você não deveria ocupar a cabine do capitão? – perguntou Finn, assentindo para a popa.

– Prefiro ficar com o grupo.

– Mas não seria um desperdício uma cabine tão boa sem ninguém?

– Então fique com ela.

– Eu, não, capitã. Não seria adequado. Acho que o seu capitão Carmichael concordaria.

Hope suspirou.

– Ótimo. Mas primeiro vou dar uma olhada no Red.

Quando Hope desceu para as cabines estava tudo escuro e silencioso. Todos os outros continuavam no convés. Sentia-se feliz por estar com todos eles de novo. No entanto, naquele momento, sentiu-se agradecida pelo silêncio e a solidão.

Parou junto de Red, enrolado em sua rede de modo que só o rosto permanecia visível. A respiração era forte e regular. Ele parecia em paz, quase inocente. Talvez Hope estivesse errada em se preocupar. Afinal de contas, ele parecia bem. Melhor do que ela, em alguns sentidos. Pelo menos estava descansando um pouco.

Como se esse pensamento a lembrasse do próprio corpo, uma onda de exaustão a varreu. Ela deveria ir para sua cabine antes que caísse. Mas não estava pronta para sair de perto de Red. Na noite anterior, dormindo em quartos separados, tinha achado difícil relaxar. Tinha se acostumado tanto com ele que mesmo no sono a presença dele a reconfortava. Que coisa estranha! Talvez só ficasse sentada com ele um pouco mais.

É, parecia razoável. Sentou-se de lado na rede perto da dele. Era muito mais confortável do que ela recordava. Será que Finn tinha posto redes novas, melhores? Parecia improvável. No entanto, não havia como negar que era bom se sentar nela. Tanto que achou que seria melhor ainda apoiar a cabeça. Só por um momento, claro. E depois iria para sua cabine… que ficava do outro lado do navio. De repente parecia um percurso longo

demais. Ao passo que esta rede era muito confortável e tinha a vantagem de já estar embaixo dela.

Olhou Red respirar suavemente, descobrindo que o ritmo era tranquilizador. Um leve sorriso curvou os cantos da boca do rapaz, e essa visão espalhou um calor suave através dela.

– Eu e você – sussurrou ela, e acariciou suavemente o rosto dele. – Hope e Red.

Nesse momento, sem ninguém por perto para ver e cansada demais para continuar lutando contra, permitiu-se desfrutar da visão desse rapaz – não, desse *homem* – que a havia seguido até tão longe e com tanta fidelidade.

Ele tinha provado a lealdade, a capacidade e a coragem, sim, mas também a generosidade e a gentileza. Seus sentimentos por ele eram tão fortes quanto os que havia nutrido por Hurlo e Carmichael, mas ele não era mentor, professor nem capitão. Era algo totalmente diferente. Ela não sabia o quê. Só sabia que, quando olhava para ele, sentia algo que nunca havia esperado sentir de novo. Sentia-se em casa.

28

A hora de Brigga Lin havia chegado. Esta noite seus dois anos de treinamento, estudo e sacrifício finalmente dariam frutos.

Estava de pé na antecâmara, esperando sua vez diante do conselho. Agarrou o manto grosso e branco em volta do corpo, com o capuz escondendo o rosto. Não eram só os seios e os órgãos genitais que haviam mudado. Suas feições tinham se suavizado e se refinado, ficando mais femininas. E depois de algumas indecisões até decidiu deixar o cabelo crescer. Parecia a mulher que ela havia escolhido ser, e precisava ter cuidado para não revelar isso prematuramente. Caso contrário, haveria… mal-entendidos.

Mas não estava preocupada. Até agora seu sentido de tempo fora impecável. Logo depois de terminar a última fase de incorporar as novas habilidades tinha recebido a convocação para a reunião anual do conselho de biomantes em Pico de Pedra. Esse tinha sido um sinal óbvio de que o conselho e o mundo estavam preparados para o que ela iria revelar.

O que estava trazendo para o conselho não era meramente uma arma, e sim um modo de reforçar toda a ordem da biomancia. Certo, seus métodos não eram ortodoxos. Mas, assim que eles vissem o que ela era capaz de fazer, tinha certeza de que o conselho deixaria de lado essas preocupações provincianas e antiquadas. Até poderiam convidá-la a entrar para o conselho. E tão jovem assim, não seria uma coisa incrível? Seus pais lamentariam o dia em que a haviam renegado. Quando se revelou a eles, seu pai disse: "Meu filho morreu. Não tenho filho."

Eles foram incapazes de ouvir sua explicação assim que viram a transformação. Por mais dolorosa que a conversa tivesse sido, ela deu uma lição valiosa a Brigga Lin. Não poderia se revelar ao conselho antes de explicar as novas capacidades que tinha destrancado para os biomantes. Assim que eles estivessem pasmos, talvez até sentindo-se mais humildes diante do que ela era capaz, certamente veriam sua transformação com olhos mais equânimes.

Assim Brigga Lin esperava na penumbra da antecâmara, obrigando-se a permanecer imóvel, a não andar de um lado para outro nem torcer as mãos ou mostrar qualquer sinal exterior de ansiedade.

Um noviço veio do corredor para a antecâmara com o capuz às costas, os olhos nervosos, o manto se agitando em volta dos tornozelos enquanto passava rapidamente por ela.

– *Eu* sou o próximo a falar com o conselho! – rosnou Brigga Lin, segurando o ombro dele.

– Fui instruído por Teltho Kan a trazer notícias urgentes ao conselho.

Os olhos do noviço estavam voltados para a grossa porta de madeira da câmara do conselho.

– Kan não é membro do conselho.

Brigga Lin forçou a voz a permanecer baixa e grave. A voz também havia mudado e era mais feminina.

– Mesmo assim, fui instruído – disse o noviço.

Seu olhar começou a se virar para ela, por isso Brigga Lin o deixou ir. Era cedo demais para alguém olhá-la de perto.

– Ótimo. Mas seja rápido.

Ela olhou o noviço abrir a porta e entrar na câmara. Qualquer que fosse a mensagem de Teltho Kan, Brigga tinha confiança em que ela não poderia suplantar sua descoberta.



– Brigga Lin – chamou Ammon Set, chefe do conselho dos biomantes com a voz seca e empoeirada. – Pode apresentar suas descobertas.

O alívio inundou Brigga Lin. Ela havia esperado ser chamada pouco depois que o noviço saiu, mas ficou aguardando por horas na antecâmara enquanto discutiam a notícia mandada por Teltho Kan. Foi um tempo tão grande que Brigga Lin começou a se preocupar com a hipótese de eles encerrarem os serviços nesse dia. Ela jamais suportaria mais uma noite se escondendo dos colegas biomantes. Mas agora finalmente poderia mostrar ao conselho e a todo mundo até que ponto estava disposta a ir para alcançar a grandiosidade.

A grossa porta dupla se abriu revelando a câmara do conselho. Era uma sala grande, quase sem móveis, com o piso e as paredes de arenito que era o

material de construção da maior parte do palácio. Na outra extremidade estava de pé o conselho, os doze homens mais sábios e poderosos do império. Estavam todos numa fileira, de mãos unidas, os rostos escondidos nas sombras dos capuzes. Os mantos brancos tinham acabamento em fio de ouro no capuz e nos punhos, marca de seu status elevado.

Brigga Lin aplacou a ansiedade e foi até o centro da sala. Fez uma reverência profunda.

– Mestres, agradeço por me ouvirem – disse tentando manter a voz o mais grave possível. Saiu estranhamente áspera.

– Por que não baixa o capuz diante de nós, Brigga Lin? – perguntou Chiffet Mek em sua voz que parecia metal enferrujado.

– Peço desculpas, mestres. Os senhores saberão do motivo em pouco tempo. Imploro sua indulgência só por alguns instantes.

– Sua voz parece mudada, Brigga Lin – disse Ammon Set.

– Resultado das minhas experiências, mestres.

Ela havia esperado que eles permanecessem passivos enquanto apresentava as descobertas, e não esse questionamento imediato. Talvez o fato de ter mantido o capuz na cabeça tivesse atraído a curiosidade e eles estivessem ansiosos para ouvir o que ela tinha a dizer.

– Isso acontece com todos nós – disse Progul Bon com uma voz parecida com óleo frio. – Nosso trabalho provoca cicatrizes na pele e na voz. Se você teme mostrar o rosto por causa disso, saiba que não existe deformação resultante de seu trabalho que possa nos horrorizar.

– Obrigado, mestres. Estou aqui para dizer que encontrei a solução para os nossos problemas. Não simplesmente uma nova arma, e sim um meio para tornar os próprios biomantes mais poderosos.

Os membros do conselho não reagiram de pronto, mas Brigga Lin não tinha esperado que o fizessem. Enquanto suas mãos estivessem dadas, cada pensamento de um era conhecido imediatamente pelos outros.

Depois de uma pausa, Ammon Set disse:

– Sério? Por favor, seja mais específico.

– Como talvez se lembrem, há dois anos os senhores me concederam permissão para explorar as ruínas do templo de Morack Tor.

– Você queria levar soldados – disse Chiffet Mek.

– Sim, e sabiamente os senhores decidiram negar – retrucou Brigga Lin rapidamente. – Agora vejo como meu pedido foi tolo. Os soldados só seriam um estorvo para minha busca.

– Então você encontrou alguma coisa? – perguntou Progul Bon.

– Encontrei, mestres. Escondido num lugar secreto havia um exemplar do *Biomancery Praxis*. Era idêntico à nossa edição em todos os sentidos, mas havia um capítulo final que nunca vimos. Um capítulo que instrui o biomante a destrancar mais poder do que jamais vimos. E com esse poder recém-encontrado nem mesmo a força de Aukbontar poderá nos enfrentar!

Brigga Lin não tinha pretendido levantar a voz. Agora, quando parou de falar, o silêncio que se seguiu foi mais palpável ainda. Claro que eles estavam discutindo telepaticamente essa revelação chocante. Ela ficou parada esperando com paciência, pronta para lhes dar todo o tempo de que precisassem. Afinal de contas, a revelação de um ramo perdido da biomancia era uma notícia capaz de abalar a terra. Que Teltho Kan tentasse suplantar isso.

– Aproxime-se do conselho, Brigga Lin – disse Ammon Set.

Brigga Lin mal podia acreditar no que ouvia. Seu coração disparou enquanto ela ia se postar direto em frente do chefe do conselho dos biomantes. Tinha pensado que deveria pelo menos oferecer alguma prova dessas novas capacidades antes que eles a convidassem para o conselho.

Ammon Set estendeu a mão direita.

– Dê-me sua mão, Brigga Lin.

Estavam lhe permitindo juntar-se à silenciosa conversa telepática. Isso era mais ainda do que tinha esperado. Num momento seus pensamentos se juntariam aos dos maiores homens do império.

Respirou fundo e forçou a mão a não tremer enquanto a colocava na mão seca e enrugada de Ammon Set.

– Até as mãos ficaram finas e lisas – disse Chiffet Mek, com a voz enferrujada subitamente beirando o nojo.

– Mestres?

Então o corpo de Brigga Lin se imobilizou. Conseguia respirar e piscar, porém nada mais do que isso.

– Nós conhecíamos esse último capítulo do *Praxis* – disse Ammon Set. – Porque foi Burnesse Vee que o arrancou sabiamente do livro. Sabemos do poder que uma biomante poderia obter. Mas nenhum poder vale degradar a ordem com tamanha vilania, permitindo a entrada de mulheres. Outros descobriram esse conhecimento, mas ninguém se tornou tão depravado a ponto de fazer o que você fez.

Ele estendeu a mão e empurrou o capuz de Brigga Lin para revelar seu rosto. As feições tinham ficado mais finas, a pele lisa e macia. Os lábios pareciam mais cheios e mais expressivos. O cabelo preto e comprido era denso e lustroso derramando-se nos ombros.

– Nojento – disse Chiffet Mek.

– Deixe-nos ver até que ponto você chegou – ordenou Progul Bon.

Ammon Set estendeu um dedo e tocou o manto dela junto à gola. Traçou lentamente uma linha desde a clavícula esquerda, descendo pelo seio esquerdo até a coxa. Enquanto seu dedo viajava pelo corpo, foi cortando o tecido até a carne, de modo que o manto branco se abriu e revelou uma linha vermelha na pele nua, de onde brotava o sangue. Então ele fez a mesma coisa pelo lado direito, e no fim o manto estava em frangalhos, expondo sua carne nua e riscada de sangue. Sua respiração saía em haustos ásperos, já que ela não conseguia gritar.

– Você fez um serviço meticuloso. – Progul Bon puxou o capuz para trás revelando um rosto derretido como cera de vela amolecida, espiando-a com olhos aquosos. – Uma mudança completa de sexo, da cabeça aos pés. Impressionante.

– É uma abominação.

Chiffet Mek puxou seu capuz revelando um rosto costurado e remendado com pedaços de metal. Cuspiu no seio nu de Brigga Lin, e a saliva se misturou com o sangue escorrendo pelo abdômen.

– É herético – disse Ammon Set. – Devemos dar um exemplo para que ninguém mais seja tolo a ponto de repetir esses atos desprezíveis. Levem essa… criatura para a masmorra para esperar a sentença.



Brigga Lin não sabia quanto tempo havia passado na masmorra. Tinham-na jogado numa cela escura com tamanho suficiente apenas para ficar sentada, mas não para se deitar. Os restos esfrangalhados do manto branco se grudavam nos ferimentos recentes. A cada vez que se movia, o tecido abria novos ferimentos.

Não sabia por que ainda não a haviam executado. A Aranha de Ferro parecia um método provável. Ou o Assento da Montanha. Mas talvez eles quisessem inventar um meio de execução totalmente novo só para ela. Tinha

testemunhado isso antes. Um colega de turma durante o noviciado, chamado Speld Mok, mentiu sobre sua linhagem para ser aceito na ordem. Quando o conselho descobriu, cortou as pernas dele na altura dos joelhos, para ilustrar como ele havia nascido num status baixo. Depois o fizeram andar por caminhos pedregosos do jardim do palácio, sobre os cotocos abertos, até morrer por perda de sangue. Chamaram essa nova forma de execução de Jornada de Mok. Brigga Lin se perguntou se seria criada uma forma de execução com o seu nome.

Mas até agora pareciam contentes em deixá-la apodrecer num buraco escuro embaixo do palácio. Talvez a fizessem morrer de fome. Isso parecia quase demais para ser esperado. A morte pela fome era suave comparada às técnicas de execução típicas dos biomantes. Mas Brigga Lin não tinha ouvido absolutamente nada desde que a haviam trancado. Nem mesmo outros prisioneiros. Talvez fosse de propósito. Afinal de contas, eles sabiam do que ela era capaz. E ela tivera tanta certeza de que iria convencê-los! Foi muito estúpida.

Não, *eles* é que eram estúpidos. Velhos tolos e covardes cuja hora havia chegado. Faria com que pagassem pelo que tinham feito com ela. De algum modo. Escaparia e ficaria mais forte. Então voltaria para se vingar do conselho. De toda a ordem.

Repetiu essa promessa várias vezes. Não sabia quantas exatamente. Nem por quanto tempo estava trancada. Mais do que algumas horas, tinha certeza. Mas alguns dias? Não tinha ideia. Incapaz de se deitar, só havia cochilado de vez em quando. Mas por quanto tempo? Nenhuma luz do dia chegava à cela. Nenhum guarda para entregar comida. Não havia luz nem som. Nada mudava.

Então, finalmente, ouviu alguma coisa. A princípio o som a alarmou, mas ela não soube por quê. Talvez qualquer som fizesse isso. Aos poucos percebeu que eram passos. De duas pessoas.

– Acha que eles encontraram mesmo um sobrevivente? – perguntou uma voz chiada.

– Acho que *eles* acham isso – disse uma segunda voz, parecendo divertida. – Mas quem sabe se Teltho Kan está certo?

Estavam chegando mais perto.

– Logo vamos saber, de qualquer modo – continuou o segundo. – Kan deve chegar a qualquer momento.

– Já? Ele não vinha de Nova Laven?

– Ouvi dizer que está sendo perseguido por uma vinchen que jurou matar biomantes. Uma vinchen mulher, veja só.

– *Uma* vinchen?

– Foi o que ele disse na mensagem.

– Então não pode ser muito perigosa. É só uma mulher.

Estavam definitivamente chegando mais perto. E depois de fazer declarações assim, a morte deles não pesaria muito na consciência de Brigga Lin.

Uma luz apareceu, dolorosa e ofuscante depois da escuridão prolongada.

– Certo, você aí. É hora de comer.

Tudo que ela podia ver eram duas sombras lançadas por uma tocha. Ouviu um painel se abrir na porta e sentiu uma bandeja ser pressionada contra a perna. Precisava poder vê-los. Se partissem antes que seus olhos se ajustassem, seria tarde demais. Respirou fundo, obrigando-se a permanecer calma enquanto esperava a visão clarear.

– Essa aí está aí dentro por quê? – perguntou o de voz divertida.

– Não faço ideia – disse o de voz chiada.

– Por que será que está usando manto de biomante?

– Pelo menos parte de um manto.

– Não estou reclamando.

Os dois riram. Nesse ponto os olhos de Brigga Lin tinham se acostumado e ela podia ver claramente o olhar de desprezo, lascivo, dos dois homens espiando-a através das barras.

– Estou com muito frio – disse humildemente.

Os dois homens se entreolharam. Então um deles riu para ela.

– Vamos esquentar você, garota.

Brigga Lin se obrigou a manter a expressão confusa, inocente, quando ouviu a porta ser destrancada. Apenas suas mãos se moveram, ondulando, mexendo-se e balançando os dedos em silêncio fora da luz da tocha. Poderia atacar a qualquer momento, mas queria saborear isso. Esperou até a porta estar escancarada. Os dois tentaram passar pela abertura estreita ao mesmo tempo.

– Eu primeiro – disse o de voz divertida.

Em seguida, ele agarrou a mão do outro e tentou puxá-lo para fora. Mas quando fez isso as mãos dos dois ficaram grudadas.

– Solte! – exclamou o de voz chiada.

– Não consigo!

Lutaram para separar as mãos, mas a carne dos dois começou a se fundir, misturando-se e pingando entre eles como cera de vela.

– O que, por todos os infernos… – disse o que não estava mais achando a situação divertida, os olhos arregalados de medo.

Brigga Lin se obrigou a ficar ereta, apesar de seu corpo estar doendo pela falta de movimento.

– Para vocês só existe um inferno – disse. – Eu.

Os homens continuaram a derreter um no outro como dois pedaços de cera sendo aquecidos lentamente. Lutavam e sacudiam os membros livres, mas isso não adiantava. Os dois gritaram enquanto continuavam a se fundir, mesmo depois de os olhos e os ouvidos terem afundado no resto. Por fim, só havia as duas bocas numa massa informe de carne que escorria. Então até elas afundaram e houve silêncio de novo na masmorra.

Brigga Lin pegou a bandeja e comeu a comida. Estava esfomeada, afinal de contas. Depois remexeu o monte de carne até achar as chaves de metal. Passou por cima daquela coisa e foi andando pelo corredor escuro. Enquanto andava pensou no que os guardas tinham dito. Uma vinchen que tinha jurado matar biomantes. Um plano começou a se formar na sua mente.

Mas primeiro precisava trocar de roupa.

29

Não era tanto um sonho quanto uma percepção gradual de que ia da escuridão absoluta e impenetrável para uma luz branca e ofuscante. A luz ficou tão forte que os olhos doíam. Então, justo quando não conseguia suportar olhá-la por mais um instante, Red abriu os olhos.

A primeira coisa que viu foi Hope dormindo numa rede ao seu lado. No sono ela tinha uma receptividade que jamais demonstrava acordada. A luz do sol entrava pela porta batendo em seu rosto liso, sardento. Os lábios estavam ligeiramente abertos, macios e secos, como seda cor-de-rosa.

Ele também estava numa rede. Não estivera preparado para isso, de modo que, quando se inclinou para Hope, a rede virou e o jogou no chão com uma pancada forte.

Hope se sentou.

– Red? Você está bem?

Ela olhou em volta como se não tivesse notado que ele estava caído no chão.

– Ai.

Ele se sentou. Havia outras pessoas sentadas nas redes, e Red não estava nem um pouco preparado para ver tantos rostos num mesmo lugar.

– Tiga? Rolha? Sadie também? – Ele franziu a testa. – Espera aí. Eu estou morto?

– Está vivo – disse Hope.

– Surpreendentemente – observou Urtiga.

– O que isso quer dizer?

– Tentou atacar um biomante sozinho? – perguntou Sadie. – Achei que eu tinha criado você com mais tino do que isso.

– Ah. Aquilo. – As lembranças do confronto com Teltho Kan começaram a vir à superfície. – Ele ia me matar.

– Mas não matou – disse Hope.

– Ele parou no último segundo, quando deu uma boa olhada na minha cara. Me chamou de sobrevivente e disse que eu iria vê-lo de novo em breve. Então apaguei.

– Quando ele viu a cor dos seus olhos, talvez? – perguntou Hope.

– Pode ser. Mas o vermelho dos meus olhos é porque sou filho de uma viciada em especiaria coral. Por que um biomante iria se importar com isso?

– Não sei – disse Hope. – Vou deixar você perguntar a ele antes de eu matá-lo.

– Afinal, você está se sentindo bem, agora? – perguntou Rolha.

– Estou ensolarado. Mas e vocês todos? Dormindo no meio do dia? – Ele olhou em volta. – Estamos num barco?

– É o meio da noite, Red. – O tom de Hope era cauteloso.

– Tão claro assim? Não é possível.

– Veja você mesmo. – Hope apontou para a escada que levava ao convés.

– Claro – disse Red, não gostando da expressão neutra dela.

Ele subiu a escada rapidamente. Sentia-se mais do que ensolarado. Aquele descanso forçado tinha feito um bem tremendo. Saiu ao convés e olhou o navio ao redor. Finn Perdido tinha mesmo dado um lustre no *Gambito da Dama*. E Red estivera certo ao dizer que era dia, claro.

– Está vendo? – disse a Hope, que tinha vindo atrás. – Claro como dia.

Sem dizer nada, ela apontou para o céu. Ele inclinou a cabeça para cima e demorou um momento para entender o que via. Um céu azul-claro, com estrelas que brilhavam como luas e uma lua que brilhava feito o sol.

– O que há de errado com o céu? – perguntou.

– Nada.

Urtiga estava ao seu lado, parecendo numa preocupação pouco característica. Ele apontou para o céu ofuscante.

– Urtiga, você está vendo, não está?

Ela trocou um olhar preocupado com Hope.

– Para mim parece normal, Red.

Agora Sadie estava acordada, com Rolha atrás, apoiado numa muleta.

– O que ele está vendo, então? – perguntou ela.

– Red, venha até a luz – disse Hope, com a voz ainda numa calma inquietante.

Ela o levou até o timão, onde havia um lampião pendurado. Era tão claro que Red precisou franzir as pálpebras. Olhando para além da luz, viu Finn Perdido segurando a roda do leme. E outra pessoa ao lado dele.

– Alash? O que está fazendo aqui?

– Vendo o mundo, primo! Buscando meu próprio caminho! Encontrando meu objetivo!

– Então você andou conversando com Finn Perdido – declarou Red.

– Red – disse Hope. – Fique mais perto daquele lampião.

– Está claro demais, Hope. Isso não é perto o bastante?

– Só um pouquinho mais perto.

Ele se aproximou mais, relutante, protegendo os olhos contra a claridade.

– Assim está suficientemente perto para você?

– Seus olhos – disse Urtiga. – Parece que você está com olhos vermelhos de gato.

O estômago dele ficou gelado.

– Como isso é possível?

– Biomancia de Teltho Kan. Mas a verdadeira questão é: por quê?



Era esquisito, claro. Mas poder ver no escuro não parecia uma coisa muito ruim. Pelo menos até a manhã seguinte, quando ele ficou ao sol.

– Podridão e maldição! – Red cambaleou de volta para a penumbra da cabine. O sol parecia agulhas sendo enfiadas nos seus olhos. O resto dos tripulantes estava acabando de sair das redes outra vez, depois de mais algumas horas de sono. – Está claro demais lá fora! Parece que meus olhos não conseguem se adaptar.

– Eu estava imaginando se isso seria um problema – disse Hope.

– Quer dizer que não posso mais sair ao sol?

– Talvez eu possa bolar alguma coisa – sugeriu Alash.

Hope assentiu.

– Vá trabalhar nisso. Preciso render o Finn. O resto de vocês coma alguma coisa e vá para os postos.

Enquanto todos iam para a escada, Red perguntou:

– O quê? Vão me deixar aqui embaixo sozinho?

Hope se virou para Rolha.

– Você se importa?

– Claro que não.

Rolha sentou-se de novo, colocando a muleta no colo.

– Obrigado, pote velho. – Red olhou os outros seguirem Hope escada acima. Assim que todos saíram, comentou: – Nossa Hope virou mesmo uma

capitã.

– Não foi ideia dela – disse Rolha, quase na defensiva.

– Não, foi minha. – Red riu. – Eu não esperava que a coisa se tornasse tão natural.

– O Círculo não era uma coisa que ela conhecesse. O serviço de marujo ela conhece bastante bem. Pelo menos melhor do que eu.

– É, mas você está aqui, e não está se saindo muito mal também, considerando tudo – disse Red.

– Acho que sim.

– O que trouxe você aqui, Rolha? Não que eu esteja reclamando.

Rolha deu de ombros.

– Sem você, Tiga e Sadie, o Círculo não parecia mais o Círculo.

– Como estava a situação lá, quando vocês saíram?

– A mesma de sempre. Nada muda nunca no Círculo.

– Você esperava que mudasse?

– Não. Mas nós mudamos.



Passava do meio-dia quanto Alash voltou para a cabine. Estava segurando óculos com lentes escuras.

– Estão escurecidas com fumaça – explicou entregando-os a Red. – Desculpe se não são mais bonitos. E são meio pesados e mais grossos do que eu gostaria. Mas eu estava meio limitado com os materiais. De qualquer modo, acho que devem ajudar você a suportar a luz do sol até eu fazer outros melhores.

– Ou até obrigarmos aquele biomante a me consertar.

– Ou isso – concordou Alash.

Red pôs os óculos e se virou para Rolha.

– E então? Como estou?

– Nada mal. Na verdade está meio tapinha.

– Você deveria experimentá-los sob a luz do sol direta – disse Alash. – Garantir se eu os escureci o suficiente. Ou, você sabe, se não estão escuros demais para enxergar.

Red foi cautelosamente até a abertura.

– Até agora tudo bem.

Depois respirou fundo e subiu para o convés.

– E então? – gritou Alash, ansioso.

Red enfiou a cabeça de volta na cabine, rindo.

– Primo, posso não ter roubado nem 5 jardas do meu avô, mas mesmo assim peguei a coisa mais valiosa do Solar Pastinas.



Os óculos escuros permitiram que Red ficasse o resto do dia no convés, familiarizando-se com o *Gambito da Dama*. Tinha passado um bom tempo ajudando a consertá-lo, mas não sabia praticamente nada sobre as velas e os cordames.

Também gostou de ver Hope em seu papel de capitã. Red não conseguia explicar o que sentia ao vê-la assim. Orgulho, talvez? Agora que tinha parado de fingir para si mesmo que não estava charcado por ela, era muito mais fácil. Não que deixasse isso evidente. Não havia sentido. Mas olhava para Sadie de vez em quando e a flagrava com uma expressão de quem sabia das coisas. O mesmo tipo de expressão que a Velha Yammy tinha lhe dirigido. Duas das enrugadas mais intrometidas que já existiram.

Por mais que os óculos escuros fossem maravilhosos, Red ficou aliviado quando o sol se pôs e ele pôde tirá-los. A princípio não tinha entendido o que Alash dissera sobre querer que fossem mais leves. Mas depois de usá-los durante metade do dia estava entendendo perfeitamente: suas orelhas e o topo do nariz doíam.

Agora era noite e todos estavam reunidos em volta da mesa no rancho, entretendo-se depois do jantar com um pouco de rum que Finn Perdido tinha trazido a bordo.

Alash estava trabalhando num tipo de suporte de metal para a perna de Rolha. Juntando a habilidade mecânica de Alash e a experiência de Rolha trabalhando com metais, eles progrediam rápido. Naquele momento mexiam com uma dobradiça para o suporte que serviria como joelho. Ela iria travar quando ele estivesse andando, mas se dobraria quando quisesse se sentar, de modo que não ficasse com a perna esticada o tempo todo.

Do outro lado da mesa, Sadie e Finn conversavam baixinho. Não havia dúvida, nos olhos deles, de que cada um tinha encontrado algo no outro.

Red se perguntou por que demoram tanto. Porém, mais do que isso, ficou simplesmente satisfeito por eles.

No canto, Hope e Urtiga conversavam. Qualquer animosidade que tivessem sentido entre si parecia desaparecida havia muito tempo. Ele achou isso ao mesmo tempo reconfortante e inexplicavelmente irritante.

Recostou-se na cadeira, deixando o rum esquentar as veias. Olhou pela escotilha. Ainda não havia se acostumado com a claridade do céu noturno, mas precisava admitir que tinha uma beleza quase de outro mundo. Ocorreu-lhe que não estava mais em Nova Laven. Nem mesmo perto. Pela primeira vez na vida estava em outro lugar. Mas não sentia saudade. Talvez porque praticamente todo mundo de quem gostava tinha vindo junto. Talvez fosse só disso que ele precisasse para se sentir em casa.

– Sabe – Alash pôs a dobradiça de lado e acompanhou o olhar de Red pela escotilha –, estar no mar assim me faz pensar em todas aquelas velhas histórias de piratas que meu pai contava quando eu era criança.

– Os rendados conhecem histórias de piratas? – questionou Rolha.

– Certamente! Coração de Chumbo, Barba de Palha. Todos eles.

– E, claro, Dire Bane. O Calamidade – disse Urtiga.

– Quem? – perguntou Alash.

– Nunca ouviu falar de Dire Bane? – indagou Sadie. – O maior e mais temível pirata que já viveu?

– Infelizmente não.

Alash parecia que tentava deduzir se todos estavam zombando dele. Não era fácil ser o único rendado a bordo.

– Não é grande surpresa – disse Red. – Afinal de contas, a maioria dos piratas eram somente rendados procurando um pouco de emoção e fama. Mas Dire Bane defendia o povo comum. Dizem que ele afundou mais navios imperiais do que qualquer pessoa na história do império, e que a simples menção ao nome dele fazia os oficiais capetas se mijarem. Dizem que era mais alto do que qualquer homem vivo, com braços grossos como o tronco da maioria dos homens. Só a voz dele bastava para fazer fugir um bando de focas assassinas. Dizem ainda que ele nunca perdeu uma batalha no mar. Que não podia ser morto porque seu ódio contra o império ardia tão feroz que fichava instantaneamente qualquer ferimento que sofresse.

– Lá vamos nós – disse Urtiga. – Ele está se aquecendo para contar uma história.

– Ah, mas as histórias de Dire Bane são irresistíveis! – exclamou Red. – Uma das minhas prediletas foi quando um navio imperial chegou junto ao seu barco, o *Caçador de Kraken*. Tentaram abordá-lo e as coisas ficaram feias porque estavam em maior número do que a tripulação de Bane, numa proporção de três para um. E o que ele fez? Arrancou o próprio mastro pela base e o usou como se fosse um porrete. Derrubou absolutamente todos os capetas no oceano. Depois plantou o mastro de volta no lugar, pegou o que queria no navio imperial e foi embora. Não à toa era conhecido como "Calamidade".

– Isso nem é possível – reagiu Alash.

Red deu de ombros.

– É o que dizem que aconteceu.

– E aquela vez com o charuto? – perguntou Rolha, com o olhar ansioso.

– É outra belezura – concordou Red. – Uma noite ele estava atracado no Círculo do Paraíso, seu porto predileto, naturalmente, e ouviu dizer que toda uma armada de navios imperiais vinha de Pedra Angular com canhões e piche suficientes para destruir o Círculo até os alicerces, se isso fosse necessário para acabar com Dire Bane.

– Os soldados imperiais estavam dispostos a trucidar um bairro inteiro com inocentes só para matar um homem? – perguntou Alash, incrédulo.

– Bom, para ser justo – disse Red –, há pouquíssimas pessoas realmente inocentes no Círculo do Paraíso. Mas fique tranquilo, porque eles nem tiveram chance. Bane foi até a beira do píer onde a armada iria atracar. Pegou um dos seus charutos que, por sinal, ouvi dizer que era do tamanho do braço de um homem e soprou uma nuvem de fumaça tão grande que toda a armada se perdeu na nuvem e se desviou para mar aberto. Os capetas ficaram tão atarantados que quase puseram fogo em Pedra Angular antes de perceber como tinham saído do rumo. E nesse ponto Dire Bane tinha sumido muito tempo antes.

– Essas histórias são ridículas – reclamou Alash. No entanto, depois de um momento, quase sentindo culpa, perguntou: – E… eles acabaram pegando-o?

– Não os capetas – respondeu Red. – Por fim, o próprio imperador convocou o maior guerreiro vinchen de sua geração para levar a justiça a Dire Bane. Um homem chamado Hurlo, o Esperto. – Ele franziu a testa e se virou para Hope. – Não foi esse…?

– Foi meu mestre que finalmente capturou Dire Bane – respondeu ela.

– Bom, então conte *você* como tudo terminou – sugeriu Red.

– Minha narrativa não vai ser tão interessante quanto a sua.

Red deu de ombros.

– Estou curioso para saber o que aconteceu de verdade.

Ela pareceu estranhamente triste enquanto examinava os outros.

– Ele era só um homem. Um homem brilhante, passional, que se importava profundamente com os próprios princípios. Acreditava que o império tinha se corrompido. Que não se importava mais com as pessoas. Por isso decidiu destruí-lo.

– *Todo* o império? – perguntou Urtiga. – Isso é escorreguento.

– Dire Bane era incrivelmente corajoso – disse Hope. – Qualquer pessoa disposta a desafiar o mundo inteiro por um sentimento de honra merece o maior respeito. Mas você está certa: era *mesmo* uma tarefa impossível. E o "Calamidade" não era gigante nem imortal. Na verdade, estava ficando velho. Mais lento. Sabia que seus dias estavam chegando ao fim. Mesmo assim, não desistiu. Meu mestre, que na época era um rapaz, o encurralou nas Cavernas Pintadas na ilha de Prece do Pobre. Os dois lutaram com honra e meu mestre o derrotou. O imperador queria que o corpo de Dire Bane fosse amarrado no topo do mastro do navio dele e levado por todo o império como exemplo do que aconteceria com quem o desafiasse. Mas meu mestre disse que isso era desonroso e se recusou.

– Ele podia fazer isso? – perguntou Alash.

– Desde os dias de Manay, o Verdadeiro, os vinchen juraram servir ao império, ao bem maior, e não se submeter a nenhum homem.

– E o que o seu mestre fez com o corpo de Bane? – perguntou Urtiga.

– Colocou a bordo do *Caçador de Kraken*, cobriu o navio com piche e pôs fogo. Dizem que dava para ver a coluna de fumaça e chamas a quilômetros de distância. No final não restou nada do homem nem do navio, a não ser cinzas e metal queimado no fundo do mar.

– Está certa – disse Red. – Meu final era melhor.



Na manhã seguinte, quando saiu ao convés do *Gambito da Dama*, Red viu uma ilha a distância.

– Pico de Pedra.

Finn Perdido estava ao timão. Hope estava ao lado dele e não disse nada, com o rosto sério.

Red não sabia como esperava que o lugar fosse. A grande capital do Império das Tormentas, a ilha maior e mais ao norte, sem ter nada mais além a não ser a vastidão do mar Negro. Diziam que tinha a maior montanha do império e que o palácio imperial ficava no pico, de modo que o imperador pudesse literalmente olhar todos os seus súditos de cima para baixo. Fora isso, Red não sabia de nada. Se havia pensado a respeito, era somente para imaginar o local como Nova Laven, mas com uma grande montanha plantada no meio, talvez com menos bairros parecidos com o Círculo do Paraíso e mais bairros como Salto Fundo.

Estivera certo com relação à montanha, pelo menos. Uma massa de rocha áspera se erguia bem no centro da metade superior da ilha, com a base ocupando quase um quarto dela. Só que o resto da cidade não se parecia nem um pouco com Nova Laven. Ou não, talvez houvesse um bairro com o qual ela se parecesse: Pedra Angular. Pico de Pedra parecia uma enorme Pedra Angular, igualmente organizada e limpa, mas numa escala que Red não conseguia realmente acreditar. O sol do meio-dia brilhava nas paredes bege e nas janelas polidas com uma intensidade que o fazia se encolher, mesmo usando óculos escuros.

– Pelo mijo do diabo, isso é que é um trabalho maçante!

– É o que parece – concordou Finn Perdido.

Hope continuou sem dizer nada, mas Red notou que ela segurava a espada com força, tensa.

– Estamos quase pegando o sujeito – garantiu Red. – Falta pouco.

– Verdade? Pelo que sei, nós quase o *perdemos*. Só há um lugar aonde um biomante que tenta salvar a própria vida provavelmente irá em Pico de Pedra.

– O Conselho de Biomancia?

– Que fica dentro dos muros do palácio. Se não o pegarmos antes de ele chegar lá…

Red entendeu. Atrás daqueles muros viviam quase todos os biomantes do império. E, claro, a guarda de honra pessoal do imperador. Assim que Teltho Kan chegasse àquele porto seguro, ficaria intocável.

– Eu deveria ter adivinhado que era para lá que ele iria – disse ela baixinho.

– E como isso teria feito alguma diferença?

Ela não respondeu, mas agora ele a conhecia suficientemente bem para adivinhar que Hope estava se censurando em silêncio pela própria "frouxidão" ou algo parecido.

Assim que chegaram ao cais, ela gritou:

– Sadie, você tem o comando do navio!

Depois, em três passos longos e graciosos, passou por cima da amurada e saiu em disparada pelo píer.

– Hope! Espere! – gritou Red e foi correndo atrás dela.

Estava claro que ela não iria esperar nem diminuir a velocidade. Corria pelas ruas repletas de carroças, cavalos e pessoas. Desviava-se de tudo sem esforço, como se fosse uma dança. Mas Red conseguia acompanhá-la muito bem. Na verdade, achou surpreendentemente fácil segui-la. Era como se pudesse enxergar tudo ao mesmo tempo, absorver tudo e tomar as decisões numa fração de segundo. Ele sempre fora coordenado, mas isso era uma coisa nova.

Perseguiu-a por um tempo pelas ruas cheias de gente. Imaginou como uma cidade podia ser tão agitada. Mas não tinha muita oportunidade de examiná-la com mais detalhes; precisava impedir que Hope fizesse alguma coisa escorreguenta.

Por fim a alcançou junto ao portão do palácio. Ela estava ajoelhada no meio da rua, de cabeça baixa, a espada embainhada apontando para a alta muralha branca à frente.

– Fracassei com eles – disse Hope baixinho enquanto olhava a espada nas mãos. – Jurei me vingar do homem que assassinou meu povoado. E agora ele está fora do meu alcance.

Red se agachou ao lado dela, com total consciência de que um guarda no topo da muralha do palácio os vigiava com um fuzil na mão.

– Talvez possamos… entrar escondidos, de algum modo – sussurrou. – Conseguir uns disfarces e entrar pela cozinha, como fizemos na Vista da Baía.

– Isso não é uma galeria de arte, é o palácio imperial.

– Certo. Bem, então vamos esperar até ele sair.

– *Se* ele sair.

– Claro que vai sair. Ele não pode ficar aí dentro para sempre.

Red olhou o palácio enorme. Havia uma muralha externa, depois uma espécie de jardim, ou pátio aberto, em seguida o palácio propriamente dito, que subia lentamente agarrado à montanha. Erguia-se mais alto do que

qualquer construção que ele já vira. Mais alto até do que tinha imaginado que um prédio pudesse ser.

– Ou pode?

– Nunca leu as histórias dos imperadores? Esse palácio pode suportar um cerco de dez anos.

– Ora, Hope, tem de haver um modo – disse Red, desesperado. A expressão dos olhos dela era algo que ele vira apenas uma vez, quando a havia convencido a não cair sobre a própria espada. – Nós sempre achamos um jeito.

– Achamos? – perguntou ela, ainda olhando a espada.

– Claro que achamos! Eu e você! Red e Hope! Somos invencíveis!

– Acabamos de ser vencidos.

– Não, não diga isso.

– Por que não? É verdade. Outra das minhas histórias que você gostaria de transformar numa das suas narrativas loucas.

Um pensamento desesperado brotou na cabeça dele. Era ao mesmo tempo louco e a coisa mais razoável que já havia considerado.

– E se… a gente optasse por desistir disso? Começar uma história *nova*?

– O quê?

Hope o encarou pela primeira vez. Ele considerou isso um bom sinal.

– E se a gente deixasse pra lá as promessas de vingança e toda essa podridão e começasse do zero? – Quanto mais dizia isso, mais gostava. – Pico de Pedra parece um lugar bom e limpo. Um lugar onde a gente poderia começar uma vida boa e honesta. Vida de verdade que não envolva matar, roubar nem nada assim.

– "Vida de verdade"?

Hope estava perplexa.

– Ou, bom, se você não gosta, poderíamos ir para outro lugar. *Qualquer* outro lugar. Afinal de contas nós temos o nosso navio. Poderíamos ser o que quiséssemos. – Agora tudo estava claro demais para ele. Não precisavam ser um ladrão e uma guerreira. Poderiam ser o que quisessem. – A única coisa que nos impede é o nosso passado. Mas e se a gente jogasse isso tudo fora? Sem vingança, sem biomantes, só você e eu. Juntos. Para sempre.

A mão dele foi até ela.

– Só há uma coisa que eu quero em todo este mundo. E é você.

– Eu… não sei se posso fazer isso. – Os olhos azuis profundos de Hope estavam cheios de veias vermelhas. – Deixar tudo de lado? Abandonar meus

juramentos? Meu propósito? É a única coisa que me manteve viva nos últimos dez anos. Não posso jogar fora.

– Mas isso está consumindo você por dentro. Essa obsessão pela vingança. Está transformando lentamente você em… não sei o quê, mas não é tarde demais. Dá para ver. A pessoa por trás da vingança está tentando sair.

– Foi isso que você pintou. – Ela finalmente segurou sua mão. – Essa parte de mim.

– Você é mais do que uma caçadora de biomantes. É mais do que uma matadora. – Ele apertou a mão dela contra o peito. – Por favor, Hope. Deixe eu ajudar você.

– Você quer ajudá-la? – disse uma voz por trás deles, feminina mas não suave. – Então pare de segurá-la.

Os dois pararam e viram uma mulher parada ali perto. Era mais alta do que qualquer uma que Red já vira. Tinha cabelo preto e comprido e olhos castanhos penetrantes. Usava um fino vestido de seda branca justo no corpete, mas com mangas compridas e bufantes que chegavam até abaixo das mãos, e um capuz branco empurrado para trás. A aparência era estranha, mas de algum modo elegante.

– O que você quer? – perguntou Red, com os olhos se estreitando.

A mulher assentiu para os soldados na muralha do palácio.

– Se querem entrar aí – disse a mulher –, venham comigo.

Em seguida se virou, com o vestido branco adejando, e foi em direção a uma taverna ali perto. Hope se levantou imediatamente e a acompanhou. Red ia chamá-la, mas olhou para a muralha. Agora havia três guardas, por isso foi rapidamente atrás delas.

A mulher os levou para dentro da taverna, que era muito mais limpa e mais iluminada do que qualquer uma de Nova Laven. Todas as mesas eram bem limpas, com um vaso de planta no centro. Ela apontou para uma mesa de canto.

– Fiquem à vontade. Vou pedir algo para nós.

Hope se sentou à mesa.

– Essa ideia parece realmente ruim – disse Red sentando-se ao seu lado.

– Se houver ao menos uma chance de essa mulher arranjar um modo de entrarmos no palácio, quero ouvir.

– Pode ser uma armadilha.

– Preparada por quem? Não somos mais ameaça para Teltho Kan e não conhecemos mais ninguém nesta cidade.

– Exato! Não conhecemos essa mulher. Não sabemos mijo nenhum sobre ela.

– Meu nome é Brigga Lin. – A mulher colocou três taças de madeira com vinho tinto sobre a mesa. – E qualquer um que tenha jurado vingança contra um biomante é meu amigo.

– Por quê? – indagou Hope.

– Porque eu jurei me vingar de toda a ordem – respondeu a mulher, sentando-se.

– Você? – perguntou Red.

Brigga Lin sorriu para ele, com dentes brancos e brilhantes atrás dos lábios vermelhos.

– Não aparento grande coisa, não é? – Ela tomou um gole delicado do vinho. – Mas um mestre da biomancia pode ter qualquer aparência que quiser.

– Espere, você está dizendo que…?

– Sou biomante. Sim. – Ela revirou os olhos. – Ou era, até recentemente.

Hope franziu a testa.

– Achei que não permitiam biomantes mulheres.

– E eu achava que não permitiam mulheres vinchen, mas certamente você está vestida como uma.

– Como vamos saber que você é mesmo, ou era, uma biomante? – perguntou Red.

Ela tocou a planta no centro da mesa. Antes havia apenas uma flor, um crisântemo débil, meio murcho. Enquanto ela se recostava e tomava outro gole presunçoso de sua taça, o vaso explodiu em flores.

– Certo. Se você é uma biomante – disse Hope –, por que quer destruir a ordem?

– *Era* – retrucou Brigga Lin. – Não vamos esquecer o importante tempo verbal.

– Por que eles expulsaram você? – perguntou Red.

Ela arqueou uma sobrancelha preta e fina e fez um gesto gracioso na direção dos seios, como se os apresentasse formalmente.

– Por que vocês acham? Porque sou mulher.

– Mas se ser mulher é contra as leis deles – disse Hope –, como você…?

– Virou biomante? Simples. Na época eu era homem.

– Desculpe – disse Red. – Como assim?

– Não era o homem mais masculino, devo admitir. Mas tinha o equipamento adequado. Estudei e treinei durante anos para ser biomante e, honestamente, era… medíocre, na melhor das hipóteses. Mas queria ser mais. Muito mais. Até que há alguns anos estava explorando as ruínas do templo de Morack Tor e encontrei um dos textos sagrados originais. Ele revelava a existência de alguns ramos da biomancia completamente fechados para os homens, e que só podiam ser dominados pelas mulheres. Achei que era uma descoberta espantosa. Que revolucionaria a ordem. Mas precisaria provar que dava certo.

– Então usou a biomancia para virar mulher? – perguntou Hope.

Brigga Lin deu de ombros.

– Era isso ou passar anos treinando uma garota de verdade nos temas básicos da biomancia. E quem tem tempo e paciência? Além do mais... e só admito isso depois de saber que não é verdade... eu honestamente não tinha certeza se uma mulher seria inteligente o bastante para aprender a biomancia. – Ela deu um sorriso débil para Hope. – Espero que você me perdoe. Como a maioria dos homens, eu era um idiota.

– E era verdade? – perguntou Red. – Você pode fazer coisas que o resto deles não pode?

– Ah, posso. Isso aqui? – Ela apontou para o vaso florido. – Eles jamais poderiam fazer isso. A biomancia masculina pode mudar a matéria viva, mas não pode criá-la. Só a biomancia feminina pode fazer isso. E se isso não é o sinal de que eles estão fazendo a coisa errada lá naquela montanha, não sei o que é.

– E você achou que poderia convencê-los disso?

Havia simpatia nos olhos de Hope.

– Fui uma idiota. – O rosto de Brigga Lin ficou sombrio. – Eles me chamaram de herege. Cuspiram em mim. Me cortaram. Mal consegui escapar com vida.

– Meu mestre me treinou em segredo durante oito anos – disse Hope baixinho. – Quando os irmãos da ordem descobriram que ele estava fazendo isso, nos atacaram. Ele fez com que eu jurasse não lutar contra eles. Disse que era a consequência natural de seus atos e que aceitava com paz no coração. – Ela pôs a mão no braço de Brigga Lin. – Lamento seu sofrimento. Mas era você que estava errada, assim como eu estava, ao transgredir as regras deles. E essa foi a sua consequência.

– Transgredir as regras *deles*? – Os olhos de Brigga Lin chamejaram. – Foram eles que transgrediram as regras da vida. Quando eu disse que as mulheres podiam se tornar biomantes mais poderosos do que os homens, não foi uma revelação surpreendente para eles. O conselho *sabia*. Mas eles preferiam deixar de lado esse poder a deixar que mulheres entrassem para a ordem. O Conselho de Biomancia é fraco, estúpido e sem consciência. Certamente você sabe disso. Você deve ter visto o que fazem no mundo com pessoas inocentes, caso contrário não teria jurado vingança. Eles são uma praga para todo o império.

– Então você vai matar todos? – perguntou Red. – Cada biomante do império?

– Se for o necessário para mudar as coisas. Adaptar-se ou morrer. *Essa* é a regra da vida.

– E como, pelos infernos, você pretende fazer isso?

– Agora mesmo estão todos juntos no palácio para a reunião anual do conselho. Era por esse motivo que eu estava aqui: para apresentar minhas descobertas. – Ela se virou para Hope. – A reunião termina amanhã e eles se espalham de novo pelo império. Mas se atacarmos esta noite temos chance de destruir até o último deles.

– Hope, você não está dando ouvidos a esta conversa, certo? – perguntou Red.

Mas dava para ver nos olhos dela que estava.

– Séculos atrás, Burnesse Vee e Selk, o Bravo, trabalharam juntos, biomante e vinchen. – Brigga Lin se inclinou mais para perto de Hope. – Eles *construíram* este império. Juntos eram invencíveis. Nós duas temos a chance de dominar o palácio. De corrigir o rumo do império. Torná-lo *melhor*. Esta noite!

– É suicídio, Hope – disse Red.

– Não – reagiu Brigga Lin. – Na melhor das hipóteses, é uma chance de glória e justiça. Na pior, é uma morte justa e honrosa. E o que você oferece? Ouvi você tentando convencê-la a abandonar os juramentos. Você aconselharia ceder ao poder corrupto deles? Ou recuar covardemente? Essas são apenas as sombras de uma vida, pequenas e indignas.

– Hope… – Red estava perdendo a discussão. Contra todo o raciocínio e toda a lógica, era a discussão mais importante de sua vida e ele estava perdendo. – Por favor… eu imploro. Venha comigo. Volte para o navio comigo, Sadie, Tiga e o resto. Nós amamos você. Isso não basta?

Hope o encarou e seus poços de um azul profundo se abriram de verdade. Pela primeira vez ele viu até onde eles iam.

– Red, sei que é difícil para você entender, porque no Círculo não é assim. Você fala como se minha vida fosse minha. Mas ela não é minha há muitos anos. Eu a entreguei pela honra do império e da ordem vinchen. Devo colocar essa honra à frente da minha vida. De tudo. – Ela estendeu a mão e a encostou no rosto dele. – E de todo mundo. – Então deixou a mão pender. – Peço que você respeite isso.

E foi então que ele teve certeza de que a havia perdido. Ou talvez nunca a tivera.

– Sempre respeitei e sempre vou respeitar você. – Ele forçou a voz a ficar calma e firme. – Mas não acho isca e despensa a ideia de você ir em direção à morte, não importando quanto ela seja justa ou nobre. Não mesmo.

Ele se levantou lentamente, dando-lhe tempo suficiente para impedi-lo. Para pedir que ele ficasse. Ou para ir com ele. Mas ela não fez isso.

Na verdade, ele não esperava que fizesse.

30

Estavam diante das paredes brancas do palácio que brilhavam luminosas ao luar.

– Você gostaria que ele viesse conosco? – perguntou Brigga Lin.

– Não.

Hope não queria pensar em Red agora.

– Ele podia ser útil.

– É.

– Você gosta tanto assim dele?

A pergunta pegou Hope de surpresa. Fazia muito tempo que não falava com alguém que entendesse seu código de honra. Tinha mais ou menos se resignado a ver que seus motivos eram incompreensíveis para todo os conhecidos. Mas Brigga Lin entendia. Os biomantes pareciam ter o próprio código de honra, por mais deturpado e venenoso que fosse. Brigga Lin entendia por que Hope não tinha pedido para Red ficar, mesmo sabendo que ele seria valioso nessa luta. Se tivesse pedido e ele recusasse, ela perderia o respeito por ele. E se pedisse e ele concordasse, Hope estaria condenando-o ao mesmo destino sombrio reservado para ela. Preferiria reduzir as chances de sucesso a sofrer qualquer uma dessas duas coisas.

– É, acho que gosto – disse finalmente.

Olharam para os guardas no topo da muralha, que começavam a notar a dupla de mulheres incomuns que os espiavam. Uma de cabelo preto e vestida toda de branco, outra com cabelos quase brancos e toda vestida de preto.

– Não cheguei a perguntar seu nome – disse Brigga Lin.

– Não me lembro do meu nome de verdade. Meu povoado foi massacrado por um biomante. Quando Hurlo, o Esperto, me pegou como aluna, me deu o nome do meu povoado, para que eu nunca o esquecesse, nem o destino que caiu sobre ele.

– Qual era o nome do seu povoado?

– Bleak Hope.

Brigga Lin riu, um som intenso, gutural, que atraiu mais atenção ainda dos guardas na muralha.

– Bleak Hope? Significa "triste esperança", não? Sei que isso não é reconfortante, mas não consigo pensar em outra alma viva com quem eu preferiria morrer do que alguém chamado Bleak Hope.

Ela colocou o capuz de modo a cobrir os olhos. Os guardas pareceram alarmados com isso. Com o capuz, seu vestido amplo parecia o manto de um biomante, e ao mesmo tempo não parecia. Um dos guardas disse algo aos outros. Eles levantaram os fuzis e miraram nas duas mulheres.

– Dispersar, imediatamente! – gritou um deles.

– Estão se preparando para atirar – disse Hope.

– Eu cuido disso – declarou Brigga Lin.

– Tão de longe? Achei que os biomantes só podiam transferir o poder pelo toque.

– É – disse Brigga Lin, com um sorriso relampejando sob o capuz. – Eu já tive essa limitação.

Ela balançou as mãos num padrão elegante, com as mangas compridas redemoinhando quase como se estivesse dançando.

– Esse é o último… – começou o soldado.

Brigga Lin levantou os braços, abrindo os dedos, e os fuzis explodiram. Os soldados gritaram apertando o rosto queimado de pólvora.

– Pólvora é uma coisa horrível. Eu gostaria que eles não a usassem. – Brigga Lin foi rapidamente para o portão. Virou-se para Hope. – Assim que eu derrubar esta porta vamos atravessar um rio de soldados. Mais do que eu poderia enfrentar sozinha. Está preparada?

Hope olhou para os soldados na muralha. Eles gritavam de dor, os rostos queimados e soltando fumaça. Alguma coisa bruxuleou dentro dela. Pena, como tinha sentido por Rançoso no final. Vítimas de um biomante. Dessa vez uma biomante que estava do seu lado…

Mas aqueles homens usavam uniformes iguais aos dos que tinham trucidado sua aldeia. Concentrou-se nisso e a pena foi afogada pela escuridão antiga e familiar. Assim fez a escolha que sempre havia feito.

– Sim – disse ela. – Estou pronta.



– Você fez a escolha certa – comentou Sadie depois de deixar Red chorar por um tempo.

Assim que ele tinha chegado ao navio sem Hope, ela mandou todo mundo sair. Agora os dois estavam na cabine do capitão, que Hope ainda não tinha usado. E parecia que talvez jamais fosse usar.

– Não *sinto* como se fosse a escolha certa. Parece que deixei meu coração lá naquela taverna.

– Eu sei. Você ainda é jovem. E tem esse lado artístico e mole que nunca vai abandonar você. Não dá para evitar. Para ele não existe nada além de dor, infelizmente.

Ele abraçou o próprio corpo, os ombros encurvados e a cabeça baixa.

– Nunca foi tão ruim assim antes. Nem com Tiga.

– Eu sei, garoto. Eu sei.

Ficaram em silêncio, apenas com fungadas ocasionais de Red. Esse som, e o fato de estarem num barco, trouxe lembranças antigas para Sadie. Pensamentos agridoces de tempos passados. Certamente era sinal de que estava ficando mole na velhice, mas não se importou. Sentia-se feliz por seu garoto estar vivo.

– Ela também fez a escolha certa.

– O quê? – Os olhos de Red se arregalaram. – Ela tem um mijo de um desejo de morrer!

– Estou falando de não ter pedido para você ficar. Tenho certeza de que ela queria. Quem não quer morrer com seu próprio tommy?

– Eu nunca fui o tommy dela.

– É mesmo?

– É. Nós nunca tombamos.

– E você acha que é isso que sela a coisa? Pedaços de carne molhada se comprimindo uns contra os outros?

– Bom…

– Nenhuma molly que eu já conheci precisava tombar para saber que estava charcada por um tommy. Esse sentimento de saber vem mais do fundo. – Ela deu de ombros. – Não me entenda mal, é ensolarado. Já dobrei muito pau no meu tempo, e raramente me arrependi. Mas não é necessário isso para dizer que uma coisa entre duas pessoas é amor.

– É, acho que não.

Os olhos dele se viraram para a janela como se pudessem atravessar todas as construções entre eles e o palácio.

– Se ela tivesse pedido, você ficaria. Eu sei. Ela sabia. E, quando chegou a hora, ela amava tanto você que o deixou ir. – Sadie deu-lhe um tapinha nas costas. – Isso é uma coisa especial, Red, meu vaga. É melhor não esquecer nunca.

Ficaram em silêncio de novo. Sadie notou que ele não estava mais fungando. Talvez suas palavras o tivessem reconfortado. Talvez, depois de anos muitas vezes fracassando, ela estivesse ficando boa nessa coisa de ser mãe.

Ele se levantou com o peito estufado e a cabeça erguida.

– Está certa, Sadie. É uma coisa especial demais para ser deixada para trás.

– Ei, espere aí, Red, eu não…

Mas ele saiu correndo da cabine. Um instante depois, ela ouviu as botas batendo no convés.

Certo, talvez ela ainda estivesse fracassando como mãe.



Às vezes era difícil saber se as escolhas que a gente faz estavam realmente certas. Era tentador, por exemplo, ver o sucesso como uma maneira de Deus ou de o universo (os vinchen não diferenciavam os dois) mostrar aprovação ao abrir o caminho à frente.

Era como Hope se sentia enquanto Brigga Lin atravessava o portão, passava pelo pátio e entrava no fortim do palácio. Dezenas de soldados corriam na direção dela, e ela os derrubava como se fossem meramente grama nas campinas onduladas de Salto Fundo. A Canção dos Lamentos ecoava nos corredores brancos do palácio, e não se passou muito tempo até que os soldados se afastassem desse som. Ela havia perdido a magia do sangue no primeiro golpe. Sentiu a espada estremecer e o puxão suave mas persistente se dissipou. Mas agora isso não importava: Teltho Kan não tinha para onde fugir.

Ao seu lado Brigga Lin caminhava como um fantasma vingativo, as mãos ondulando constantemente, as mangas do vestido fazendo redemoinhos, enquanto ela trazia a morte de longe. Um soldado caiu no chão gritando. Sua costela explodia no peito, abrindo-se como uma flor

vermelha, rosa e branca. Outro não conseguia gritar enquanto suas entranhas viravam pelo avesso e se derramavam da boca para o chão.

Seria essa a escolha certa? A pergunta saltou na mente de Hope enquanto ela decepava a cabeça de um homem e, logo em seguida, estripava outro. Todo esse horror e essa morte que estavam semeando? Seria certos? A distância, viu um homem tentando arrancar com as unhas os próprios olhos porque tinham se transformado em piche fervente. E ela não sabia qual era a resposta.

Mas então viu na mente larvas gordas e brancas saindo da pele do pai. Ouviu a mãe gritando um nome que até agora ela não conseguia lembrar. Viu Ontelli de Murgesia com um bico de coruja emergindo da boca e ouviu os ossos estalando enquanto ele se transformava numa fera diante de seus olhos. Viu Billy Espinho virar gelo. Viu o povo do Círculo do Paraíso virando poeira.

Com isso em mente, ela endureceu o coração e continuou lutando.



Apesar do luxo de limpeza e dos esgotos subterrâneos de Pico de Pedra, quase não havia lampiões a gás acesos. Em comparação com Nova Laven, as ruas estavam estranhamente vazias depois do anoitecer. As tavernas, apesar de ocupadas, não transbordavam com o entusiasmo espalhafatoso do Círculo do Paraíso ou a expressão passional de Costas de Prata. Todo mundo parecia contido. Red não sabia se era assim toda noite ou só nas noites em que o conselho dos biomantes estava na cidade.

De qualquer modo, isso liberava o seu caminho. Achou que tinha ido depressa durante o dia, mas aquilo não se comparava com sua velocidade agora. No escuro sua visão se abria mais ainda, permitindo não somente que ele absorvesse tudo ao redor, mas também que calculasse e planejasse a rota com vários quarteirões de antecedência. Imaginou qual seria sua aparência para as pessoas por quem passava na rua. Um demônio de olhos vermelhos? No momento não se importava. Só se importava em chegar até Hope antes que ela fosse morta. Talvez essa luta dela fosse impossível. Mas talvez suas facas de arremesso fossem o elemento que inclinaria a balança para o possível. De uma coisa tinha certeza: não podia passar o resto da vida

pensando nisso. Descobriria essa noite se estava certo ou errado. Essa decisão o enchia de uma exuberância ardente, e ele continuou correndo.

Quando chegou perto da muralha do palácio viu que o portão tinha sido despedaçado. O metal estava corroído com ferrugem que não estivera ali à tarde. Sem dúvida era coisa de Brigga Lin.

O pátio estava cheio de corpos de soldados, alguns desfigurados, alguns em pedaços ou rompidos. Até mesmo sua visão nova tinha dificuldade para processar tudo. Por isso não notou dois soldados de lado, ainda vivos e armados com fuzis. Um deles mirou, mas quando o olhar de Red finalmente o alcançou, os olhos do outro soldado se arregalaram e ele empurrou o fuzil de lado, fazendo o tiro ir para o céu noturno.

– É *ele* – disse o segundo soldado. – Veja os *olhos*!

– Ah, mijo! – exclamou o do fuzil.

– Nós sobrevivemos àqueles dois horrores, e você quase fez com que a gente sofresse coisa pior do que a morte – disse o segundo.

Red levou as mãos às facas de arremesso, sem saber o que acontecia. Mas os dois largaram os fuzis e levantaram as mãos.

– Poupe-nos, por favor! – implorou o primeiro. – Tenho uma filhinha em casa!

O olhar de Red varreu as pilhas de corpos no pátio outra vez. Fosse certo ou errado, ele não poderia acrescentar mais dois, especialmente desarmados.

– Não me sigam.

– Por minha honra! – disse o homem.

Red se virou e entrou no palácio. Eles o tinham identificado de algum modo. Havia outro plano funcionando ali. A partir desse ponto precisaria ir com cautela. De qualquer modo, seu estilo era mesmo mais furtivo.



Enquanto tudo ia bem, Hope se sentiu tentada a ver isso como sinal de que tinha feito a escolha certa. Agora que as coisas se voltavam contra elas, será que a escolha tinha sido errada? Será que uma anulava a outra?

Esses pensamentos percorriam sua mente enquanto Brigga Lin e ela abriam caminho pela escadaria, um andar depois do outro, com ondas de soldados pressionando de cima. Agora eles estavam desesperados, impelidos pelos biomantes, que finalmente haviam se juntado à luta.

Primeiro vinham sozinhos ou em duplas, parecendo agitados e desgrenhados, como se tivessem sido tirados da cama ou da meditação. Esses primeiros biomantes fizeram pouco mais do que aumentar o caos, gritando para os soldados sustentarem o terreno mesmo enquanto Hope os matava.

Mas assim que um número suficiente chegou, eles se organizaram e aplicaram uma espécie de plano. Não tinham a capacidade de Brigga Lin, de agir a distância, e não pareciam dispostos a chegar ao alcance da espada de Hope. Em vez disso, começaram a transformar soldados em feras insensatas com presas, garras ou pinças. Essas criaturas eram muito mais difíceis de derrubar, continuando a atacar mesmo quando eram feridas mortalmente.

Mas Hope notou que as feras não pareciam se importar muito com quem elas atacavam. Mordiam ou cortavam qualquer coisa que se movesse à frente. Assim, em vez de lutar contra elas, girava-as e as empurrava de volta escada acima, contra os soldados. Não era algo preciso, mas serviu para abrir caminho.

As duas continuaram a subir com um progresso lento, mas implacável. Quando finalmente chegaram ao décimo nível, onde Brigga Lin tinha dito que o conselho dos biomantes deveria estar reunido, Hope ficou surpresa ao ver o luar penetrando pelas janelas da câmara vasta e aberta. Ainda era a mesma noite em que tinham começado a luta? Estava sangrando por no mínimo vinte ferimentos diferentes e cada músculo do corpo gritava. Brigga Lin não parecia muito melhor. O vestido lindo estava mais vermelho do que branco. Um fio contínuo de sangue escorria de seu nariz, provavelmente pelo esforço constante de sua biomancia, e a pele exibia uma palidez medonha.

A maré de soldados finalmente havia terminado. Hope e Brigga Lin mataram os poucos que restavam no corredor, e quando chegaram à câmara do conselho a encontraram quase vazia. Hope tinha perdido a conta de quantos mantos brancos tinha cortado. Pareciam não ter fim. Mas agora se perguntou se as duas podiam estar perto de cumprir com seu objetivo.

– Onde está o conselho? – berrou Brigga Lin para o único biomante na câmara.

Suas mãos se viraram para o lado e as pernas dele se partiram para fora na altura dos joelhos. Ele caiu no chão e, quando gritou, o capuz caiu e Hope viu seu rosto. Era Teltho Kan.

– Espere! – disse Hope. – Esse aí é meu!

As mãos de Brigga Lin se imobilizaram no meio do gesto.

– Foi esse aí que assassinou o seu povo?

– Ah, sim, fui eu! – gritou Teltho Kan, com a voz constringida de dor. – Eu os usei como incubadores para um tipo de vespa gigante que eu estava aperfeiçoando.

Ele gargalhou, um som desesperado, agudo. Brigga Lin recuou alguns passos.

– Ele é seu, então. Mas faça com que ele diga onde os membros do conselho estão escondidos.

– Nenhum dos outros que nós matamos eram membros do conselho? – perguntou Hope.

– Eram somente noviços – sibilou Teltho Kan. – Sem importância e substituíveis. Vocês nos fizeram um favor. A maioria nem era digna da ordem. Os poucos que sobreviveram serão mais fortes, por isso. – Ele gargalhou de novo.

Talvez fosse só a dor de ter as duas pernas despedaçadas, mas ele parecia bastante louco com aquele sorriso no rosto. De novo Hope sentiu uma leve pena. Era difícil saber de verdade o que era certo. Ao testemunhar de fora o horror do que aqueles biomantes faziam, tinha sido fácil apontar e dizer *você está errado*. Mas agora que tinha seu próprio biomante – seu próprio criador de horrores –, não era tão fácil. Olhou para si mesma e viu que a armadura de couro preto brilhava com sangue. Suas mãos estavam pegajosas. Como alguma escolha que fosse certa poderia trazer tanta morte e tanta dor?

– Onde está o resto do conselho, Kan? – perguntou com a voz cansada.

Ele olhou ao redor.

– Onde está seu lacaio de olhos vermelhos?

– Não está aqui.

Teltho Kan assentiu.

– Você é uma boa mentirosa. Especialmente para uma vinchen. Mas nós dois sabemos que não pode ser verdade. Ele não poderia sair do seu lado, tanto quanto você não poderia abandonar seu juramento.

– Verdade, Kan. Ele não está aqui.

Hope não sabia o que Teltho Kan tinha planejado para Red, mas sentia-se grata porque ele não estava ali para descobrir. Uma expressão de pavor atravessou o rosto de Teltho Kan. Ele balançou a cabeça com veemência.

– Não, não, não pode ser. Ele *precisa* estar aqui. Eu *disse* a eles que ele estaria aqui. Eu *jurei*! Você sabia, não é? Como você…? – Ele se virou

desesperadamente ao redor, examinando o salão. Suas pernas quebradas estalaram mais, porém ele não aparentou notar. Parecia perdido. Aterrorizado. Patético. – Como pude estar errado?

– Qualquer um pode estar errado.

Ao mesmo tempo que dizia isso, Hope percebeu que não estava falando só com ele, mas também consigo mesma. Tinha começado a lutar contra as dúvidas desde que haviam surgido naquela noite, mas ver o homem que ela mais odiava no mundo partido e impotente lhe deu a coragem para enfim deixar que elas se assentassem.

Para um guerreiro vinchen, realizar a vingança era a coisa mais importante que poderia fazer. O código vinchen era muito claro nesse sentido. Mas o que lhe parecera correto tinha sido celebrar a vida de Carmichael, e não sua morte. Será que estaria honrando os pais e seu povoado com todas essas mortes? Pensando bem, Hurlo nunca havia aprovado sua sede de vingança. Talvez até ele tivesse dúvidas quanto ao código estar sempre certo. Afinal de contas, ele o violara ao aceitá-la como aluna.

– Pensei que jurar vingança contra você era uma promessa honrada – disse baixinho. – Pensei que, de algum modo, sua morte traria sentido para o desperdício de vida insensato que você provocou. Mas agora entendo que isso não faria nenhuma diferença. Que nem meu pai nem meus mestres desejariam que eu desperdiçasse minha vida para tirar a sua.

– Bleak Hope? – perguntou Brigga Lin, parecendo confusa.

– Esse juramento que eu fiz era o desejo egoísta e vingativo de uma criança ferida. Compreensível, mas não honrado. E não sou mais criança.

Ela baixou a espada.

– Não! Espere! Você *precisa* me matar! – disse Teltho Kan. – Não vê? Eu fracassei com eles! Você não sabe o que eles farão comigo, como vão me fazer sofrer!

– Meu objetivo não é castigar nem salvar você. Minha vida se entrelaçou com a sua por tempo suficiente. É aqui que nos separamos.

Ela lhe deu as costas. O rosto dele se retorceu em fúria.

– Não…

Tentou agarrar a mão dela que segurava a espada.

– Hope! – A voz de Red ressoou como um sino.

No mesmo instante em que os dedos de Teltho Kan roçavam os dedos de Hope, uma faca de arremesso se cravou em seu olho e ele caiu no chão.

Hope olhou para a própria mão e viu seus dedos murchando, encolhendo-se, dissecando-se e apodrecendo. Sua espada caiu no chão com estardalhaço.

Podia escutar Red chamando seu nome. Ele *tinha vindo*. Ao mesmo tempo que a dor se retorcia em sua mão, parte dela sentia júbilo por ele ter escolhido se juntar a ela por vontade própria. E parte dela estava aterrorizada pensando em que tipo de armadilha Teltho Kan teria preparado para ele.

Mas então a dor tomou conta de seu corpo, apagando qualquer outro pensamento. A faca de Red tinha matado o biomante, reduzindo um pouco a velocidade do processo, mas não o interrompendo. A podridão se espalhou para os dedos de Hope. Ela os sentiu morrendo um a um, cada morte irradiando agonia pelo braço.

Red estava correndo para ela. Brigga Lin também. Mas a podridão era rápida. Iria acabar com ela antes. E mesmo se a alcançassem a tempo, o que poderiam fazer? O que *ela* poderia fazer? Oscilou e sua visão começou a embaçar. Sentiu que estava se esvaindo enquanto a dor e a podridão viajavam pela palma da mão.

– Hope! – gritou Red.

Mas ela havia feito uma promessa para Red. Não desistir. Jamais. Esse, decidiu ela, era um juramento que valia a pena cumprir. Obrigou-se a se concentrar. Olhou para a mão. Era uma coisa enrolada e enegrecida, com pus escorrendo. A podridão ia em direção ao pulso. Ela se ajoelhou e pegou a Canção dos Lamentos com a mão boa. Então baixou a lâmina, cortando a mão podre logo acima do pulso.

A podridão se foi. Hope não sentia mais a morte lenta e devastadora. Agora só havia uma dor luminosa, quente, enquanto o sangue jorrava do cotoco do antebraço. O chão em volta ficou escorregadio com ele. Ela apertou uma tira no braço para diminuir o fluxo. Então olhou para o espaço vazio onde a mão ficava antes. Foi quando finalmente gritou.

Mas Red estava ali e ela se deixou cair em seu abraço quente.

– Ah, meu Deus, Hope, sinto muito, sinto muito! – Sua mão suada comprimia o rosto frio de Hope enquanto a segurava. – Vai ficar tudo bem, vamos fazer com que fique bem.

– Você veio – disse Hope, lutando para permanecer consciente.

– Estou aqui. Não pude ficar longe. Independentemente de qualquer coisa.

Ela deu um sorriso débil.

– Como prometemos. Você e eu. Hope e Red.

– Isso mesmo – disse ele rindo entre as lágrimas.

– Posso dar um jeito. – Brigga Lin segurou o cotoco do braço de Hope. – Deixe-me lacrar isso agora, e mais tarde, quando tiver os materiais, eu ajeito.

Hope assentiu, fraca demais para falar. Brigga Lin levou o cotoco sangrando aos lábios. Beijou suavemente o brilho branco de osso no centro, quase com reverência. Imediatamente o ferimento se fechou. Hope estremeceu enquanto a dor abandonava seu corpo, dando lugar a algo fresco e calmante.

– Bom – disse uma voz que soou velha como poeira. – Parece que Teltho Kan estava certo, afinal de contas.

Hope levantou a cabeça debilmente do colo de Red e viu uma nova tropa de soldados vir da escada e afluir para o salão. Eles formaram um círculo em volta dos três com fuzis apontados.

– Bem-vindos ao Conselho de Biomancia – disse a voz.

Hope acompanhou o som até o outro lado da câmara do conselho, onde uma fila de homens com mantos brancos e capuzes estavam imóveis, de mãos dadas, rostos escondidos.



Red segurava Hope com força junto ao peito, os braços protetores em volta dela. Tinha sido lento demais para salvar sua mão. Salvaria o resto, custasse o que custasse.

– Aí estão vocês. – Brigga Lin olhou furiosa para os biomantes do outro lado do salão. Em seguida enxugou o fio de sangue do nariz e se levantou devagar. – Não se preocupe, Bleak Hope. Vou terminar isso.

Levantou as mãos e começou uma série de gestos fluidos, tão rápidos que até mesmo os olhos de Red mal conseguiam acompanhar. Então estendeu os braços para a fila de biomantes.

O ar ondulou em volta deles, porém nada mais aconteceu.

– Você acha mesmo que iríamos deixá-la viver se representasse uma verdadeira ameaça contra nós? – perguntou o do centro na mesma voz empoeirada que tinham ouvido antes, agora com um leve ar de diversão.

Brigga Lin deu um passo atrás e toda a sua arrogância sombria se evaporou.

– Me deixar viver?

– Claro. Aquelas pobres almas que mandamos lá embaixo para levar comida só sabiam que queríamos que eles mencionassem a vinchen e você ouvisse. Sabíamos que você não conseguiria resistir. Que iria matá-los, escapar e procurá-la. Que, com você instigando-a, a vinchen poderia ficar ousada a ponto de nos atacar diretamente. E Teltho Kan tinha certeza de que o rapaz de olhos vermelhos não deixaria que vocês tentassem uma coisa assim sem ele. É uma pena Kan não ter vivido o suficiente para descobrir que estava certo. Esse sucesso finalmente iria trazê-lo para o conselho.

– Bom, vocês me têm. – Ainda segurando Hope, Red baixou a mão e pegou uma faca de arremesso. – Mas acho que vão lamentar isso. Vocês podem bloquear a magia, mas vejamos se conseguem bloquear o aço.

– Você não pode matar todos nós.

– Vocês vão nos matar de qualquer modo, por isso posso muito bem derrubar o máximo que for capaz.

– Pelo contrário, não queremos matar você. E se você concordar em se render pacificamente, até vamos libertar sua vinchen.

– Você está mentindo.

– Não somos capazes de perjúrio.

Red olhou para Brigga Lin.

– Os biomantes não podem mentir – admitiu ela. – Fazer declarações inverídicas enfraqueceria nosso poder.

Red se virou de volta para o conselho dos biomantes.

– Vocês vão deixar Hope sair livre? Sem restrições? Sem caçá-la depois?

– Se ela deixar Pico de Pedra e nunca mais voltar, e enquanto você cooperar conosco, jamais iremos lhe fazer mal diretamente.

– Por quê? – perguntou Hope, com a voz rouca. Lutou para se sentar, o cotoco do braço enfiado embaixo do outro. – O que vão fazer com ele?

– Treiná-lo. Ajudá-lo a desenvolver todo o seu potencial – disse outro biomante, a voz parecida com óleo pingando. – Ele será um elemento essencial para salvar nosso império.

– O que há de tão especial em mim? – perguntou Red.

Houve uma pausa.

– Talvez ele fique mais disposto a aceitar se souber toda a verdade – opinou o biomante de voz parecida com óleo.

– Ou vai ficar menos disposto ainda – disse outra voz, rangente como metal enferrujado.

– Veremos – falou a voz empoeirada. – Rapaz, você é a culminação de uma experiência que durou quase vinte anos. Nós desenvolvemos uma substância que provocava sentimentos de confiança e excitação sexual em quem a inalava. Além disso, era tremendamente viciante e, após o uso repetido, fatal. Seu nome era *Coractulous spucaceas*. Mas provavelmente você a conhece como especiaria coral.

– Esperem aí – reagiu Red. – *Vocês* inventaram a especiaria coral? A droga?

– Ela só se comportava como uma droga recreativa. Seu verdadeiro objetivo era alterar os filhos das usuárias enquanto ainda estavam no útero e eram vulneráveis a essas mudanças drásticas.

– Alterar? – perguntou Brigga Lin.

– Ela aumentaria seus reflexos e a coordenação entre olho e mão a níveis de desempenho muito além dos de uma pessoa normal. Além disso, marcaria essas crianças com olhos vermelhos, de modo que pudéssemos identificá-las com facilidade. Mas nenhuma que descobrimos viveu mais de um mês. Achávamos que nenhuma tinha sobrevivido, por isso a experiência foi considerada um fracasso. Até que Teltho Kan o viu.

– Estão dizendo que vidas incontáveis foram arruinadas só pela chance de alguém como eu surgir?

– Nós não obrigamos as pessoas a tomar as drogas.

– Sempre deve haver um elemento de escolha – declarou a voz oleosa.

– Então, durante toda a minha vida, o motivo para eu ser tão hábil com as mãos e com a mira era a especiaria coral?

– Correto.

– E Teltho Kan intensificou isso – disse Hope.

– Sim. A capacidade integral fica adormecida até ser destrancada por um biomante.

– Por que vocês precisam dele? – Hope se esforçou para ficar de joelhos. – Do que ele vai salvar o império?

– Isso não contaremos. Basta dizer que é uma ameaça maior do que nosso poder sozinho pode enfrentar.

– Se eu concordar em ajudar, vocês vão deixar Hope livre? – perguntou Red.

– Sim.

– E Brigga Lin?

Houve uma pausa.

– Ela deve ser disciplinada por causa da heresia.

– Quer dizer que deve ser torturada até a morte, certo?

Outra pausa.

– Sim.

O rosto de Red se firmou.

– Então quero que ela seja libertada junto com Hope.

– Por quê? O que ela representa para você?

Red se virou para Brigga Lin. Ela o encarou de volta, pasma. Talvez até chocada. Ela era parcialmente culpada por estarem nessa encrenca, só que isso não era o mais importante nesse momento. Era passado e não podia ser mudado. Mas outra coisa poderia ser.

– Você a conserta – disse baixinho a Brigga Lin. – Você a *ajuda*. De agora em diante você precisa estar ao lado dela. Fechou?

– Eu… – Ela o encarou com algo parecido com espanto reverente. – Sim. Farei isso. Juro pela verdade do Deus universal que vou servir a ela até minha última respiração.

– Ótimo – disse Red.

– Red, não, por favor não faça isso. – Hope lutou para se levantar, com o rosto franzido e pálido. Ela oscilou e Red a segurou. – Por favor, não deixe seu destino nas mãos deles.

– Escute – disse ele baixinho, forçando um sorriso enquanto a abraçava. – Isso tudo está cristal: nós dois morremos hoje ou nós dois vivemos separados.

– Red. – O rosto dela se retorceu. – Eu gostaria de ter…

– Ei, só por um tempinho.

Ele não sabia o que ela iria dizer, mas mal conseguia manter a expressão de coragem. Gentilmente entregou Hope a Brigga Lin.

– O navio dela se chama *Gambito da Dama*. Leve-a ao nosso pessoal. E dê um jeito nela.

Brigga Lin se empertigou totalmente e assentiu.

– Farei isso.

Red se virou de novo para o conselho dos biomantes. O biomante do centro levantou a mão e os soldados se deslocaram para os lados, deixando aberta a porta para a escada.

Hope se levantou e se soltou da mão de Brigga Lin. Deu um último olhar para Red, depois se virou e desceu lentamente a escada. Brigga Lin foi logo

atrás, com as mãos estendidas pronta para pegá-la caso ela tropeçasse. E foi essa última visão que deu a Red algum conforto de que elas estariam bem.

Ficou olhando até sumirem completamente. Depois se virou para a fila de velhos encapuzados.

– Certo, seus gafas sinistros. Sou de vocês.

31

Foi uma longa caminhada de volta até o *Gambito da Dama*. O sol já havia surgido no céu quando chegaram. Hope tinha insistido em sair do palácio sem ajuda, mas agora se apoiava pesadamente em Brigga Lin, com uma camada de suor na testa.

Parecia que a tripulação tinha passado a noite toda acordada, esperando. No momento em que ela surgiu, eles saltaram do navio e correram pelo cais em sua direção, falando uns por cima dos outros.

– Cadê o Red? – perguntou Sadie.

– Cadê sua *mão*? – perguntou Urtiga.

– Eu… eu posso consertá-la – gaguejou Brigga Lin, parecendo estranhamente intimidada com o agrupamento de pessoas preocupadas ao redor. – Red me fez prometer que eu iria consertá-la.

– Onde está *Red*, pelo mijo do diabo? – perguntou Sadie outra vez.

– Eles o pegaram, Sadie – respondeu Hope com a voz fraca. – Eles pegaram o nosso Red.

O rosto de Sadie ficou pálido e a boca se fechou com força.

– Aquele garoto idiota, idiota.

– Eu não queria… que ele… fosse…

Outra onda de tontura varreu Hope e o chão correu ao seu encontro. Mas ela ouviu um estalo de metal e duas mãos fortes a agarraram. Olhou o rosto grande de Rolha.

– Estou com você, capitã – disse ele.

– Rolha… – A voz dela embargou. Seus dedos roçaram de leve o rosto peludo do rapaz. – Ele nos salvou. Ele se entregou por nós.

– Então só precisamos roubá-lo de volta, não é, capitã?

Rolha a carregou para o navio, até a cabine do capitão. Um em cada dois passos era um *clang* metálico, e Hope percebeu que Rolha estava usando o suporte de metal construído por Alash e ele. Rolha a colocou na cama.

– Como você pode dar um jeito nisso? – perguntou Alash a Brigga Lin.

– Eu sou… Eu *fui* um biomante.

O grupo irrompeu em gritos furiosos.

– Mas *agora* – interveio Hope, com a voz o mais firme que podia enquanto juntava força suficiente para se sentar sozinha. – Agora ela é uma de nós. Fecharam?

Todos ficaram em silêncio. Então Finn Perdido disse:

– Vocês ouviram a capitã. É assim que é agora.

Hope pôs a mão no ombro de Finn.

– Obrigada, Sr. Finn.

– E como você vai consertá-la? – perguntou Alash.

– Só preciso de um membro para substituir a mão – disse ela. – Talvez um membro de animal.

– Não! Nenhuma parte de bicho! – disse Hope rispidamente, pensando em Rançoso, nas pessoas transformadas em corujas, naqueles soldados que tinham sido alterados. Não queria ter nada a ver com aquilo. Apontou o suporte de joelho de metal de Rolha e se virou para Alash. – Faça alguma coisa para mim.

Os olhos dele se arregalaram e seu rosto ficou sério.

– Agora mesmo, capitã. Eu deveria ter pensado nisso.

– Pense agora – disse ela.



Nos dias seguintes Hope perdia e recuperava a consciência. Brigga Lin vinha frequentemente fazer com que ela engolisse poções de cheiro horrível, dizendo que ajudariam a recuperá-la depois da perda de sangue. Rolha e Alash vinham de vez em quando tomar medidas ou discutir com ela alguns elementos do projeto da prótese.

Assim que estava se sentindo suficientemente bem, ela contou a Sadie e Urtiga todos os detalhes de como Red a havia salvado não apenas uma vez, mas duas, numa única noite.

– Então você tem certeza de que eles não vão matá-lo nem torturá-lo? – perguntou Sadie.

Hope balançou a cabeça.

– Eles falaram como se o Red fosse uma das pessoas mais importantes do império.

– Mas você sabe do que aqueles biomantes são capazes – disse Urtiga. – Vão fazer alguma coisa com ele, seguro que nem apuro.

Hope sabia, mas estava bastante claro que não podia derrotar o conselho dos biomantes.

Quando elas saíram, ficou deitada na cama, com a luz amarela do sol poente se derramando pela escotilha. Sempre tinha evitado ficar nos aposentos do capitão, e agora sabia por quê. Aquele cômodo pequeno e bem-arrumado a fazia se lembrar de sua perda. De Carmichael, claro. Mas isso, por sua vez, a fazia pensar em Hurlo e em seus pais. E agora em Red. Ainda podia vê-lo naquele último momento, rindo como se ela não o conhecesse o suficiente para saber que era um riso forçado. Uma dor diferente de todas que já sentira cresceu por dentro. Já sentia falta dele, e isso doía mais do que qualquer perda anterior.

As palavras de Rolha lhe voltaram. *Só precisamos roubá-lo de volta, não é?* E estava certo. Essa era uma pessoa que os biomantes haviam tomado e ela ainda poderia tomar de volta. Só precisava pensar em como.

Pouco tempo depois, Brigga Lin voltou com outro de seus remédios desagradáveis. Este deixou Hope tonta, e logo ela caiu no sono. Em seus sonhos, Red e ela estavam de novo diante da muralha do palácio. Ele a encarava com aquela expressão doce, agonizada. *Nós temos uma escolha. Podemos ser o que quisermos.*

Quando acordou, soube o que precisava fazer.



No dia seguinte, Alash e Rolha juntaram todo mundo na cabine de Hope e apresentaram a prótese com orgulho. Tinham convertido a bainha de couro do mecanismo da haste e instalaram uma dobradiça acima de onde o punho estivera. Depois fixaram uma garra na extremidade da dobradiça, com tamanho suficiente para segurar a espada.

– Agora chegamos à parte complicada – disse Alash. – A dobradiça tem rotação completa, como você pediu. – Ele demonstrou girando a garra. – E também pode ser travada quando necessário, como você pediu.

– Até agora parece bom.

Hope olhou Rolha colocar a bainha de couro cuidadosamente por cima do cotoco e prendê-la com tiras.

– Essa é a parte da qual você não vai gostar – disse Alash. – Podemos usar o mesmo sistema de trava e soltura que Rolha e eu projetamos para o

joelho dele, mas você vai ter de operá-lo com a outra mão.

Hope balançou a cabeça.

– Vou precisar da outra mão. Encontre um modo diferente.

– Não há outro modo.

O rosto de Alash ficou vermelho de frustração.

– Será que posso ajudar? – perguntou Brigga Lin.

– Nenhuma parte de bicho – disse Hope.

– Não – concordou Brigga Lin. Em seguida estendeu a mão para Rolha, que sem dizer nada estendeu o braço de Hope coberto pela bainha de couro. Ela apontou para os arames. – Deixe-me ter certeza de que entendi corretamente esse mecanismo. Parece que, se houvesse uma tensão flexível ajustável ao longo desta linha, isso travaria a dobradiça quando e onde fosse necessário, em qualquer ponto da rotação?

– É – disse Rolha. – Mas como você estabeleceria essa tensão sem usar a outra mão?

– Fundindo-a com os tendões dela. Então ela iria controlá-la com o mesmo reflexo que usaria normalmente para girar o pulso. Um movimento comparável.

– Combinar pessoa e máquina? – sussurrou Alash, parecendo ao mesmo tempo chocado e fascinado.

– Faça isso – disse Hope.

– O procedimento será intensamente doloroso – explicou Brigga Lin. – Talvez devêssemos esperar até que você tenha mais tempo para recuperar a saúde.

– Faça agora.

A ex-biomante olhou para Rolha. Ele a encarou de volta, impotente.

– Você ouviu a capitã.

– Ótimo – disse Brigga Lin, rápida e profissional. – Dê a ela uma tira de couro para morder, para não quebrar os dentes nem arrancar um pedaço da língua.

Rolha tirou o cinto, dobrou-o ao meio e estendeu para Hope. Ela o mordeu, depois assentiu para Brigga Lin.

A dor foi duas vezes maior do que a de cortar a própria mão. Enterrou-se fundo embaixo da carne e subiu serpenteando até parecer que havia fios de metal sendo inseridos em cada músculo do braço. Hope gritou através do cinto até ficar rouca. Mas não desmaiou. Recusou-se a desmaiar. Passaria

por isso como tinha passado por cada coisa terrível. O fato de que ela é que estava sofrendo não fazia diferença. Jamais desviaria os olhos.

Por fim Brigga Lin deu um passo atrás, limpando o nariz que tinha começado a sangrar de novo. Deixaram Hope recuperar o fôlego. Urtiga a obrigou a beber um pouco d'água. Então Alash e Rolha completaram a parte mecânica. E pronto.

Hope se levantou devagar da cama, firmando-se na beira com a mão comum. Levantou a mão nova e a olhou satisfeita.

– Preciso de espaço.

Foi lentamente em direção à porta. Rolha se ofereceu para ajudar, mas ela balançou a cabeça e continuou sozinha. Assim que estava fora do tombadilho superior, disse baixinho:

– Minha espada.

Todos tinham seguido cautelosamente atrás dela. Urtiga lhe entregou a espada, depois recuou com os outros.

Hope prendeu o cabo da espada à garra de metal. Torceu o braço e a Canção dos Lamentos cortou o ar noturno. Ela ainda cantava, mas agora o tom era diferente. Mais sombrio, sim, mas também mais fluido. Brandiu-a para um lado, depois para o outro, num movimento em forma de oito que soltava um zumbido longo, lamentoso. Então virou o pulso e a espada ficou imóvel, apontando para cima. A arma parecia fazer mais parte dela do que nunca. Hope sorriu e segurou a lâmina perto do rosto. No reflexo viu sua tripulação parada atrás.

Baixou a lâmina e se virou para eles.

– Dediquei a vida a vingar os que já estavam mortos. – Ela balançou a cabeça. – Agora isso faz muito pouco sentido para mim.

Todos se entreolharam, sem entender aonde ela queria chegar. Hope não os culpou.

– Vou pegar o Red de volta – continuou. – Não posso derrotar o Conselho de Biomancia atacando de frente. Ainda não. Por isso vou atacar pelas extremidades. Vou cortá-los pedaço por pedaço, um biomante ou um navio imperial de cada vez. Se for preciso, vou rasgar esse império até não restar nada de pé a não ser o Red, livre. Serei um negro vento de caos que varre tudo, para que uma coisa melhor possa ocupar o lugar.

– Hope… – disse Sadie.

– Não existe Hope. Não mais. De agora em diante, eles vão me conhecer como Calamidade. Podem me chamar de Dire Bane.

Ela olhou para um de cada vez. Sadie, Finn Perdido, Rolha, Urtiga, Brigga Lin e Alash.

– Estão comigo?

Foi Urtiga quem se abaixou primeiro, apoiando-se em um dos joelhos.

– Bane, defensora do povo e flagelo do império, estou com você.

Rolha a acompanhou rapidamente, com o joelho de metal guinchando enquanto se ajoelhava.

– Estou com você.

– Abomino a violência – declarou Alash ajoelhando-se. – Mas se isso salvar meu primo, estou com você.

– Eu esperava uma aposentadoria tranquila – disse Sadie. – Mas acho que ficaria entediada. Estou com você. Mas não vou me ajoelhar. Não conseguiria me levantar de novo.

– Se Sadie está com você, também estou – completou Finn Perdido. – Estou meio charcado por este navio. E se vamos fazer pirataria, ele terá que receber uns canhões.

Hope se virou para Brigga Lin, o membro mais novo da tripulação.

– Red fez com que você jurasse me ajudar. E ajudou. Essa rota que planejamos será dura. Se quiser ir embora agora, vou considerar que seu juramento foi cumprido.

Os olhos escuros de Brigga Lin estavam ilegíveis.

– A generosidade de Red em barganhar pela minha vida quando mal me conhecia, na verdade quando tinha motivo para me odiar, é mais gentileza do que já conheci em toda a vida. Não vou considerar meu juramento cumprido até que Red esteja livre ou eu esteja morta. – Ela fez uma reverência.

Hope virou a ponta da espada para baixo e a encostou no convés de madeira.

– Seremos piratas, então. Infeliz será a alma de quem cruzar nosso caminho.



Red estava junto da janela, olhando por cima dos telhados de Pico de Pedra. Até agora não tinha percebido a que distância conseguia enxergar.

Olhou o *Gambito da Dama* deslizar para o oceano, sem nenhum navio imperial perseguindo-o.

– Certo, acho que vocês cumpriram a promessa.

– Você acha que vai se lembrar dela quando tivermos terminado? – perguntou a voz poeirenta. – Acha que você ainda será *você*?

Red se virou para olhar a figura encapuzada que não tinha saído do seu lado e não parecia precisar de comida nem de sono.

– O que mais eu seria?

O biomante puxou o capuz para trás, revelando um rosto duro e áspero como a rocha em que ficava o palácio. Com lábios de pedra que mal se moviam, disse:

– Quando terminarmos com você, você nem será um homem. Será uma sombra.

Uma análise superficial da gíria das pessoas comuns de Nova Laven

Por oriston Baggelworthy

Com a gentil permissão da
Revista Trimestral dos Cavalheiros de Salto Fundo

É verdade que os jovens das classes mais altas desenvolveram algumas gírias aqui e ali. Por exemplo, em Salto Fundo ouço-os chamar uns aos outros de "afortunados" em vez de colegas. E, em vez de ficar satisfeitos com alguma coisa, eles ficam invariavelmente "cativados", independentemente do grau de prazer que sentem. Mas recentemente passei um bom tempo na área sul de Nova Laven, onde residem as classes mais baixas. Fui coletar obras de arte e informações relativas a madame Gulia Pastinas, a grande pintora protopassionista e tema da biografia que publicarei em breve. Durante o tempo que passei nos bairros de Costas de Prata, Ponta do Martelo e Círculo do Paraíso, encontrei uma gíria popular tão incrivelmente complexa e disseminada que às vezes parecia que as pessoas falavam outra língua.

Para seu interesse e diversão, registrei algumas das palavras e expressões mais populares dessa gíria curiosa e às vezes lasciva das classes baixas. Tentei, do melhor modo que pude, anotar o que acredito ser o significado dessas palavras, além de teorias relativas às origens etimológicas. Certos significados eram bastante óbvios, mas confesso que com alguns estou meramente dando facadas no escuro, baseado nos contextos em que ouvi as palavras.

O que se segue não é a totalidade da gíria do povo de Nova Laven, mas uma amostra do que encontrei no tempo que passei lá.

BAGOS E PAUS: Absurdo ou tolice. Tanto "bagos" quanto "paus" se referem à genitália masculina (o escroto e o pênis, respectivamente), mas não está claro por que essas palavras sugeririam tolice.

BOJO: Barriga. Muitas gírias são tiradas do vocabulário de navegação, o que é curioso, já que a maioria dos habitantes jamais pôs o pé numa embarcação.

BOTA: Capanga ou bandido que serve a um chefe do crime. Ainda que a atividade criminosa se alastre nos bairros de Círculo do Paraíso e Ponta do Martelo, o elemento do crime organizado é suficientemente forte para ser considerado uma forma de governo local. Ser "bota" de um poderoso chefão do crime é considerado uma posição de poder e respeito e costuma provocar medo nos que não são afiliados. Ao mesmo tempo, o "bota" deve ter aliança total com o chefe, inclusive entregando a vida a serviço, caso seja necessário. Nesse aspecto eles me lembram bastante de nossos soldados imperiais, que trabalham para garantir a segurança do nosso império de forma incansável e altruísta.

CABEÇA DE SAL: Insulto afetuoso para alguém que exibe comportamento idiota. Não pude determinar quando usar essa palavra e quando usar a mais insultuosa "marreta". Às vezes parece ser a seriedade da estupidez, em outras ocasiões parece ter mais a ver com o relacionamento entre quem fala e o objeto do insulto.

CAÍDO DA XOTA: Idiota ou tolo ignorante. A palavra "xota" é a gíria para a genitália feminina. A implicação, suspeito, é de que o receptor do rótulo agiu de modo tão estúpido que é como se tivesse acabado de nascer, ou que quem fala acredita que a pessoa caiu de cabeça ao nascer. Até agora não pude determinar qual é a opção correta.

CAPETA: Polícia imperial. Suspeito de que não é coincidência que as classes baixas usem um apelido do demônio para a polícia imperial. A desconfiança com relação ao poder imperial é tão disseminada entre as classes baixas a ponto de ser presumida por todos.

CHARCADO: Apaixonado. Esta talvez seja a minha palavra predileta na gíria do povo comum de Nova Laven. Para mim sugere que quem fala está saturado de sentimentos de afeto por outra pessoa.

DESLIZAR: Ir embora ou escapar. Creio que a escolha da palavra "deslizar" sugeria originalmente que a pessoa estava indo embora de um modo sorrateiro ou astuto, mas o uso moderno parece ter se expandido para um significado mais geral.

ENGOLIR O BALDE: Adorar alguma coisa ou desfrutar de alguma coisa. As classes mais baixas, para quem o sustento pode ser difícil de obter, colocam grande valor na comida e na bebida.

ENSOLARADO: Algo bom ou agradável. Como morador de Salto Fundo durante toda a vida, esta palavra faz todo o sentido para mim. A quantidade de chuva por ano em Nova Laven é mais do que o dobro do que cai em Pico de Pedra. O sol é algo que vemos muito raramente, e esta é uma das poucas agruras que compartilhamos com as classes baixas.

ESCORREGUENTO: Louco ou imprevisível. Provavelmente é uma alteração da palavra "escorregadio".

FALAR CRISTAL: Ser sincero ou falar com clareza. De novo o significado muda dependendo do contexto. Enquanto discutia essa expressão muito usada com um nativo, ele ficou surpreso ao saber que cristal é uma substância que se forma naturalmente e foi descoberta em certas ilhas do império, mais notavelmente nas Cavernas Pintadas da ilha de Prece do Pobre. O homem não sabia que a palavra tinha qualquer significado fora do contexto da gíria que ele usava com tanta frequência.

FATIA: Termo depreciativo para mulher ou vagina. Observei que, ainda que tanto homens quanto mulheres usem o termo, os homens o aplicam como um insulto sério, mas às vezes as mulheres o empregam mais como uma zombaria bem-humorada sem ofensa verdadeira. Passei a suspeitar de que

essa disparidade tem algo a ver com a observada liberalidade relativa aos sexos entre as classes inferiores.

FECHAR: Entender. O uso desse verbo é um tanto fluido. Dependendo do contexto, pode ser usado numa frase, como "Você está fechando?" ou sozinho, como em "Fechou?". Em qualquer dos casos a pessoa que fala deseja saber se o ouvinte entendeu o significado, seja direto ou implícito.

GAFA: Pessoa ou conhecido. Esta é uma das palavras mais dúbias que já encontrei. Às vezes ela significava apenas alguém que a pessoa que falava não conhecia, ou não conhecia bem. Mas em outras ocasiões havia uma inflexão indicando uma leve aversão pela pessoa.

IR A SOTA-VENTO: Algo que dá errado ou não muito bem. Este é outro exemplo de um termo náutico usado em novo contexto. Tradicionalmente "sota-vento" se refere ao lado de alguma coisa (em geral um navio ou um litoral) que não está virado para o vento. Não está claro por que sota-vento seria considerado algo negativo.

ISCA E DESPENSA: Amigável ou bem-apessoado. Ainda que esteja claro que "despensa", ou depósito de comida, é uma coisa agradável, especialmente para quem a alimentação saudável seja difícil de obter, confesso que não pude determinar o sentido de usar a palavra "isca", que, pelo que sei, quer dizer pedaços de peixe largados na água para atrair outros peixes para serem mais facilmente apanhados. Suspeito de que houve algum uso intermediário da palavra que se perdeu na memória.

MARRETA: Idiota. Vale notar que, ainda que, tipicamente, esta palavra seja usada como substantivo, as classes baixas a empregam exclusivamente como adjetivo.

MIJADO E APIMENTADO: Chateado. Não pude determinar (nem mesmo conjecturar) como estas duas palavras passaram a ser usadas juntas. No entanto, há algo que parece totalmente adequado nisso. Ainda que seja rude

e vulgar, às vezes há uma qualidade inegavelmente poética na gíria dessas pessoas comuns, que desafia qualquer análise.

MIJO: Palavra de uso genérico. Já a ouvi ser usada como substantivo, verbo e até advérbio. Raramente é usada com o significado de urina.

MOLHADO: Sexualmente excitado. Ainda que o significado original possa ter decorrido da secreção de líquido vaginal durante a excitação feminina, o uso atual parece não ser específico de um ou outro sexo.

MOLLY: Mulher jovem. Isso, junto com sua contrapartida (ver "Tommy") é um dos poucos termos específicos para um dos sexos. Geralmente há uma sugestão de que a jovem é atraente ou desejável de algum modo, se bem que às vezes pode ser um significado mais neutro. A diferença é sugerida tanto no contexto quanto no tom.

NÃO É PARA TOMBAR: Alguém que não gosta ou não se interessa por sexo (ver "Tombar"). É interessante notar que não há significado negativo implícito nesta expressão. Na verdade nas duas vezes em que tive a oportunidade de constatar o seu uso, havia um certo respeito implícito, o que foi surpreendente, dada a liberalidade sexual generalizada entre as classes mais baixas.

NUMA GOTA: Num segundo ou sem hesitação. A origem desta expressão me confunde. Minha hipótese atual é que em algum momento no passado distante havia um método de marcar o tempo que envolvia água ou algum tipo de líquido, e que esta expressão seja o único registro que sobreviveu disso.

PELO MIJO DO DIABO: Frase usada como exclamação de surpresa desagradável.

PINGO DE PINTO: Pessoa desprezível, inútil. "Pinto" é outra gíria para a genitália masculina. O "pingo", suspeito, refere-se à ejaculação. Podemos

deduzir, então, que o significado decorre da ejaculação que escapou fora da cópula, algo que seria mesmo inútil.

PONÇO: Pessoa frouxa ou de vontade fraca. Ainda que o uso mais universal desta palavra se refira apenas aos homens, o uso entre as classes mais baixas parece ser neutro com relação aos sexos.

POTE VELHO: Bom amigo. Não consegui determinar por que um "pote" inspiraria uma expressão tão afetuosa. Talvez, de novo, tenha a ver com a ideia de que as classes mais baixas dão muito mais valor à comida e à bebida do que nós. Prazeres simples para as pessoas simples, por assim dizer.

QUASE ENGASGAR NA CUNHA: Rir muito. Ainda que a ideia geral desta expressão seja um tanto óbvia, de alguém que riu tanto que tosse ou engasga com a própria saliva, não pude encontrar um significado específico ou a origem da palavra "cunha".

RENDADO: Pessoa da classe alta ou rica. Deve-se notar que quase sem exceção está implícita uma opinião fortemente negativa.

ROLAR: Roubar. Em geral de modo fisicamente violento. Minha hipótese é que a palavra deriva do ato de derrubar a vítima deixando-a inconsciente, depois rolando o corpo inerte para obter acesso mais fácil ao dinheiro ou a bens que ela possa estar portando.

SEGURO QUE NEM APURO: Algo que vai acontecer com certeza. Parece apropriado, e talvez até poético, que as classes baixas de Nova Laven façam uma equivalência entre certeza e dificuldade. Apesar de toda a liberalidade sexual e de todas as atividades criminosas, eles não escolheram as condições difíceis e frequentemente ameaçadoras da vida encontradas no Círculo do Paraíso e na Ponta do Martelo. A morte pela fome e pela doença são acontecimentos comuns e a violência é parte necessária da sobrevivência. Enquanto estou sentado escrevendo isto em meu estúdio quente e

confortável, fico pensando se não há algo que nós, das classes mais abastadas, poderíamos fazer para aliviar parte do sofrimento deles.

SIMPLES QUE NEM SALTAR: Fácil de ser realizado. O que mais me confunde com esta expressão é que o "que nem saltar" é desnecessário, já que simplesmente dizer "simples" expressaria o significado. Pelo que sei, isso não acrescenta nada ao significado e só existe como aliteração.

SULIZAR: Ato de vender uma pessoa para um capitão de navio como empregado. Fora o roubo, este talvez seja o maior perigo para qualquer visitante no Círculo do Paraíso. Existem estalagens e bordéis que drogam os clientes com um narcótico fraco chamado rosa preta e os vendem aos capitães dos navios. Em geral a vítima acorda no dia seguinte a muitos quilômetros do litoral, onde recebe a opção de trabalhar como tripulante ou ser jogada no mar. Mais frequentemente essa prática é usada por navios que vão para as ilhas do sul, que dizem ser frias, inóspitas e pouco civilizadas, e portanto não são um destino popular.

SULISTINHA: Termo levemente depreciativo para uma pessoa das ilhas do sul. Os povos do sul são duros, taciturnos, de cabelo louro e pele clara. São uma visão rara em Nova Laven e se destacam entre a população predominantemente de cabelos pretos. Já pensei bastante em sua notável disparidade física e acredito que os ancestrais deles migraram de outro país há muitos séculos. Não fosse a dificuldade de ir para as ilhas do sul, suspeito de que eles já teriam se fundido ao resto da população há algum tempo.

TAPINHA: Popular ou agradável. Confesso que o motivo para a palavra me escapa às vezes. Nunca pude prever quando alguma coisa parecia "tapinha" ou era "tapinha", mas cada pessoa com quem falei considerava tão óbvio que tinha dificuldade de explicar por que a coisa era "tapinha".

TOMMY: Rapaz. Como acontece com sua contrapartida feminina (ver "Molly"), o significado varia um pouco dependendo do contexto. Em geral a suposição é de que o rapaz é viril, bonito e sexualmente atraente, mas às vezes é um sentido mais neutro.

TOMBAR: Ter relação sexual. O termo não diferencia masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual, oral, vaginal ou anal, mas envolve tudo. A liberalidade sexual das classes baixas é bem conhecida, mas não posso enfatizar suficientemente como eles têm pouca discrição ou vergonha. No Círculo do Paraíso testemunhei uma vez duas pessoas "tombando" num beco aberto, para todos verem, e ninguém, a não ser eu, parecia notar.

TORRÃO DE AÇÚCAR: Pessoa boa. É importante notar que a bondade e o açúcar são mercadorias raras no Círculo do Paraíso e na Ponta do Martelo. A bondade é muito valorizada, desde que a pessoa em questão não seja fraca ou mole (ver "Ponço").

VAGA: Esta palavra é usada para os dois sexos. Pode se referir a um amigo ou conhecido, ou mesmo para alguém que não é de fato conhecido de quem fala. Uma das poucas coisas que posso dizer definitivamente é que sempre se refere a outro membro das classes mais baixas. Se alguém é um "verdadeiro vaga", quer dizer que a pessoa exemplifica as qualidades de coragem e lealdade, tanto para com os amigos quanto para o bairro, que são valorizadas pela comunidade acima de todo o resto.



Espero que tenham achado educativa e divertida minha análise superficial da gíria do povo comum de Nova Laven. Um componente que acho que eu deveria destacar é a musicalidade. Para mim é impossível capturar em meras palavras a qualidade mutável da fala, que é ao mesmo tempo terrena e lírica. Como tal, para aqueles de vocês que desejem aprender mais sobre essa gíria popular fascinante e imprevisível, recomendo que se aventurem até Costas de Prata ou, melhor ainda, até o Círculo do Paraíso. Os habitantes de lá têm um fascínio quase infantil pelas moedas. Um punhado de prata encorajará muitos deles a discursar longamente sobre sua gíria e sobre a cultura do bairro. De minha parte, planejo retornar depois de terminar a biografia de madame Gulia Pastinas, talvez com a intenção de expandir essa pequena obra para algo maior, se houver interesse suficiente entre as classes superiores.

Agradecimentos

Eu tinha 6 anos quando o mar levou um dedo da minha mão esquerda. Foi uma experiência que poderia ter me deixado com medo de barcos para sempre. Mas meu avô, John Kelley, não deixou que isso acontecesse, e me passou um amor tão intenso pelo oceano que, até hoje, sempre consigo encontrar alguma paz quando estou em um barco. Portanto, é óbvio dizer que este livro não seria possível sem ele, bem como minha tia Laura, meu tio Peter e meus primos Alex e Liz, que continuam com a bela tradição de velejar enquanto eu fico aqui sentado, muito longe do mar, apenas sonhando com ele.

Parece igualmente adequado agradecer à minha amiga e colega escritora Stephanie Perkins, que tem sido defensora deste livro desde o início. Quer como torcedora, crítica ou sábia conselheira de negócios, agradeço por tudo com que ela contribuiu.

Quero agradecer à minha agente, Jill Grinberg. Ela e o resto do pessoal da JGLM continuam me espantando. Agradeço muito por tê-los do meu lado. Obrigado também à minha editora, Devi Pillai, que constantemente exige mais de mim. Sei que ela espera um dia me fazer chorar, e gosto dela mais ainda por isso.

Eu seria negligente se não reconhecesse o excelente livro *e gangs of New York: An informal history of the underworld*, de Herbert Asbury, que inspirou boa parte da cultura das quadrilhas de Nova Laven, e em particular o caráter de Sadie Cabra. Segundo todos os relatos (alguns até relativamente dignos de crédito), Sadie foi uma pessoa real que aterrorizou de fato as margens do rio Hudson, ainda que por pouco tempo. Seja fato ou folclore, tenho uma dívida com aquela "artista da arruaça".

JON SKOVRON já foi ator, músico, salva-vidas, bilheteiro da Broadway, funcionário de depósito, escritor de manuais e desenvolvedor web. Finalista do prêmio Morningstar por *Império das Tormentas*, Jon é autor de diversos livros para jovens leitores e seus contos já figuraram em várias publicações e antologias. Mora no subúrbio de Washington com dois filhos e dois gatos, e gosta de histórias sombrias, estranhas e ligeiramente engraçadas.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6

SEGUNDA PARTE
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13

TERCEIRA PARTE
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

QUARTA PARTE
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24

Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Agradecimentos
Sobre o autor


"A melhor fantasia épica de 2011." – George R. R. Martin, autor de A guerra dos tronos
Patrick Rothfuss
O NOME DO VENTO
A Crônica do Matador do Rei: Primeiro Dia
ARQUEIRO

O nome do vento

Rothfuss, Patrick

9788580410631

656 páginas

Compre agora e leia

Ninguém sabe ao certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso. Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, O nome do vento acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família no passado. Quando esses seres do mal

reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade. Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame. Nesta provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança. Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna O nome do vento uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do The New York Times – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.

Compre agora e leia


VENCEDOR DO PRÊMIO PÓLEN DE LITERATURA
Felippe Barbosa
OS QUASE COMPLETOS
ARQUEIRO

Os quase completos

Barbosa, Felippe

9788580418149

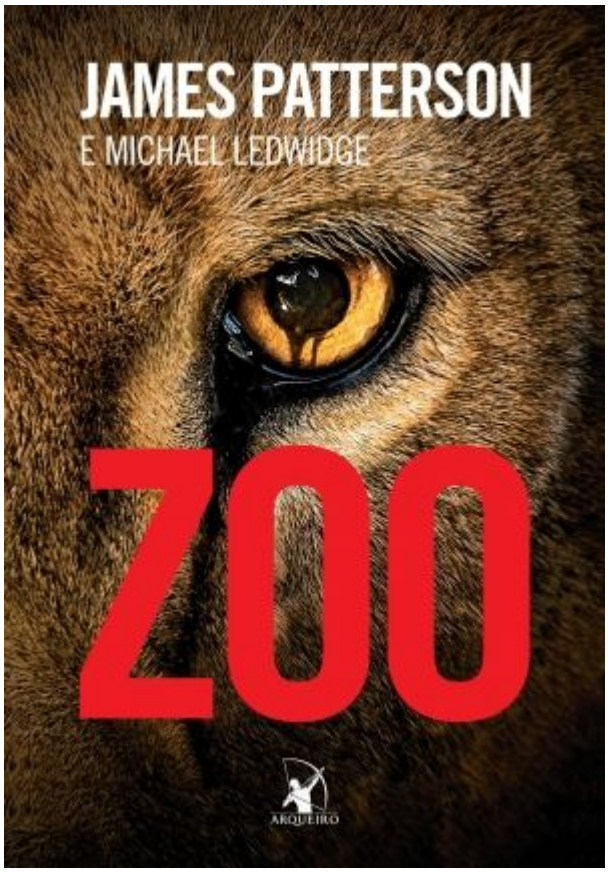
384 páginas

Compre agora e leia

Vencedor do Prêmio Pólen de LiteraturaO Quase Doutor é um renomado cardiologista que passa os dias em um hospital, mas no fundo é um artista frustrado. A Quase Viúva é uma professora que está de licença do trabalho para ficar com o noivo, em coma após um grave acidente. O Quase Repórter é um jornalista decepcionado com a profissão que sofre há mais de um ano pelo suicídio da esposa. A princípio, a única coisa que essas pessoas têm em comum é a sensação de incompletude e de desilusão com a vida.Até que, um dia, o Quase Doutor é persuadido por um velho desconhecido a embarcar com ele em um ônibus rumo a uma jornada para se reconciliar com seu passado. Logo a viagem se transforma

em uma aventura extraordinária e, em meio a fenômenos como uma chuva de estrelas cadentes, ele precisa fazer escolhas que mudarão seu destino para sempre.Enquanto isso, eventos misteriosos levam a Quase Viúva a suspeitar que alguém dentro do hospital quer matar seu noivo e uma pesquisa minuciosa do Quase Repórter revela que sua esposa pode ter sido assassinada. Quando os dois tentam descobrir a verdade sobre seus amados, tudo leva a crer que a resposta está dentro do ônibus do Quase Doutor.Reunidos num lugar que nunca imaginaram existir, os três serão forçados a enfrentar seus maiores medos e verão que, para se tornarem completos, precisarão encarar a batalha mais difícil de todas: aquela que travamos com nós mesmos.

Compre agora e leia


JAMES PATTERSON
E MICHAEL LEDWIDGE
ZOO
ARQUEIRO

Zoo

Patterson, James

9788580414431

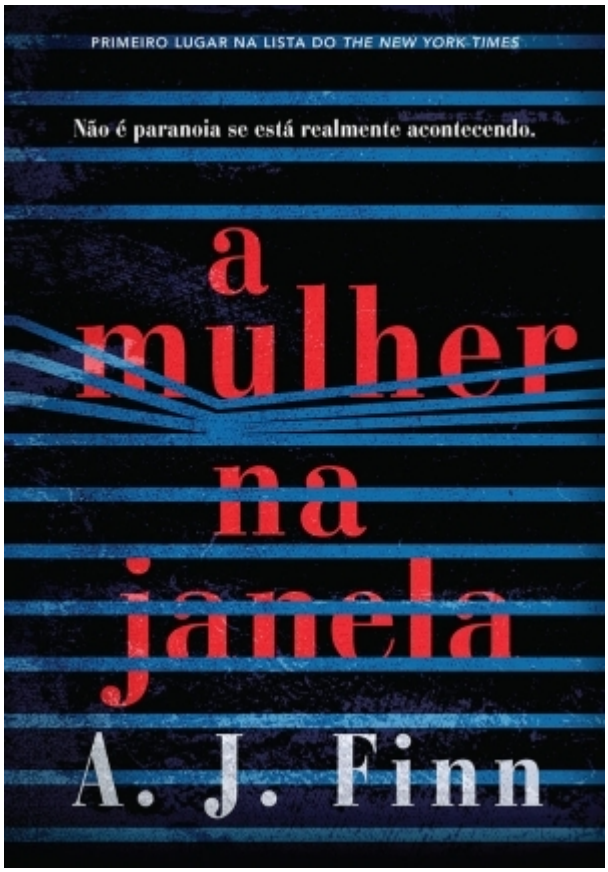
288 páginas

Compre agora e leia

Algo está acontecendo na natureza Uma misteriosa doença começa a se espalhar pelo mundo. Inexplicavelmente, animais passam a caçar humanos e a matá-los de forma brutal. A princípio, parece ser algo que se dissemina apenas entre as criaturas selvagens, mas logo os bichos de estimação também mostram suas garras e as vítimas se multiplicam.A humanidade é presa fácilApavorado, o jovem biólogo Jackson Oz assiste à escalada dos acontecimentos. Ele já prevê esse cenário alarmante há anos, mas sempre foi desacreditado por todos. Depois de quase morrer em uma implausível emboscada de leões em Botsuana, a gravidade da situação se mostra terrivelmente clara.O fim da civilização

está próximo Com a ajuda da ecologista Chloe Tousignant, Oz inicia uma corrida contra o tempo para alertar os principais líderes mundiais, sem saber se as autoridades acreditarão em um fenômeno tão surreal. Mas, acima de tudo, é necessário descobrir o que está causando todos esses ataques, pois eles se tornam cada vez mais ferozes e orquestrados. Em breve não restará nenhum esconderijo para os humanos...

Compre agora e leia


PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO THE NEW YORK TIMES
Não é paranoia se está realmente acontecendo.
a mulher na janela
A. J. Finn

A mulher na janela

Finn, A. J.
9788580418330
352 páginas

Compre agora e leia

Não é paranoia se está realmente acontecendoPRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO THE NEW YORK TIMESAnna Fox mora sozinha na bela casa que um dia abrigou sua família feliz. Separada do marido e da filha e sofrendo de uma fobia que a mantém reclusa, ela passa os dias bebendo (muito) vinho, assistindo a filmes antigos, conversando com estranhos na internet e... espionando os vizinhos.Quando os Russells – pai, mãe e o filho adolescente – se mudam para a casa do outro lado do parque, Anna fica obcecada por aquela família perfeita. Até que certa noite, bisbilhotando através de sua câmera, ela vê na casa deles algo que a deixa aterrorizada e faz seu mundo – e seus segredos chocantes –

começar a ruir.Mas será que o que testemunhou aconteceu mesmo? O que é realidade? O que é imaginação? Existe realmente alguém em perigo? E quem está no controle?Neste thriller diabolicamente viciante, ninguém – e nada – é o que parece. A mulher na janela é um suspense psicológico engenhoso e comovente que remete ao melhor de Hitchcock.

Compre agora e leia


Pela luz dos olhos seus
Janine Boissard
ARQUEIRO

Pela luz dos olhos seus

Boissard, Janine
9788580412116
224 páginas

Compre agora e leia

Laura Vincent cresceu entre o mar e as macieiras da Normandia. Passou a adolescência à sombra da irmã mais velha. Agathe – a bela – era admirada e disputada por todos os garotos da cidade; Laura – a pequena – passava as noites em casa, lendo romances. Mas o destino preparou uma surpresa para Laura. Trabalhando como assessora de imprensa de músicos, ela recebe, no dia seguinte ao seu aniversário de 26 anos, a visita do agente de um dos tenores mais famosos do mundo. Ela é requisitada para ser guia dele e seu chefe não deixa margem para discussão. Rico e bem-sucedido, Claudio Roman viaja pelo mundo emocionando plateias com sua voz. Fã de banquetes, bebedeiras e belas mulheres, ele

parece ter tudo o que quer, porém seu comportamento esconde a amargura de nunca poder interpretar Alfredo, em La Traviata, por causa de um ataque criminoso que lhe custou a visão. Laura está preparada para lidar com um homem difícil e arrogante, mas, assim que ouve Claudio cantar pela primeira vez, ele toca seu coração. Aos poucos, mais do que sua guia, ela se torna também a confidente das noites sombrias de angústia. Como ela nunca lhe pede nada em troca de seu apoio, Claudio promete lhe dar qualquer coisa. No momento certo, ela cobra a promessa: quer que o cantor se submeta a um transplante de córnea capaz de lhe restituir a visão de um dos olhos. Apaixonada e convencida de que Claudio não precisará mais dela quando voltar a enxergar, Laura vai embora sem se despedir e sem dar a ele a oportunidade de vê-la. Será que Claudio saberá lidar com essa decisão? Ou ele vai enfim perceber que sempre lhe faltou o alimento mais essencial à vida: o amor?

Compre agora e leia